

56C-39592
- 892 -

Bl. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: 02745

Folha:

Data:

ANNUARIO DE BELÉM

Em Commemoração do seu Tricentenário

1616 - 1916

Historico, Litterario e Commercial

ORGANIZADO, EM COLLABORAÇÃO, POR UM GRUPO DE INTELLECTUAES,
POR INICIATIVA DO

Eng. Ignacio Moura



Bl. Mário Ypiranga Monteiro
Mauaus Amazonas

E. U. DO BRAZIL — ESTADO DO PARÁ

IMPRESSA OFFICIAL

1917





Dr. Encias Martins

Atual Governador do Estado

Credenciaes do Livro



UM livro é sempre uma pedra, maior ou menor, para a structura social de um povo.

Conforme a sua natureza, o seu objectivo e o seu ensinamento, esse ligeiro material poderá constituir um relevo artistico da obra secular ou o quasi inconsciente elemento para o alicerce dessa fundação, á qual os mestres da lingua e da crudição devem assignalar os floridos capiteis das glorificações do estylo.

Tive idéa, e não vem para mim maior culpa, de organizar uma obra litteraria, artistica, scientifica e commercial, com a collaboração das mais salientes intellectualidades do paiz, sobretudo desta região; escrevi nesse sentido uma centena de cartas-circulares, que dirigi aos mais destacados espiritos da nossa actividade litteraria. Bem poucos acreditaram na minha boa vontade e no meu desejo de acertar com essa obra, para a solennização do grandioso acontecimento que é o tricentenario da fundação da cidade de Belém, capital do Estado do Pará.

O livro seria, na minha subjectiva aspiração, uma photogravura instantanea da nossa actividade especulativa e artistica, ao dobrar o Pará a sua marcha ascencional para o quarto seculo da sua existencia associativa.

Fui, de porta em porta, a todos os estabelecimentos bancarios e commerciaes de Belém, pedir-lhes annuncios dos seus preconicos de industria, que demonstrassem não só a sua existencia na época, como tambem servissem de reclamos á melhor acceitação das suas mercancias.

Infelizmente, a crise economica deu mão á crise espirital, e a idéa do organizador da obra andou de rastos, até consubstanciar este livro que, em melhor situação e por mais dístico organizador, poderia bem constituir uma epopéa utilitária aos nossos fastos gloriosos de tres seculos.

A todas essas difficuldades serviu de remate capital a minha insufficiencia de meios pecuniarios, e, mais do que tudo, a fatalidade que me privou dos olhos, no momento de encarar essas difficuldades, ante a glorificadora luz que auroreia o esperançoso céu da minha terra natal.

Sirvam estas desculpas para a acceitação incondicional desta obra, cheia de imperfeições, mas que é o expoente absoluto das minhas aspirações e a representação maxima da minha boa vontade, vinculada ao mais desinteressado espirito patriotico.

Belém, Dezembro de 1915.

Tomacio Moura

Fundação de Belém

1616 — 1916



NESTE momento extraordinário da vida social do mundo, assinalado pela transição gigantesca dos povos de todas as raças que, como espectros colossais se movem ao impulso dos canhões, na procella de fogo e sangue dos combates, mudando a face geographica das nações da terra, Belém do Pará festeja pacificamente o tricentenário da sua fundação. E essa festa é um alçandorado monumento cívico, erguido ao gesto magnânimo de uma phalange de intellectuaes da Belém contemporanea. Um dos seus intuitos maximos, louvabilissimos, é dar a esse monumento o valor historico de que carece a nossa existencia atravez desses tres seculos de vida social. Ha, porém, um obstaculo á perfeição da obra historica: — é que não possuímos documentos que possam merecer melhor credito sobre o verdadeiro dia em que o valoroso capitão portuguez Francisco Caldeira de Castello Branco pisou, pela primeira vez, as abençoadas terras do Guajará, levantando a primeira tenda da magestosa cidade que constituiu o ponto inicial da epopéa historica, para a conquista do Amazonas.

Ninguém mais ignora que a jornada de Castello Branco partiu do forte S. Felipe, em S. Luiz do Maranhão, a 25 de Dezembro de 1615. Mas, em que dia chegou aquelle intrepido expedicionario a Belém?

Persiste a duvida, pois não se pôde precisar o tempo que a expedição gastou na derrota entre o porto do Maranhão e as aguas do Pará.

Os expedicionarios teriam pressa em chegar para reconquistar das mãos estrangeiras o extremo norte do Brazil colonial; trariam pilotos, como De Vaux, conhecedores do roteiro da costa paraense; mas teriam de navegar em condições desvantajosas, por causa dos impecos naturaes que as entradas dos rios offercem, em antagonismo com a livre navegação das costas oceanicas, com vento favoravel e mar vasto, fluxos e refluxos irregulares das marés fluviaes, diversidade de correntes atmosphéricas que retardariam a navegação aos veleiros ainda alheios ás perfeições nauticas, para as rapidas avançadas através dos parces que obstrõem a orla das nossas terras continentaes. . . Tudo isso impede a exactidão do calculo aos mais competentes. As provas documentaes, ou de facto não existem por não ter havido nenhum acto publico do qual houvesse uma acta, um edital, um aviso ou ao menos um officio, caso curioso, porquanto os nossos primitivos pvoadores e investigadores eram dados a meticulosas narrativas dos seus encargos, como se vê das longas descrições das viagens feitas por Pero Vaas de Caminha e outros; ou, realmente existiam e foram extraviados, ou existem nalgum archivo do Rio, Maranhão, Bahia, Portugal, França ou Italia, para onde qualquer genio aventureiro os conduzisse.

Não nos furtemos ás deducções do pouco de historia que nos resta a respeito.

Jeronymo de Albuquerque, capitão-mór de Pernambuco, sabendo do dominio francez na bahia de S. Marcos, e consequente dilatação para o norte, pois que La-Ravardiére já se achava no rio dos Pacajás, affluente da bahia de Portel, expediu Alexandre de Moura, com ordens precisas e terminantes a garrotear de vez os usurpadores do solo patrio, limpando de forasteiros as terras amazonicas, em cujas margens e nas de seus affluentes, andavam inglezes e hollandezes a estabelecer feitorias e fortalezas armadas á defesa.

Com esse intuito, trazendo por piloto Manoel Gonçalves, Regefeiro de Leça, partiu Alexandre de Moura de Pernambuco, na manhã de segunda-feira, 5 de Outubro de 1615, fazendo escala por Gericoá-cara, na costa do Ceará, onde tomou aguada; no dia

17 de Outubro, num sabbado, Moura deu entrada na « barra do Pereia » a E., não longe de S. Luiz.

Submettido La-Ravardière, expediu Alexandre de Moura a Francisco Caldeira de Castello Branco, com uma esquadra de tres caravellas, para ir crear uns estabelecimentos nas terras do Pará, e submeter os selvagens e os aventureiros que por ali andavam.....

Eis, em synthese, tudo o que nos dizem os narradores; porém, se a viagem dos expedicionarios luzitanos durou 12 dias entre Recife e Maranhão, quantos dias poderia gastar Castello Branco de S. Luiz ao Pará?

Esta é a questão primordial sobre a qual o passado nos deixou até agora sem documentos, e que a actualidade pretende resolver, offerecendo a intendencia municipal de Belém um premio de tres contos de réis á pessoa que melhor memoria apresentar, precisando as datas do magno acontecimento, concurso esse que terminará a 15 de Dezembro deste anno.

Não vem em soccorro dos que advogam o retardamento dessa viagem, a falta de bons pilotos nessa venturosa jornada; della faziam parte Antonio Cochado, André Pereira, cujo relatorio, infelizmente, nada precisa a esse respeito, e o official francez De Vaux, já conhecedor de toda aquella costa e que tinha sido um dos companheiros de La-Ravardière.

Tudo nos leva a crêr que Caldeira de Castello Branco desembarcou na margem do Guajará, em principios de Janeiro de 1616, estabelecendo immediatamente os fundamentos da cidade de Belém.

Parece que nenhum maior interesse deveria merecer dos contemporaneos a data centenaria da fundação da principal cidade do Estado. O Rio de Janeiro, S. Paulo, e, há pouco, a graciosa Cabo Frio, festejaram condignamente datas congêneres, sem a preocupação de movimentarem o espirito nacional para as suas solennidades.

No Pará, esse movimento parece ter tomado maior vulto; a fundação, em Belém, do primeiro estabelecimento portuguez na Amazonia, foi o inicio da conquista do grande rio para a corôa de Portugal e consequente integração do Brazil na maxima amplitude de Oeste.

Pedro Teixeira, um dos capitães da jornada de Castello Branco, foi incumbido, por fim, de subir o Amazonas, o que fez com brilhante exito, assentando os nossos marcos limitrophes, quasi na fralda dos Andes, estabelecendo, assim, o relevo da nação mais vasta da America do Sul.

E' por este motivo que a data tricentenaria da fundação de Belém deve constituir, não um simples festejo provinciano, mas uma solennização nacional.

O Brazil de 1615 era constituido de simples feitorias na costa maritima; foi a jornada de Caldeira, estabelecida na primitiva Belém, que determinou o serviço de penetração do territorio e deu, para o mappa do mundo, a base do grande triangulo brasileiro, em terras, que as cartas daquelles tempos denominavam simplesmente de *Pernia*.

Se o Rio da Prata fechasse-nos as portas pelo lado Sul, com o estabelecimento das colonias hespanholas, só o Amazonas, ao norte, é que poderia franquear a entrada para a conquista do Brazil, na maior superficie das terras antarcticas.

Foram esses os principios motivos que levaram a intellectualidade do Pará a se constituir em *Comité*, para celebrar o tricentenario da fundação da cidade de S. Maria de Belém; delle fazem parte os representantes mais salientes de todas as classes sociaes do Estado, desde o homem da imprensa, até ao mais obscuro proletario. Não lhes faltaram os alvaceiros impulsos de coadjuvação dos poderes administrativos do Estado e do Municipio.

E o *Comité* forma hoje um corpo homogeneo, destinado a solennizar, com o maior brilho, a fulgurante data inscripta em caracteres indeleveis, nas luminosas paginas da historia do Brazil.

O Directorio, aclamado pelo *Comité*, está constituido dos senhores: dr. Ignacio Moura, engenheiro, professor de historia e geographia da escola de Marinha Mercante, e jornalista; dr. Palma Muniz, engenheiro da Directoria das Obras Publicas; dr. Theodoro Braga, professor de desenho em diversos institutos de ensino e proficiente escriptor; dr. Henrique de Santa Rosa, engenheiro technico da Port of Pará e o sr. Carlos Costello,

consul de Portugal. A esse Directorio estão addidos, como auxiliares de subido valor, os senhores: João Affonso do Nascimento, jornalista e commerciante; dr. Luiz Estevam, juiz seccional, e dr. José Ferreira Teixeira, senador do Estado e chefe da secção de agricultura.

Esse Directorio não tem poupado sacrificios, procurando interessar no movimento patriótico a grande communhão brasileira.

E assim, ao gesto magnânimo da intellectualidade do Pará, se ha de erguer o monumento historico que levará á immensidade do Porvir a noticia grandemente patriótica da nossa existencia de tres seculos, como parte integrante do grande mundo da Civilização Moderna.

A. N.

Canção da mágoa

Disseste um dia, flôr, que, no meu resto,
ligeiros traços tinha da velhice;
e eu, para que numa dôr não te encobrisse,
pude contar-te todo o meu desgosto.

A minha mocidade é um sol já posto,
penumbra que um crepusculo bemdisse....
Nunca a ventura para mim sorrisse
com o brilho estrellar de um céu de agosto!

Mudou-se a face dos serenos dias:
Toda a ventura que brilhava, outr'ora,
nos meus olhos não vês, qual dantes vias.

Em noite escura converteu-se a aurora,
e a flôr das minhas mortas alegrias
por mais de um sêr amado ancia e chora!

Guilherme Miranda.

Ave, immortalis !

Do semi-Deus o vulto athletico, imponente
Se eleva, envolto em luz, no immenso pedestal;
Ajoelhada a seus pés, a imprensa sorridente
Os feudos vêm depôr do culto universal !

Oh ! tu, que cinzelaste a Luzitana Historia,
Nas estrophes gentis de altisono cantar,
Estremece, ó Camões, á doce luz da gloria ;
Como o Christo, alevanta a lousa tumular !

Escuta : em torno, além, na vastidão disperso
Um hymno luminoso exalça o nome teu !
O mundo é tua patria ; os genios não têm berço ;
Deus, como o sol ao mundo, á humanidade os deu !

Tres seculos se hão volvido... e a inveja e a indifferença
Dos pequenos, o olvido, a ingratitude dos reis,
Pesaram sobre ti, bem como se condensa
No cabeço do monte a névoa dos marneis.

Mas tu, genio sublime, se sepulchral sudario
Rompou, jorrando em torno um limpido fulgor ;
Após a fome, o exilio e os tratos do Calvario,
Alfin chegaste, ó vate, á gloria do Thabor !

Da Héllade gentil a mais mimosa filha,
Ausonia, a mãe de heróes, que d'Hybla estila o mel,
Te equipara a Virgilio, ufana te perfilha
E te offerta do Tasso o esplendido laurel !

Tens preitos e ovações também na bella Hêspanha,
Te applaude a sabia França, a mãe do grande Hugo,
E nas margens do Rheno a inclyta Allemanha,
A par de Hegel e Goethe o nome teu gravou !

Resurge, pois, da campa, ó semi-deus potente,
Empunha a par co'a espada o livro colossal;
Tu és a incarnação da gloria do Occidente,
O passado e o porvir do velho Portugal!

Escuta: aos gratos sons do festival convenio
Com que fremem por ti tão varias multidões,
Casam-se, á doce voz dos filhos do teu genio,
Seres que deste á luz nas immortaes canções:

VASCO DA GAMA

« Eu sou Vasco da Gama, o chefe ousado,
Que afrontando a procella, a raiva insana,
A cerviz enfreei do mar irado
E fui além da verde Taprobana:
Do Oriente o vestibulo vedado
Entrei ovante, e a gloria lusitana,
Quebrando a antiga, amesquinhada raia,
Fiz brilhar té nos serros do Himalaya!

Esforço vão, do tempo a picareta,
Dos nossos culpa, ou força do destino
A' fortuna de Lysia impôz a méta,
Das mãos tirou-lhe o sceptro adamantino.
Eu mesmo, como um pallido cometa,
Se não fôra tu só, cantor divino,
Pela noite dos tempos me abysmara,
— Salve, da Luxitania estrella clara!

IGNEZ DE CASTRO

« Febre de amor envenenou-me a vida,
A mais feliz me fez e a mais mesquinha,
Dum poderoso principe querida;
Ai! que sorte, entretanto, foi a minha!
Viva, suspensa em ancias, dolorida;
Depois de morta, as pompas de minha!
Rociaram meu collo de alabastro
Espadanas de sangue... Eu sou a Castro...

Se a minha historia triste e luctuosa
Ao mundo enterneceu e arrancou prantos,
Se ao lado vivo de Hécuba chorosa,
Ai! Não n'ô devo aos corporaes encantos
Foste tú que na lyra sonora
Minha dôr immortal tornaste em cantos,
E me deste a beber da eterna taça:
— Salve, ó meigo poeta da desgraça!

NATHERCIA

«Eu era bella ! nas douradas tranças,
Que pelo collo eburneo me desciam,
Se enroscavam desejos e esperanças
Dos corações que os olhos meus prendiam !
Por mim valentes enristavam lanças ;
Por mim odios e zelos se accendiam :
Enquanto est'alma a fluctuar na inercia
Só para ti se abriu... Eu sou Nathercia !

Mas, que valera tanta singeleza,
Se teu estro divino a não cantasse !
Se tua alma da eterna chamma accesa,
Como Tasso a Leonor, me não levasse
Contigo, além da etherea profundeza,
Onde o sopro da morte não chegasse ?
Tu, que de amor ardeste como o Dante...
Salve, ó poeta, até na morte amante !»

ADAMASTOR

«Chamo-me Adamastor, féro gigante,
De torvo aspeito e esqualida figura,
A cujos pés o mar horritroante
Nunca sópitas coleras murmura !
Como Cerbéro, as portas do Levante
Guardei da Europa á avida procura,
Até que enfim, domando a escura fama,
Desvendou-me o segredo o afouto Gama.

Correrá o tempo.... e o genio da tormenta,
Que resguardava o Indico oceano,
Não mais o nauta intrepido amedrenta ;
Sulca o vapor as ondas, soberano !
Ah ! se da vida o sopro não alenta,
Se foi fingido e não real meu damno,
Immortal nos teus cantos vivo agora,
Enquanto o sol dêr luz e orvalho a aurora !

Rue por terra a columna e o templo de granito,
Que á fé sobreviveu das mortas gerações,
Lasca o raio, ao passar, giganteo monolitho,
Funde a estatua de bronze a lava dos vulcões,

Mas tu vives perenne, emanação divina,
Mas tu vences, ó genio, a morte, o triste horror :
Como brilha do norte a estrella diamantina,
Do tempo á fusca sombra raia o teu fulgor !

Salve, ó grande cantor da lusitana gente,
Que o éstro, immenso, insiste a um plectro musical!
Para saudar-te agora a musa altipotente
Se erguem num brado sô—Brazil e Portugal!

Santa Helena Magno.

O dr. CARLOS HYPPOLITO DE SANTA HELENA MAGNO nasceu na cidade de Musná, neste Estado, em 1846 e falleceu nesta capital em 1882. Advogado, jornalista e poeta laureado, deixou-nos da sua inspiração monumentos como esse, padrão impercível das suas glórias.

Os Paraenses

Descreve assim Baena o character dos paraenses:—Os paraenses, na generalidade, são essencialmente doces, amantes das delicias, dos festins, do repouso e brandura da vida e com todos gasalhosos. A franquesa e a sinceridade, o amor da liberdade e da ordem e o horror da perfidia e da lisonja, são as principaes feições, pelas quaes o character da maior parte delles se distingue. Fóra da provincia elles desenvolvem a sua habilitade intellectual, procurando constantemente augmental-a por meio da mais seria applicação e estudo, e adquirem aquellas maneiras polidas, por que se distinguem na Europa os mais amestrados no civil do tratamento. Isto demonstra que não lhes falta genio e disposição de entendimento para as sciencias e para as bellas artes; e, se no seu sólo patrio não patenteiam toda a extensão das suas faculdades racionais, é porque nelle faltam estabelecimentos, em que se promova e diffunda a instrução indispensavel aos homens que se destinam aos empregos publicos da administração do Estado e aos progressos da agricultura, da mineralogia, da industria e do commercio. Em summa, as qualidades e talentos que caracterizam o espirito dos paraenses, são taes, que facilmente podem colher logo todo o fructo da habilitade e pericia de quem se propo-nha a instruil-os.

Ao tempo em que Baena escreveu esta sua opinião sobre o nosso estado intellectual, não se tinha ainda verificado o accentuado progresso que a instrução publica alcançou no Pará republicano. Hoje, só a instrução primaria está sendo feita em 36 grupos escolares e 111 escolas isoladas, na capital e no interior do Estado, sem contarmos as innumeradas escolas particulares nelle disseminadas.—N. da R.

Visão Futura



DESDE que os norte-americanos nos dêram a amostra de cidades modelos construídas ou reformadas em poucos annos, é difficil deixar de incluir no rôl das cidades velhas muitas das que a Historia ainda regista em suas épocas recentes.

Belém, com os seus tres seculos quasi decorridos, não pôde deixar de ser apontada como cidade antiga, apesar da feição de modernismo que, dentro de um pequeno periodo, lhe têm imprimido os gestores da communa.

Pode-se hoje aquilatar do espirito de adeantamento nas transformações urbanas, pelo maior ou menor incremento dado á creação de bairros hygienicos e de nucleos de construcções economicas, onde as commodidades de ar, espaço, luz, viação, agua e exgottos, constituem condições previamente estabelecidas, correspondendo, pelo seu valor, ás circumstancias mais ou menos favorecidas das classes da população a que se destinam.

Em o nosso paiz, serão, talvez, Bello Horizonte e S. Paulo as duas unicas capitães que melhor observem esta moderna orientação.

A Capital Federal, com as suas villas operarias em que se têm consumido centenas de contos, não obedece certamente aos mesmos intuitos, melhormente satisfeitos pelas construcções suburbanas, onde, todavia, muitas daquellas condições essenciaes são deficientes.

Belém, neste sentido, é ainda uma cidade por fazer, «Cidade alluvionaria», conforme a classificação de Fonsagrives, de subsoilo argiloso, e de altitude que a faz abranger na classe das isorometricas de 20 metros; a nossa capital é daquellas que reclamam mais activos cuidados para a adaptação das suas condições telluricas e hydrologicas ás da salubridade da população.

Sabido é que o inconveniente das aguas subterraneas não é tanto devido ao maior grão de humidade que ellas possam accarretar ao sólo, como á maior ou menor profundidade em que se dê o seu escoamento sobre as camadas impermeaveis, e, principalmente, á estagnação em que sobre estas possam reter-se as aguas de infiltração, carregadas de materias organicas em decomposição.

«Uma cidade drenada é uma cidade secca» e «o officio da drenagem, disse Chevreuil, não consiste somente em arrastar as aguas e facilitar, pela lavagem do sólo, a retirada das materias organicas que elle encerra; mas tambem, em fazer affluir o ar ao sólo e em queimar os sulfuretos e as substancias organicas de que elle se ache impregnado».

Belém, banhada, em mais de dois terços de seu perimetro, pelas aguas do Guajará, que, por diversos affluentes, lhe sulcam o sólo, desdobrando-se em variados sentidos, infiltrando-se e espalhando-se sobre vastas superficies, sob a acção constante do fluxo e refluxo das marés, é, por assim dizer, uma cidade apenas esboçada, adaptada a se transformar em cidade bellissima, corrigidos os defeitos da sua minima altitude em diversos logares, rectificadlos os vallados dos seus igarapés, aproveitados os leitos de alguns para galerias subterraneas ou a céu aberto, destinadas á convergencia das drenagens do enxugo, realizadas as obras de defesa contra as constantes invasões das marés, recuados os alinhamentos de diversas ruas para a combinação de futuras avenidas, e rasgadas outras destas, no sentido dos ventos dominantes, ou servindo para a ligação dos principaes centros da cidade.

Nem por se achar Ostende em altitude de 1 metro abaixo do nível do mar, deixou de ser a bella cidade balnear da Belgica, infelizmente hoje entregue á acção dos bombardeios.

Na Hollanda, o dominio do mar sobre o sólo das cidades chega a attingir a 4 metros, e o maior titulo de gloria dos engenheiros hollandezes é a constante victoria de seus esforços contra o mar.

O dominio temporario do Guajará sobre uma grande zona da cidade não é motivo para deixar crêr que assim o será eternamente.

Tempo virá, e desejamos que brevemente, em que se possa vêr a edilidade levar avante as principaes obras destinadas ao melhoramento do seu patrimonio.

Os igarapés do Una, do Engenho, S. Joaquim e Tucunduba, rectificadas em seus alinhamentos e aprofundados em seus leitos, constituirão os canaes limitrophes, pelos quaes as lanchas e embarcações miudas, vindas da Barra, como do Guamã, poderão penetrar até aos pontos mais longinquos da cidade, levando o commercio atravez dos bairros de S. João, Umarizal, Estrada de Bragança, praça Floriano Peixoto e avenida José Bonifacio.

Do mesmo modo, os igarapés S. José, Moamá, Larangeiras, Chermont e Cacoalinho prestarão valiosos serviços, aproveitados como canaes secundarios, devidamente aperfeiçoados, para os quaes conviñam as vallas ou canalizações de drenagem, que darão sahida às aguas paludosas transformando-as em aguas correntes, de efeito sanitario; serão elles os canaes de circulação franca atravez de toda zona meridional, hoje inaproveitada.

Nas embocaduras do Una, S. José e Moamá, se alargarão as docas de abrigo para embarcações miudas, completamente protegidas das correntezas e ventos reinantes.

Com o economico systema de construção a cimento armado, hoje adoptado nos paizes adiantados, se torna facil a preparação desses canaes, pontes, comportas, caes e obras de defesa, que, contribuindo para um geral embelezamento, permitirão regular a entrada e a sahida das aguas, a sua distribuição e comunicação, e, ao mesmo tempo, amparar os aterros indispensaveis para a elevação do sólo em todas as áreas deprimidas ou submersas.

A dragagem será a obra effectiva e continua para essa transformação; dragagem no interior, para o aprofundamento de canaes, e dragagem no exterior para o transporte de areia destinada à superelevação do sólo.

As actuaes vallas de sahida das depressões de Souza Franco, Reducto e Tamarandé, terão de desaparecer, substituidas por simples canalizações convenientemente dispostas, e, em logar dessas áreas alagadiças, formar-se-ão zonas saluberrimas, de altitude e declive suaves, a se ligarem docemente às regiões contiguas.

Transversaes, até hoje simplesmente projectadas no plano geral de cidade, poderão então ser abertas ou prolongadas até ao littoral, franqueando a entrada aos ventos que se derramam do Marajó, às horas quentes da tarde.

José Bonifacio, Vinte e Dois de Junho, S. Matheus, Cesario Alvim, Almirante Tamarandé, Carlos Gomes, Quinze de Agosto, Indio do Brazil e outras, serão bellas avenidas, extremando no caes do littoral.

Outras acompanharão as margens dos grandes canaes e dos secundarios, ou serão traçadas atravez das áreas aterradas.

A actual avenida da Republica, em seu prolongamento, bifurcará, levando as da Municipalidade e de Belém até aos limites do patrimonio.

Do mesmo modo, com o alargamento das ruas Treze de Maio e Vinte e Oito de Setembro, continuadas pela estrada de S. João, uma longa avenida, partindo da praça da Independencia, irá ter aos mesmos limites.

Como principal e de facil execução, se imporá a «Avenida Central», ligando a praça da Independencia à avenida de Nazareth, em alinhamento rectilineo, desde o canto da Serzedello Corrêa até ao angulo daquella praça com a avenida 16 de Novembro (Consultorio do dr. Silva Rosado), atravez da praça Saldanha Marinho, subordinada ao respectivo alinhamento.

Em torno do Castello e acima das aguas maximas, circulará a «Avenida do Caes», sobre a qual se debruçarão, em amphiteatro, novas construções majestosas, compatíveis com a privilegiada situação, em toda a extensão da ponta de terra firme que se distende desde o Castello até ao Carmo.

E no local do velho Forte do Castello, transformado em terrço aprazivelmente ajardinado, a estatua de Caldeira Castello Branco, rememorando a fundação da cidade,

se elevará em seu pedestal granítico, descortinando o longínquo horizonte, sobre que se desdobram as águas barrentas do Guajará.

Preparada assim a sede de uma cidade saneada, e completadas as obras de esgotos, viação, iluminação, abastecimento d'água e calçamento, o mais compete á iniciativa particular ou aos interesses puramente administrativos, de cuja acção immediata virá a realização do sonho auspicioso de Hebert Smith, denominando Belém — «a cidade futura que ainda ha de enriquecer o mundo com o seu commercio».

H. Santa Rosa

HENRIQUE SANTA ROSA, natural do Pará, formou-se em Engenharia Civil em 1881, na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Tem exercido os mais importantes cargos da sua profissão, neste Estado, com a maxima proficiencia e dedicação. Foi director geral das Obras Publicas e Colonização do Estado e chefe da Commissão de Saneamento de Belém; é actualmente director tecnico da *Port of Pará*, tendo já escripto obras de subido valor sobre assumptos scientificos e de actualidade.

DATAS PARAENSE

A 7 de Janeiro de 1619, os indios *Tapiumbis*, que occuparam toda a margem esquerda da bahia do Guajará, por occasião da fundação de Belém, apesar das derrotas soffidas em diversos pontos da região paraense, a elles inflingidos pelos expedicionarios portuguezes daquelle época, invadiram o primitivo aldeamento, obrigando os colonos a se refugiaarem no interior do forte do Castello, então denominado *Presépio*. O ataque, que durou alguns dias, terminou com a derrota e morte do chefe indigena cognominado *Cafello de Velho*.

Nesse mesmo anno, foi deposto pelos colonos o nosso primeiro capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco, glorioso fundador da cidade de Belém, o qual foi remetido preso a bordo d'um navio para a metropole.

A 27 de Janeiro de 1638, Bento Maciel Parente, que tão tristemente celebrou-se nas crudelissimas investidas aos indios do Pará, tomou posse do cargo de Governador de Maranhão e Grão-Pará, mandando, nesse mesmo anno, levantar um forte á pequena distancia da villa de Monte-Alegre.

A 6 de Julho de 1712, o Marquês de Pombal enviou ao seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que então governava a Província, uma carta em a qual lhe recommendava organisasse cuidadosamente as familias dos indios no Pará. E' claro, por tal motivo, que os primitivos indios não tinham familias regularmente constituídas, levando existencia pouco normal, já porque fossem considerados iguaes aos escravos, já porque pretendessem permanecer nos seus antigos habitats selvagens. Os indios dessa ordem tinham, sem duvida, um culto social muito louvavel pois pretendia identificar aquelles homens aos civilizados e methodizar o serviço de exploração agricola nas terras paraenses.

A 15 de Agosto de 1638 Pedro Teixeira apontou num sitio do rio Payamino, affluente do Napo, numa das suas grandes viagens á conquista do Amazonas.

A 1 de Março de 1725 o governador da provincia João Maia da Gama foi deglado pelo governo da metropole em vista da execução que deu á carta regia, que mandava concluir a principal estrada de rodagem entre Belém e S. Luiz.

Essa estrada é quasi a mesma pela qual passa hoje a E. F. de Bragança.

A 1 de Janeiro de 1764 começa-se o delinea-mento do sólo, para a construção dos aliosceres da majestosa fortaleza de Macapá.

A 19 de Março de 1782 é inaugurada a fortaleza de Macapá, cuja construção durou 18 annos e 2 mezes.

A 19 de Fevereiro de 1619 foi assignada a Carta Regia, ordenando a reconstrução da fortaleza de Santo Antonio de Gurupá.

A 4 de Fevereiro de 1758 realioou-se a cerimonia da elevação de Macapá a categoria de villa, com o nome de S. José de Macapá, invocação dada em attenção ao soberano dom José I que então reinava.

A 15 de Março de 1642, foi expedida a Carta Regia mandando entregar a frei Christovam de Lisboa auctoridade sobre as aldeias do Pará.

Salve! Lará!



Oh! Salve! Salve! Salve! Patria de minh'alma!
Tu, que, tenaz phantasma da saudade,
Pudeste dar-me em lagrimas a calma
Que me negou do exilio a soledade!
Tu, que me foste sempre a doce palma
Nos sonhos de fugaz felicidade!
Tu, que foste-me a luz; e que és ainda
Das minhas esperanças a mais linda!!!

Oh! Salve! Salve!... Deixa que em meu canto
Diga teu nome ao sol que te enamora,
A' noite negra envolta em denso manto
E á lua que por ti pallida chora!
Deixa dizel-o majestoso e santo
Aos seres do Universo em plena aurora,
Por que imitem a voz dos labios meus
No ether os astros, no infinito — Deus!

Deixa dizel-o, sim, Patria querida,
Por que do mundo a pallida chimera
Saiba que em ti se esconde a luz da vida
Aos sorrisos da eterna primavera!
Por que do espaço a tuba dolorida,
Ouvindo o nome teu que regenera,
Em vez de noutes ermas de bonanças,
Cante auroras de infindas esperanças!

Pará!!! ... Não ouves como a terra immensa
Repete o nome teu? como reboam
Hymnos — do espaço pela noute densa
Cujos antros de vida se povoam?!
Não vês, ao som desta harmonia intensa,
Como os astros por ver-te se abalroam?!....
Não ouves como á voz dos labios meus
Juntam-se a voz dos astros e a de Deus?!

Oh! Salve! Salve! eterna feiticeira,
Rescendente de célicos perfumes!
Salve! tu, das primeiras a primeira
Do olhar supremo a se banhar nos lumes!
Salve! dos genios terna companheira
Que enches os céus e a terra de ciúmes,
Só por seres, risonha e verdejante,
Noiva feliz do vencedor do Atlante!....

Salve!!!.... Mil vezes dil-o-ei ao mundo,
 Cheio de assombro e louco de alegria;
 Porque tu és meu sonho mais fecundo,
 Minha mais deleitavel harmonia!....
 Salve!!!... Mil vezes t'ô direi jucundo,
 Mesmo do passamento na agonia:
 E, por minha maior felicidade,
 Te direi: «Salve!!!....» até na eternidade!....

Como és formosa!....quanta graça ostentas
 Nestas verdes roupagens sedutoras,
 Que perfumam as auras somnolentas,
 E que dão vida às timidas auroras!
 Quantas mil seducções languida inventas,
 No ingenuo pranto de prazer que choras!
 E quanta seiva, quanta vida exhalas
 Nas louçanias que indolente calas!....

Eu não tinha gozado teus encantos,
 E fui bem longe, por paizes frios,
 Gastar da juventude a seiva em prantos
 E em tristes corrosivos desvarios!....
 Mas, da ausencia fatal entre os quebrantos,
 Que do descrêr levaram-me aos desvios,
 Realidade, visão, sonho ou miragem,
 Eu via sempre e sempre a tua imagem!

E te buscava mais se mais te via;
 Porém, sempre risonha e verdejante,
 Tua imagem de mim sempre fugia,
 Como as visões do mar ao navegante!
 Te deixava e tu vinhas! te seguia
 E tu ficavas mais e mais distante! ...
 Depois, quasi a ceder às leis da sorte,
 Só por gosar-te me arranquei á morte!....

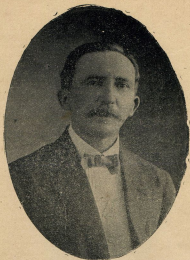
E vim! ...Eis-me de novo no teu seio,
 Patria de meu amor! minha esperança!!!
 Posso dormir agora sem receio,
 Como dormi nos tempos de creança!
 Nenhuma sombra ha de turbar o enleio
 Na que me cerca intermina bonança,
 Até que a vida fuja aos labios meus
 E eu vá teu nome repetir com Deus!....

Fevereiro de 1870.

Julio Cesar.

JULIO CESAR RIBEIRO DE SOUZA nasceu no Acará, neste Estado, em 1845. Poeta de merecimento, produziu versos de uma perfeição esthetica admiravel, que enfeixou no volume as «Piraustas», jota poetica que todos os intellectuaes patrióticos guardam carinhosamente.

Julio Cesar, que foi poeta e soldado, morreu victima do seu acrysolado amor pela sciencia, pertencendo ao numero dos primeiros martyres que pretendiam resolver o problema extraordinario da navegação aérea. Não seria elle o verdadeiro inventor da dirigibilidade das aeronaves? Quem sabe?



Dr. Antonio Martins Pinheiro

Actual Intendente e Municipal de Belém

A FORMACAO DE BILIM



A FORMAÇÃO DE BELÉM

(BREVES APONTOS)



NÃO deixa de haver interesse em saber-se como se formou a nossa hoje grande capital, que, afastando-se da regra geral, quanto mais velha fica, mais moça e formosa se nos apresenta.

Fundada Belém, a primeira praça aberta na matta frondosa foi a da Matriz, aquella que chamamos actualmente Dom Frei Caetano Brandão, antigo largo da Sé, que occupava o centro do local que Castello Branco fez povoar. O largo era separado do centro do mattagal por um extenso igarapé que, partindo do Ver-o-peso (1), dava longa volta parallelá á avenida São José, tomando dahi o rumo do Arsenal de Marinha, junto ao qual, nos fundos, desaguava para o Guajará, sendo essa parte do igarapé—assim cremos—hoje conhecido pelo nome de *Igarapé do Ladrão* (2).

Pouco a pouco se foram abrindo as vias publicas que formam o bairro da *cidade velha*: ruas Norte, Espírito Santo, Cavalleiros, São Boaventura, Aljube, Alfama, Longa, São João e outras; travessas Rosa, Atalaya, Agua das Flôres, Barroca e Ferreiros; largos do Carmo, Palacio, São João, São José e Arsenal; estrada Mongubeira, Calçada do Collegio e estrada São José.

Um longo caminho pela matta a dentro ligava o Arsenal de Marinha ao arrayal de Nazareth, onde existia um portão sob a fiscalização de um guarda. Outro caminho tortuoso ligava o largo da Campina (actual praça da

(1) No local da doca existiu uma grande casa, onde se procedia a pesagem dos generos a serem embarcados ou desembarcados, afim de ser cobrado o imposto da Camara, na entrada; e da fazenda real, na saída.

Era corrente dizerem *tuas ter o peso*, o que deu logar a chamar-se doca do *Ver-o-peso*, nome por que ainda é conhecido.

(2) Projectando-se a construção de uma nau, que devia ter o nome de *Belbo*, em junho de 1761 o governador do Pará, general Manoel Bernardo de Mello e Castro, escolheu a ribeira e a praia do Hospício de São Boaventura, hoje Arsenal de Marinha, para os estaleiros. Escolhido esse local, mandou elle levantar telheiros e officinas proprias para as construcções navaes, ao mesmo tempo que de Lisboa lhes vinha os operarios precisos para os serviços das officinas de calafate, polceiro, ferreiro, carpinteiro, serrador e torneiro. Auxiliavam os serviços cincoenta serventes. O serviço do mar era feito em uma galocha com um patrão e vinte remeiros.

Em 1790 recebia o Arsenal um poderoso giúndaste, que foi collocado em um caos de pedra; em 1858 recebia outro, que suspendia e pesava em balança propria até dez toneladas.

Até 1860 construiu o Arsenal quatro fragatas de quarenta e quatro peças, duas charruas, tres bergantins, quinze chalanas-canhoteiras, além de uma infinidade de embarcações menores.

Em 1805 foi confirmada a nomeação de patrão-mór e em 1811 foi creado o logar de capellão. Em 1817 foi de seus estaleiros lançada ao mar uma fragata de 46 peças, denominada *Leopoldina*, a qual mais tarde, em 1824, com o nome de *Imperatriz*, serviu para levar do Pará Greenfell, que aqui veio proclamar a independência.

Republica) ao engenho de Theodureto Soares. Na margem deste caminho, no local da praça de Nazareth, residia, em meados de 1700, um homem de côr, chamado Plácido, em cuja barraca festejou-se primitivamente a imagem de N. S. de Nazareth, e que deu origem á nossa grande festa annual, e que mais tarde foi causa tambem para a abertura do arraial em 1774. Além desses dois caminhos, havia outros, que serviam para as communicações do povo, pois até fins do seculo XVIII a edificação era rara no largo da Campina e arredores. Vagarosamente foi ella andando para fóra da cidade velha, marginando, porém, sempre o Guajará até ao convento Santo Antonio.

O Reducto de São José occupava o sitio em que foram installadas mais tarde as officinas da Companhia do Amazônás; foi elle construido em 1771 e ficava no flanco do convento de Santo Antonio. Fez-se um reducto de tachina á borda dagua, com a berma circuitada de pallsada, e montaram-se ali quatro canhões de grosso calibre. O terreno foi préviamente estaqueado. Esta construção teve em vista completar a resistencia do *Forte de S. Pedro Nolasco* que ficava aos fundos do convento das Mercês, em defeza da cidade. Além destes fortes, havia a *Fortaleza de N. S. das Mercês da Barra* (Fortaleza da Barra) feita em 1685, num banco de pedra e que ainda existe transformada em.... entreposto federal de inflammaveis.

Em meados de 1793 o governador Francisco de Souza Coutinho mandou construir entre o Reducto de S. José e o Forte de S. Pedro Nolasco uma solida bateria, sobre a praia, com um lado para o mar e o outro para a terra, e nella montou cinco canhões de grosso calibre e outros de menores. Em 1807 foram unidas as fortificações (S. José ao Santo Antonio) e annos depois, completamente arruinadas, foram demolidas, para serem levadas até ao mar as travessas da Estrella (Ferreira Penna) e Piedade, sendo então feitos os melhoramentos que ali se vêm. Desses terrenos a Companhia do Amazonas tomou conta e nelles installou suas officinas, sendo os mesmos cedidos pelo governo por aforamento. Depois, appareceram a rua da Cadeia, a do Açogue, a das Flôres, travessas do Pelourinho, de S. Matheus, do Passinho, das Mercês, do Açogue, etc. Em 1801 foi construido quasi em frente á rua das Flôres, além do largo da Campina, um chafariz de pedra com duas bicas, e ao largo que o circumda (em continuação da travessa da Piedade) deram o nome de largo do Chafariz, como ainda é conhecido. (Neste largo estiveram as montanhas russas). Para chegar a esse chafariz descia-se por duas escadas de pedra, de cinco degraus.

Em 1886 ainda existiam naquelle local as quatro paredes desse chafariz que reaes serviços prestou aos moradores ali, e na face inferior de uma das paredes estava gravada a data de 1802, quando, talvez, fosse elle inaugurado.

Posteriormente, foram demolidas pela camara. Em 1841 foi aberto, entre o Reducto S. José e o igarapé Reducto, um canal que dêsse escoamento ás aguas da cidade e pudesse ser navegado. Esse igarapé cortava Belém e ia até muito longe. Em 1851 o governo contractou com Antonio José de Miranda a transformação daquelle igarapé numa dóca para abrigo de pequenas canoas, o que se realizou em 1852. Sómente em 1851 começou a ser aterrado e nivelado o largo de Palacio, para dar exgotto ás suas aguas.

A lei que autorizou esse serviço (n. 174 de 3 de dezembro de 1850) mandou também que fossem macadamizados os seus passeios, collocando-se-lhes bancos e arborizando a praça. Nos annos seguintes foram votadas verbas para esse serviço, bem como para o aterro e nivelamento da praça Republica. Ainda nos annos de 1859 e 1860 vemos verbas nas leis ns. 351 e 494 para essas despesas, assim como nos annos de 1854 a 1872 para desobstruir as as docas do Reducto e do largo de Palacio. Em 1872 a assembléa votou a lei n. 729, autorizando o governo a mandar abrir docas no antigo curro da rua S. Boaventura e no igarapé das Almas (hoje Souza Franco), o que não se realizou. A esse tempo, já existia a calha da travessa do Cano, entre as ruas S. Boaventura e Dr. Assis, que recebe as aguas das vallas da estrada Almirante Tamandaré e na qual, bem como no igarapé S. José (largo do Ladrão) foi, naquelle anno, collocada a comporta ou *ladrão* que ainda se vê, e que deu o nome ao dito igarapé; nas docas Reducto e Ver-o-peso, existiam outras que foram retiradas, ao depois, por conveniencia. Em 1871 foi a Camara municipal de Belém autorizada pela lei n. 695 a concluir o arruamento nos terrenos que compunham a sua legua patrimonial, à margem esquerda da E. F. de Bragança, no sentido de augmentar a edificação da cidade, o que levou a effeito pouco depois. Aquelle bairro chamado Marco da Legua, deu grande impulso a linha de bonds estabelecida em 1872, nos termos da lei n. 665, de 31 de outubro de 1870, e contractado entre o governo e a firma concessionaria daquelle serviço, Bueno & C^a, em 6 de novembro de 1871. A esse tempo já existia o largo de S. Braz (Floriano Peixoto), que foi aberto em 1850, e as travessas que delle vem até ao largo de Nazareth (Iusto Chermont), todas com raras casas ainda.

NO PAIZ DOS SONHOS

Vamos, soneto, vamos mar em fóra,
as crystalinas aguas bipartindo,
Vamos a rir, cantarolando, agora
em que o sol da manhã já vem surgindo.

Atenção, marinheiro! sem demora
toma conta do leme, a noite vindo,
eu preciso chegar onde Ella mora,
— ao seu chalet immaculado e lindo.

E o barco fez-se ao largo mansamente,
deslizando nas aguas da corrente,
como um cysne a vagar manso e risonho.

Acordando, porém, aí, que amargura!...
Era profunda a minha desventura:
— Essa viagem não passou dum sonho!...

Herméto Lima.

Primeiros viajantes do Amazonas

SECULO XVI

VICENTE YANEZ PINZON, companheiro de Christovão Colombo na venturosa viagem do descobrimento da America, e a quem nessa derrota entregára o feliz genovez o commando da Nina, conhecedor dos rumos do Novo Mundo, quiz, por conta propria, emprender nova cruzada ás regiões desconhecidas, para o que apparellhou no porto de Palos quatro caravelas, com as quaes se fez ao largo, no dia 18 de Novembro, segundo uns, ou em Dezembro, segundo outros, de 1499, em procura da boa estrella que tinha conduzido Christovão a terras americanas.

Atravessou o aventureiro navegante a grande linha do Equador, sendo reconhecido pelo primeiro castelhano a trazer quilhas a esse revolto mar desconhecido. Dirigiu-se ao rumo de Oeste, e viu a 28 de Janeiro de 1500, por 8º de latitude sul, um cabo de terras brasileiras a que denominou Santa Maria de la Consolacion, querendo nessa invocação á Virgem, protectora dos navegantes, consagrar a idéa do conforto que teve, depois de peregrinar ansioso por entre tempestades e indecisões.

Ao desembarcar, Pinzon, certo de que por si nada poderia valer, tomou o paiz descoberto para os dominios do rei de Castella.

E' facil imaginar o gaudio que apoderou-se da marinhagem, ao pisar terra depois de quasi dois mezes de desalecimentos; a fome e as necessidades excitaram a cobiça e a satisfação dos sentidos por tal forma, que levaram os marinheiros a fazerem da terra descoberta um paiz de conquista; e foi, sem duvida, na opposição a esses abusos que os naturaes travaram-se de luctas com os recém-chegados, matando alguns e obrigando os outros a recolherem-se aos navios, que levantaram ancoras, seguindo viagem para o Norte, em procura ou de novas aventuras ou de paiz que, mais tolerante, respeitasse as armas e os vassallos do poderoso rei Fernando.

Nessa derrota, ao avistar, no septentrião brasileiro, costas ornadas de praias admiraveis e de bosques maravilhosos de palmeiras, appellidou Pinzon a primeira ponta encontrada, de Rosto Hermoso, o que julga-se ter sido a ponta de Mucuripe, na costa do Ceará. O Sr. Varnhagem, Visconde de Porto Seguro, julga tambem que o Rosto Hermoso de Pinzon é a ponta do Jerêcoára, onde as dunas de areia alvissima dão ao navegador, do largo, a perspectiva de um bello gigantesco cysne que vae contente se lançar no mar.

Na continuação dessa extraordinaria empreza, chegou Pinzon ao grande estuario de agua doce da embocadura do soberbo Amazonas, a que elle chamou Santa Maria de la Mar Dulce, tendo a felicidade de ser o primeiro europeu que contrariou com a prôa das suas caravelas a corrente impetuosa do maior rio do mundo. (1)

Ahi um phenomeno admiravel foi observado e temido por todos os mareantes da maravilhosa frota: o grande rio, sereno e plano, insurgiu repentinamente do seu leito em ondas encapelladas, dando origem a uma corrente vivissima; e, enchendo em um minuto as praias que estavam a secco, de maré baixa, poz em risco as embarcações hespanholas.

Era o phenomeno da pororóca, tão commun no Amazonas, na confluencia de alguns dos seus tributarios, cuja explicação tem já sido estudada por muitos sabios, se bem que ainda não perfeitamente determinada.

(1) Era o rio majestoso a que elle deu o nome de «Santa Maria de la Mar Dulce», em cuja foz elle viu, de um lado, as terras de «Piracura», de outro, as de «Camamôro» e ao fundo, as ilhas «Marinatabalo».

Eram as terras paraenses que alcançavam a civilização e de onde, affirmam alguns historiadores, comquanto outros o contestem, levaram os expedicionarios amostras de productos vegetaes de valor.—H. SANTA ROSA.

A marinhagem saltou em terras de uma vasta ilha da foz do Amazonas, de que tomou Pinzon posse, como affirmam os escribanos e deponentes dessa viagem.

Navarrete, no seu livro *Coleccion de los viajes e los descubrimientos*, conta que os companheiros de Pinzon pescaram na costa dessa ilha um grande peixe, a que elles deram o nome de macajó ou marrajó, e que era do tamanho de um tubarão, vindo dahi talvez a denominação de ilha de Marrajó ao lugar do indeterminado ancoradouro.

Se tivéssemos duvida sobre a viagem desse navegador ao norte do Brazil, bastava consultar Navarrete na obra citada, supplemento a la coleccion diplomatica, pag. 551, onde se lê a declaração, em depoimento legal de Vicente Yanez Pinzon, feita em Sevilha em 1513, sobretudo na resposta ao 7.º quesito: «que sabe lo contenido en esta pregunta como en ella se contenido: lo cual sabe porque este testigo es el mismo Vicente Yanez Pinzon, é sabe é es verdad que descubrió desde el cabo de consolación, que es en la parte de Portugal é agora se llama cabo de S. Agustin, é que descubrió toda la costa, é luego corriendo al occidente la cuarta del noroeste, que así se corre la tierra; é que descubrió é halló la mar dulce, é que sale 40 leguas en la mar el agua dulce, é asimismo descubrió esta provincia que se llama Paricura, é corrió la costa de luengo fasta la costa del Dragon, é que allí halló este testigo la nueva que el dicho D. Christobal Colon habia llegado á la dicha boca del Drago, é que pasó adelante á la Espanola como dicho ha.»

Depois de ter estado Pinzon na citada ilha, tendo entrado em luctas com os indigenas, levando consigo trinta e seis daquelles infelizes, levantou ancoras e fez-se de vêlas para as regiões do norte, indo descobrir o cabo de São Vicente, a 5 de Abril de 1500. (2)

Os mares encapellados e as tempestades successivas das regiões equatorias punham em continua ameaça seus navios, pelo que pouco demorou-se, e, seguindo sempre o mesmo rumo de norte, foi aproar á ilha de Haiti, depois de perder duas caravelas, tendo, no desposto de assistir á morte dos seus melhores companheiros, a primeira paga do grandioso feito que, por ingratidão, muitos historiadores ainda lhe negam. (3)

Aturdido por tantos reveses e maravilhado pelos prodigios da nova terra, voltou Pinzon, em Setembro de 1500, á Hespanha, onde muito poucos deram credito á narração ouzada e tragica das suas aventuras; todavia Pinzon communicou a noticia do seu descobrimento ao rei de Hespanha, o que deu lugar ás primeiras diligencias legais para a sua confirmação e ao preparativo das futuras reclamações diplomaticas que fez aquelle paiz a Portugal. (4) Em 5 de Setembro de 1501, Fernando de Hespanha, concedeu a Pinzon carta-patente de capitão e governador das terras por elle descobertas.

Alguns chronistas da época tomaram, entretanto, notas sobre essa viagem e os archivos de Salamanca, até hoje, guardam preciosos documentos desse feito, dos quaes o cavalleiro D. Jimenez de la Espada tem dado publicações successivas.

O rei de Hespanha, como se sabe, para galardoar os feitos de Christovão Colombo, pelo descobrimento da America, conferiu a elle e aos seus descendentes o titulo de Almirante das Indias. Foi, em consequencia disto, que seu filho D. Diogo usou deste titulo; porém, tendo se levantado duvidas, na opinião dos contemporaneos, se Colombo tinha visto somente as ilhas do Mar das Antilhas ou se tinha conseguido pisar em terras do continente americano, Diogo Colombo impetrou ao rei que ordenasse uma devassa por todo o reino, procedendo a inqueritos nos logares, onde se achassem as diversas testemunhas sobreviventes das ultimas viagens ao Novo Mundo. Foi assim que appareceram as Probanzas, como resultado dessas diligencias e nas quaes foram escritas as antecedentes de Vicente Yanez Pinzon no descobrimento do Brazil.

D. Martin Fernandez de Navarrete, na sua obra citada, transcreve todos os depoimentos a esse respeito.

(2) Deu o nome de S. Vicente a esse cabo, tirado do nome do seu proprio descobridor.

(3) Vicente Pinzon era acompanhado de seu sobrinho Ayres Peres, tendo ambos recebido ordens do rei Fernando de Hespanha para que pudessem armar navios e descobrir terras e exercer actos de posse em nome da coroa.

(4) O descobrimento de Pinzon não tinha de lhe aproveitar, uma vez que, logo depois da viagem de Colombo, havia sido celebrado o Tratado das Toedasilhas, que marcava para limite das possesões hespanholas o meridiano a 560 leguas a Oeste da ilha de Santo Antão, e, embora nomeado Pinzon capitão governador das terras descobertas, teve de deixá-las em abandono, considerando-as talvez situadas ao Oriente dos limites fixados. — H. SANTA ROSA.

Outro aventureiro hespanhol, Diogo de Lepe, partiu do porto de Palos, em Dezembro de 1499, em busca de descobrimentos; e, tendo feito aguada e tomado providões na ilha do Fogo, uma do archipelago do Cabo Verde, veiu em direcção a terras do Brazil, logrando avistar o cabo de Santo Agostinho, o mesmo Santa Maria de la Consolacion de Pinzon, e, seguindo para o sul, visitou outras costas brasileiras sem determinar as latitudes e longitudes dos logares observados. (5)

Diogo de Lepe pareceu receioso de fixar prós no sul; temendo a animosidade dos naturaes, seguiu de róta para o norte, onde entreteve luctas com os indios do Maranhão e, assim acossado pelas tormentas e pelos homens, voltou à Europa, onde apparelhou navios que se destinaram ao trafico de escravos, na costa da Africa. Ahi, segundo alguns chronistas, pagou Diogo de Lepe na força o infortunio e a perversidade de querer descobrir mundos, para reduzir homens ao captiveiro. Entretanto André de Morales, no seu depoimento, que faz parte das Probanzas, assevera que Vicente Pinzon e Diogo de Lepe levantaram a carta das terras descobertas e que este ultimo morreu em Lisboa pouco tempo depois. (6)

• • •

Depois que Vicente Yanez Pinzon, com os seus bravos companheiros, aportaram em 1500 na embocadura do grande rio, como que desapareceram os vestigios das gloriosas quilhas do hespanhol aventureiro. Durante muitas dezenas de annos ficou o Amazonas envolvido no mysterio das suas lendas e no assombro da sua vastidão.

Ninguém tinha coragem de subir-lhe o curso, amedrontados, talvez, de encontrar grandes mediterraneos desconhecidos, animaes monstruosos e antediluvianos, nações de gente aguerriada e atletica.

Os homens daquelles tempos preferiam luctar com o oceano, cuja vastidão, ventos e tempestades já conheciam; o recinto intransitavel das florestas os intimidava e despertava-lhes no animo superstições fanaticas, de que o sentimento religioso estava cívado.

Foi preciso que os descobridores e conquistadores da costa occidental da America, sobretudo do Perú, descessem, atravez dos Andes, o grandioso rio, para se tornar este conhecido dos europeus.

Francisco Pizarro, conquistador do Imperio dos Incas no Perú, ambicioso de encontrar o Eldorado e desejando descobrir o paiz da canella, como o espirito phantastico da época classificava a região do valle do Amazonas, ordenou uma expedição, commandada pelo seu irmão Gonsalo Pizarro, composta de homens armados e da qual fazia parte, como commandante da vanguarda, o capitão Francisco Orellana.

A expedição partiu de Quito, logar que mais tarde se transformou na grande capital da Republica de Equador, em Dezembro de 1539; encontrou na sua marcha serios obstaculos de todo o genero, até que o phantasma aterrorizador da fome fê-la parar nas proximidades do rio Napo, affluente do magestoso rio.

O chefe Pizarro ordenou, como lembrança salvadora, que Orellana seguisse a diante, com parte da gente que trazia, em procura de viveres e tambem para reconhecer melhor a derrota que era necessario fazer.

O ambicioso aventureiro, sentindo-se chefe daquella gente, sonhou só para si as glorias do descobrimento e os thesouros amontoados naquella terra mysteriosa. Desseu o Napo e o Amazonas, proveu-se de viveres á farta e, seduzido pelas bellezas do paiz, nunca

(5) Seguindo a mesma derrota de Vicente Pinzon, sahia Diogo de Lepe, ainda em dezembro de 1499, tambem do porto de Palos, com duas caravelas, como elle, dobrando os mesmos cabos descobertos por aquelle, como elle, indo dar em um grande rio chamado Maranon pelos naturaes, e ás illhas de sua embocadura, onde dez de seus tripulantes foram victimas das fleças indigenas, mallogrando-se toda tentativa de desembarque, e se tornando improductiva a expedição.—H. SANTA ROSA.

(6) De 1502 a 1515 nada mais houve senão viagens costeiras de reconhecimento, entre as quaes as de João Coelho, João de Lisboa, Diogo Ribas, Fernam Fróes, Francisco Corso e Pedro Corso, ficando o nome dos dois ultimos ligados ao do cabo Raso actual, que mappaes antigos, como o de Diogo Gutierrez, figuravam com a denominação de «Cabo Corso».—H. SANTA ROSA.

mais se importou de voltar para onde tinham ficado seus companheiros, famintos e desesperados. (7)

Gonsalo Pizarro esperou debalde o regresso de Orellana, que não chegava nem mandava noticias suas, talvez esmagado pelos selvagens, talvez devorado pelas feras e, no relance da sua compaixão, decidiu-se, por sua vez, a descer o Napo, em soccorro daquelle que elle julgava ameaçado ou perdido.

Já nas praias do alto Amazonas, foi Gonsalo Pizarro ter a triste certeza da ingratiidão e do proceder criminoso de Orellana, encontrando na praia Fernão Vargas que havia sido ali abandonado por elle, como castigo de o ter exprobatado pelo procedimento traidor e infame; este narrou-lhe toda a hediondez da ingratiidão do aventureiro que estava disposto, assegurava, a defender, até com as armas, o novo dominio e a precedencia da sua conquista.

Pizarro julgou de mais acerto retroceder ao Perú onde, após a morte de seu irmão, dominou durante tres annos, sendo decapitado por ordem do inquisidor-mór La Gasca em 1548.

Entretanto Francisco Orellana, a quem não faltava talento e genio, percorria o Valle do Amazonas, como um personagem lendario; a sua imaginação creava duendes e via nos sonhos vultos ensanguentados de vinganças: tornou-se mão e irrequieto, desconfiado e perverso. Por uma simples advertencia, mandava castigar ou matar quem a fazia, seguro de obter com a tyrannia a obediencia cega e o dominio absoluto.

Ao passar da foz do Nhamundá ou Jamundá, affluente da margem esquerda do grande rio, encontrou-se, no dia 22 de Junho de 1541, com uma nação de mulheres guerreiras que, de flexas na mão e aljavas a tiracollo, soberbas no seu valor e na sua belleza, procuraram interceptar a passagem do aventureiro.

Seria isso simplesmente um fructo da imaginação ardente de Orellana ou realmente um phenomeno social, uma repetição do que já se conhece na Historia Antiga? Alguns chronistas explicam que o hespanhol bateu-se, devéras, com os indios cunuris, antigos habitantes da foz do Nhamundá, que pela elegancia das formas e extensas cabelleiras que uzavam, foram suppostos serem mulheres, quando estas mesmas, pelo uso, acompanhavam os maridos em occasião de combate; outros, e são muitos, acreditam na possibilidade da existencia dessa nação de *iamurias*, cohorte de mulheres guerreiras, de cuja lenda phantastica e bella nos occuparemos em outro logar.

Foi devido a este passo, uma especie de Thermópilas de Novo Mundo, que Orellana, chamando amazonas áquellas mulheres, denominou de rio das Amazonas, como é hoje conhecido, o magestoso rio mar. (8)

(7) Francisco Orellana, a quem de direito cabe o nome de primeiro navegador do Amazonas, fazia parte da famosa expedição organizada por Gonsalo Pizarro para a conquista do imperio de Patiti, nas terras do *El Dorado*, com os seus bosques de Canella.

Entre muitos historiadores, o nome do feliz aventureiro foi apontado com severa execração, sendo tido como traidor e ambicioso, pelo facto de haver deixado ao desamparo a Pizarro e sua enorme comitiva, fallando a palavra empenhada de voltar em breves dias e do primeiro posto de soccorro, com os elementos de subsistencia que se encarregara de obter.

Dizia-se que no bergantim que lhe fôra confiado, se achava todo o ouro, prata e esmeralda de Pizarro, e que veio a servir para assegurar a conquista em seu favor.

Leante o accusos de ter abandonado o Padre Carvajal, que lhe exigira o cumprimento da promessa de regresso, olvidada por uma perfidia de aventureiro ambicioso.

Entretanto, foram as proprias palavras de Carvajal, na relação feliemente descoberta, que libertaram a memoria de Orellana do opprobrio atirado sobre o seu nome.

Por essa relação, poudo-se conhecer da resistencia opposa pela tripulação ás ordens de Orellana para o regresso aguas acima, desde que alcançaram a junta dos rios indicados pelos indios; da desistencia que fez do commando, se considerando incompetivel para a continuação da viagem, pelo effeito moral da sua palavra violada; da responsabilidade que lhe foi imposta pela marinhegem pelos actos de rebeldia que dali por diante se manifestassem em falta de commando do bergantim, que de nenhum modo voltaria; da coacção inevitavel a que ficou sujeito e que o isenta da pecha de traidor.—H. SANTA ROSA.

(8) Ao nome de Orellana se acha ainda ligado, perpetuamente, o nome do grande rio, pela noticia que elle primeiro trouxe das celebres amazonas que lhe oppuzeram combate em certo momento da viagem. Essa noticia, tida como fabula para diffusão do acto traidor, foi mais tarde confirmada por La Condamine, que tambem ouviu de tribus indigenas allusões ás mulheres guerreiras. O proprio Alexandre de Humboldt, que teve identica informação, aconselhava que não se despresassem as noticias dadas pelos indios, ainda as mais inverosimeis.

São dignas de rememoração historica, as amazonas de Orellana. Os bergantins de Omagua e Apuríca, utilizados por Orellana para a descida do Amazonas, a cuja foz chegou em 24 de agosto de 1542, são os primeiros trabalhos de homem civilizado operados nas terras amazonicas.—H. SANTA ROSA.

Francisco Orellana teve a fortuna de ser o primeiro europeu que por elle desceu e, voltando à Europa, narrou ao seu Rei mais do que vira, sendo Carlos V de Hespanha, o primeiro soberano que, ouvindo a narrativa do aventureiro, teve noticia do caudaloso rio destinado a ser, no futuro, o emporio commercial da porção mais importante do mundo.

Orellana, favorecido pela graça regia com uma frota de tres navios, tropas e armamentos, munido de cartas-patentes, com o intuito de estabelecer colonias, voltou ao Amazonas em 1549; mas os temporaes do Atlantico fizeram a represalia dos crimes que o aventureiro commettera nas aguas tranquillias do rio: dois navios seus sossobraram e quasi toda a sua gente succumbiu de medo ou pelo naufragio.

O choque do revez foi violento: o desgosto e o remorso apressaram a decadencia do audacioso e fallaz navegador que, algum tempo depois, exhalava na ilha Margarida, uma das Antilhas, o ultimo alento de uma vida atribulada e cheia de incidentes tragicos.

..

O Amazonas parecia destinado a ser o theatro de scenas sanguinolentas de que foram victimas seus descobridores e primeiros navegadores. Um deus fatal parecia proteger as margens sombreadas do fragestoso rio, contra o olhar investigador do estrangeiro, ambicioso das suas riquezas e sedento de ali conseguir fortuna.

Ao que temos narrado vamos acrescentar a historia de novos martyres, ou, melhor, de novos tyranos.

Em 1560, o general Pedro de Ursua, por ordem do vice-rei do Perú, D. André Furtado de Mendonça, partiu de Cusco, antiga capital do imperio dos Incas, commandando uma expedição, com o fim de descobrir o opulentissimo valle, conquistando aquelle immenso territorio para o vice reino, e mais com a pretensão de catechisar os indios para a fé christã.

A expedição desceu o Jutaby e Juruá, mas, infelizmente, quando navegavam por este ultimo, rehentou uma sedição militar na escolta que seguia, da qual resultou o assassinato de Pedro de Ursua e quasi o mallogro de mais essa tentativa.

Da infernal conspiração e traiçoeira revolta, como já dissemos, foram cabecilhas dois officiaes da sua guarda, Fernando de Gusmão e Lopo de Aguirre, verdadeiros assassinos do chefe.

Dizem alguns escriptores que o principal motivo desta sedição foi a circumstancia de ter Pedro de Ursua levado consigo, do Perú, contra o conselho de alguns, uma bellissima mulher, que era sua amante e cujas graças e encantos seduziram os seus ajudantes de ordens que não recuaram, para possuil-a, ante o assassinato do chefe e do amigo.

Gusmão tomou conta, pelo terror, do commando da expedição insubordinada e pouco tempo depois morria da mesma forma por que tinha matado o outro.

Então, seu cumplice, Lopo de Aguirre, sempre em meio à onda revolucionaria, julgou que só com o poder majestatico poderia conseguir a ordem e suffocar na obediencia de vassallos o espirito anarchico da empresa.

Aguirre fez-se, pois, acclamar rei, e seguiu com o seu sequito ambulante e suas armas até à embocadura do Amazonas.

Foi o reino que a amazonia teve; e se não fosse tratar de vassallos tão sclerados e tyranos tão fóra das leis communs, não era para admirar que naquellas opulentas e riquissimas margens se estabelecessem nações e reinos, independentes e grandes, providos fartamente de recursos naturaes e com auspiciosas vantagens para futuro desenvolvimento.

Proseguindo a viagem para a metropole, Aguirre desembarcou na ilha da Trindade,

onde o governo hespanhol, por denuncia, o fez prender e condemnar á morte, como traidor ao rei e assassino dos seus companheiros. (9)

• • •

Diogo Ordaz, ouzado hespanhol, obtêve de Carlos V o governo de todas as terras que conquistasse para a Hespanha, desde o rio Amazonas, chamado então Orellana, até completar 200 leguas ao norte.

Partiu em 1531, com destino ás terras que lhe foram doadas, com a sua tripulação e mais comitiva, composta de mil homens armados, entre os quaes quatrocentos veteranos.

Desgraçadamente, a má estrella, que tinha acompanhado as anteriores expedições, appareceu-lhe ao approximar-se do continente ambicionado. Quasi em frente á foz do Araguay, mesmo na costa oriental da Amazonia, a terrivel poróróca, a exemplo do que já tinha acontecido á esquadra de Pinzon, foi de encontro aos seus navios, fazendo sobrar um delles e succumbir grande parte da sua gente.

Foi uma felicidade para Ordaz que a poróróca tivesse arremessado a sua expedição para longe das costas do Amazonas, pois que, era por esse mesmo tempo que outros aventureiros desciam pelo rio abaixo e, se esses tivessem a felicidade de se livrar das flexas envenenadas dos indios, não escapariam á sanha mortifera dos que procuravam o Eldorado, com o proposito de quererem só para si a inexgotavel mina.

Alguns selvagens tinham deslumbrado os olhos de Ordaz com amostras de esmeraldas, do tamanho da maçã, dizendo-lhe que, se elle se internasse algumas leguas a dentro do Paranã-Guassú (rio Amazonas), encontraria um monte só composto daquellas pedrarias.

Por isso foi que o desgraçado aventureiro, acossado pela poróróca, decidiu-se com pezar a abandonar o continente querido. Chegou á ilha da Trindade, donde, depois de fazer aguada e tomar provisões, retrocedeu para a foz do Orenoco, por cuja corrente subiu até ao salto de Carichana, junto á foz do rio Meta, onde soube pelos indios que do outro lado da cordilheira habitava um povo civilizado, que vivia rodeado das mais assombrosas riquezas, incapazes de serem descriptas por qualquer lingua humana.

Parece, como já dissemos, que entrava em jogo o artil dos naturaes, para mais depressa verem-se livres daquelles ambiciosos.

Hesitante pelo destino que deveria tomar e contrariado pelas dolorosas vicissitudes da sua expedição, Diogo Ordaz, com o resto da sua gente accommettida pelas febres, resolveu voltar á metropole; porém, o pessoal descontente fez recair sobre a sua cabeça o mallogro da empresa, e o infeliz capitão foi envenenado em viagem sendo o seu cadaver lançado ao mar, como triste tumulo de mais um ambicioso.

Não sei se tal classificação se pôde dar aos que conquistam a gloria.

• • •

Em 1535, Alonso Herrera, que tinha sido mestre de campo do desgraçado Ordaz na mallograda viagem, acompanhado de um filho de seu antigo chefe, sabendo da veracidade dos thesouros, de que tinham tido noticias, emprehendeu por sua conta uma nova expedição, chegando á foz do Orenoco e por elle seguiu até o rio Caroni, alcançando o famoso salto, que até agora tem o seu nome.

(9) Deixaria de lado a expedição de Pedro de Ursua, em 1560, a mandado de André Furtado de Mendonça, vice-rei do Perú, a qual se notabilizou pela série de crimes e trações que se desenrolaram, e em que o ultimo dos sacrificados e o mais criminoso foi Lopo de Aguirre, se, como leitos de alcance para a civilização, não houvesse de citar as explorações então feitas por Pedro Ramirez na provincia dos Tubeloos, por Garcia d'Arce entre os Caperuços em Encabellados e no rio Marañon ou Irecamoros, por Juan de Vargas, no Huallaga ou Cocama, por Pedro de Galca na região do Ucayali e por Sancho Pizarro na foz do Iça ou Putumayo. E ainda facto notavel a citar-se nesta exploração é a descoberta da passagem do Amazonas pelo Rio Negro, Cassiquari e Orinoco, para sair no Oceano em frente ás ilhas Margarita e Trindade.—H. SANTA ROSA.

Em menos tempo tinha o audaz Herrera avançado muito mais no continente do que em duas viagens alcançara o infeliz Ordaz; porém, do seio da matta desconhecida e mysteriosa sahíu uma sêta envenenada, que varou-lhe o peito, lançando o desanimo e a hesitação no resto da comitiva.

Alguns eram de accordo que se continuasse a investigação pelo seio da floresta; mas a maior parte clamava que se retrocedesse para a costa, amedrontados ante a presença daquella natureza opulentamente perigosa que, como sphynge, nada dizia do que encerrava, apresentando sempre a mesma perspectiva, sempre o mesmo deserto de mattas intermináveis.

Alvaro Ordaz reuniu os destroços daquella campanha de desilludidos e com elles fez uma retirada, a mais honrosa possível, por entre as sêtas dos indios e a sanha das feras.



Outro hespanhol illustre, Felipe de Ure, acompanhado de D. Ximenez Guezada invadiu a Amazonia, chegando até ao paiz dos Muriscas, cuja nação elle avassallou.

Em Hespanha deram-lhe o titulo de conquistador por esse feito; porém, a tradição cêrca de silencio o resultado da viagem desse temerario guerreiro e o paiz do Eldorado continuou sempre desconhecido, attraíndo novas victimas e fazendo porfiar novas luctas.



D. Antonio Berrio, genro de D. Ximenez Guezada, á frente de duas mil pessoas, de condições diversas e de ambos os sexos, guerreiros e commerciantes, com 12 religiosos observantes e 10 ecclesiasticos, procurou assegurar a conquista das terras, de cujas glorias seu sogro tinha tido tão injusta partilha.

Organizou um destacamento de 300 homens, com os quaes subiu os rios Caroní e Paragua, vindo retroceder do serro Potunius, chegando a São Thomaz apenas com o contingente de 30 homens, pois os outros, infelizmente, tinham sido victimas das febres e dos selvagens.



Sir Walter Raleigh, aulico da graciosa rainha Elizabeth de Inglaterra, tendo decaído das graças da sua soberana, por ter contraído um casamento elandestino com uma dama do paço, sem a vontade e consentimento real, decidiu sahír da côrte e emprehender viagens arriscadas, procurando rehabilitar-se ante a sua soberana, por meio de conquistas que trouxessem novas terras ao dominio da côrte.

Em uma viagem que fez ao Panamá (America), ouviu a narração da famosa lenda do Eldorado, pelo que o desgostoso e enamorado fidalgo preparou, á sua custa, em 1595, uma esquadriilha composta de cinco navios, com homens armados e destemidos, e dirigiu-se ás Antilhas, onde aprisionou a D. Antonio Berrio, de quem já falámos, o qual então governava aquelle Estado insular que tinha por capital a cidade de São José de Urubá.

Conhecedor, pelo testemunho das suas victimas, das expedições anteriores e do visinlamento dos thesouros ambicionados, mandou explorar o Orenoco até ás cachoeiras do Caroní, depois do que escreveu uma memoria, cheia de invenções mentirosas e eivada das fabulosas narrações dos seus prisioneiros, que expondo-o assim ao ridiculo da historia, vingavam-se das suas atrocidades.

Sir Walter Raleigh, apesar de capitão da guarda de Sua Magestade e de tenente general de Sua Alteza no Condado de Cromwel, não conseguiu ser acreditado na côrte e a rainha nem sequer tomou conhecimento das novas conquistas, que elle dizia ter feito, nem mandou accrescentar ás cartas da Inglaterra as terras de que elle se dizia descobridor.

Com a morte de Elizabeth, foi o aventureiro fidalgo preso e condemnado á morte, chegando quasi a ser executado, por ordem de Jacques I, como um dos conspiradores em favor da causa de Arabelle Stuart.

Com o indulto, o soberano lançou o desgraçado fidalgo ao completo desprezo. De posse daquella amarga liberdade, desgostoso da vida e da fortuna, Raleigh empreheu

nova viagem à America, conseguindo aportar a São Thomaz, que elle tomou de assalto em 29 de Janeiro de 1618 e em cujo feito d'armas foi morto o seu unico fillo, berdeiro do seu nome e dos seus brazões e fructo do infeliz amôr, causa da desgraçada situação de toda a sua vida.

Ralado de infortunios, desanimado pelos successos, decidiu Raleig voltar à patria, para na obscuridade e no silencio passar o resto dos dias; porém, o governo hespanhol, offendido pelo assalto que o fidalgo inglez fizera à uma cidade pertencente ao dominio daquelle corôa, reclamou perante as côrtes de Inglaterra por uma indemnisação ou reparação de tão desusada affronta.

Jacques I mandou vir à sua presença o incorrigivel cavalleiro e mandou-lhe cortar a cabeça, executando a sentença que annos antes infligira-lhe o tribunal instaurado para julgar os conspiradores do throno.

Ignacio Moura.

Téla amazonica



*Amanhee. Da luz o rosco cortinado
envolve a terra, o cào, as nuvens transparentes;
e, em rubras gradações, se alteia no ar parado
um arco triumphal de laminas luzentes.*

*Varam da matta o seio escuro e socegado,
as do sol vibrações argenteas refulgentes;
acorda a ave primeira; e um ninbo despertado
— é o toque d'alvorada aos passáros dormentes.*

*Fulva maracajá, a fauce escancarando,
mostra os dentes hostis a uma cotia brava,
que se furta veloz na rapida carreira;*

*e na margem do rio intumescido e brando,
suspensa a uma raiz que a correnteza lava,
ágil sucurijú enrosca-se traiçoeira.*

Elmira Lima.

UM DOCUMENTO EM BRONZE SOBRE A TOMADA DE CAYENNA



UANDO se cuida de festejar o tricentenário da fundação de Belém, não é inoportuno que se fale de um notável acontecimento intimamente relacionado á sua existência e á sua historia—nos dias da colonia—e sobre o qual um documento em bronze, precioso e inestimável, vem projectar nova luz, dirimindo a controversia dos historiographos—quanto ao dia memorável que assignala a tomada de Cayenna aos francezes, pelas forças navaes combinadas de Portugal e da Inglaterra.

Fixando em paginas magnificas os factos historicos do Brazil entre 1808 e 1821, periodo que se inaugura com a regencia de D. João VI, regresso da peninsula ante a invasão napoleonica, e se encerra com as agitações precursoras da independencia. Oliveira Lima inscreve o acontecimento que visamos, no capitulo em que aprecia a feição imperialista impressa aos negocios brasileiros pelos estadistas da regencia (1).

Faz notar, porém, que a iniciativa da expedição militar á Guyana partiu, ao que parece, da visão heroica de sir Sidney Smith, de quem Bonaparte, recordando a derrota de S. João d'Acre, dizia no crepusculo do seu exilio: « Este homem desviou o meu destino. »

As vistas da regencia, apenas refeitas das commoções do exodo, voltavam-se para a Guyana Francesa, em cujas aguas cruzava a esquadilha britannica de James Yeo.

Naquelles tempos idos,urgia uma replica marcial á furia carthagineza do grande corso, que Nietzsche, encarnando o genio tedesco, deveria preconisar aos de sua raça, em dias provindouros, como um modelo super-humano digno de ser imitado; cumpria ferir-o num pedaço da patria que a conquista transplantára em terra americana, e o unico ponto vulneravel á acção da regencia.

Ao governo do Pará fôra então commettida a honrosa tarefa de apparellhar forças navaes necessarias á expedição, que devia investir e tomar Cayenna e occupar a Guyana.

Em Outubro de 1808, nove vasos de guerra, com 500 homens de desembarque, largaram das aguas do Guajará, sob o commando do tenente-coronel Manoel Marques, militar distincto, que se illustrára na peninsula, commandando a artilharia contra os hespanhões. A 12 de Novembro a expedição montava o cabo Norte e entrava em communicação com a flotilha ingleza.

A 1 de Dezembro era solemnemente reivindicado o Oyapock e começavam os preparativos para a occupação da colonia franceza.

(1) O. Lima—«D. João VI no Brazil».

Nos primeiros dias de Janeiro de 1809 as forças alliadas appareciam deante de Cayenna em demonstração naval e 500 homens desembarcavam, sem encontrar resistencia. No dia 9 os alliados estavam senhores de quasi todas as posições estrategicas em volta da praça, e esta foi investida, oppondo tenaz resistencia. Duas baterias defendiam a cidade e a casa do governador, nas duas margens do rio Mayori. A lucta continuou por mar e por terra, até que a 11, assaltadas as alturas de Bourgarde e tomadas as baterias indicadas, a resistencia cedeu e fôram iniciadas as negociações para a rendição da praça.

Victor Hugues, governador de Cayenna, accitou capitular, mediante certas condições, entre as quaes, é curioso destacar a que dizia respeito á conservação da «Gabrielle», bello jardim botânico, em que se achavam aclimadas preciosas plantas das Indias Orientaes. Discutidas e acceitas as condições propostas, foi a rendição assignada nos postos avançados de Bourgarde a 14 de Janeiro de 1809, e não a 12, como referem varios historiadores.

A respeito dessa data memoravel, ha entre nós um documento que não deixa duvidas, em sua laconica e admiravel expressão artistica. É a medalha que a perpetuou, que a conservou para a historia do Pará e do Brazil.

Mas, no lavor deste bronze secular, não fulge sómente a memoria do feito brilhante das armas de Portugal e da Inglaterra, empenhados, então, em fazer maior o Brazil; palpita ahi, também, no relêvo esculptural do regio busto, nos loureiros da sua corôa, toda uma successão de grandes factos que implicam os proprios fundamentos da nossa nacionalidade, que dizem de dous povos que o destino irmanou na misteriosa trama do universo.

Ha uma grande eloquencia na singeleza desse bronze tão expressivamente mudo. É um formoso compendio de historia da nossa infancia como povo. Dahi o seu valôr, dahi o seu caracter de inestimabilidade. Recorda o albôr da nossa vida, o nosso amanhecer para as gloriosas luctas da liberdade e da emancipação; lembra os grandes e formosos dias do despertar da consciencia nacional—ainda nas faixas—.

É um documento muito caro ao nosso amôr ao Brazil.

Alfredo Lamarine

DATAS PARAENSE

A 22 de Junho de 1541 o navegador hespanhol Francisco Orellana, companheiro de Francisco Pizarro, ao percorrer, na sua aventureira viagem, o valle do Amazonas, ao passar da foz do Nhamundá ou Jamundá, deparou com uma nação de mulheres guerreiras que, de flechas na mão e aljofas a tiracollo, soberbas no seu valôr e na sua belleza, procuraram interceptar a passagem do audaz investigador. Nasceu dahi a formosa lenda das Amazonas, denominação dada por Orellana a aquellas mulheres guerreiras, e que serviu de baptismo ao grande rio.

A 8 de Abril de 1604, Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, segundo affirma o piloto de bordo, ancorou, com a sua celebre primeira expedição de conquista, na foz do rio Amazonas. Conforme Lucio de Azevedo, elle deveria se ter conservado sobre o extenso banco de lodo que existe ao largo do cabo Cassiporé, de onde foi ao Oyapock, guiado por dois indios que tomou a uma canôa por estes tripulada, que casualmente foi encontrada. Era domingo de Ramos.

Pedro Americo

(PARA O "ANNUARIO DE BELÉM")

— Na Italia, uma noite, falavam, saudosos,
Que, havia momentos, morrerá um pintor.
Quem fôra esse genio? . . . qual fôra o seu berço? . . .
Que Patria o lamenta nos braços da dor? ! . . .

E além a cidade de Areia dormia,
Sem leves rumores, nem sombra do mal,
Cercada de flôres que o leito lhe formam,
Sonhando as delicias de branca vestal.

Em cima da Serra que aparta as vertentes,
Alteiam-se os tectos beijando amplidões,
Os tectos de Areia, pequena e formosa,
Que tem sido Patria de illustres varões.

Galgando as montanhas da Serra, alta noite,
Um vulto caminha qual cutro Moysés . . .
A's flores que abriam, perfume exhalando,
As flores perguntam: — Quem passa? . . . quem és? ! . . .

Maguados suspiros exhalam as fontes
Que correm, que banham, que beijam-lhe os pés.
E as fontes que gemem, que vão soluçando,
Perguntam sentidas: — Quem passa? . . . quem és? ! . . .

A brisa chorosa dizendo segredos
No seio das folhas do verde bambú,
No seio das folhas, beijadas da Lua,
A brisa interroga: — Varão, quem és tu? ! . . .

E o vulto chegára ao cimo dos montes
Ao dar meia noite na velha matriz.
Ergueu-se mais alto que a torre vetusta,
Ergueu-se, e nos sonhos de Areia, então diz :

— « Adeus, Patria minha ! dos genios a noiva
— « A Gloria — me espera do espaço atravez.
« Eu vim de bem longe pagar-te um tributo,
« Do artista os triumphos que arrojô a teus pés.

« Oh sim, Areia ! nos annaes da Historia
« Das Bellas-Artes immortal serás,
« Como Carthago não morreu, mas vive
« Nos grandes feitos de um guerreiro audaz.

« Bemdita sejas, oh cidade minha !
« Oh bem fadado meu torrão natal !
« Onde suspira no arvoredô a brisa !
« Onde ha poesias e esplendor astral !

« Sou d'entre os genios — cosmos infinitos
« Nas espheras de além a scintillar,
« Onde gravitam Rubens e Velasquez,
« Onde Murillo é Sirius a brilhar.

— São ultimas notas de um canto divino !
Nos valles echoam, sublimes, sem par.
São ultimas notas ! E a brisa as repete
No seio das flores, á luz do luar.

De luz e de raios o genio vertido
Sumiu-se nas nuvens de um almo fulgor,
— E Areia acordára — nos braços da fama —
Brilhando na Gloria do grande Pintor !

Antonio Gomes de Britto.

ANTONIO GOMES DE BRITTO é um sacerdote catholico, natural da freguezia de Collares, no Pará. Curou os seus estudos no Seminário Archiepiscopal, e tem já exercido o seu ministerio em algumas paróchias do interior deste Estado. É modesto cultor das musas, amante da pintura, sendo entusiasta de Pedro Americo, « o grande brasileiro » como elle chama.

Escreveu esta poesia dedicada a esse pintor, para ser publicada neste livro.

Os Jesuitas e a civilização no Brazil



QUE mais importa para definir a civilização de uma época, de um povo, de um homem, é a religião. A Sabedoria suprema, e, por isso mesmo, a base da verdadeira civilização, é o conhecimento certo da nossa origem, do nosso fim, donde todas as nossas acções revestem sua importancia; assim disserta o erudito e notavel apologistas Weiss.

Quando alvorecemos, como paiz; quando as trevas do paganismo adensavam-se por sobre os filhos das selvas, barbaros e selvagens, a luz scintillou dos braços da cruz, as trevas dissipando, illuminando um Mundo Novo, que, d'ora em diante, surgiria com o nome de Terra da Santa Cruz.

E os pregoeiros da genuina civilização, o zelo a lhes abraçar os corações, voaram ao seio das nossas florestas, para escreverem em traços indeleveis a historia do heroismo, do desprendimento, da abnegação, da santidade peregrina e consummada.

Eram os jesuitas que aportavam ás plagas brasileiras. Como S. Remigio, na França; S. Agostinho, bispo de Cantorbery, na Inglaterra; S. Patricio, na Irlanda; S. Bonifacio, na Allemannha; S. Aschario, na Dinamarca e na Suecia; S. Cyrillo e S. Methodio, entre os Slavs, appareceram elles como mensageiros da fé e da civilização, vasos nos moldes do Evangelho para aquelles povos. Assim, por entre os brasís, destacaram-se, valorosos e impavidos, com o santo ardor de atirar, no regaço da Igreja, um povo, os Nobregas, os Anchieta, os Figueiras, os Vieira, os Malagridas, os Navarros, os Ignacios de Azevedo, os Olivas, os Joãos Madureira, e tantos outros que, herdeiros do espirito do insigne e infatigavel Santo Ignacio de Loyola, não mediram sacrificios, difficuldades mil superaram, pugnas renhidas travaram com as paixões que, prepotentes e tyrannicas, subjugavam a nova gentildade, e, por fim, venceram, porque era o Christo Redemptor que, por intermedio dos intrepidos missionarios, despedaçara os grilhões que, de ha muito, manietavam esses incolos. Elles, deslumbraados pelo esplendor desse clarão que despedia a cruz, saudaram, no auge da alegria e do contentamento, a liberdade de filhos de Deus, de que eram portadores os pregadores da fé — os Jesuitas.

Dizia o erudito Padre Americo de Novaes que ao Padre Nobrega cabia incontestavelmente a gloria imperitura de ter sido o fundador da Christandade brasileira (Cenário do Ven. Anchieta). Pois bem; deante dos desmandos e das perseguições que aos indios moviam os colonos, os brancos, Nobrega profligou-lhes vehementemente a conducta, defendendo ardorosamente a liberdade dos indios.

Levaram a mal os colonos o zelo esclarecido e denodado que revelava Nobrega, tentando um delles espancar e maltratar ao Padre Leonardo Nunes; mas contiveram-se e proseguiu Nobrega a sua obra civilizadora. Porque, como narra o douto Padre Antonio Vieira, «nas casilas de S. Paulo a Santos, não só iam carregados como homens, mas sobrecarregados como azemolas, quasi todos nus, ou cingidos com um trapo, e com uma espiga de milho para ração de cada dia» (Voto do Padre Antonio Vieira—Vol. 16 Obras).

Como poderia o Padre Nobrega quedar-se indifferente ante esta monstruosa iniquidade?

E Deus abençoou os esforços dos abnegados missionarios. Ao chegar em 1553, ao Brazil, Joseph Anchieta, encontrou o Padre Francisco Pires e o Padre Aspilcueta Navarro laborando apostolicamente na — Bahia; no Espirito Santo, missionava, Padre Affonso

Braz; em S. Vicente, o Padre Leonardo Nunes; em Pernambuco, o Padre Antonio Pires, e de tal modo se houveram, tanta dedicação desdobraram que, ao visitar Padre Ignacio de Azevedo a nova christandade, tinham sido baptisados de doze para quinze mil brasis, só na Bahia ⁽¹⁾

A Ignacio de Azevedo, visitador do Brazil, onde patenteara zelo acendrado, de volta a Portugal, em busca de novos obreiros apostolicos para dilatarem o reinado social de Jesus Christo, na altura das Canárias colheu-o o martyrio e aos seus trinta e nove companheiros.

O calvinista Soria, sedento de sangue, devorado pelas chammas do odio ao Christo, investe contra os valorosos paladinos da fé, trucidando-os barbaramente, e os martyres dedicados a Jesus, sob o manto protector da Virgem Maria, voam aos céus, entre hymnos de alegria, intercedendo poderosamente pela conversão do Brazil ainda selvagem.

Foram os primeiros martyres que, com o seu sangue, escreveram a pagina mais eloquente da catechese dos indios!

E assim concorriam os Jesuitas para a civilização nossa, dando a vida em holocausto por uma causa tão alevantada e nobre.

Cumprê, entretanto, não olvidar os estorvos que aos impavidos missionarios se antolhavam; aqui, a corrupção e mau exemplo dos colonos, ferindo com a arma do escândalo o coração daquela gente simples; ali, a polygamia, a sede de vingança, e a horrida anthropophagia, erguiam-se como obstaculos, que dir-se-iam insuperaveis, não fosse a abnegação comprovada e infatigavel dos filhos de Santo Ignacio.

Innumeros foram os trabalhos a que metteu hombros o Padre Luiz da Gram, fundando onze povoações, onde muitos indios se baptizaram, convertendo-se ao Salvador do mundo. Foi Bahia, principalmente, o theatro de sua missão.

Mas, lancemos as vistas para um Santo e piedoso varão, thaumaturgo das selvas brasileiras, por ellas derramando o aroma de uma Santidade heroica. Seu nome deveis conhecer-o: chamava-se Joseph Anchieta.

Natural das Canárias, entrou na Companhia mui joven, ardendo em desejos de se immolar pelas almas.

Estas esperavam-no em S. Vicente, e Anchieta, ali, qual novo Paulo, no zelo, no amor do Christo, no ardor com que soffria por Jesus, na mortificação que lembrava um novo Crucificado, novas aldeias fundou, em que a christandade, bella e formosa, se ostentava, banhada no sangue do Redemptor. Apesar de sua modestia extrema, chegou ao cargo de quinto provincial do Brazil.

«Tal foi o ardor do zelo de Anchieta e dos seus discipulos que, em menos de meio seculo, quasi todo o maritimo do Brazil, desde Pernambuco até S. Vicente, se via povoado de aldeias de selvagens domesticados e reduzidos á fé, havendo baptizado os Padres, até 1585, para mais de cem mil indios.» ⁽²⁾

Andavam os missionarios a pé, com os seus bordões, armados de seu breviario, alguns ornamentos sagrados, agulha para ramos e alguns indios mansos; o sustento, elles o buscavam na caça e pesca, nas fructas das arvores, nas hervas dos campos, na agua dos rios, e, sobretudo, confiavam na Providencia. A Anchieta deve-se a fundação de S. Paulo, nos campos de Piratininga, no dia 25 de Janeiro de 1554, dedicado á conversão de S. Paulo; e assim ficou lançado o alicerce deste opulento e futuro Estado, sempre na vanguarda do progresso e da civilização, e por isso, em 1897, data do terceiro centenario da morte de Anchieta, festas pomposas e dignas foram celebradas, em que vinculando-se a religião e o patriotismo dos paulistas, depuzeram aos pés do Veneravel Padre o tributo do mais immorredouro reconhecimento.

Portentos, elle os operou innumeros na sua vida, factos indiscutíveis que demonstram a sua perfeição moral elevada a um grão heroico, pelo que foi a 10 de Agosto de 1736 declarado «heroe na pratica de todas as virtudes christãs».

Affiguemos a mais firme esperança de que, um dia, o grande thaumaturgo das invias florestas brasileiras, ha de ter o culto publico, incentivando, cada vez mais, o espirito catholico do brasileiro, filho do seu zelo e dedicação.

(1) Historia de la fundacion del colegio de la Baya.

(2) Informaçoes e fragmentos historicos.

Mas é tempo de alguma cousa dizer acerca dos Jesuitas em o Norte do Brazil, especialmente no Gram-Pará.

Em Janeiro de 1616, consoante os historiadores, chegou Francisco Caldeira de Castello Branco a Belém do Pará, fundando um forte de madeira, actualmente o Forte do Castello, e uma Ermida sob o orago de N. S. da Graça. Colonos, ali, em derredor, construíram choupanas, e, em breve, sob a invocação de N. S. de Belém, divisa-vaz-se a povoação que, mais tarde, seria a grandiosa e futura Belém do Gram-Pará.

Relembrando esse facto quantos habitam nas terras paraenses, na communhão mais estreita com os filhos do Pará, confraternizam e dão-se pressa em commemorar, de maneira condigna, feito de tanto vulto, acontecimento de tanto lustre. Mas, se ao fundador do Pará, com devida justiça, são tributadas homenagens calorosas, não olvidemos o factor por excellencia que argamassou com os seus suores e sangue a nossa nacionalidade, constituindo-a. Foi o elemento religioso, representado nos Capuchos, Mercenários, Carmelitas e, sobretudo, nos Padres da Companhia de Jesus.

Em Dezembro de 1652 chegaram a Belém os Padres João de Souto Mayor e Gaspar Fragoso. A questão do captiveiro dos indios debatia-se com ardor e paixão, de sorte que a opposição ergueu barreiras formidaveis ao zelo dos Jesuitas.

Ainda assim, o Padre João de Souto Mayor iniciou os trabalhos da construcção do seu collegio, que foi chamado — Santo Alexandre, e que, hoje, é o Seminario Maior de N. S. da Conceição. Foi então que pisou terras paraenses, a 5 de Outubro de 1653, o Padre Antonio Vieira, Superior das Missões, e que viera pugnar ardentemente, e com sua eloquencia privilegiada, pela liberdade dos indios, conforme carta regia de que era portador.

O Padre Vieira, genio de primeira grandeza, pregador, cuja fama jamais desaparecerá, vernaculista exímio, conhecedor, como poucos, dos segredos da lingua portugueza, erudição de pasmar, no modo de explanar as Sagradas Escripuras e os Santos Padres, diplomata arguto a quem orientava um criterio superior, mas, por sobre tudo isso, um apostolo de Christo, anhelára ardentemente despedaçar, um por um, os grilhões que atroxavam os pulsos dos indios, brasileiros natos, os quaes a Redempção estreitara nos seus braços de misericordia.

Muito luctou, muito soffreu, muito padeceu; nova viagem empreendeu a Portugal, com o intuito nobre de pregar a liberdade dos indigenas; até que, quando Governador André Vidal de Negreiros, foram executadas as ordens de El-Rei.

Então Padre Vieira envia os pioneiros da civilização a ferir combate com a barbaria, armados todos com o escudo da Cruz — para a Cast e Missão do Pará: o Padre Manoel Nunes e o irmão Simão Luiz; para as aldeias de Cametá, que eram sete: Padres Francisco Veloso e Francisco da Veiga; para as aldeias do Camuê, que eram quatro: Padre Thomé Ribeiro e o irmão Sebastião Teixeira; para a Missão dos Nheengaiabas: Padres João Souto Mayor e Salvador do Valle ⁽¹⁾

Muitos foram os fructos espirituaes que lograram os Padres. Chegando os indios em sessenta canoas, sentiam-se felizes porque iam conhecer a lei de Deus, e preparavam-se com aturadas instrucções, afim de receberem o baptismo. Cumpre notar que os missionarios conheciam a lingua indigena, e assim conseguiram tratar com os indios, entre elles avultando: Anchieta, Luiz Figueira, Leonardo Nunes, Manoel de Souza que muitas almas conquistaram para a Igreja.

O infatigavel Padre Vieira almejava em demasia ver o Christo assenhorear-se da gentildade do Pará; manda, pois, embaixadores aos Nheengaiabas que habitavam na ilha de Joannes, (2) e, com serem bem recebidos dos Principaes, voltam os embaixadores com sete Principaes e muitos outros indios da tribu dos Nheengaiabas, cheios de alvoroço, prometendo estes toda a fidelidade aos missionarios, referindo que haviam edificad igreja e casa para receber ao Padre, a quem vinham buscar pela festa de S. João.

Cumpriram a palavra os indios; mas se lhes deparou o Padre Vieira, extremamente enfermo, pois até o Viatico já se lhe tinha administrado. Cheios de pesar, partiram os indios. Convalescera o heroico missionario e, ell o caminho dos Nheengaiabas, em compa-

(1) André de Barros. Vida do Padre Antonio Vieira.

(2) Marajó.

nhia do Padre Thomé Ribeiro, seguido de doze canôas. Eis sendo quando gritos de alegria irrompem de uma grande canôa ataviada de pennas; entregaram os Príncipes ao Padre Vieira um Crucifixo de metal que ali deixara em 1655 o Padre Souto Mayor. Fora o Christo que abrandara aquelles corações. Na pequena igreja, coberta de palha, então Vieira o *Te Deum Laudamus*. Então, reunidos os Príncipes, em dia apazado, celebrou o Padre Vieira o Santo Sacrifício da Missa, a que assistiram todos, com mostras de respeito. Que bello espectáculo, esta primeira missa entre aquelles selvagens! Deante da majestade das florestas, erguia-se a Majestade de Deus; deante da immensidade daquelle ilha, levantava-se soberana a Immensidade de Deus—Como outrora, no presepio nasceu o Deus Menino; agora, por entre as frondosas arvores que lhe servem de docel, apparece, Clemente e Misericordioso, o Christo, para lavar no seu Sangue aquellas almas que suspiram pela fé.

Terminada a Missa, aos accentos da eloquencia de Vieira estremeceram aquelles corações, abriram-se, de par em par, aos ensinamentos de Jesus aquellas almas de brasileiros; prestaram juramento de fidelidade ao Rei; a Caridade de Christo enlaçou a todos; e uma bella e majestosa Cruz, com os seus braços abertos, alli ficou, guardando, á sua sombra protectora, aquelles destemidos aborigenes. (1)

Com elles renderam-se os Aroans, os Anajás, Mapuás, Guajarás, e outros, ao todo, uns quarenta mil — (2). Entre os neophyts reinava o amor do Christo. Só, após instrucções reiteradas, baptizavam-se; preponderando a virtude, o valor moral, como presenciaram aquellas selvas nos actos de heroismo praticados pelos indios.

Portanto, a civilização trouxeram-na os Jesuitas; não fôra a expulsão de tão abnegados apóstolos do bem, hoje não teríamos que lamentar, com o coração confrangendo-se de dôr, a permanencia de milhares de filhos das selvas, sentados á sombra da morte.

O immortal, e jamais assás pranteado, D. Antonio de Macedo Costa, que vive no coração do povo brasileiro e dos que foram seus diocesanos, accordando sentimentos de admiração, amor e gratidão, muito concorreu para que os Jesuitas, aqui em Belém, laborassem pela educação da mocidade, e grande foi o impulso que á piedade e formação religiosa imprimiram aquelles abalizados e notaveis educadores. Em diversos collegios do Brazil, actualmente illustram a juventude os filhos de Santo Ignacio. Com accentos de uma eloquencia privilegiada bradava o insigne confessor da fé — D. Macedo Costa: « Nós temos necessidade deste povo (alludia aos indios). Elle é o colono, o melhor colono, e o unico da Amazonia..... Nós temos necessidade de nos occupar, e de nos occupar com empenho deste elemento precioso, até aqui tão abandonado. (Conferencia sobre o Christoforo).

Felizmente, na hora actual, d'elles occupam-se: os Salesianos, Capuchinhos, Agostinianos, Dominicanos, Benedictinos e os Padres do Espirito Santo, com abnegação acima de todos os encomios.

E agora, todos os que habitam nesta cidade, não cessem de impetrar a protecção de N. S. de Belém, padroeira que é desta Archidiocese, para que o patriotismo, o culto pátrio, e o desvelo pelo Brazil, renasçam no coração do brasileiro, acrysolando-se na pratica esclarecida, assidua e generosa do catholicismo que, no beijo de nossa nacionalidade, nos ergueu bem alto o nome, e que, nutrimos a mais fagueira esperanza, na sua adolescencia, será o expoente maximo de nossa grandeza, prosperidade e fortaleza, por entre o convívio das nações civilizadas.

Belém, Julho de 1915.

(1) Deve-se a esta viagem do Padre Vieira a annullação do tratado de alliança que os Nheengaihas tinham feito com os Hollandezes, conservando a integridade da nossa patria.

(2) André de Barros (Vida do Padre Antonio Vieira).

Conego Ricardo Rocha.

RIO NEGRO



A terra em que eu nasci, deslisa um rio
 ingente, caudaloso,
 porém triste e sombrio ;
como noite sem astros, tenebroso,
qual negra serpe, somnolento e frio.
Parece um mar de tinta, escuro e feio :
nunca um raio de sol, victorioso,
 penetrou-lhe no seio ;
no seio, em cuja profundez enorme
 coberta de negror,
habitam monstros legendarios, dorme
toda a legião fantastica do horror !

Mas, dum e doutro lado,
nas margens, como o quadro é differente !
Sob o docel daquelle céo ridente
 dos climas do equador,
 ha tanta vida, tanta,
 ó céos ! e tanto amor !
Desde que no horizonte o sol é nado,
 até que expira o dia,
é toda a voz da natureza um brado
 immenso de alegria ;
e vóa aquelle sussurrar de festas,
 vibrante de ventura,
desde o seio profundo das florestas
até ás praias que cégam de brancura !

Mas o rio lethal,
como estagnado e morto,
arrasta entre o pomposo festival,
lentamente, o seu manto perennal
 de luto e desconforto !
Passa—e como que a morte tem no seio !
Passa—tão triste e escuro que dissereis,
vendo-o, que elle das lagrymas estereis
 do Satanaz proveio ;

ou que ficou, do primitivo dia,
quando ao — faça-se! — a luz raiou no espaço,
esquecido, da terra no regaço,
um farrapo do chãos que se extinguiu!
Para acordal-o, a onça dá rugidos
que os bosques ouvem de terror transidos!

Para alegral-o, o passaro levanta
voz com que a propria penha se quebranta!
Das flôres o thuribulo suspenso
manda-lhe effluvios de perenne incenso!

Mas debalde rugis, brutos ferozes!
Mas debalde cantais, formosas aves!
Mas debalde incensais, mimosas flôres!
Nem canticos suaves,
nem magicos olores,
nem temerosas vozes
o alegrarão jamais!... Para a tristeza
atrôz, profunda, immensa que o devora,
nem todo o rio que alegra a natureza!
Nem toda a luz em que se enfeita a aurora!

O' meu rio natal!
Quanto, oh! quanto eu pareço-me contigo!
eu, que, no fundo do meu ser, abrigo
uma noite escurissima e fatal!
Como tu, sob um céu puro e risonho,
entre o riso, o prazer, o goso e a calma,
passo entregue aos fantasmas do meu sonho,
e às trevas de minh'alma!

Paulino de Brito.

O DR. PAULINO DE ALMEIDA BRITO, formado em jurisprudência pela Faculdade do Recife, foi professor cathedratice na Escola Normal, Gymnasio Paes de Carvalho e Escola de Bellas Artes, tudo neste Estado. Escripção de rara erudição, tem collaborado nos principaes jornaes do Pará; é actualmente redactor d' *A Pátria*, órgão catholico desta archidiocese. É autor de varias obras didacticas e outras litterarias de subido valor.

HYMNO DO TRICENTENARIO DE BELÉM



COMITÉ PATRIÓTICO, no intuito de popularisar as festas cívicas commemorativas ao Tricentenario da Fundação de Belém, resolveu adoptar um hymno especial que fosse cantado por occasião das solemnidades de 1915-1916.

Como um hymno é sempre a sagração dum feito evocado pela alma popular, o *Comité* appellou para a mocidade, para os poetas contemporaneos que, nos seus êstos de patriotismo e sublimadas inspirações, compuzessem uma dessas canções soberbas, que como a Marselhesa, dêsse ao mundo inteiro a grandeza da nossa nacionalidade, integra e extraordinaria, evolucionada atravez de tres seculos.

Foi êste o edital que abriu á concorrência publica a letra da desejada canção :

Hymno do Tricentenario de Belém

Tendo decidido o *Comité* patriótico adoptar um hymno para ser cantado, por occasião das festas de dezembro, inspirado em canto poetico, que faça vibrar o sentimento popular, recordando-lhe o nosso passado laborioso e honrado e acenando-lhe o nosso porvir promettedor e brilhante, o directorio das festas solemnizadoras tem resolvido para esse fim abrir um concurso, entre os litteratos de Belém, cujo espirito estudioso poder-se-á melhor inspirar nas paginas luminosas da nossa historia regional.

As produções poeticas dos concorrentes serão assignadas por meio de pseudonymos, acompanhada cada uma de um envelope lacrado contendo a respectiva traducção, o qual só poderá ser aberto depois do julgamento do concurso, e deverão ser dirigidas a este directorio até 31 de maio do corrente anno.

O directorio sujeitará a apreciação e julgamento dos trabalhos apresentados a uma commissão organizada de accordo com a Academia Paraense de Lettras, sendo conferida, como premio, ao auctor do melhor trabalho escripto, uma commemorativa medalha de ouro, que lhe será entregue em uma das sessões da solemnisação projectada.

Pará, 22 de abril de 1915.—*Ignácio Baptista de Moura, Carlos Cotello, Henrique Santa Rosa, Theodoro Braga e Palma Muniz.*

O julgamento da obra foi conferido a uma commissão especial composta de membros da Academia Paraense de Lettras, que, desempenhando-se de sua missão, julgou digna do premio, instituindo assim como hymno official do Tricentenario, a poesia elaborada pelo dr. Augusto Meira, que, com o pseudonymo de *D. Antonio*, concorreu ao certamen do hymno, conjunctamente com Agnello Neves (*Padre Prudencio*) e Luiz Augusto Queiróz e Albuquerque (*Calamo*).

Damos a seguir o laudo da Comissão julgadora, a título de documento histórico.

«Incumbidos de expender, em nome da Academia Paraense de Letras, juízo sobre as produções poeticas em concurso, para hymno do Tricentenario da Fundação de Belém, ficamos accordes na classificação seguinte: Em primeiro logar o original assignado *D. Antonio*; em segundo logar o de *Padre Prudencio*; em terceiro o de *Cabano*.

Propositadamente, fugimos de analysar o valor absoluto de cada obra, o que seria, a nosso ver, exorbitar da função que nos foi tão honrosamente commettida; collocamo-nos, por isso, no ponto de vista relativo, e só desse modo deve ser entendido o nosso julgamento.

Belém, 27 de Junho de 1915. (A. A.) ACYLINO DE LIAO, PAULINO DE BRITO, MARQUES DE CARVALHO.

A vista do laudo supra, o Directorio, por intermedio do seu *Comitê*, procedeu a abertura dos lacrados que continham as traducções dos pseudonyms, verificando ser vencedor o dr. Augusto Meira, (*D. Antonio*). Foi depois dada larga publicidade aos tres hymnos, dos quaes damos a seguir o premiado :

Quando a Cruz, lenizosa, do Christo
Qua, do Tejo, vós sabes os mares
Por estêgre do Cão, imprevisão,
Vais á terra gentil dos palmars.

Exultemos! oh filhos que somos
Desta terra de Sal, de Tupá!
De ventura, nos largos assomos.
Exultemos, exulto o Pará!

Salva, cruz vencedora! — Suspensa
Na floresta, ante o céu, ante o mar,
Faz de terra brasileira, alta e extensa,
Do trabalho e da fé novo altar.

E os filhos de Luso, afluídos,
Denodados, valentes, febris,
Na Amazonia buscaram, guerreiros,
O remoto á lagosta salia.

Exultemos! oh filhos, que somos
etc., etc...

Agua e sol e florestas gigantes,
Vastas rios e fructos e flores,
Aves lídicas, sorrindo, vibrantes,
A's cantenas, ás mil, multicores.

Encontraram na terra formosa,
Deslumbrante, como outra não ha,
Encontraram na terra d'essa,
Nossa terra bendita, — o Pará!

Foi Ceideira o valente soldado,
Que reful, do Brazil a conquista,
Dominando o Amazonas sobrado,
Dando á terra amplitude imprevisão!

Exultemos! oh filhos, que somos
etc., etc...

Dominando o Amazonas gigante
Foi aos Andes, em pleno equador!
Deu á Patria o perfil radiante,
Vasto imperio, grandesa e vigor.

Este dia, divino, de gloria,
Deslumbrante de luz, é sem par;
E tão grande, a fulgir, sobre a historia,
Como o Cão, como o Sol, como o mar!

Exultemos! oh filhos, que somos
etc., etc...

Exultemos! Avante! Esta terra
E da Patria o mais bello trophéo!
Largo, avante! o parir se descura
Como o amor e as estrelas do céu.

Pará, 30 de maio de 1915.

D. ANTONIO
(pseudonymo)

Após a divulgação do laudo, o dr. Augusto Meira enviou ao *Comité* a seguinte exposição de motivos :

*Hymno do Tricentenário—Razões de motivos—Pela publicação feita nos jornaes, chega ao meu conhecimento que o hymno do Tricentenário, julgado em primeiro logar pela distincta commissão da Academia de Letras Paraense, de accordo com os termos do certamen, foi o assignado por D. Antonio—Nestas coadições, é meu desejo dar uma explicação dos motivos sobre que o hymno foi delineado e composto, no sincero desejo de ter em toda importancia o convite do *Comité* patriótico das festas e ainda de exaltar, em nossa consciencia, a vultuosidade do feito que vamos commemorar.

Assim pareceu-me que a recordação desse facto longinquo, no seio da nossa natureza virgem e deserta, lembraria por associação de idéas e repercussão do sentimento, o grande feito inicial do descobrimento do Brazil; aliás, um facto sahia do outro, corôava o outro, completava e engrandecia o outro. Por isso, a primeira estrophe do hymno se reporta a esse feito memoravel. Um e outro acontecimento se firmam sob os auspícios da Cruz... A Cruz dos Cruzados, contra os mouros, era a mesma que nas velas das quinas, estendia os seus braços para o descobrimento grandioso dos oceanos *nunca dantes navegados*. Por isso mesmo o hymno começa se reportando ao patrocínio da Cruz, accordemente com a verdade historica e o sentimento cavalheiresco da época. Não foi só isto. A Cruz foi o nosso primeiro padrão e symbolo da nossa conquista. Deu o primeiro nome à nossa terra. A Cruz que se plantou na floresta, parece que miraculosamente subiu para o céu ou se refletiu no Cruzeiro, e entre o céu e o mar fulgurava sobre os nossos destinos, como irradia nas dobras da nossa bandeira gloriosa. O hymno teve em conta esse facto e, como era grandioso, provoca o entusiasmo e satisfação geral, manifestos na estrophe de repetição do hymno. Os nossos maiores, porém, não se satisfizeram com isto e, ainda sob os auspícios da grande aventura, trataram de dilatar as terras. A penetração era difficil pela falta de vias de comunicação no seio impérvio do continente. O Prata nos estava fechado e dava permissão a que outros povos nos impossibilitassem toda expansão interior. A Colonia do Sacramento só nos custou sacrificios. Vir ao Amazonas foi o complemento do grande sonho portuguez. Dominar o Amazonas, effectivamente, foi o maior passo na historia da conquista. Antes disto, nos mappas geographicos do tempo, o Brazil era representado por uma estreitissima facha de terra costeira, insignificante e miseravel: tudo mais era a *Perúvia*. E' o que se encontra em Ortelio e outros. O Brazil, que parece ter sido miraculosamente descoberto, miraculosamente encontrou na fôz do Amazonas o caminho ao coração da America do Sul. Caldeira foi o grande portuguez que, pela fundação de Belém e effectiva posse da região, levou a effeito esse empreendimento tão grande, que, em poucas linhas, se não pôde dizer nem definir. Enquanto o genio portuguez se encontrava, assim, em uma terra de penetração immediata, relativamente facil, em todo o caso possível, os Andes distantes nos defendiam das expansões do Perú. Erguer Belém, era dominar até aos Andes. Enquanto a *Perúvia* era a immensidade do continente sul-americano, nas cartas geographicas do tempo, o braço portuguez, por intermedio de Caldeira, relaxando a carta do Brazil, deu à Patria, que adoramos, o perfil deslumbrante, a validez, que ella possui e de que o hymno dá conta. A gente portuguesa, que aqui chegou e dominou a terra com Caldeira, encontrou mais uma das grandes *maravilhas* do mundo:—vias amplissimas, lagos, sóes radiantes, aves, fructos, flores, florestas verdejantes—a immensidade e a abundancia... De todo esse scenario o hymno dá conta, revivendo a plaidez primitiva desse dia de grande gloria... Em face de tamanha obra, de tamanho empreendimento, de consequencias inabordaveis, o nosso patriotismo se exalta e clama altissimo o nosso enthu-

siasmo neste feito sem igual : a grande ventura de sermos grandes pela grandesa da visão generosa dos nossos maiores. O hymno dá conta disto e encerra-se, nos apontando um futuro ridente, illimitado, fecundo como o amor e, qual na palavra da Bíblia, dilatado como o céu povoado de estrellas. E', certamente, para o auctor do hymno uma satisfação que a douta commissão julgadora da Academia de Lettras assim o tenha bem comprehendido. O mais será effeito da musica a qual deve ser clara e luminosa, festiva e heroica. O canto, pela voz de nossas gentis patricias, fará o resto e será tudo».—(a) *Dum Antonio*.

AUGUSTO MEIRA.

A Conquista

«... nos primeiros dias de Janeiro de 1616, por uma clara manhã de sol, Castello Branco deveria ter fundeado a sua náu na graciosa curva da enseada do legendario Guajará...»

IGNACIO MOURA.

*A aura, numa surdina heroica, o rosto afaga
Da nave... Longe vão as horas do sombrio
Tenor, no dorso incerto e alto da equorea vaga :
Hoje, o offego da brisa e a cadencia do rio...*

*Não mais do capitão se ouve a horrisona praga...
Mudo e só, fito o olhar, num pensar erradio,
Ampliar-se a mata vé—sonbo verde que embriaga—
E a praia, de onde estende os braços o gentio.*

*O horizonte se arqueia : é a ancía, é o amplexo da Vida...
E, ao sabor da corrente, ao sol das alvoradas,
Parece, ao longe, a náu uma garça ferida...*

*E num rythmo subtil, sob o braço das Quinas,
Num cortejo, a brincar, de mãos entrelaçadas,
Impellem-na, cantando, as ydras guajarinas...*

Carlos Nascimento.

CARLOS NASCIMENTO é um dos contemporâneos que se distinguem pela modestia e pela sensatez. Nasceu em 1889 em Turvassa, E. do Maranhão; é, portanto, um dos novos. Bacharelado em a nossa Faculdade de Direito, tem ali merecido as melhores notas. Actualmente exerce a sua actividade como lente de portuguez e instrução cívica no curso secundario do collegio «Progresso Paraense».

Barão de Marajó



osé Coelho da Gama e Abreu, Barão de Marajó e illustre homem de letras e político, falleceu em 1906, em Lisboa; possuía uma physionomia intellectual muito interessante.

Era viajante apaixonado de paysagens distantes e, descrevendo as excursões em que a sua imaginação e o seu gosto relativo se comprazião, publicou um livro em tres volumes sob o titulo *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danubio*.

Curioso e estudioso de cousas patrias, interessando-se pela exploração scientifica do Pará e Amazonas, compendiu as investigações proprias e os trabalhos mais acreditados até 1898, num livro intitulado *As Regiões Amazonicas*.

Político, sustentou luctas partidarias ardentes, empenhando-se corajosamente no movimento social do Pará.

As suas relações pessoais revelavam a orientação da sua vida. O seu convívio era constante com os homens mais notaveis da politica e das letras no Brazil e em Portugal.

A sua constante actividade levava-o sempre para os primeiros postos.

Fez o curso de bacharelado em philosophia e em mathematica, na Universidade de Coimbra.

Era, ao tempo do seu fallecimento, Vice-Presidente do Senado Paraense.

A sua popularidade no Pará e em Lisboa era muito grande. Em todas as classes sociaes contava amigos, sendo um homem extremamente sympathico.

Publicamos em seguida um artigo de Pinheiro Chagas, a respeito do Barão de Marajó :

— Companheiro de lutas e de trabalhos dos homens mais eminentes do Brazil, collega e amigo dos vultos mais notaveis de Portugal, seus contemporaneos da Universidade, tendo feito a sua educação physica no Amazonas e a sua educação intellectual no Mondego, tendo passado uma parte da sua adolescência e da sua primeira mocidade a perseguir os jaguares e a precaver-se contra os Indios mais selvagens, e a outra parte a trocar os furtivos e a esconder-se dos verdeaes, perdendo-se em alguma floresta virgem da Guyana Brasileira com a sua espingarda de caçador, e pouco depois embrenhando-se nos salgueiraes de Coimbra com o seu Jasmim debaixo do braço, preso ao Brazil por esses multiplos laços que prendem um homem à terra em que nasceu e a Portugal por esses laços de convivência e de affecto que fazem da terra onde se passaram os annos mais risonhos da mocidade a nossa segunda patria, Gama Abreu tem uma dualidade que não é das feições menos curiosas da sua curiosissima physionomia.

Um dia encontrámo-lo no Chiado, à porta da Havaneza, dominando com a sua cabeça insinuante a turba de circumstantes, conversando espirituosamente a respeito do ultimo acontecimento theatral ou do successo litterario, atravessando a rua em duas pernas para ir abraçar Francisco Palha, que pasca com o seu eterno charuto, e que o acolhe com um bom dito ou uma phrase alegre.

Depois, de subito some-se Gama Abreu. Dahi ha pouco tempo chegam noticias. E' presidente do Pará, está transformando financeiramente a Provincia, e está revolvendo a Capital, embelezando-a e impellido-a pelo caminho do progresso, está organizando as finanças provinciales, está sustentando com o bispo da diocese uma luta a todo o transe em que consegue esmagar com o seu joelho liberal as convulsões reaccionarias, está escrevendo um luminoso relatório a respeito do estado da Provincia, que soube arrancar da paralyzia a que parecia condemnada, apezar dos seus immensos recursos. Depois, um bello dia, ao voltar a esquina da Havaneza, encontramos outra vez Gama Abreu, sereno e tranquillo, que parece estar continuando a conversação interrompida dous annos antes, que falla alegremente da ultima recita de S. Carlos e dos ultimos versos de Guerra Junqueiro. Tem apenas de novo uns fios brancos na barba e um titulo de barão accrescentado ao seu nome. E acolhemol-o alegremente como um compatriota espirituoso e intelligente, da mesma fôrma que lá o acolheram no Brazil como um patricio eminente e prestante. Aqui está, em dous traços, a physionomia desse homem illustre, cujo retrato apparece justificado por esses dous titulos, num jornal portuguez que se destina ao Brazil, desse homem sympathico, que soube conquistar o privilegio de se repercutirem no hemispherio europeu as palmas com que o festejam na America, e de terem ecos promptamente nas margens do Amazonas os applausos com que o mimoseamos nas nossas margens do Tejo.—

José Coelho da Gama Abreu nasceu no Pará, a 12 de Abril de 1832, sendo filho de um distincto official da marinha portugueza que, tendo passado para a arma de artilharia, foi nomeado no Brazil, onde estava, para fazer parte duma commissão de limites. Tendo adherido á causa da independencia brasileira, fixou-se no Pará, onde casou. Se queria passar descançado o resto da sua existencia, escolhia mal o sitio, porque o Pará foi a Provincia do Brazil mais dilacerada pelas revoltas que agitaram o grande imperio durante a menoridade do soberano. A revolução de 1835 marca o periodo crudelissimo para a familia Gama Abreu. Muitos dos seus parentes morreram victimas da revolta, e seu pae refugiou-se com elle e com o resto da familia em Portugal, onde Gama Abreu, passou assim quasi toda a infancia e grande parte da adolescencia, preparando-se para entrar na universidade de Coimbra. Mas, quando ia matricular-se, veio saltal-o uma doença, que os medicos portuguezes entenderam só podia curar-se na terra natal. Aos 14 annos voltou para o Pará, onde seu pae já estava tratando de reconstituir os seus haveres. Effectivamente, a influencia do clima natal, e ainda mais a vida de sertanejo que levou por algum tempo, caçando nas margens do Amazonas, robusteceram-no por tal fôrma, que pôde voltar aos 17 annos para Coimbra, onde cursou brilhante e simultaneamente as faculdades de philosophia e de mathematica, sendo frequentemente premiado. Viagens pela Europa durante as férias acabaram de consolidar a sua saude e de completar a sua educação, de fôrma que em 1855 voltou para o Pará, formado em duas faculdades, e apto para a luta da vida, physica e intellectual.

Os meios que possuia já o habilitavam a viver dos seus rendimentos; mas, odiando a ociosidade, lecionou mathematica no Lyceo, até que o nomearam Director das Obras Publicas da Provincia. O seu mandato não foi esteril, e entre outras obras deve-se-lhe o excellente edificio onde funciona a Camara Municipal de Belém e a Assembléa Provincial do Pará.

O seu nome estava-se impondo á opinão publica, e não tardou que fosse eleito deputado provincial. Lançado assim na vida publica, logo se alistou nas fileiras do partido liberal, a cujas idéas se mostrou constantemente devotado.

No anno de 1857 casou, e foi nomeado tenente-coronel da guarda nacional. Do casamento ficaram-lhe cinco filhos.

Em 1861 foi á Europa, e, devorado por um invencivel desejo de ver e de saber, foi até ao Oriente, apoeilhou como Lamartine e Chateaubriand deante de Jerusalem, nessa terra sagrada embebida no sangue de Christo.

Visitou o Bosphoro e deleitou-se com a magnificencia daquelle panorama encantador e continuaria entao as suas viagens, se o não chamasse ao Pará a necessidade de entrar na vida politica mais ampla e mais conforme com as suas legitimas aspirações.

Eleito deputado á Assembléa Geral, fazia logo a sua estrêa de orador e adquiria importancia bastante para ser nomeado Presidente da Provincia do Amazonas, presidencia difficilissima por ser a Provincia nova, e estar ali a civilização ainda no seu periodo embryonario, existindo ali vastissimos recursos por explorar, e poucos já realizados.

Durou dous annos a fecunda administração do futuro Barão de Marajó, que, além de se esmerar em desenvolver a Província, ás vezes com sacrificios pessoais, deu tambem provas de uma verdadeira coragem cívica, cohibindo energicamente os abusos da administração financeira e resistindo ás ordens do governo, que o queria obrigar a intervir com a pressão de sua auctoridade em uma eleição de deputado. O governo declarou-lhe, em presença da sua recusa, que o ia transferir para Goyaz. Gama Abreu foi mais adeante, não aceitou a transferencia, deu a sua demissão, voltou a occupar o seu logar na Camara, e ali verberou energicamente o governo, com o prestigio e com a auctoridade moral, que lhe resultara da sua attitude nobre, independente e liberal.

Voltou então ao Pará, onde não encontrara já sua esposa, que dous annos antes fallecera, e, tomando a penna de jornalista, entrara em uma nova e tremenda luta. Saindo em 1870 para o velho mundo, foi visitar de novo o Oriente.

Dessa vez subiu tambem o *bello Danubio azul* da melodia moderna, e a narrativa da sua viagem, escripta por elle em boa linguagem e excellente estylo, em um livro intitulado *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danubio*, é um dos mais interessantes livros modernos de viagens, e mereceu justamente que Caldas Aulete lhe arrancasse algumas paginas para as inserir na sua *Selecta*.

Em Portugal vivia agora, deleitando-se na vida intima da familia, e na convivencia dos seus amigos, amando como nós, este pobre torrão occidental, amando-o talvez mais do que nós, porque não o escolhe para alvo de gracejos estrangeirados, mas não se esquecendo de que é brasileiro, e acudindo sempre em defeza dos direitos e regalias de sua patria.

De volta de sua viagem, residiu largos annos em Lisboa, onde todos o estimavam, onde a Associação Commercial elegeu-o seu socio benemerito e o primeiro dessa categoria que ali houve, até que em 1878 regressou ao Brazil para exercer o logar de Presidente da Província do Pará. No principio deste artigo nos referimos a esse periodo brilhante da sua carreira administrativa, e os serviços por elle prestados reconheceu-os o Imperador, conferindo-lhe o titulo de Barão de Marajó.

Em 1882 regressou para Portugal com os seus filhos, deliberado a abandonar a vida politica. Deu provas disso escrevendo energicamente contra as pretensões francezas no Amazonas, que foram uma das manifestações do prurido colonial de que se acha possuida a grande nação.

Tal a vida, não longa mas cheia de serviços, deste homem sympathico e illustre que o Brazil se orgulha de ter tido por filho e Portugal por hospede, mas hospede que faz parte da familia.

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA

(BISPO DO PARÁ E ARCEBISPO DA BAHIA)

O SOLIO paraense foi iluminado, durante quasi meio século, pela fulgurante sabedoria de um dos maiores prelados da Igreja Catholica.

Das terras altas do Maragóipe, na Bahia, aquella grande aguiça desferiu o voo para as plagas da Amazonia, cuja vastissima superficie tão bem combinava com a sua superioridade de vista.

Como Francisco Caldeira Castello Branco, o fundador de Belém, d. Antonio de Macedo Costa foi o iniciador hegemónico da intellectualidade paraense.

Educado em S. Sulpicio, em Paris, moço, desde logo, o sábio prelado, o seu descortino genial nos mais variados conhecimentos humanos. Escrevia com elegancia e o fôra em vernaculo parisiense. Orador da mais vasta erudição arrebatadora, poeta da mais graciosa inspiração, moralista, mestre do mais meticulous carinho para os discipulos, estheta primoroso, musicista entusiasta, elle alcançava sempre o primeiro lugar, todas as vezes que a sua palavra ou o seu gesto concuria a qualquer manifestação publica.

O reitor de S. Sulpicio, sendo interpellado por um visitante, sobre quaes fôram as maiores intellectualidades, que estudaram naquella conceituada casa de educação mundial, responde-lhe: «Depois que por aqui passaram Dupanloup e Pitt, passou Macedo Costa». O velho sacerdote esquece, naquella pequena lista de sabios, o nome de Ernesto Renan, cujas idéas tanto contrariaram o ensino recebido naquelle santuario, exprimindo: «Não commungo n'as suas idéas; mas o homem q' se escreveu o *Direito contra o Direito*, garantiu a sua própria immortalidade».

As obras litterarias e scientificas de Macedo Costa são innumeras e de captivante leitura. A tribuna sagrada no Pará, depois de Antonio Vieira, nunca recebeu maior brilho, nem alcançou mais destacada altura. «Elle attingia a sublimidade, disse um dos seus criticos, quanto mais o contrariavam nas suas idéas». Poeta, deixou versos de um patriotismo inimitavel, cantando o Brazil na grandiosidade fulgente da sua natureza, descrevendo os aspectos gratiosos da Amazonia, que elle amou até ao derradeiro momento da sua vida, fazendo-se soldado da inspiração, contra a menor ameaça à integridade da patria:

«Mas se tens nobres bríos
Alguem quiser manchar,
Por ti, patria querida,
A vida quero dar.»

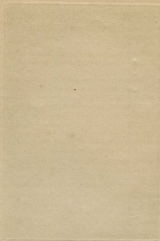
Camillo Castello Branco, em uma assembléa de intellectuaes em Lisboa, fallando do Bispo do Pará, assim se dade, e, não contente com isto, enviava á sua custa, para a Europa, alumnos do seminario que se distinguiam pelo seu aproveitamento.

É impossivel fazer um estudo completo da vida do grande prelado em livro que pede artigos resumidos. Mas, ainda assim, salientamos a sua solicitude na protecção ao proletariado, concorrendo para a solução dessa questão social, fundando com grandes sacrificios o *Instituto Providencia*, á Estrada de F. de Bragança, primeiro e mais completo lyceu de artes e officios, que funcionou, muito frequentado, durante o seu episcopado.

A concepção dos indios foi uma das suas mais constantes preocupações, e della surgiu a genial concepção do castrotopio, o navio-igreja, sulcando os rios da Amazonia e levando o doutrinoamento e a civilização aos povos selvagens, entregues ao embrutecimento nesta região, tão rica, tão feraz e a mais abundante de rios, que são possantes cursos d'agua, banhando terras fertilissimas. E essa concepção, que não pòde elle realizar, um outro povo a aproveitou e della auferiu os beneficios esperados.

D. Antonio de Macedo Costa guarda, na doçura do seu sorriso e na altivez da sua cabeça principesca, a convergencia de todas as homenagens do povo paraense, exuberantemente potenteadas quando foi da sua injusta prisão, na malfadada questão religiosa, que o levou a fazer-se professor de mimemo, qual Dionysio de Syracusa, na ilha das Cobreas, para onde o lançou a sentença do Tribunal de Justiça monarchico, feliemente annullada mais tarde por acto espontaneo da Regente, Princeza D. Isabel, que o restituia triumphante ao seu rebanho querido, de onde somente se apartou, para ir arribalhar e dar realce á mitra archiepiscopal da Bahia, unica então no Imperio Brasileiro. E podemos diel-o, com orgulho, que, depois de D. Romualdo de Seixas, o amateense sabio, nenhum havia mais digno, sem desdusar outros, do que D. Antonio, para representar a mais alta hierarchia religiosa do Brazil, elle que no concilio do Vaticano representára papel saliente, e que pela sua elevada eloquencia, na tribuna sagrada, era cognominado o «Chrysostomo Brasileiro». — *Ignacio Moura, Hygino Amanoajás.*





Genio da Liberdade

Genio da Liberdade, ó genio americano,
luz de povos oprimidos, sol republicano;

tu, que atravez do mar, guiaste o genovez,
e as aguas dividiste ao povo de Moysés;

tu, que fazes tremer Tarquínios dissolutos,
se mandas trovejar na praça a voz dos Brutos;

tu, que foste na Grecia um salutar phanal,
e que em Roma tiveste um raio em Juvenal,

destruiste a Bastilha, — essa vergonha humana —
mostrando que, contigo, a plebe é soberana;

nas mattas a rugir com vingadora voz,
tu tornaste Juarez em um leão feroz.

Foste tu, que, inspirando a Bolivar tambem,
o jugo castelhano atiras para além.

Washington quem foi, fundando um grande povo?
Foste tu, Liberdade, oh luz do Mundo Novo!

Uns são, por ti, — *heróes*; outros — *inconfidentes*;
por ti, vae Pedro ao throno, e á força o Tiradentes.

Sô nestá terra tens de victimas milhares;
pois foste o nosso sonho — oh! sonho das *Palmares*!

Mas hoje o peito meu de jubilo é repleto,
porque, enfim, este sonho está real, completo.

Não mais tyranno aqui, não mais sceptro e corôa.
esta palavra — *igual* — já não se diz atôa.

Saudemos, pois, ó Musa, ao *Povo Brasileiro*
no dia em que, feliz, o enthusiasmo o invade ...
no dia em que deixou de ser o derradeiro
na terra americana...

Oh! Salve, LIBERDADE!

Juvenal Tavares.

LUIZ DEMETRIO JUVENAL TAVARES nasceu em Cametá, neste Estado, em 1830 e falleceu em 1868. Poeta e jornalista, republicano e ardente phalangiarão da abolição, humorista, o nosso biographado hauriu até á ultima gotta o fêl das decepções na luta pelos seus ideaes. Morreu pobre, numa terrivel apathia pela vida, após o seu brilhante tirocinio no jornalismo, no qual deixou um estellario de bellas obras, cada qual mais empolgante, cada qual mais bella.

Evolução da escola primaria no Pará

I

REGIMEN COLONIAL

Os jesuitas foram os primeiros que abriram aulas para ensinar e educar no mundo descoberto por Pedro Alvares Cabral.

O Pará colonia, após a fundação de Belém, teve a sua primeira phase de instrução sob os cuidados e dedicação dos frades Carmelitas, dos capuchos mercenários, dos jesuitas, dos religiosos da Conceição da Beira e Minho, dos da Piedade: Francisco Gonçalves, Manoel Nunes, José Lopes, Francisco Ribeiro, Jodoco Peres, Domingos da Cruz, José Vidi-gal, João Carlos, Bento de Oliveira, Gabriel Malagrida (*) e outros, que primeiro illumi-naram a terra paraense, ministrando, com todo o zelo, a educação e ensino.

Eles crearam as primeiras escolas primarias, e dedicada e pacientemente ensinavam não só os filhos dos companheiros e dos soldados do capitão-mór Francisco Caldeira Cas-tello Branco, como tambem os índios de todas as idades, fazendo estes adorar a Deus, balbuciar a custo os vocabulos da lingua portugueza, incutindo-lhes os mais rudimentares preceitos da moral social.

Depois, já não era só o frade que ministrava o sacrosanto baptismo da luz; era tam-bem o colono meio instruido alvorado em mestre escola. A metropole raras vezes inter-veiu no ensino publico da capitania e algumas vezes o fez com funestos resultados como aconteceu com a provisão de 12 de Outubro de 1727, que veio determinar restricções sobre o ensino ministrado pelos missionarios.

Na Vigia, no seculo XVII, diz Milliet Saint Adolphe, no seu *Dictionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil*, traduzido em portuguez do manuscrito inédito francez em 1845, pelo dr. Caetano Lopes de Moura, fizeram os padres da Companhia da Jesus escolha de um sitio aprazivel nas margens do rio Guajará, tributario do das Ame-zonas, e fundaram nelle um collegio, a que puzeram o nome «São Jorge dos Alamos».

Os frades das Mercês fundaram tambem naquellas adjacencias uma casa conventual, e ambos estes estabelecimentos foram em breve cercados de moradores índios, convidados pela bondade com que os padres os acolhiam, e de portuguezes que ali iam traficar.

Ainda na mesma villa, 1730, o padre José Lopes, provincial da Companhia de Jesus, requereu permissão, que lhe foi concedida pela provisão, com valor da carta régia, de 11 de Maio de 1731, realizada em 1732 pelo 1.º bispo, Dom Frei Bartholomeu do Pilar, para edificar uma casa para sua residencia e de seus companheiros, e no terreno que en-tão lhe foi concedido pela Camara Municipal, com sessenta e quatro braças em quadra e fazendo frente para as ruas das Flores e Nazareth e travessas Solimões e Tujal, foi con-struido o predio que descrevia, onde fundou o «Collegio da Mãe de Deus», para o ensino das primeiras letras, latim, philosophia, moral e matheas indispensaveis ao curso ecclesi-as-tico, possuindo o collegio valiosa bibliotheca, que depois passou para o Seminario da Ca-pital, para doação perpetua, após a expulsão dos jesuitas.

Tambem os frades carmelitas tiveram uma egreja e casa de ensino na Vigia, á rua do Carmo, em frente ao mar e os mercenarios a pedido da Camara e do povo, igual-mente construíram um hospicio, em 1733, onde ensinavam ás crianças a leitura, escripta e as quatro operações da arithmetica.

O jesuita Gabriel Malagrida auxiliou estes feitos valiosissimos, fundando em Be-lém, á rua do Açougue, depois da Industria e hoje Gaspar Vianna, em 1745, um semi-nario particular, que infelizmente tres annos depois foi extincto.

(*) Voltare, ao receber a noticia da execução de Gabriel Malagrida, escreveu estas palavras:—
«O exceto do ridiculo não se ao exceto da criminalidade».

Em 1753, o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, um dos mais distinctos administradores do Pará-Colônia, creou em Ourém uma escola primaria da lingua portugueza.

Em 1758, Portugal, não obstante a escassez do ensino primario, cercceou-lhe os principaes elementos de que dispunha: o aviso de 5 de Fevereiro desse anno chamou à metropole os religiosos da Piedade, e o de 12 de Abril ainda do mesmo anno ordenou que os religiosos da Beira e Minho se recolhessem ao Maranhão.

Para complemento desta ordem prejudicial ao ensino publico e à escola primaria da Colônia, a lei do celebre ministro Marquez de Pombal de 3 de Setembro de 1759 expulsou de Portugal e dos seus dominios os jesuitas, que abandonaram o Pará em consequencia de tão injusta determinação.

Desertos os conventos de S. Boaventura, S. José e S. Alexandre, despovoados os seus claustros, privados de missionarios muitas aldeias de indios e localidades do interior, a escola primaria principalmente soffreu um grande abalo.

Pela carta regia de 11 de Junho 1761, o governo portuguez, reconhecendo a lacuna deixada pelos missionarios, procurou preencher-a, mandando estabelecer um collegio secular no hospicio que os religiosos da Piedade haviam deixado em Gurupá, bem como um outro no convento dos jesuitas em Belém; mas a matricula de frequencia, tanto num como noutro collegio, foi completamente nulla.

Posteriormente, por outra carta regia o governo portuguez mandou que a instrucção nos conventos fosse gratuita, e que se fundassem escolas primarias precisas. Essa providencia, porém, de nada serviu.

Em 1788, Dom Frei Caetano Brantão, 6.^o bispo da diocese paraense, teve a idéa de instituir um estabelecimento para educação de meninas orphãs e desvalidas, e, esmolando de casa em casa, pregando por toda parte a utilidade dessa instituição, logrou reunir seis mil cruzados, e, por doação, houve um terreno, à beira-mar, proximo ao Arsenal de Marinha, onde estabeleceu o asylo, que ficou condemnado ao estiolamento, por falta de patriotismo e rendimentos, e pela partida de Frei Caetano para o arcebispado de Braga.

Em 1794 foi imposto aos frades mercenarios o mesmo castigo infligido aos religiosos da Beira e Minho e aos capuchos da Piedade: — partiram elles para o Maranhão, sendo seus bens sequestrados.

Com a retirada dos mercenarios, effechou-se a derradeira e escassa fonte onde a infancia podia beber algum ensino; pois, o colono meio instruido, alvorado em mestre escola só apenas conseguia afugentar e embrutecer a mocidade.

Em virtude do aviso de 15 de Abril de 1799, o governador Francisco de Souza Coutinho regulamentou o ensino publico da capitania, sendo a sua reforma approvada pela carta régia de Fevereiro de 1800.

Por esta reforma, passou Belém a ter duas escolas primarias e o interior treze escolas: em Barcellos, Oeiras, Cametá, Monsarás, Vigia, Melgaço, Macapá, Cintra, Marajó, Santarém, Monte-Alegre, Gurupá e Bragança.

Em 10 de junho 1804, o piedoso e desvelado bispo dom Manoel de Almeida Carvalho, 7.^o pastor paraense, inaugurou, com recursos de esmolas, um recolhimento para educação das meninas gentias, com a denominação de «Recolhimento das Educandas» em uma casa de aluguel, pertencente ao Seminario Ecclesiastico.

Esta humilde casa de educandas deu origem ao Collegio de Nossa Senhora do Amparo.

Em 1818, o Conde de Villa Flor, então governador, espirito lucido, emprehendeu combater, com o seu prestigio official a apathia do povo pela causa do ensino; mas intelligentemente não chegou a colher os resultados que esperava, pois, em julho de 1820 retirou-se para o Rio de Janeiro.

Depois seguiram-se os tempos agitados da propaganda das idéas emancipadoras, veio a independencia e a proclamação da adhesão do Pará, e quando parecia despontar uma nova era de prosperidade para o seu progresso intellectual, surgem os tumultos politicos, a cabanagem, e o solo paraense banha-se no sangue da guerra civil.

Fernão Cardoso.

Documento Precioso

O MANUSCRIPTO MAIS ANTIGO DO ARCHIVO PUBLICO DO PARÁ



COMO é sabido, numa viagem que, em fevereiro de 1725, emprendeu de Belém a São Luiz do Maranhão, o secretario da capitania do Gram-Pará, José Duarte Cardoso, naufragou na bahia de Japerica.

Nesta viagem levára elle consigo todo o archivo da secretaria, perdendo-se no naufragio todas as, primeiras e segundas vias das peças de que o mesmo se compunha, sendo bem poucas as que vieram ter à praia.

O Governador João Maia da Gama, da capitania do Pará e Maranhão, em Setembro do mesmo anno representou ao Governo da Metropole, historizando o facto, e pedindo ao Governo de S. M. que fôsem transmittidas novamente à capitania outras vias, em duplicata, das peças perdidas, afim de ficar uma aqui e ir a outra para o Maranhão.

Em 3 de Outubro de 1726, foi recebida uma Carta Régia, em resposta ao pedido do Governador, na qual D. João extranhou o procedimento do secretario por ter conduzido consigo todas as duplicatas dos documentos do archivo, e notificou-lhe que, para attender o pedido, devia-lhe ser declarado quaes os documentos que não tinham sido salvos, e recommendou que dessa data em diante fossem registrados todos os documentos que dêssem entrada na secretaria da Capitania.

E nisto ficou, dando em resultado a pobreza que existe de documentos da historia do Pará, de 1616 a 1700, na 1.^a secção (1681—1840) de manuscriptos do nosso Archivo Publico, ao ponto de ignorar-se até a data mais gloriosa para nós paraenses: — a da fundação de Belém.

Devido a essa imprevidencia do secretario José Duarte Cardoso, aquella secção do nosso archivo conta com um unico documento manuscripto do seculo 17.^o, da fundação da nossa capital.

Esse documento, que data de 1681 é uma «Representação que Manoel Gonçalves Luiz, procurador do Conselho, endereçou ao Senado da Camara do Pará, sobre a necessidade de se fazer o resgate de indios como escravos, afim de não só evitar que elles se aliassem aos estrangeiros que infestavam o Cabo do Norte e o Amazonas, mas também poderem os moradores, com os serviços delles, cultivar as terras e aproveitar as drogas do paiz».

Tal documento consta do registro da seguinte certidão passada a 6 de Agosto de 1681 por Manoel de Souza Porto e Lourenço de Lira, tabelliães

do publico — e notas da cidade de Belém do Gram-Pará: — «Manoel de Souza Porto e Lourenço de Lira, tabelliões publico do judicial e notas desta cidade de Belém, Capitania-mór do gram-Pará eseus termos, etc. Certificamos e fazemos fêe ser osignal ao Pêe do Requerimento dos ytens atraz de Manoel gonçalves Luiz Procurador do Senado da Camara, e bemasim os signaes daordem a trás serem dos officiaes do dito Senado como tambem os demais signaes atraz da concordata serem das Proprias Pessoas nellas contehudas danobresa desta cidade emoradores nella edosditos signais levarem cada hum defseco e de outra na conformidade de que passamos apresente por assignada em Publico e Rraso. Bellem quinze de setembro deseis centos outenta e hum, em testemunho de verdade lugar do publico. Por mim tabellião Manoel de Souza Porto ».

Tomando conhecimento da Representação, o Senado da Camara de Belém exarou nella este despacho:

« Visto o requerimento do Procurador deste Senado com os ytens nelle declarados se concordou se chamace toda anobresa ecidadoens para que emjunta geral declararem sede tudo O conteudo nos ytens é verdade para assim se Representar aSua Alteza que deosguarde Belém em Camara 6 de Agosto do an de mil eseis cento e oitenta ehum. Moraes. Mattos. Cama. fialho Roxo. Luiz ».

Em virtude do despacho acima, os cidadãos reuniram na Camara, e firmaram este documento:

« Nós os cidadãoes desta cidade de Bellem Capitania do Pará, Certificamos queo conteudo dos ytens asima esCritos estão naverdade easim oaffirmamos em Camara treze de Agosto deseis centos oitenta e hum. (assignados) Joã de Betancor Monis, Joam Rodrigues Palheta, Manoel Cordeiro Jardim, Hillario de Souza. Lucas de França, Antonio P. de Mendonça, Jeronymo Correa de Sá, Guilherme Mattos, João Valente de Oliveira, Marcos Betancor Muniz, Francisco Fernandes, Francisco Martins de Bragua, Alexandre da Cunha de Mello, Antonio Guerreiro Ribeiro, Pedro da Silva, João Seixas Borges, Manoel Sueiro Lobato, Francisco da Motta Falcão, Pedro Mendes Thomaz, Geraldo Pereira, Antonio de Lima Mendes, Antonio Moyo Bulhões, João Pereira Seixas, Manoel de Souza Porto e Lourenço de Lima Bulhões.»

Na capa do documento está escripto: « 1681. Itens Justificados pelos cidadãos epelos Religiosos de Santo Antonio sobre Indios ».

E mais abaixo encontra-se o resumo que damos, entre aspas, linhas acima, feito pelo punho e por elle assignado, de Domingo S. Ferreira Penna, em 16 de Setembro de 1863, oito annos antes d'elle exercer o cargo de director da Bibliotheca, que desempenhou de 14 de Abril de 1871 a 27 de Julho de 1872.

Finalmente, o precioso documento que conta 235 annos de existencia, está no volume de « Missellanea » de 1681—1801.

Curvo-me, reverente, ante tão conspicuo « ancião ».

Uchôa Nogueira.

PONTOS PEDAGOGICOS



Em todas as conquistas do século XIX sobre os que o precederam, a mais valiosa é a da instrução, porque della dependem todas as outras.

Liberdade de ensino, liberdade de consciencia, liberdade civil, liberdade politica são aquisições que um povo effectua, à proporção que se adianta na profissão do ensino.

A instrução do povo ameniza os costumes, suaviza o trabalho, semente a ordem, a virtude, a moralidade; apavóra o crime e diminhe consideravelmente a miseria. *Onde se abre uma escola, fecha-se uma cadeia*: hyperbole arrojada com que um moderno pensador exaggerou as vantagens da propagação do ensino.

Por qualquer lado que se encare a missão de um povo, o primeiro elemento de progresso que se lhe exige é a diffusão dos conhecimentos elementares. Nas sociedades antigas em que o homem era objecto de exploração, para o homem a instrução não passava de um ornamento de luxo, um virus social que distinguia, ás vezes, o nobre do plebeu, o rico do desgraçado; mas nas sociedades modernas, em que a lei do amor tornou o homem semelhante ao homem, a instrução é um direito de todos, porque sujeitos a differentes encargos sociais, só pela instrução se collocam na posição de comprehender seus direitos e satisfazer plenamente seus deveres. Por tanto, bem merecem da humanidade todos os que se empenham em resolver os mais arduos problemas que a actualidade estuda no louvavel intuito de melhorar os povos, melhorando e propagando a instrução primaria.

Companheiro dedicado, ainda que fraco, desta empreza monumental, acendo ao chamado da illustre Corporação que nesta Provincia tanto se empenha para traduzir em proveitosos factos os mais adiantados ideaes sobre este assumpto; venho offerecer-lhe o contingente das minhas pouco aproveitadas lucubrações, e cumprindo o meu dever, satisfaço uma das minhas mais gratas aspirações — a de concorrer, na razão das minhas forças, para o progresso do ensino primario tão abandonado em tempos idos, não obstante ser elle a base de toda a sciencia.

Um dos missionarios desta propaganda da instrução primaria, a que chama a grande questão do genero humano, encarecendo-lhe a importancia, delineou-a nestas sinceras phrases: — «Disse ao genio do homem o espirito do Creador: Ah! tens o mundo sob o vosso dominio, a terra, as aguas, o ar. Cada sciencia é um segredo do grande segredo universal; mas descobri-o vós, ó genero humano, descobri-o e applicai-o. Dou-vos por encargo o combate e por armas a intelligencia. Das trevas caminhai para a luz. Todos podeis ser tudo, inscrevendo-o, porque não crio homens, crio a humanidade.» (1)

AS QUALIDADES NECESSARIAS AO PROFESSOR PODEM SER ADQUIRIDAS PELA EDUCACÃO ?

«La carrière de l'enseignement réclame une autre chose que ces manifestations éphémères, que ces fonds du cœur qui poussent plus ou moins chacun de nous vers l'enfance, c'est une carrière à part. Il faut des aptitudes spéciales: l'amour de la jeunesse, » de la retraite et de l'étude éprouvé (2)

(1) D. Antonio Costa — Inst. Nac.

(2) L. Duront — Conférences de pédagogie.

O professorado é um sacerdocio, um apostolado todo de abnegação, de desinteresse e de amor da humanidade; necessita de uma vocação especial que o muito estudo, a boa vontade, o desejo ardente de bem cumprir os proprios deveres não podem dar.

Qualidades existem, communs a muitas profissões, que uma esmerada educação pode transmitir ao individuo.

A educação faz fallar as aves e dançar as feras, não o contestamos. Usando das faculdades com que o dotou a natureza, pode o homem distinguir-se pela aquisição de nobres qualidades e acrysoladas virtudes; mas nem tudo se consegue do estudo. Ha um *que de divino*, uma predestinação com que a Providencia marca seus escolhidos.

Na vida pratica encontramos a demonstração desta verdade. Tomamos um grupo de mancebos da mesma descendencia, educados conjuntamente, instruidos pelos mesmos preceptores, imbuidos dos mesmos principios; tomarão na vida rumos diversos. Um, aprofundando as sciencias exactas, rivalizará com os mais adiantados mathematicos; outro se entregará ao estudo das sciencias naturaes; este procurará nas lucubrações philosophicas um entretenimento a seu espirito; aquelle concentrará suas faculdades no estudo do dogma, da Theologia; outro se dedicará ao ensino e todos se tornarão distinctos na carreira que abraçarem.

Onde existe o segredo de tal resultado? Na vocação unicamente? Um dos males do nosso paiz é a negligencia em consultal-a. Torcer a vocação de um mancebo, desviar-o da profissão para que se sente com forças, é preparar uma mediocridade, é tornar mesquinha uma intelligencia que seria colosso, se houvesse seguido o pendor de seus instinctos.

O professorado está sob a influencia dessa lei natural; sem a vocação não pôde produzir grandes resultados.

A modestia, a prudencia, a delicadeza, o amor do estudo, a firmeza de caracter, a paciencia e outras muitas qualidades pôde um mancebo que se dedica ao magisterio adquirir pela educação e fortifica-las pela instrucção; mas, diz Mariotti, *il fant des aptitudes spéciales*; e estas só a natureza concede a seus escolhidos.

Ha, portanto, qualidades necessarias ao professor, que a educação não pôde dar.

Enumeremos algumas dessas.

Vocação.—Ter vocação, diz Charbonneau, tratando do professorado, *é haver recebido lá de cima uma aptidão natural para as funções deste cargo*. O estudo e a educação podem desenvolver a vocação, torna-la capaz deprehender com vantagem os deveres da profissão; mas sem ella existir, não ha applicação sufficiente para creal-a.

O amor da infancia.—Todos amam a puericia, todos olham com extremos para essa idade adoravel que os mais não tem ainda polluido; mas, em geral, poucos são os que lhe supportam as impertinencias; só o professor tem amor bastante, amor inquebrantavel para educar alegrando, para extirpar os meios e os defeitos a que está sujeita a natureza humana.

Todos os paes amam seus filhos; rarissimos, porém, são os que se propõem e conseguem instrui-los; porque a natureza concedendo-lhes o instincto do amor da prole, negou-lhes o verdadeiro amor á infancia. Ha pais de familia instruidos, homens de bons sentimentos, a quem a menor leviandade de uma creança exaspera; não é raro ouvir-se-lhes, ao reprehender o filho — *se não te corriges, mando-te para a escola*. Essa ameaça contém a confissão de uma verdade — é que só o professor sabe amar a infancia, porque nos defeitos da creança encontra meios de executar o amor que lhe tem, esforçando-se para extingui-los.

QUALES AS RASÕES PORQUE O METHODO RECREATIVO OU DE EMULAÇÃO DE GAUTHIER É HOJE GERALMENTE EMPREGADO NO ENSINO DAS CREANÇAS DE POUCA IDADE. ?

A grande difficuldade de um professor no ensino dos alumnos de pouca idade consiste em vencer o tedio que a monotonia dos exercicios escolares causa ás creanças, cujo prazer é brincar, fallar e correr. Condemnar á inacção no banco ou a um exercicio monotono e demorado um menino de cinco annos, é infligir-lhe um castigo que o faz desgostar da escola.

Os mais notáveis educadores reconheceram sempre esse inconveniente e procuraram vencê-lo; ao immortal Gauthier, porém, é que estava reservada essa gloria, aperfeiçoando os melhores principios de Pestalozzi e introduzindo no ensino a veriedade e a distracção. *Instruir divertindo* é o principio, a base de todo o methodo de Gauthier.

A grande pericia do professor que applica este methodo, é tornar sempre novos e attrativos os trabalhos escolares, já inventando divertimentos em que a instrucção tenha parte, já apropriando-se de quadro interessante, já distribuindo pequenas recompensas que possam chamar a attenção do menino.

A creança naturalmente é propensa para todo o que lhe fêre agradavelmente os sentidos, para as distracções variadas; a própria repetição do mesmo divertimento produz sensaborias para ella.

E' facto averiguado ver o menino depois de algumas horas de posse do brinquedo abandonar, esquecer inteiramente o brinco pelo qual tanto se havia interessado. *

Se a variedade deleita o homem, muito mais deleita a creança que se compraz com espectaculos sempre novos.

Os *Jardins da infancia*, criação do illustre Froebel, fallam bem alto em favor do methodo de Gauthier no ensino da puericia, e demonstram por factos o que seria difficil ás mais bellas theorias.

Seria para desejar que na nossa Provincia se iniciasse escolas especiaes por esse methodo; nas actuaes, onde os professores são obrigados a ensinar menores de mais de doze annos, o methodo de Gauthier, se não é inteiramente impraticavel, perde grande parte da sua importancia, visto que não é possível entreter com frivolidades infantis, meninos, cuja idade já reclama reflexão e exercicios mais serios.

A emulação, o desejo de sobresair, de conquistar, a custo de pequeninos trabalhos os elogios, as recompensas do professor são um poderoso incentivo para conseguir grandes cousas dos meninos de qualquer idade.

Quando outra vantagem não encontrassemos no methodo de Gauthier, o principio da emulação introduzido por elle no ensino, já era por si um importante melhoramento, principio vivificante e moralizador, pois dispensa os barbaros castigos d'outr'ora, firma a confiança do alumno no professor, estabelece um certamen glorioso entre as creanças, faz merecer no espirito infantil a aspiração de grandes commetimentos.

Acostumar um menino a adquirir por suas proprias forças e com o seu trabalho pequenas victorias escolares, é ensinal-o a conhecer o valor da perseverança e do trabalho e a marchar confiado na senda do futuro.

A instrucção e o estímulo são, portanto, as melhores vantagens do methodo de Gauthier nos trabalhos escolares.

PODE O MODO INDIVIDUAL SER EMPREGADO NO ENSINO, E QUAES AS VANTAGENS E INCONVENIENTES ?

O modo individual, quando se trata de ensino publico, encontra poucos partidarios. Não ha rendas possíveis para remunerar o immenso pessoal que demanda o magisterio sujeito a esse modo.

Chama-se individual aquelle modo de ensino em que cada alumno recebe a lição do proprio mestre.

Avalie-se por ahi a impossibilidade de admittir-o nas escolas publicas.

As vantagens que apresenta no ensino de uma creança são realmente maravilhosos.

Posto o alumno em relações directas com o mestre, em breve tempo adquire um grande adiantamento, pôde servir para o ensino no seio da familia; é, porém, impraticavel nas escolas officiaes. Seria o ideal dos modos, se os inconvenientes que apresenta não o tornassem nullo com estabelecimentos frequentados por mais de dez alumnos.

Pelo modo individual conhece o professor, sem muito estudo, a força de intelligencia de cada alumno, avalia o adiantamento d'elle, sabe as difficuldades com que mais luta, pôde recorrer aos mais profanos e accommodados ao caracter da creança; as lições são melhor aproveitadas; os costumes, as inclinações da creança são brevemente reconhecidas, a influencia do mestre torna-se muito mais consideravel.

Apesar de tantas vantagens, os inconvenientes do modo individual são taes, que os pedagogistas mais concentrados o põem á margem. Entre muitas difficuldades de tal modo apontaremos os seguintes :

Aumento de escolas — Cada turma de cinco ou dez alumnos exige um professor. Em uma Província, como a do Pará, cuja instrução primaria conta doze mil alumnos matriculados, faz-se preciso um corpo docente de mil e duzentos professores, dando um para dez alumnos, quando se pretender praticar o modo individual. Este argumento é decisivo para a condemnação d'elle.

Falta de emulação — O modo individual nullifica o mais importante principio do methodo de Gauthier — a ambição. Desde que as lições são individuaes, desaparece do animo o incentivo de sobresaltos; falta-lhe o meio mais efficaz de adiantamento — o desejo de occupar o primeiro logar na escola.

Perda de tempo — Gastava o professor vinte minutos com a lição de cada alumno, o que não é muito. Em uma escola frequentada por dez meninos, ha de durar tres horas e quarenta minutos cada aula, dando o alumno apenas uma lição.

Prejuizo da moralidade — Os alumnos entregues inteiramente a si, enquanto o professor se occupa com um, perturbarão o serviço, gastarão o tempo em completo ocio, enfadar-se-ão com a monotonia do trabalho.

Fadiga do mestre — Empregado attentamente em dar explicação, em fazer exercicios durante sete horas e 1/4, todos os dias, o professor terá em resultado a perda da saúde em breve tempo; necessitaria de pulmões especiaes para supportar a fadiga de um trabalho tão extenuante como o de leccionar.

Os inconvenientes apontados não compensam as vantagens do modo individual. Portanto, não é possível empregal-o exclusivamente nos estabelecimentos publicos regularmente frequentados.

Os alumnos analphabetos, até nas escolas do modo mixto, tem necessidade de ser leccionados pelo modo individual; e essa necessidade muitas vezes difficulta o regular andamento de uma escola.

A imperfeição do meu trabalho pôde accusar a pobreza intellectual do obreiro; mas a equidade dos meus julgadores achará attenuantes na boa vontade que me anima. Cametã, 12 de junho de 1882.

Raymundo Joaquim Martins

RAYMUNDO MARTINS, pae e mestre do nosso actual Governador, dr. Enéas Martins, exerceu o magisterio publico durante muitos annos; foi politico ardoroso, servindo como deputado provincial no antigo partido conservador, depois do qual começou a propaganda republicana.

Em 1890 foi eleito membro da Assembléa Constituinte do Pará, e em seguida presidente da Camara dos Deputados.

O trabalho que publicamos é completamente inédito.

Theatro da Paz

1869 — 1878 — 1915



COMPLETARAM-SE, em 15 de Fevereiro, trinta e sete annos da inauguração do nosso sumptuoso Theatro da Paz, que tomou o nome de Nossa Senhora da Paz, por indicação do saudoso bispo dessa diocese, Exm. Sr. D. Antonio de Macedo Costa. As suas obras foram iniciadas na administração do Exm. Sr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo, tendo sido lançada a primeira pedra em 3 de Março de 1869, em virtude da lei n. 574, de 15 de Outubro de 1868.

Em 30 de Abril de 1869, foi contractada a sua construcção com o sr. João Francisco Fernandes, que, depois de varias questões levantadas entre o governo da provincia e o constructor, por falta de observancia do contracto, foi o theatro recebido no dia 13 de Fevereiro de 1878, na administração do Exm. Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho, cumprindo notar que o edificio foi pelo empreiteiro dado por prompto em 12 de Janeiro de 1874, sendo que dahi em diante começaram as questões a que já alludimos.

A sua construcção custou aos cofres do thesouro provincial a importancia de 765:251\$281.

A inauguração do theatro realizou-se ás 8 horas da noite de 15 de Fevereiro de 1878, representando a companhia dramatica do actor brasileiro Vicente Pontes de Oliveira. O programma da solemnidade foi o seguinte :

A' chegada do Illm.^o Sr. presidente da Provincia, abriu-se a scena, na qual se achava o retrato de S. M. o Imperador.

A orchestra do theatro, auxiliada por quatro bandas marciaes, ao todo cento e cincoenta musicos, sob a regencia do maestro brasileiro L. Collás, executou o Hymno Nacional. Em seguida, a mesma grande orchestra executára uma brilhante marcha intitulada « Gram Pará », expressamente composta para o acto pelo referido maestro, e que foi muitissimo applaudida.

Finda esta parte do programma, o Sr. presidente levantou vivas a S. M. o Imperador D. Pedro II, á nação brasileira, á religião catholica e ao povo paraense !

Por sua vez o Sr. chefe de policia ergueu um viva ao presidente da Provincia.

Seguiu-se a representação do drama, original francez, de A. D'Ennery, em 5 actos e 8 quadros—« As duas orphãs », cujo desempenho correu magnificamente tendo-se salientado as actrizes Manuela Luci, Emilia Camara, Maria

Bahia, e o actor Xisto Bahia. A orchestra agradou geralmente, sendo muito applaudido o seu regente. O theatro regorgitava, pois em seu recinto contava-se mais de 1.100 pessoas, tendo terminado o espectáculo a uma hora da madrugada.

No mesmo mez de Fevereiro, dias depois da sua inauguração, o theatro passou a se denominar Theatro da Paz, o que confirma o seguinte officio :

« Palacio da Presidencia da Provincia do Pará, Belém 26 de Fevereiro de 1878.

Illm.^o Sr.—Declaro a V. S. em resposta ao seu officio desta data sob o n. 4, que approvo a deliberação do Conselho do Conservatorio Dramatico Paraense, de substituir o nome de Theatro de Nossa Senhora da Paz, pelo mais proprio e significativo de Theatro da Paz, sendo que ultimamente já esta presidencia tem officialmente dado essa denominação ao referido theatro.

Deus guarde V. S.—J. C. Bandeira de Mello Filho.

Sr. Dr. Augusto Thiago Pinto, Vice-presidente do Conservatorio Dramatico Paraense ».

Pela época do carnaval, a exemplo do que se fazia nas capitães europeas, resolveu o governo dar bailes carnavalescos no Theatro da Paz, e esta idéa foi posta em pratica no dia 24 de Fevereiro de 1878, na noite do qual deu-se o primeiro baile de mascaras nesse proprio provincial.

Encarregou-se dos bailes o mesmo empresario Vicente Pontes de Oliveira, mediante contracto com o governo, sendo a ultima dessas festas, nesse anno, a 5 de Março.

A companhia deu, de Fevereiro a Dezembro de 1878, nada menos de 126 espectaculos, sempre concorridos e animados. Dessa época para cá, tem sido o Theatro da Paz um sorvedouro terrivel e insaciavel dos dinheiros publicos, estando ali enterrada, como todos sabemos, uma fortuna fabulosa e colossal que dava para a construcção de outro theatro de luxo.

Ulysses Nobre.

ULYSSES NOBRE, irmão da distinctíssima virtuosa paraense Helena Nobre, pertence a uma familia de notáveis musicistas da Amazonia. É barítono de voz timbrada e firme, como sua irmã a tem de soprano melódico e do mais elevado registro em nossa terra.

Evolução da escola primaria no Pará

II

REGIMEN MONARCHICO

O NASCENTE imperio do Brazil veio encontrar o Pará numa phase bem critica, relativamente á instrucção publica.

Em 1832, Belém possuia 6 escolas primarias, e destas apenas duas funcionavam; as outras não tinham professores.

Em 1835, havia apenas duas escolas primarias, uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino, sendo a professora desta paga á razão de 640 réis cada alumna.

Em 1836, felizmente, dissipava-se a vida anormal da provincia. De 1837 a 1839, Belém possuia mais escolas primarias, e compondo-se a provincia de 44 villas, 61 povoações, 11 freguezias e 7 missões, já tinham escolas primarias: 24 villas, 3 povoações, 4 freguezias e 2 missões.

Em 1839, a lei n. 33 de 30 de setembro auctorizou a instituição de uma Escola Normal, a angariar na Córte do Imperio algum alumno habil da escola ali creada, ou mandar applicar-se nella algum paraense, que dêsse provas de capacidade ou applicação. Tambem auctorizou a mandar reimprimir o «Curso Normal» para os professores primarios de Mr. Degerando, já traduzido no Rio de Janeiro, para ser distribuido pelo professor da Escola Normal aos seus alumnos e a todos os professores de primeiras letras, tendo ficado revogada esta ultima auctorização pela lei n. 75 de 28 de setembro de 1840, que mandou comprar os exemplares, que fossem necessarios, da traducção do «Curso Normal de Degerando», naturalmente para o mesmo fim.

De 1841 em diante surgem, enfim, alguns professores leigos mais preparados e dedicados, novas escolas primarias creadas, e o dr. Bernardo de Souza Franco, depois Visconde de Souza Franco, então vice-presidente em exercicio, crêa o Lyceu Paraense que é o actual «Gymnasio Paes de Carvalho», em virtude da lei n. 97 de 28 de junho de 1841, que melhor regulou a instrucção primaria e secundaria, e instituiu o Conselho Superior da Instrucção, a qual teve o seu primeiro regimento a 15 de dezembro do mesmo anno.

Em 1845 existiam 42 escolas primarias, das quaes oito estavam vagas, e as mais regidas por 18 professores vitalicios e 16 interinos.

Em 1849 existiam 44 estando providas 38 para o sexo masculino com 977 alumnos e 3 para o feminino com 110 alumnas.

Do numero, então auctorizado por lei, só havia 2 vagas nas villas de Maués e de Barcellos.

Em 15 de agosto de 1851, o dr. Fausto Augusto de Aguiar, então presidente, em seu relatório á Assembléa Provincial, diz:—«Consultando-se os mappas vê-se, que 45 escolas de instrucção primaria tem sido creadas, sendo 40 para meninos e 5 para meninas, frequentadas apenas por 1.346 alumnos».

Nesse mesmo anno (1851), a promulgação da lei n. 285 de 2 de novembro deu ao governo da provincia toda a responsabilidade da manutenção do *Recolhimento das Educandas* que passou a denominar-se—Collegio de Nossa Senhora do Amparo, com o fim de recolher e educar meninas desvalidas; destas, as expostas ficaram a cargo da camara municipal de Belém e as pensionistas, cursando o ensino primario: doutrina christã, peveres moraes e religiosos, leitura, escripta, arithmetica até operações.

Em 29 de agosto de 1852, ainda dizia o mesmo presidente ao seu successor dr. José Joaquim da Cunha: «Existem na provincia 45 escolas publicas de ensino primario, sendo 40 para meninos e 5 para meninas; achando-se providas 22 com professores vitalicios e 23 interinamente. Como era de esperar, deu a Assembléa séria attenção a este objecto.

Adoptando as idéas, que sujeitei á sua illustrada consideração, organizou para o ensino primario a lei n. 203 de 27 de outubro do anno findo, na qual foram estabelecidas somente disposições capitais, sendo a presidencia incumbida de dar-lhes, em regulamento o necessario desenvolvimento, e pelo que toca á instrucção secundaria, foi tambem pela mesma lei conferida á presidencia ampla auctorização para reformar o Lyceu e as aulas avulsas.

As escolas de meninos foram divididas em duas classes—inferior e superior,—sendo as da ultima destinadas, pelo maior desenvolvimento que nellas tem o ensino, ás localidades mais populosas e importantes.

Nas da classe inferior são ensinadas as seguintes materias: Leitura, escripta, arithmetica até proporções, grammatica e orthographia, noções dos deveres moraes e religiosos; e nas da classe superior, além destas materias, as seguintes: arithmetica com applicação ao commercio, grammatica pratica, noções geraes de historia e geographia do Brazil.

Fiz a classificação pelo modo seguinte: escolas do grau superior, as duas desta capital e as das cidades de Cametá e Santarém, e as villas de Bragança, Macapá, Vigia, Gurupá e Obidos; todas as demais pertencem ao grau inferior».

Pelas leis ns. 264 de 14 de outubro de 1854 e 312 de 24 de abril de 1858, foram concedidas as primeiras pensões, por conta da provincia, aos estudantes paraenses: Henrique Eulalio Gurjão, Antonio José Campello, Felipe Honorato da Cunha Meninêa, Manoel Emilio de Oliveira Pantoja, Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, José Joaquim Rodrigues dos Santos, José Felix Soares, Silvestre Frederico Pereira da Serra, Antonio Francisco de Loureiro Santos, padre Gustavo Augusto da Gama Costa, Mariano Alves de Vasconcellos, tendo a lei n. 300 de 22 de dezembro de 1856 auctorizado a mandar estudar as sciencias ecclesiasticas no Seminario Americano de Roma, os estudantes Bernardino de Senna Lameira e Luiz Gonçalves de Aragão.

Tambem foi um dos primeiros pensionistas da Provincia, José Candido Firmino Andasse, que estudou engenharia civil na escola central de Bruxellas, com toda a distincção; ali falleceu, tendo antes mandado chamar o encarregado dos negocios brasileiros na Belgica, e, achando-se já em seus ultimos momentos, apenas lhe poudo dizer as seguintes palavras: «agradeça da minha parte ao governo».

Depois, novas leis ns. 344 e 351 de 3 e 12 de dezembro de 1859; 379 de 12 de novembro de 1860; 396 de 30 de outubro de 1861; 438 de 31 de dezembro de 1863; 464 de 4 de novembro de 1864; 545 de 23 de outubro de 1867; 593 de 31 de outubro de 1869; 665 de 31 de outubro de 1870,—concederam pensões aos estudantes Adolpho Barreau, Antonio Constantino do Valle, Joaquim Moysés de Andrade Pinheiro, Francisco Nery Pereira de Assis, Samuel Wallace Mac-Dowell, Guilherme Francisco Cruz, Boaventura Caetano Ribeiro, Elyseu de Mello Albuquerque, Camillo Henrique Salgado, Luiz Valente do Couto, Ambrosio Philo Crelo, João Baptista Bueno Mamoré, Joaquim José de Araujo, Pedro Antonio Barros Sacramento, Felipe Joaquim de Souza Filho, José Henrique de Noronha, Hildebrando Barjona de Miranda, João dos Passos Damasceno, João Antonio Luiz Coelho, Raymundo Martinho da Floresta de Miranda, Mariano José da Silva, Gentil José Ribeiro, Estulano Alexandrino de Moraes, José Luiz Coelho, Augusto Cezar Gurjão, Porphyrio Theodoro da Costa, Raymundo Monteiro da Silva; ao prelado diocesano, para as despesas com os seminaristas pobres e que tinham de estudar na Europa, e a Augusto Cardoso de Mello L'Eraistre para a sua formatura.

A lei n. 288 de 20 de setembro de 1856 auctorizou o governo a conceder e garantir premios a quem se propuzesse a estabelecer na capital e nas cidades de Cametá e Santarém um collegio para educação do sexo masculino.

A lei n. 312 de 24 de abril de 1858 concedeu subvenção aos collegios particulares «Santa Maria de Belém» e «Santa Cruz», com a condição de serem admittidos educandos pobres. Em 6 de abril de 1859 a lei n. 348 reformou a instrucção primaria, que teve novo regulamento em 9 de abril de 1860.

A' vista da lei n. 377 de novembro desse mesmo anno, foi contractada com Guilherme Souilly, professor de calligraphia, o ensino do seu systema de escripta aos professores publicos. Por acto de 1.º de maio de 1861, em execução das leis ns. 372 de 18 de outubro e 379 de 3 de novembro de 1860 foi creada a «Escola Rural de D. Pedro II», com uma escola primaria.

Pela lei n. 438, de 31 de dezembro de 1863, foi estabelecida uma subvenção para o collegio particular «N. S. de Nazareth», e pelo de n. 464, de 4 de novembro de 1864, ao Seminario Episcopal para sustento de 15 alumnos pobres e para as aulas de lingua grega e musica vocal.

Em 1.º de março de 1864, o governo reformou a instrucção primaria e secundaria e instituiu o conselho director.

Essa reforma foi approvada, com alguma alteração, pela lei n. 564 de 10 de outubro de 1868, e alterado o art. 42 pela lei n. 582 de 23 do dito mez e anno.

A lei n. 476, de 9 de novembro de 1864, concedeu uma subvenção para o ensino do sexo feminino ao collegio «S. S. Coração de Jesus».

Em 1867, a lei n. 543 de 23 de outubro, concedeu subvenções aos collegios «Santos Innocentes», «S. S. Coração de Maria» e «N. S. da Gloria».

A lei n. 545, de 23 de outubro do mesmo anno, auctorizou a compra de mil exemplares de cada um dos volumes da obra «Motins Politicos» do dr. Domingos Rayol, para serem distribuidos pelas escolas primarias.

A lei n. 664, de 31 de outubro e portaria de 12 de novembro de 1870, mantendo o ensino primario em inferior e superior, instituiu a inspecção e fiscalização com delegados de instrucção e um supplente que os substituisse nos seus impedimentos.

Pelas leis ns. 694, de 25 de outubro de 1871; 778, de 9 de setembro de 1873; 825 de 25 de abril de 1874 e 840 de 19 de abril de 1877; tambem obtiveram pensões os estudantes Tito Carlos de Oliveira e Carlos Augusto Valente de Novaes.

A lei n. 660, de 31 de outubro de 1870, creou o «Instituto de Educandos Paraenses» (hoje Lauro Sodré) para instrucção primaria e profissional, destinado aos orphãos desvalidos e aos jovens menos favorecidos da fortuna, (art. 1.º da cit. lei); o dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, então presidente da Provincia, foi o seu legitimo fundador; foi elle quem encarregou o engenheiro Guilherme Francisco da Cruz da organização de um plano para esse estabelecimento, e, ao passar a administração ao seu successor, dr. Abel Graça, em 17 de abril de 1870, recommendou especialmente no seu relatorio a idéa utilissima da fundação desse estabelecimento, que só foi levado a effeito pelo conego Manoel José de Siqueira Mendes, 1.º vice-presidente, em exercicio, que sancionou e referendou a referida lei.

Por acto de 20 de abril de 1871, em virtude da lei n. 669, de 13 do mesmo mez e anno, o dr. Joaquim Pires Machado Portella, então presidente, deu novo regulamento á instrucção primaria, creou a Escola Normal, e reorganizou o Collegio do Amparo, que é o actual «Instituto Gentil Bittencourt».

A lei n. 746, de 27 de abril de 1872, creou uma escola primaria no corpo de policia para as praças do mesmo corpo.

A portaria de 13 de janeiro de 1873 deu novo regulamento á instrucção publica, em virtude da lei n. 776, de 28 de agosto, o qual foi julgado «deficiente e inferior ao de 20 de abril de 1871», pelo dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, director geral do ensino, e a de 12 de fevereiro do mesmo anno separou as escolas primarias nocturnas da capital, das diurnas.

A lei n. 880, de 14 de abril de 1877 alterou as disposições de diversos artigos do regulamento da instrucção primaria, estabelecendo o provimento das cadeiras de 2ª e 3ª entrancia por meio de concurso, o curso primario em dois annos, tanto nas escolas effectivas como nas elementares, a leitura do codigo criminal e do catecismo de agricultura, applicando-o, á lavoura do paiz, analyse logica e grammatical nas escolas effectivas, a criação de escolas primarias nas localidades em que a iniciativa particular construir casa para esse fim, segundo um plano approved pela presidencia; contando que possam ser frequentadas por dez alumnos, e a reforma do Collegio de N. S. do Amparo de modo a satisfazer á sua instituição.

A lei n. 894, de 27 do mesmo mez e anno, concedeu a extracção de uma loteria para edificação de casas para escolas primarias.

A portaria de 21 de agosto desse anno deu as primeiras instrucções para a distribuição dos livros fornecidos aos menores pobres, que frequentassem as escolas publicas da Provincia, e ainda nesse anno, o dr. Corrêa de Freitas, que foi um dos mais esforçados paladinos do ensino publico, ponde ver realizada a primeira conferencia pedagogica pelo intelligente e dedicado professor Raymundo Nonnato Lêdo.

A lei n. 1.030, de 9 de março de 1880, como disse o director geral José Verissimo, regulamentou de novo e mais completamente a instrucção publica.

As escolas foram divididas em elementares, as dos logares e povoações; de 1.^a entrança, das villas e freguezias; de 2.^a, as das cidades, e de 3.^a, as da capital.

Creou escolas mixtas especiaes, com categoria de 1.^a entrança, e estabeleceu o concurso para o provimento das entranças, excepto para a primeira, quando apenas se apresentasse um concurrente.

Organizou melhor o conselho director, determinou as attribuições dos delegados litterarios encarregados da inspecção e fiscalização do ensino, auctorizou o professor primario a empregar qualquer dos methodos geraes e particulares que lhe parecesse mais conveniente ao maior aproveitamento dos seus alumnos, devendo, porém, attender ao modo mixto, desde que a frequencia diaria fosse maior de 15 alumnos, e permittiu a qualquer pessoa nacional ou estrangeira estabelecer collegios de instrucção, observadas as disposições da citada lei.

Antes da organização dessa lei, em 31 de maio de 1879, dizia em seu relatório o director geral da instrucção publica, o dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas: «O ensino publico não tem tido o desenvolvimento que seria para desejar, compativel com a população da Provincia, com os seus recursos materiaes e com a intelligencia dos seus habitantes».

Infelizmente, quando a lei de 7 de maio de 1880 podia começar a dar fructos, como entrava já a dal-os, a lei n. 1.295, de 20 de dezembro de 1886, veio transformar, modificando-a de novo, sem necessidade e com grave prejuizo do ensino publico, essa organização».

Em 20 de Outubro de 1887, dizia à Assemblêa o presidente coronel Francisco José Cardoso Junior: «Sinto dizer-vos que é realmente deploravel o estado da instrucção publica nesta Provincia».

Depois, em 2 de fevereiro, 12 de julho e 18 de setembro, os presidentes drs. Almeida Pernambuco, José d'Araújo Roso Danin e Ferreira Braga, diziam: «encontrei a instrucção publica na mais completa desorganização». — «A instrucção publica está num verdadeiro cahos. Reformas successivas, sem criterio e estudo, plantaram a desorganização nesse importante ramo de serviço publico». — «Admirando nesta Provincia a pujança do seu desenvolvimento material, observei com tristeza o contraste entre o seu florescimento e os resultados acanhados que apresenta o desenvolvimento da instrucção popular».

Os directores geraes da instrucção publica, drs. Raymundo Nina Ribeiro e Americo Marques de Santa Rosa, assim se pronunciavam: «Com mais profundo sentimento, escrevia o primeiro, não exagero dizendo que a instrucção publica não corresponde ao dispendio orçamentario, e não passa ainda de um *desideratum* a reclamar heroicos esforços que a levante do abatimento em que jaz».

«Com pesar digo, escreve o segundo, mas o dever do meu cargo não admite reservas nem dissimulações: as grandes sommas dispendidas com este importante ramo de serviço publico não encontram restituição proporcional na diffusão e no adiantamento intellectual».

Felizmente, a lei de 20 de dezembro de 1886 nunca foi regulamentada; mas o presidente, coronel Cardoso Junior, em 12 de maio de 1887, antes de externar a sua opinião a respeito da instrucção publica, baixou em portaria umas «instrucções provisionarias», cuja unica e escandalosa novidade, como disse o director geral José Verissimo, era o art. 7.^o que contra o expressamente disposto no art. 6.^o da lei em que se baseava, declarou dispensados de concurso os professores nomeados por essa occasião».

Em essa a nossa legislação escolar até á proclamação da Republica.

A escola primaria atravessava um periodo de completa desorganização pela falta de um plano pedagogico que presidisse todas as reformas, na profusão destas, que antes a fizeram retrogradar do que avançar.

A 16 de novembro de 1889 é proclamada, no Estado, a Republica.

A escola primaria, sob o regimen da lei n. 1.295, de 20 de dezembro de 1886, e instrucções dadas em portaria n. 227, de 12 de maio de 1887, achava-se assim constituida: Escolas provinciaes; escola de 1.º grau; escolas de 2.º grau. Em 30 de junho de 1899 existiam: 116 escolas do 1.º grau, com 3.681 alumnos e 43 do 2.º grau, com 1.683 alumnos.

Firmino Cardoso.

Inconsolavel

Minha amada partiu... Que desalento,
Que desconforto para mim, sozinho!
Debalde consolar-me busco e tento,
Nesta viuvez de passaro sem ninho.

O que senti quando Ella foi, chorando,
Com o semblante de lagrimas molhado,
Parecia um punhal atravessando
Meu pobre coração, de lado a lado.

Vi-a subindo as ingremes escadas
Do navio fatal... É era tão bella,
Que as minhas illusões, desconsoladas,
Embarcavam tambem no seio d'Ella...

Depois, partiu, a soluçar, tristonha,
Fitando o espelho de crystal das aguas.
E eu, sozinho, fiquei como quem sonha,
Navegando num mar feito de maguas.

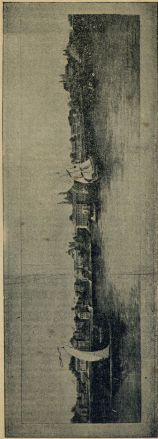
Um lenço branco, tremulando, eu via,
Com uma vontade immensa de chorar:
Era o lençinho d'Ella, que partia,
Espalhando saudades pelo mar...

Uma tristeza dolorosa, infinda,
Inda hoje, longe, o coração lhe invade.
E eu continuo a navegar ainda
Pelo rio Amazonas da Saudade...

Franklin Palmeira.

FRANKLIN PALMEIRA nasceu no Estado de Alagoas a 16 de setembro de 1890. Fez os seus estudos no Lyceu Alagoano; vindo para Belém muito joven, e, com uma intelligencia precocemente desenvolvida dedicou-se a vida jornalística no meio intellectual do Pará, onde a sua carreira tem sido coroadada de exito brilhante. Poeta de um fino lyrismo, tem produzido encantadoras rimas; prosador, é de um criterio digno da cultura litteraria de epocha e, socialmente, um dos mais sympathizados representantes da *élite* belemense.

Palmeira é filho do dr. Antonio Netto da Silva Costa e da exm.^a sr.^a Amelia Tenório Cavalcante da Costa.



Vista da cidade de Belém (Pará) em 1740
segundo um documento encontrado no Arquivo Público

Over the past few years, the Department of Health and Human Services has been working to improve the quality of care for patients in long-term care facilities. This effort is part of a larger initiative to ensure that all patients receive the highest quality of care possible.

Escudo do Pará

COMO outros Estados da Republica do Brazil, possui tambem o Pará seu escudo de armas, verdadeiro symbolo dos seus elevados designios, brazão de victorias para o seu futuro.

Não é uma cópia banal, arrancada das paginas de alguma velha obra de heraldica antiga, imitando similares, creados pelo genio bellicoso ou cavalleiresco de algum Capitão-mór de conquistas, onde o genio de espirito medieaval desenhou cotas e arnezes, na representação symbolica e flagrante da conquista da força, esmagando o direito, a liberdade, a intelligencia.

Bem pode servir o nosso escudo de broquéll aos conquistadores do futuro, assenhoreados da laureada cabeça da Amazonia.

Creado pela lei n. 912, do Congresso do Estado, de 9 de Novembro de 1903, sancionada pelo espirito poderosamente patriotico do Dr. Augusto Montenegro, representa elle, nas suas linhas geraes, um felicissimo projecto do talentoso architecto paraense José de Castro Figueiredo sob a inspiração do erudito Dr. Henrique Santa Rosa.

O condor amazonico ou gavião real (*Harpyia destructor*) está sobrepuesto e em defesa a um escudo de forma oval. O condor paraense está com a mesma inclinação de cabeça da aguiá americana e tem as azas abertas, no vigoroso impulso de querer desferir um vôo para as bandas do Occidente, cobrindo, por traz de si, a metade do sól nascente, radioso e triumphante.

O escudo, propriamente dito, está dividido em tres faixas, por linhas diagonaes, taes como eram as da bandeira do primitivo Partido Republicano do Pará, sendo encarnadas as das extremidades, da mesma côr do legendario barrete phrygio e a faixa central branca, como a paz, tendo no justo meio a azulada e radiosa estrella do Estado. Envolvendo todo este artistico conjuncto e fazendo fundo ao quadro, vêm-se do lado direito, ramos de seringueira, e do lado esquerdo, ramos de cacauieiro, designando as duas maiores riquezas em producção do uberrimo solo paraense e, unindo esses dois trophéus da agricultura amazonica, está desenhada em um laço de fita a legenda latina: «*Sub lege progrediamur*».

Não será difficil aos archeologos do futuro traduzir em palavras o ideal do artista e a intenção do administrador que crearam e adoptaram tão significativo escudo de armas para o mais promettedor Estado da União.

O Pará, surgindo das costas orientaes do Atlantico, com o calor e sob a aureola do sól levante, arma o altivo vôo de condor amazonico para a conquista do centro das terras americanas, defendendo sempre os principios democraticos que a Republica incruenta de 89 lhe outorgou. Nessa elevação de ideias, o grandioso Estado, coroado pela embocadura do maior rio do

mundo, surgirá da opulencia das suas riquezas naturaes, defendidas e unidas pelo laço indestructivel da Lei e indefectivel do Direito.

O primeiro modelo do escudo de armas do Estado do Pará foi fundido, em gesso, pelo estucador José Antonio Gavinha, segundo o desenho de José Figueiredo, e depois transferido para o cimento armado e collocado na sumptuosa fachada do formoso edificio do Instituto Lauro Sodré, a 5 de Abril de 1899, no governo do illustrado Dr. José Paes de Carvalho, quando ainda era eu o chefe da Secção de Obras Publicas.

Só quatro annos mais tarde, o Congresso do Estado levou á sancção do patriotico e talentoso Dr. Augusto Montenegro a adopção desse escudo de armas com algumas modificações.

Eis o documento historico :

LEI X. 912, DE 9 DE NOVEMBRO DE 1903

Crea um escudo de armas para o Estado.

O Congresso Legislativo do Estado decretou e eu sanciono a seguinte lei :

Art. 1.º.—Fica creado um escudo de armas para este Estado.

§ Unico. O escudo será vermelho, cortado por uma faixa obliqua branca, da esquerda para a direita, com a inclinação de 45º, tendo a mesma faixa, ao centro uma estrella azul. Este escudo avulta sobre outro recortado nas extremidades, de fundo roseo, encimando-o duas volutas ligadas a um pedestal, sobre o qual se vê uma altiva aguia guyanense prestes a alçar o vôo. No ultimo plano, por traz da aguia, destaca-se o sol nascente. Á base do escudo maior cruzam-se dois virentes ramos, um de seringueira e outro de cacaueiro, o primeiro acompanhando á esquerda os recôrtes do referido escudo e o segundo erguendo-se pela direita entrelaçado com uma fita amarella, que se alonga até á parte superior do escudo, sobre a qual se lê : — *Sub lege progrediamur* — Estado do Pará.

Art. 2.º.—Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado da Justiça, Interior e Instrucção Publica assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 9 de Novembro de 1903, 15.º da Republica.—AUGUSTO MONTENEGRO, *G. Amazonas de Figueiredo*.

Este escudo é, como se vê, e como está esculpido na fachada do palacio do governo, depois de restaurado, um bello symbolo da nossa existencia social, em detalhe differente do que sobraça a frontaria do grande edificio do Marco da Legua.

Assim está sendo elle já conhecido no sul da Republica e no estrangeiro, servindo de sello de chancellaria ás Secretarias do Estado.

Ignacio Moura.

Documento historico importante

COMO recompensa dos serviços prestados na guerra hollandeza, obtêm os cidadãos de Belém a mercê de poderem gozar dos mesmos privilegios de que gozam os cidadãos da cidade do Porto.

Treslado da acta de sua Magestade em que faz mercê aos cidadãos desta cidade do Pará que gosem dos privilegios dos da cidade do Porto.

Em El-Rei fasso saber aos que esta minha provisão virem que tendo mandado vêr os serviços e razões que por parte, e em nome dos officiaes da camera da cidade de Belem, Capitania do Gram-Pará se me representaram e tendo respeito ao amor fidelidade e satisfação com que me servirão na occasião em que os Hollandezes nos annos passados entrário a cidade de São Luiz do Maranhão, aonde foram de soccorros e assistiram athé de todo os expulsarem della e daquelle Estado. Ei por bem delles fazer mercê de que possam gosar dos mesmos privilegios de que gosam os cidadãos da cidade do Porto; esperando delles que com esta minha honra que lhes fasso se disponham com o mesmo e maior fervôr nas occasiões que adiante se offerecerem, como delles confio, e esta se cumprirá tão inteiramente como se contem, sem duvida algũa, valerá como carta sem embargo da ordenação do Livro 2º Titulo Quarenta em contrario, e se passou por tres vias e pagarão o novo direito.—Antonio Serrão, a fêz em Lixbôa a vinte de Julho de seiscentos, e cincoenta e cinco; o secretario—Marcos Rodrigues Rodrigues Tinoco a fiz escrever—rei. O Conde de od mira—provisão porque Vossa Magestade fêz mercê aos officiaes da Camera da cidade de Belem, Capitania do Gram-Pará, de que gosem dos mesmos privilegios, do que gosam os cidadãos da cidade do Porto como nesta se declara, que valerá e vae por tres vias para V. Magestade, ver, segunda via de sua Magestade de seis de Julho de seiscentos, e cincoenta e cinco, em conqultas do Conselho ultramarino de seis de Junho do dito anno—Afonço Furtado de Miranda=pagou dez reis de porte via Lix.ª vinte e oito de Setembro de seis centos, e cincoenta e cinco e pela outra via pagou cinco mil e quatro centos reis—Gaspar Maldonado nada porter via, e na primeira pagou cinco mil e quatrocentos e cincoenta, e cinco. Jorge E. de Villa Lobo=Custodio Barrezozo=Registrada na Candelaria no livro de offios a folhas cento, e dezoito verso—Aleyxo Ferr.ª Botelho=registrado nos livros do Conselho ultramarino a folhas duzentas, e setenta. Marcos Rodrigues Tinoco=Cumprace. Cidade de Belem do Gram-Pará vinte e dois de Fevereiro de seis centos, e seis=º Capp.^{ma}—Môr Pimenta=Cumprace. Belem Fevereiro vinte e dois de seis, centos, e sinccenta, e seis=Coelho Gato=Cumprace como nella se contem. Belem nove de março de seis centos e sinccenta e oito=º Capp.^{ma}—Mor Correya=Cumpra-se como nella se contem. Belem vinte e nove de Mayra de mil e seis centos e setenta e oito=º Capp.^{ma}—Mor Paulo Martins Garra=egual treslado aqui conttendo e deccarado Treslaley bem e fielmente sem cousa que duvida fassa do registro de provisoões que esta registadas nos livros deste Senado da Camera a que me reporto, com todo e por todo o conteodo. Registro este conferi nesta cidade de Bellem Capitania mor do Grão Pará aos vinte e seis dias de Dezembro de mil seis, centos

oiteenta e sete. Innocencio Moreyra de Figueredo—Vista com correção aprovo, e confirmo a provisão Junta dos privilegios concedidos aos cidadãos desta cidade, e mando e aguardem como sua Magestade que Deus gde e manda—Bellem dezanove de Mayo de mil seis, centos, e noventa—Pimentel—visto em correção cumprace os privilegios na forma qã sua Magestade ordena e concede aos cidadãos desta cidade—Parã ceis de setembro de seis sentos e noventa e dois—Collares—visto com correção que aguardem os ditos privilegios cervatis cervandi—Parã trez de Abril de seis sentos, e oito—Costa—visto em correção—guardem-se os privilegios sem prejuizo das Reaes Leis de Sua Magestade que Deus Guarde. Bellem o primeiro de Dezembro de Mil e sete centos e hum—Bravo—visto em correção e ce guardem os privilegios na forma que sua Magestade ordena—Bellem em Camera vinte e trez de Mayo de mil e sete centos e quatro—Chaves—Cumprace Bellem e de Fevereiro onze de Mil setecentos, e cinco annos—Per.—visto em correção Cumprace Bellem de Junho dezanove de mil e setecentos e seis—Costa—E não continha mais nada esta carta a favor dos privilegios. Carta de sua Magestade que Deus guarde, das libertades aos cidadãos da Cidade do Porto, e Alvarã em que sua Magestade concede aos cidadãos desta Cidade do Parã que gosem dos mesmos privilegios da cidade do Porto, que mandei tresladar bem e fielmente sem couza que duvida fassa em fê de que me assigno. Bellem 25 de Abril 1.733 Xavier de Soza e Al^{da}.

Ephemeridos do "Lyceu Paraense" actual "Gymnasio Paes de Carvalho"

28 de Junho de 1841—Lei n. 97, criação do «Lyceu Paraense».

17 de Janeiro de 1842—Instalação do «Lyceu Paraense», num prédio particular, à rua Formosa, hoje Treze de Maio.

3 de Janeiro de 1845—Transferencia do Lyceu para um outro prédio particular no Largo do Palácio, hoje Praça da Independência, lado occidental.

8 de Novembro 1851—Foi dado novo regulamento ao Lyceu.

5 de Fevereiro de 1852—Reforma de regulamento.

3 de Dezembro 1855—Conversão do Lyceu em um collegio de instrução primaria e secundaria com o título de—«Collegio Paraense».

10 de Janeiro de 1859—Transferencia do Lyceu para o prédio de sobrado, à travessa do Passinho, presentemente Campos Salles, canto da rua Nova de Santa Anna, actualmente Manoel Barata.

1841 a 1859—Directores da instrução publica e do Lyceu: Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda, dr. Felix Gomes do Rego e conego Joaquim Gonçalves de Azevedo.

18 de Outubro de 1860—Lei n. 371, levando os vencimentos dos professores e empregados do Collegio Paraense.

22 de Outubro de 1861—Lei n. 392, approvando o regulamento do Collegio Paraense.

1860 a 1861—Director da instrução publica e do Lyceu: Padre Felix Barreto de Vasconcellos.

1 de Fevereiro de 1862—Instalação do Collegio Paraense no antigo Convento do Carmo, onde funciona

hoje o Gymnasio de N. S. do Carmo, então alugada para esse fim, com a organização de internato e externato.

31 de Dezembro de 1863—Creação da cadeira de pintura e desenho, e dos lugares de professores substitutos para cada uma das cadeiras existentes.

1 de Março de 1864—Reforma do regulamento.

4 de Novembro de 1864—Lei n. 465 reunindo em uma só as duas cadeiras de latim.

4 de Setembro de 1867—Approvação do regimento interno do Collegio Paraense.

1862 a 1867—Director da instrução publica, dr. Joaquim José de Assis.

10 de Abril de 1869—Instalação definitiva do Collegio Paraense no actual prédio, à Praça Soldanha Marinho, antes largo do Quartel, adquirido por compra pelo governo.

12 de Maio de 1869—Reforma do regulamento.

22 de Junho de 1869—Auctorização para compra em Paris, de objectos para a aula de physica e clinica.

16 de Novembro de 1870—Extinção do internato e conversão do Collegio, pela segunda vez, em Lyceu Paraense.

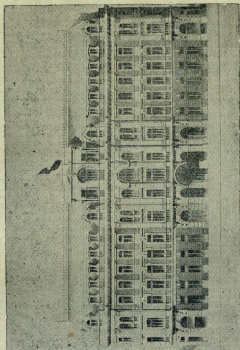
1859 a 1869—Reitores do Collegio Paraense: Padres Pedro Honorato Corrêa de Micauda e Eutychio Pereira da Rocha, drs. Raymundo Antonio de Almeida e Francisco Carlos Mariano.

1 de Dezembro de 1870—Reforma do regulamento.

1868 a 1870—Director da instrução publica e do Lyceu, dr. Antonio Gonçalves Nunes.

GRANDE HOTEL

PRACA DA REPUBLICA
— PARA —



EDIFICADO EM 1913

O MAIOR E MAIS IMPORTANTE DO NORTE DO BRAZIL
SITUADO NO PONTO MAIS CONCORRIDO E HYGIENICO DA CIDADE

PREÇOS MODICOS

Est. Telegr. ARTANCAR — TELEPHONE 397 — Caixa Postal 660
Codigos: A B C S. Edil., Librer's, Simples e Ribeiro

TEIXEIRA MARTINS & C^a

PROPRIETARIOS



"SAL UZINA"

O sal nacional marca UZINA clarificado pelos processos mais modernos, é um sal natural muito branco, puro e fabricado nas Salinas de Macau e Mossoró de propriedade da

COMPANHIA COMMERCIO E NAVEGAÇÃO

Das analyses effectuadas no Laboratorio de Analyses do Rio de Janeiro e Laboratorio de Analyses Chemicas do Estado de S. Paulo, verificou-se que este sal é sem comparação mais rico do que qualquer outro sal estrangeiro, em chloreto de sodio, base da existencia do sal.

O abalisado Engenheiro sr. dr. Francisco Bolonha, conhecido industrial, analysando a gradação dos diversos saes que apparecem neste mercado, encontrou a maior gradação para o SAL UZINA. Dessas analyses, fica cabalmente demonstrado que o SAL UZINA, o mais puro, é incomparavelmente o mais forte do que qualquer outro, o que o torna muito mais economico para as diversas applicações industrias e usos domesticos.

MODO DE USAR O SAL UZINA

Sendo, como é, este sal muito mais forte do que o sal inglez, até agora usado nas salgas dos peixados, carnes, cogus, etc. etc., é indispensavel tomar em consideração que para se obter o mesmo resultado, é necessario usar-se menor quantidade do SAL UZINA, do que se usa do

inglez a que é facil de comprehender. Assim pois, se para salgar uma tainha, o pescador emprega um punhado de sal inglez, só tem necessidade de empregar um pouco mais de meio punhado do SAL UZINA para o mesmo resultado. O mesmo acontece com a carne, com as raças, com os couros, etc. Empregando a mesma quantidade do SAL UZINA que se emprega do sal inglez, como aquelle é mais forte, pode estragar a peixe, a carne, a raça, etc.

Os fabricantes de sorvetes, verificarão que o emprego do SAL UZINA dá-lhe muito maior resultado e economia do que o sal inglez que se derrete com mais rapidez e o SAL UZINA conserva o gelo muito mais tempo. As experiencias feitas comprovam isso. Sendo o sal indispensavel á alimentação, quanto mais puro, deve elle ser o preferido para o uso das nossas cozinhas. Elle dá um gosto todo especial ao paladar. Todos devem lembrar-se do aphorismo de Bioelettricia:

A ausencia do sal, é ausencia de Sodes

A sacca do sal inglez, pesa somente pouco mais de 22 kilos. A sacca do SAL UZINA pesa 25 kilos justos.

O preço do SAL UZINA é muito menor do que o do sal inglez. Além da differença do peso e do preço, o SAL UZINA é mais puro e mais forte do que o sal inglez, fazendo-se uma economia no SAL UZINA, de 20 a 40 por cento na emprega do mesmo. Com a differença do peso e de uso do SAL UZINA pode-se dizer que o SAL UZINA vale o dobro e sae pela metade do preço do sal inglez.

Assim pois, deve-se usar de preferéncia o SAL UZINA em todas as applicações das salgas em geral, pela sua riqueza natural e economica, base da riqueza humana.

O SAL UZINA É HOJE ENCONTRADO EM TODOS OS ARMAZENS DE ESTIVAS DO PARÁ

Para informações sobre o emprego do SAL UZINA nas diversas industrias, e quaesquer outros assumptos concernentes ao mesmo, dirigir-se ao Escriptorio da

COMPANHIA COMMERCIO E NAVEGAÇÃO

51—BOULEVARD DA REPUBLICA—51

— TELEPHONE N. 387 —

NETTOYAGE A SEC

LIMPEZA EM SECCO

DE

Roupas para homens,

Vestidos para senhoras,

Espartilhos, tapetes,

Cortinas, etc., etc.

Prepara-se luto em 24 horas

ENTREGA-SE A DOMICILIO

Garante-se os trabalhos

RUA 13 DE MAIO, N. 101

246—Telephone—246

UZINA

1—TRAVESSA DA PIEDADE—1

TELEPHONE N. 262

Maréchal & C.^a

PARÀ

GRANDE ATELIER
DE
ARFAIATE

CASA RAMOS

COMPRADI, CIVILIZADA
E
CHAPELARIA

BELEM

PARÁ

de J. F. RAMOS

30 — RUA DE SANTO ANTONIO — 32

Alfaiataria de primeira ordem. Fabrico especial dos mais reputados fabricantes da Europa e America. Aviam-se pedidos de roupas feitas e sob medida.

CORTE ELEGANTE E BOM GOSTO

TEM-SE PÃO GROSSO E A REIADO

End. Telég. CASARAMOS

Código Postal 000000

Telephone n. 22



Fabrica de Fitas para Envólucros

(ISENTO DE IMPOSTO DO ESTADO)

CELESTINO CEREIJO

S. MATHEUS, 60-F — CAIXA POSTAL, 131 — PARÁ-BRAZIL

O atadilho ideal para toda classe de embrulhas

Forneco-se com annuncio e a gosto do cliente

MECENAS EM TODA O BRAZIL

EXPORTAÇÃO PARA TODA AMERICA DO SUL

A ELECTRA

CEREIJO & COMP.

Fabrica de Saccos de Papel fundo quadrado e Typographia

O sistema de saccos de papel mais perfeito e pratico até agora conhecido

Patenteado em todo o Brazil

A MAIS ANTIGA FABRICA DO NORTE

EXPORTAÇÃO PARA TODO O PAIZ

Grande produção diaria — Rua Nova de Sant'Anna, 64

Caixa postal, 194 — Telephone, 675 — End. telég. — "Industriosa"

PARÁ — BRAZIL.



RESTAURANTE E CAFÉ LISBONENSE

de Luiz Pereira Morlin

4 — Largo de Sant'Anna — 4

Unica casa especialista em CALDO VERDE, ISCAS A LISBOETA com ellas e sem ellas e almoços, jantares e ceias quentes e frias, assim como café, leite, doces e sandwiches.

Bebidas geladas de todas as qualidades. Aceita-se encomendas para almoços, jantares e ceias a qualquer hora do dia ou da noite.

BELEM

Tudo com asseio e promptidão

PARÁ

Fabrica de Roupas LEÃO de Rodrigues Pinto & Comp.

CAIXA POSTAL N. 424

22 — RUA SENADOR MANOEL BARATA — 22

PARÁ — BELÉM

Grande sortimento em roupas para homens e crianças

SECÇÃO DE ALFAIATARIA: — Casemiras inglesas e nacionais, mesolas, tussor de seda, lãhos, brins brancos e de cores, etc., etc.

Execução rápida

Preços modicos

Constante importação directa de novidades em tecidos da Europa e do Sul da Republica.

A UNICA FABRICA DE ROUPAS DO PARÁ que tem machinicos aperfeiçoados e pessoal habilitado, podendo executar pedidos com toda a presteza e perfeição.

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

CASA BANCARIA Cortez, Coelho & Comp.

44 — RUA 15 de NOVEMBRO — 44

Saques

Cobrança

Transferencias

Cartas de Credito

Pagamentos telegraphicos

COMPRA E VENDA DE NOTAS E MOEDAS EXTRANGEIRAS

Sempre as melhores taxas

Commissões modicas

Correspondente do **BANCO ALLIANÇA DO PORTO**

CASA DE JOIAS E OPTICA

PENDULA AMERICANA

— ANTIGA CASA LUIZ SERODIO —

DE A. FERREIRA & COMP.

3 — RUA DE SANTO ANTONIO — 3



CASA importadora de joias, pedras preciosas, oculos e pince-nez.



Relogios de algibeira, mesa, parede e despertadores, binoculos e Thermometros.

Artigos de prata de lei Bronze e Electro-Plate, etc., etc.



CAIXA POSTAL N. 260

BELÉM — PARÁ

TELEPHONE N. 30

Em Artigos de Drogas! Productos Chimicos! Especialidades Medicas e Pharmaceuticas!

Contrastando o estabelecimento — **Pharmacia CEZAR SANTOS** — com os seus congeneres, força é que elle seja chrisnado de — **LEÃO DO NORTE** — o que equivale a dizer: é o primeiro dos estabelecimentos, neste ramo de negocio, no Norte brasileiro. Não é preciso dizel-o a uma população conscia que sempre o preferiu para as suas compras. Nem é preciso lembrar, — é tradição que a **Pharmacia CEZAR SANTOS** sempre teve e ainda hoje tem por directriz — **VENDER BARATO PARA VENDER MUITO** —

— A PROVA, QUEREI-LA? —

Aos que acaso ainda não tenham esse testemunho, não custa ir até lá, á **Pharmacia CEZAR SANTOS**, ao maior emporio de drogas de Belém, onde a modicidade dos preços vos encantarão assim como a affabilidade cavalheiresca de seus impollutos proprietarios em haver por bem servir a todos.

Convém notar que, entre a **Pharmacia CEZAR SANTOS** e os droguistas da velha Europa; entre as suas congêneres da America do Norte e Sul do Brasil, existe uma corrente continua no recebimento de drogas, productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Accrescendo que estas são recebidas em condições taes que **CEZAR SANTOS & C.^a** pôdem vender aos seus collegas por preços menores que os que elles terão se importarem directamente; e isso devido a contractos, que tão sómente **CEZAR SANTOS & C.^a** mantêm com os fabricantes do SUL, EUROPA e AMERICA.

O seu receituário é escrupulosamente aviado com productos chimicos especialmente recebidos para esse fim.

LÊDE E EXPERIMENTAI

RUA SANTO ANTONIO N.^{os} 25 e 27

Caixa postal n. 325

Telephone n. 38

... BELEM - PARA ...

Grande Fabrica a Vapor

PALMEIRA

DE JORGE CORRÊA & COMP.

Rua Dr. Paes de Carvalho, 6-16

— PARA —

Endereço Telegraphico—PALMEIRA—



CAIXA POSTAL N. 206

Nesta importante Fabrica encontra-se um enorme sortimento de Biscoitos Fines de todas as qualidades, especialidade em **ENGOS-SEDO BISCUITS**, por cuja superioridade tem-nos casido os mais honrosos elogios.

BOLACHAS Maria Palmeira, especial—Água e Sal, especial (em pacotes de 250 grms.) Superior Palmeira, Soda Palmeira, Cabeça de Macaco, Dêco, etc.

BISCOS Superior e Barão

PÃO HYGIENICO—(Preparado mecanicamente) Fresco, commum, Ferrado, Graham (Integral), Vienna, Palmeira (edee), Cacetes de farinha integral (proprio para dispepticos)

CHOCOLATE Beemilha pilosinhos, Carella melado, especial, Superior cacau-leite.

CHIC VARIEDADE EM FANTASIAS

CAFÉ PALMEIRA—Moído de 1ª qualidade (sem rival)

CANTEIGA DE CACAU—Pura, em pães de 250 grammas.

ASSUCAR REFINADO—Superior qualidade (processo mechanico)

DOCES—Fines e secos sortidos

ALCENDOS E CONFEITOS—Sortido de superior qualidade.

BOMBONS—Finesimas sortidos com chocolate
MACARRÃO E MASSAS—Em caixa ou avulso
Napolitano, em pacote; Suissa (preparado com leite); Formicelles aux coufs; Aletna finissima, em pacotes.

Esta nossa industria foi premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim.

FARINHAS—Trigo em barricas, Trigo em caixa, Trigo peneirado, Trigo integral, Milho, Aveia, Araruta, Ervilha, Lentilha, Feijão, Arroz, Pão, etc.

RECOMPENSAS OBTIDAS EM VARIAS EXPOSIÇÕES

RIO DE JANEIRO EM 1905
GRANDE PREMIO MEDALHA DE OURO MEDALHA DE PRATA
TURIN EM 1911
MEDALHA DE PRATA MENÇÃO HONROSA
SANTIGO (CALIFORNIA) EM 1915
MEDALHA DE OURO

PERFUMARIA ORIENTAL

EMPORIO da ELEGANCIA

IMPORTADORA de tudo que respeita á sua especialidade. *CONSTANTE DEPOSITO*
de CUTEIARIA FINA. Artigos para PRESENTES, de phantasia, luxo
e bom gosto. Objectos para decoraçáo, adorno e toilette.

SILVA, MELLO & C. — PARA — Rua Conselheiro João Alfredo, 81
Ced.: ABC, 5 e Ribeira — End. telgr.: ORIENTAL — Caixa Postal n. 228 — Telephone n. 512

PHARMACIA DERMOL

DE

HENRIQUES SANTOS & COMP.

*Secção de esterilisação para execução rapida de qualquer formula
que os Exmos. Medicos prescrevam.*

O SERVIÇO DE RECEITUARIO ESTÁ, EXCLUSIVAMENTE, A CARGO DE PHARMACEUTICOS PROFISSION-
NAES, SOB A DIRECÇÃO ASSIDUA DO SÓCIO GERENTE

*O aviamento de receitas urgentes, durante a noite, é executado com a
maxima promptidão*

*Os nossos laboratorios fabricam permanentemente, alem de outros preparados,
os que a seguir mencionamos :*

DERMOL *Maravilhoso especifico contra golpes e quaisquer outras affecções cutaneas.*

Sazonal-Licer Anti-paludese *Paludismo febril, febre de
intermittente, febre aguda, accessos perniciosos, etc.*

GYNECINA *Preparação de grande efficacia em todos os casos de corrimento antigo ou recente das
mulheres.*

BALSAMO DR. NAHYR *Excelente fabricação contra "qualquer dor de fundo rheumatico
ou nervoso.*

Peitoral dr. Nahyr *Remedio de surpreendentes effeitos curativos em todas as molestias dos
bronchios, tuss como "grippa, tosse, etc. A pratica tem-nos demonstrado
que este nosso preparado deve ser preferido a muitos outros de procedencia estrangeira.*

Boldoina *Elizir de sabor agradavel. Muito util no tratamento da ictericia
e inflammacões do figado e do baço, sendo igualmente, um optimo
regulador das funcções intestinaes.*

LAVANDERIA PARAENSE Á VAPOR

TELEPHONE N. 574 Travessa de São Matheus, 100 BELÉM — PARÁ

Tendo machinismos modernos para lavagem de roupas e pessoal
habilitado, sob a direcção de uma profissional competente, executa todo e qualquer
trabalho no seu genero, com perfeição e rapidez.

Dispõe tambem de estufas para secçar a roupa, não se utilizando por isso da luz solar
que altera as cores dos tecidos.

Em caso urgente lava e gomba em doze horas sem augmento de preço.

Responsabilisa-se por qualquer falta

Arrecadação e entrega com toda a pontualidade

A Capella de Santo Christo



UANDO era capitão-mór da capitania do Pará Bento Maciel Parente, mandou erigir, em 1622, uma capella de taipa de pilão, com um só altar, e neste um grande Crucifixo de madeira. Dedicou-a á invocação de Santo Christo.

Estava a capella ao lado occidental da praça da matriz (depois largo da Sé), para onde fazia frente, entre o fosso do Forte e o angulo septentrional do predio (posteriormente edificado) de Domingos da Costa Bacellar, depois hospital militar, arsenal de guerra, e hoje quartel do 5.^o batalhão de artilharia.

O Forte, a que nos referimos, era o Forte construido naquelle mesmo anno pelo mesmo capitão-mór, na parte extrema do logar em que estivera a improvisada cerca de madeira, levantada por Francisco Caldeira Castello Branco (1), em 1616. Nos primeiros tempos foi aquella fortificação conhecida pelo nome de *Forte* simplesmente, talvez por ser então o unico da cidade. Depois, entraram a dar-lhe vulgarmente o improprio nome de *Castello de S. Jorge*, nome que chegou até nós, abreviado em *Castello*. Já em 1893, dizia o coronel engenheiro (depois brigadeiro reformado) Theodosio Constantino de Chermont, nos seus *Apontamentos para dar humã idéa das baterias da cidade*. «A Bateria do Castello, antonomasia com que o vulgo do Pará honra hum monte de terra, sito na margem do rio, em uma ponta de pissarra misturada de argilla e ocre, sem revestimento por toda a parte, foi o sitio que o governador deste Estado, o senhor Bento Maciel, em 1622, edificou, dando-lhe fôrma quadrada...»

Pela sua situação, junto ao referido Forte, a capella era vulgarmente chamada de *Santo Christo do Forte*.

(1) Não parece acertado supprimir a particula de que precede o appellido Castello Branco, como ultimamente se tem feito, ao escrever o nome do fundador de Belém.

—E reconhecido o antigo costume, geralmente seguido entre os portuguezes, de adoptarem como appellido o nome geographico do logar onde nasciam, antepondo-lhe algumas vezes a particula de ou da.

Aquella particula bem pôde indicar o logar, ainda ignorado, de que era oriundo Francisco Caldeira (a cidade de Castello Branco).

O que não padece duvida, e isto nos deve bastar para o caso, é que no tempo de Alexandre de Moura, que mandou Francisco Caldeira á conquista do Pará, escreve-se—*Francisco Caldeira de Castel branco* (*Anto que mudou foyr o Capitão mór Alexandre de moura sobre alguns capitães de seus Regimentos, e que devia dar como primeiro, 1617*). O proprio Francisco Caldeira assignava-se—*Francisco Caldeira de Cast.o branco* (*Ibidem*).

Fr. Agostinho de Santa Maria, Berardo, Baena, Accioli, Wamhagen e outros auctores escreveram accordes—*Francisco Caldeira de Castello Branco*.

Nella foi instituida, e nella funcionou uma confraria de officiaes militares, com o titulo de *Irmandade do Santo Christo dos Militares*, a cujo cargo estava a capella. Depois da chegada de dois regimentos de primeira linha, vindos de Lisboa (1753), a irmandade foi reconstituída, e teve grande incremento e lustre.

Por ordem regia, transmittida em officio de 19 de setembro de 1786 ao governador Martinho de Souza e Albuquerque, foi mandada entregar á irmandade a igreja de S. Francisco Xavier (vulgo do Collegio), que fôra dos extinctos jesuitas, e seus pertences, o que se effectuou, por termo de entrega de 7 de fevereiro de 1788. Esta entrega foi feita com a obrigação imposta á irmandade e por esta acceita, de concertar a igreja, que estava em ruínas.

Passou então a irmandade para a dita igreja, deixando a velha capella, que, já em estado de ruína, foi pouco depois demolida.

Extinctos os frades mercenarios do Pará, e mandados recolher ao seu convento de Maranhão (1794), mandou-se entregar á mesma irmandade de Santo Christo, por aviso de 8 de novembro de 1797, a igreja de N. S. das Mercês, que o bispo D. Manuel de Almeida de Carvalho não quizera acceitar, e a abandonára. A entrega foi effectuada por termo de 1 de março de 1798, passando então a irmandade para essa igreja, e deixando a de S. Francisco Xavier ou do Collegio.

Em virtude do mesmo citado aviso, e por termo da mesma data do ácima referido, foi entregue a igreja de S. Francisco Xavier á Irmandade da Misericórdia (Doc. offic. orig., no *Arch. Publ. Nac.*) (1).

Nesta igreja se installou então esta irmandade, deixando a antiga egrejinha de Santa Luzia, no largo da Misericórdia.

A Irmandade de Santo Christo dos Militares havia tomado o compromisso de cuidar da igreja das Mercês e do culto da sua padroeira, cuja ultima festa foi feita em 1866. Em 1886 foi eleita a ultima mesa administrativa, suspensa pelo juiz de capellas, a 19 de fevereiro de 1887.

E não achamos mais noticia da irmandade.

(1) BAYSA (*Comp. das Igrej.*) diz equivocadamente que as duas igrejas foram entregues ás duas irmandades em 1794.

Manoel Barata.

O dr. MANOEL CARDOSO BARATA, natural do Pará, formado em jurisprudência pela Faculdade do Recife, foi amigo senador da Republica.

E' um dos historiadores de maior vulto na nossa actualidade regional.

Evolução da escola primaria no Pará

III

REGIMEN REPUBLICANO

Em 1890, assumindo o governo do Estado o dr. Justo Chermont, tratou logo de reformar sériamente a instrução publica «que, as ultimas disposições legislativas pareciam querer de todo anniquillar» e, em 7 de Maio assignava o decreto n. 147, dividindo o ensino primario em elementar e integral, sendo aquelle feito em tres annos e este, dividido em tres cursos, elementar, medio e superior, em seis annos. Restabeleceu as entrancias, classificadas como de 1.ª as escolas das villas e freguezias; como de 2.ª as escolas das cidades e como de 3.ª as da capital, e determinou que o director geral expedisse um regimento interno, programmas minuciosos, horario e instrucções pedagogicas para a sua execução.

Em 12 de maio foi nomeado o dr. José Verissimo Dias de Mattos director geral da instrução publica, o qual em 17 assumiu o exercicio desse cargo recebendo-o, do dr. José Ferreira Cantão, que, como lente mais antigo do Lyceu Paraense, interinamente o occupava, de accordo com a legislação em vigor.

O sr. José Verissimo, com o seu programma, que era o do governo do dr. Justo Chermont, na reunião de professores primarios que convocou, expoz suas idéas e opiniões a respeito da instrução publica como factor certo, incontestavel e definitivo da prosperidade nacional, traçou o seu bello e patriótico programma e concluiu com estas palavras:

«Pelo regulamento de 7 de maio, pela instituição do Conselho Superior, dos conselhos escolares, das garantias de que tem cercado o professorado, estorvos que tem posto ao favoritismo no provimento das cadeiras, é muito o que já deve a instrução publica do Pará ao dr. Justo Chermont, mas é muito mais o que temos todos o direito de reclamar e esperar do seu patriotismo, da sua illustração e do seu amor por esta terra».

Dahi em diante salutaras reformas fizeram-se notar no departamento da instrução, e apesar de alguns desvios, a escola primaria transformou-se, sob uma nova orientação, mais pedagogica e consequentemente mais proveitosa, accentuando-se de modo indiscutivel que o verdadeiro problema educativo, não é reformar o ensino primario, mais sim organizal-o sob os melhores methodos, tendo-se em vista, que tudo em materia de instrução geral é o professor.

Em 1891 o dr. Lauro Sodré, governador do Estado, por decreto n. 372 de 13 de Julho, considerando de necessidade reorganizar a instrução publica, deu novo regulamento ao ensino primario, mettendo em suas bases o de 7 de maio de 1890, «que moral e materialmente levantou o nivel do ensino entre nós, corrigindo aquelle regulamento em algumas das suas disposições, de accordo com as lições da pratica e experiencia, e harmonisando-o no todo com os principios consagrados na nossa Constituição».

Em 22 de janeiro de 1892, foi inaugurado o «Lyceu de Artes e Officios — Benjamin Constant», grandiosa idéa de Lauro Sodré, que abriu escolas primarias à classe proletaria e para aquelles, que por seus affazeres não podiam frequental-as durante o dia.

Em 1894, o dr. Alexandre Vaz Tavares, director geral da instrução publica, dizia em seu relatório ao governo: «O estado intellectual das escolas primarias, sinto profundamente dizel-o, ainda não é animador, devido a circumstancias multiplas e complexas. Uma dellas era a grande variedade de compendios acceitos em cada escola para o estudo de uma mesma materia.

A segunda causa do estorvo ao progredimento do nosso ensino primario é a falta de livros para classe dos pauperrimos.

A terceira causa capital, dentre os motivos que tem contribuido entre nós, para o embaraço na marcha da instrução primaria, é a falta que ainda temos de mobílias escolares de varios generos».

E da estatística escolar então apresentada vê-se que: Em 31 de dezembro de 1893 existiam: 456 escolas, sendo de 3.ª entrância 47; de 2.ª, 42; de 1.ª, 126; elementares 241, todas com a matricula geral de 16.420 alumnos e a frequencia média de 12.382, tendo sido distribuidos gratuitamente 26.385 livros escolares: «Primeiros livros de leitura», de Augusto Pinheiro; «Lições de cousas», de E. Zaluar; «Grammatica Portuguesa», de João Ribeiro; «Terceiro Livro», do dr. Freitas; «Coração», de Amicis; «Historia Patria», de Moreira Pinto; «Vida Pratica», de Felix Ferreira; «Geographia Primaria», do dr. Novaes; «Geometria Elementar», de A. da Gama; «Arithmetica», de Trajano.

Em 1895 o projecto de lei de 14 de junho sobre o ensino publico do Estado, não obteve sanction, visto ter-se limitado o acto do Congresso ao estabelecimento das bases geraes do ensino, e dos principios fundamentaes da sua organização.

Entre os que estão consagrados como base fundamental do ensino, figura a obrigatoriedade que, se pôde parecer vantajosa em muitos paizes, onde os governos europeus ou americanos tem imposto a instrução à população, que aliás espontanea e naturalmente procura a escola onde quer que ella se crêe, entre nós, dada a extensão do territorio, como possuímos, a escassez da população, e os habitos devidos à natureza das industrias, de que tanta gente vive em tantos pontos do interior, pôde ser, quando posta em pratica, uma grande iniquidade.

Principio averiguado e certo é que, até as classes menos favorecidas da fortuna, só por causas excepçionaes, que seria doloroso aggravar com punições materiaes creadas por lei, deixam de utilizar o grande beneficio do ensino.

*

Em 1896 a estatística do ensino demonstrava que o Estado mantinha 385 escolas sendo elementares 346, de 1.ª entrância 106, de 2.ª entrância 84 e de 3.ª 49, com a matricula de 24.071 alumnos, sendo 13.706 do sexo masculino e 10.365 do sexo feminino; sem comprehender a matricula e frequencia nas escolas modelo, annexas à Escola Normal, e as integrais dos Institutos «Lauro Sodré» e «Gentil Bittencourt».

Nesse mesmo anno, o art. 50 da lei n. 438 de 23 de março, alterando a organização do ensino publico, determinou a reforma do regulamento geral da instrução publica, que foi mandado observar pelo decreto n. 403 de 18 de janeiro de 1897. Por essa reforma foram creados seis inspectores de ensino.

Em 1.º de janeiro de 1897 realizou-se o primeiro «Congresso Pedagogico Paraense» com as seguintes theses sobre o ensino primario:

«Limites da instrução primaria; Instrução profissional do ensino primario; Educação nacional e civica infantil; Escolha do mestre; Auxilio aos alumnos pobres; Obrigatoriedade e liberdade do ensino primario; Hygiene escolar; Edificações escolares; Solidariiedade do professor primario».

Assumiu o governo do Estado o exmo. sr. dr. José Paes de Carvalho, que, em sua mensagem de 7 de abril de 1898, disse: «Em sua ultima mensagem o meu preclaro antecessor rememorou em synthese persuasiva os trabalhos da organização proficua, a que dêra a sua intelligente actividade patriótica, durante o seu notavel governo.

Em todos os ramos de administração existem provas irrecusaveis do quanto fez a sua competencia e do quanto realizou seu assiduo labor, o que devo assignalar não só para render mais uma vez merecida homenagem publica à capacidade de tão illustre compatriota, como ainda para fixar o sentido em que, mantendo-nos, ser-nos-á possivel desenvolver os serviços que nos legou».

«Poderíamos nós, são palavras suas, examinando a obra feita até aqui, apontar para o desenvolvimento da instrução publica, esse como o melhor de vossos attestados como governo. Desde 1890, sob o regimen novo, recebeu impulso esse importantissimo ramo de serviço publico, cujo movimento acelerado nunca mais padecera interrupção».

«Ninguém deixará de notar, pondo os olhos na historia recente da nossa vida, esse contraste que pelas cousas do ensino oppõe o regimen republicano, em que ellas constituem a primeira preocupação dos poderes publicos, e o regimen antigo em que pos-

suiamos uma organização deficiente, cheia de lacunas, indicio de um systema politico, que não poderia viver alumando o espirito do povo».

«Essa reforma de 1890, feita sobre o governo do dr. Justo Chermont, e ao tempo em que a instrucção publica obedecia á direcção criteriosa e intelligente do dr. José Verissimo, um excellente servidor dessa grande causa, é o marco inicial dessa grande jornada, que vamos fazer sem parar. A revisão a que foi submettida em 1891 o regulamento de 1890, e a lei recente, que promulgaste, em nada alteram as grandes linhas capitais, os solidos alicerces em que todo o edificio descansa».

A nossa tarefa tem sido ao lado de reparos e concertos destinados a corrigir pequenas lacunas que a pratica indicou, alargar-se e desenvolver o plano concebido, que receberá a sua cupula magestosa, no dia em que surgirem aqui, em bases seguras, as escolas do ensino superior».

A reforma constante do decreto n. 625 de 2 de janeiro de 1899 «trazou novos e largos horisontes» á escola primaria, e «primeira entre todas, deu-nos a posse de institutos de ensinos proclamados como as mais modernas conquistas da pedagogia».

Permitiu ás professoras normalistas o ensino do sexo masculino, como a «única medida capaz de imprimir vida nova ao ensino primario que, á falta de professores titulados, estava entregue nas mãos inhábéis de professores interinos, algumas vezes sem a precisa instrucção e sempre sem a educação profissional, a dedicação e o zelo necessarios ao nobre sacerdocio do mestre escola», e instituiu os grupos escolares.

«Creação filha dessa importante reforma», os grupos escolares, o melhor typo da escola graduada primaria, vieram desempenhar notavel papel na evolução do ensino parense.

E assim correspondendo aos seus alevantados fins, esses grupos, em sua maioria, offerecem hoje em dia o mais perfeito, o mais completo desenvolvimento da escola primaria.

Os Drs. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas e Raymundo Nina Ribeiro, já haviam, quando directores gerais da instrucção publica, o primeiro em 1881 e o segundo em 1889, aventado a idéa da construcção de predios apropriados para o agrupamento de escolas. Disse o dr. Corrêa de Freitas «Acho conveniente que se construam annualmente duas casas de escolas, começando pela capital, para chegar depois ás localidades do interior, segundo a sua importancia».

E o dr. Nina Ribeiro: «O grande dispendio que faz a provincia com o ensino publico, as melhores reformas que emprehender o mais habil professorado que crear, tudo será dispendio incompleto e improficuo, se não for acompanhado da resolução de, desde já, se dar principio ás construcções dos edificios escolares».

O sr. dr. José Verissimo, esse grande espirito educacionista, também bateu-se pela realização dessa idéa, que naquelle tempo era ainda considerada como generosa utopia de espiritos optimistas.

Eis o que se lê em seu relatório de 1890, quando director geral da instrucção parense:

«Precisamos entrar systemathica e resolutamente na via das construcções de casas para escolas.

Digo systematicamente, porque neste assumpto toda a ausencia do systema poderia ser funesto e ir de encontro á justa satisfação deste *désideratum*.

A construcção de casas para escolas deve corresponder a reunião de duas, tres, quatro ou mais escolas, em um só edificio, conforme a sua capacidade».

O primeiro grupo escolar instalado na capital foi sob a denominação «José Verissimo», creado pelo decreto n. 935 de 7 de janeiro de 1901, e no interior foi o da cidade de Alemquer, creado pelo decreto n. 722 de 10 de julho de 1899.

Pela reorganização da escola primaria, por força do regulamento de 2 de janeiro, passaram a funcionar 377 escolas, sendo 541 elementares e 36 complementares distribuidas: para o sexo masculino, 288; para o sexo feminino, 156; mistas, 133; regidas todas por 260 professores effectivos e 317 interinos, com a matricula de 31.036 alumnos e uma pequena média de 14.213.

Em 7 de julho do mesmo anno, o decreto n. 719, alterou o art. 28 da reforma de 2 de janeiro, attendendo «a necessidade de mais ainda ampliar a inspecção escolar».

Em 20 de fevereiro desse anno, foi instituido o premio «Paes de Carvalho», pelo inspector do ensino da 2.^a circumscripção escolar, para ser conferido ao alumno que maior nota obtivesse nos exames de diplomas de estudos primarios, tendo sido o primeiro premio conferido á menina Carlota Justo Ribeiro, hoje professora normalista.

Em 1900, a escola primaria contava 206 professores titulados, sendo 50 professores e 156 professoras, occupados 179 em regencia de escolas isoladas, 15 em grupos escolares, 6 nas escolas modelo e 6 nas escolas do «Instituto Lauro Sodré».

Além destes, existiam 4 professores normalistas como inspectores escolares e 3 como directores de grupos.

A 7 de setembro desse anno, o dr. Elyseu Elias Cezar, especialmente convidado, realizou no theatro da Paz a primeira série de conferencias instituidas pela directoria geral da instrucção publica, «com o fim especial de desenvolver o ensino civico da mocidade, gravando em seu espirito as grandes datas, os acontecimentos notaveis, os grandes vultos da nossa historia, de modo a interessar-a pelas coisas patrias e incitar-a a actos de patriotismo, ao amor á liberdade, á veneração aos nossos homems».

Dez annos caminhou a escola primaria, sob a organização decretada em 2 de janeiro de 1899, embora remodelada pelo decreto n. 1.190 de 17 de fevereiro de 1903, que antes teve como fim accommodar-a á organização geral que os serviços administrativos soffreram com o dec. n. 996 de 16 de abril de 1901, que creou as tres secretarias de Estado.

Ao deixar o governo o eminente paraense dr. Paes de Carvalho, estavam creados 8 grupos escolares, sendo um na capital e sete nos municipios de Alemquer, Soure, Curuçá, Bragança, Santarem, Cametá e Obidos.

Percorrendo a administração do dr. Augusto Montenegro, podemos reunir os seguintes dados que resumem a situação da escola primaria, á vista do seu programma de governo assim esboçado: a) reunir as escolas em grupos nos centros mais povoados; b) supprimir, por inuteis, as escolas de logares e povoações, guardando as de sedes dos municipios, e as das villas mais importantes em que grupos não possam ser constituídos; c) dotar grupos e escolas restantes de bom material escolar; d) fundar alguns externatos em torno dos quaes se constituíssem externatos que servissem de centro para a população escolar; e) organizar uma inspecção escolar que offerecesse todas as condições de idoneidade e praticabilidade.

A sua obra foi de «extraordinario relevo». Reformou o ensino primario, deu novo regulamento ao «Instituto Gentil Bittencourt» e aos grupos escolares e escolas isoladas, uniformizou os planos e programmas, ampliando a creação dos grupos, instituição iniciada pelo espirito superior do eminente dr. Paes de Carvalho, que os remodelou de accordo com os ensinamentos da experiencia e a hodierna evolução pedagogica.

A Escola Normal, «ninho donde devem sahir os mestres que têm de levar o evangelho da instrucção primaria á todos os recantos do Estado», mereceu os seus melhores cuidados. Com a reforma regulamentar, reformou o edificio, mandou construir a ala direita, e transformou a escola modelo anexo á Escola Normal em grupo modelo, no qual fazem exercicios praticos os alumnos-mestres, collocando assim o antigo curso anexo no plano do ensino publico primario do Estado.

Tambem «voltou as suas vistas para o esboço malogrado do «Instituto Gentil Bittencourt», cuja construcção estava interrompida, e fel-a concluir na severa elegancia da sua architectura intelligentemente amoldada á natureza do nosso clima, para sob seus tectos confortaveis se abrigarem todas as desvalidas que constituíam o antigo Collegio do Amparo».

E de par com o ensino superior, tendo accetado a transferencia para o Estado, da Faculdade Livre de Direito, de accordo com o Instituto Teixeira de Freitas, e promovido a creação da Escola de Pharmacia, reformou o ensino secundario, dando ao «Gymnasio Paes de Carvalho» novos moldes e remodelando o ensino profissional e tecnico do «Instituto Lauro Sodré».

A 7 de setembro de 1905 realizou-se a grande festa infantil das escolas primarias, que «ao mesmo tempo que significava a mais distincta commemoração á nossa mais assignalada data nacional, fulgia por um bello cunho de estímulo á infancia que se educa, inculcando-lhe o amor á escola, onde são formados o coração e o espirito».

E no ultimo anno do seu governo, existiam 36 grupos escolares, sendo 7 na capital e 29 no interior, sendo, no periodo de sua operosa administração, fundados 6 grupos na capital e 22 no interior: Maracanã, Vigia, Marapanim, Abaeté, Castanhal, Baão, Igarapé-miry, Pinheiro, Muanã, Mosqueiro, Mocajuba, Santa Izabel, Faro, Gurupá, Mojú, Vizeu, S. Caetano, Igarapé-assu, Macapá, Anajás, Irituia e Guamã.

Além destes grupos foram ainda fundados «Instituto Orphanologico do Outeiro, os dois institutos do Prata e os dois de Ourém.»

Recebiam instrucção primaria 15.050 alumnos, sendo, nos 7 grupos da capital, 3.439; nos 4 grupos do interior do municipio da capital, 1.233; nas escolas isoladas da capital e seu municipio, 1.066; nos 25 grupos do interior, 4.042; nas escolas isoladas do interior, 4.142; nos institutos do Estado, 1.128.

Na administração do dr. João Antonio Luiz Coelho installou-se a 1.ª exposição escolar de desenho, em 7 de setembro de 1909, e a reforma do ensino primario pelo dec. n. 1.689 de 28 de abril de 1910, baixado em execução á lei n. 1.082 de 14 de outubro de 1909, *ad referendum* do Poder Legislativo, que pelo n. 1.131 de 22 de outubro daquelle anno, approvou-a sem modificação alguma, teve em vista «mudar a forma de transmissão dos conhecimentos do «*Consciente para o inconsciente*,» no conceito de Gustavo Le Bon».

«Nisto, e só nisto, como disse o illustrado desembargador Augusto Olympio de Araujo e Souza, então Secretario de Estado da Instrucção Publica, consistiu a innovação».

Com o novo programma de ensino, que a reformou, em «traços largos, planearia; o ensino de cada disciplina não teve a pretensão de ostentar conhecimento pedagogico, menos houve a preocupação de ensinar coisas sabidas aos que se mostravam apparelhados para a difficil missão de mestres, mas somente o desejo de deixar bem claramente figuradas todas as linhas de limitação do ensinamento, para evitar que se as excedessem ou se não as attingissem completamente».

Os grupos escolares foram classificados «para effeito do provimento dos logares de professores e fixação dos vencimentos a estes devidos, em cathegorias ou entrancias».

Manteve a disposição da reforma de 2 de janeiro de 1899 sobre a instituição de premios de animação para serem distribuidas pelos professores que mais se distinguissem no exercicio do magisterio, e deu nova constituição ao Conselho Superior de Instrucção Publica, de modo que nelle se representassem todas as classes interessadas no ensino.

Em algarismos geraes a matricula das escolas primarias, em 1912, era a seguinte:

Sete grupos escolares funcionando na capital, com 3.578 alumnos; escolas isoladas na capital com 515 alumnos; 29 grupos no interior com 5.381 alumnos; 92 escolas isoladas no interior com 3.733 alumnos; nos institutos do Estado 1.147, sendo o total da matricula 13.354 alumnos.

CONCLUSÃO

No Pará-colônia, tivemos apenas a influencia dos jesuitas e de outras ordens religiosas na instrucção da mocidade paraense.

No Pará-Imperio, de 1823 a 1836, pouco ou nada se fez em beneficio da escola primaria; de 1837 a 1839, já havia 33 escolas primarias; de 1840 a 1888 a evolução da escola primaria foi se fazendo, e nesse ultimo anno, existiam 159 escolas.

No Pará-Republica, de 1889 a 1912, a escola primaria teve a sua primeira phase; de 1890 a 1899, registrando a estatística escolar do ultimo anno 577 escolas, e de 1900 a 1912 a sua segunda phase, 36 grupos e 111 escolas isoladas na capital e no interior do Estado.

Firmo Carlosso.

EGREJA DAS MERCÊS

 S edifícios, assim como os homens que os constroem, têm às vezes destinos ironicos, tal é a desproporção entre a penúria a que chegam e os fins altos e nobres a que se destinam. Entre esses edifícios desvirtuados pelo destino, pôde-se contar a Igreja das Mercês, um velho e formoso templo, de cornijas esborcadas, de torres desertas, de campanários silenciosos, de nichos abandonados, todo vazio, enfim, como um grande tumulto de tradições esquecidas.

Já nessas naves, outr'ora, reboaram os canticos sacros, proclamando, entre gemidos do órgão, a gloria excelsa de Deus; nesses altares cobertos de pó, quantos sacerdotes sinceros se prostraram, officiando, em extases de illuminados, os sacrificios do sagrado rito! E hoje nem um leve rumor humano quebra o silencio dessa ruina precoce, desse interior desolado, pobre de luz e de ar, onde nem mesmo as andorinhas alegres vêm tecer os ninhos, amigas como são de um raio de sol que as aqueça e mais os filhos implumes, quando caem as chuvas intempestivas e bruscas.

Extrahimos do «Album de Belem», de 1902, as palavras acima, que, em linhas geraes, deixam ver o estado em que se encontrava o templo de Nossa Senhora das Mercês.

A' iniciativa dos religiosos Fr. Pedro de la Rue Cirne e Fr. João da Mercê, companheiros do explorador Pedro Teixeira, quando voltava ao Pará de uma viagem a Quito, deve-se o principio da construcção, em 1646, desse magnifico templo.

Perdura ainda na memoria de muitos habitantes de Belém a lembrança desse grande centro de piedade e movimento religioso, que foi a Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Em 1852 serviu de Matriz da parochia de Sant'Anna, por estar em concerto a respectiva séde parochial; e em 1862 a Igreja das Mercês reclamava conceros no tellado, como se vê de um orçamento e relatorio da extincta irmandade do S. Christo, que por muitos annos funcionou naquelle templo.

Veiu, enfim, a fechar-se definitivamente a Igreja das Mercês no episcopado de D. Antonio de Macedo Costa. Este insigne Prelado, preocupado com outras obras da Diocese, principalmente com as da Cathedral, não poudo voltar as vistas para a Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Esta iniciativa coube primeiramente ao Exmo. Snr. D. Jeronymo Thomé da Silva, em 1892; mas nem começo poudo dar aos trabalhos de reparação, porque lhe foi preciso, antes de tudo, intentar uma acção de manutenção de posse da Igreja e suas dependencias, sendo advogado por parte da Diocese o provector jurisconsulto Conselheiro Samuel Wallace Mac-Dowell.

Deu motivo a esta questão o facto de, em tempos anteriores, o Inspector da Alfandega haver pedido ao Bispo diocesano as chaves da Igreja, para tratar da extinção de cupins que tinham séde nos galpões da mesma Alfandega e damnificavam o templo, e ainda hoje damnificam, como podemos verificar até depois dos serviços que fizemos. O Snr. Inspector da Alfandega entendeu conservar em seu poder as chaves e não mais as devolveu ao Bispo diocesano. Dahi, um dos fundamentos do pretenso direito da Fazenda Nacional sobre o templo de Nossa Senhora das Mercês.

A acção intentada contra a Fazenda Nacional exgotou o curto episcopado de D. Jeronymo e grande parte da administração de D. Antonio M. de Castilho Brandão, pois que só em 1896 veiu ter solução final com o Accordam do Supremo Tribunal Federal, de 13 de Fevereiro desse anno, mantendo o Bispo diocesano na posse da Igreja e suas dependencias.

Em 22 de Junho de 1901, foi D. Antonio Brandão transferido para a Diocese de Alagoas. No espaço de tempo decorrido entre o termino da questão da Igreja das Mercês e a transferencia desse Prelado para a nova séde episcopal, não lhe foi possível tratar da

restauração da referida Igreja, porque, tendo se empenhado na constituição do patrimonio do Seminario e Cathedral, não quiz dirigir a sua actividade a outras obras, enquanto não visse terminados os trabalhos da constituição do patrimonio.

A D. Antonio Brandão succedeu, em 27 de Novembro do mesmo anno, D. Francisco do Rego Maia, que, pelo seu estado de saude, pouco tempo poudo permanecer na Diocese. Embora forçado a procurar em clima europeu allivios á sua saude alterada, não descurou este Prelado o templo de Nossa Senhora das Mercês, porquanto em registro da Secretaria do Arcebisado encontramos a designação de uma commissão para tratar da restauração da mesma Igreja. Devido ao fallecimento de um dos membros da commissão e á prolongada ausencia de D. Rego Maia, nada se poudo fazer.

Renunciando D. Rego Maia a séde episcopal do Pará, que em 1.º de Maio foi elevada a Arcebisado, teve como successor em 27 de Abril de 1906 o Exmo. Snr. D. José Marcondes Homem de Mello, que, por procuração apresentada ao Cabido Metropolitano em 25 de Julho, tomou posse da nova Archidiocese de Belém. Deste Prelado nenhuma referencia podemos consignar em beneficio da Igreja, porque a sua administração foi de poucos mezes e nem chegou a vir ao Pará. Abalado profundamente em sua saude, em consequencia do naufragio do *Sirio*, vio-se na necessidade de pedir a S. Sé dispensa do Arcebisado do Pará, sendo depois nomeado Bispo da nova diocese de S. Carlos do Pinhal.

A S. Sé, ao mesmo tempo que concedia dispensa ao Exmo. Snr. D. José Marcondes, não querendo que a séde do Pará continuasse acephala por mais tempo, transferiu o Bispo eleito do Maranhão, que eramos Nós, para o Pará, e deste acto nos dava sciencia por telegramma em 16 de Novembro do mesmo anno 1906, seguindo-se logo a nossa preconização no Consistorio de 6 de Dezembro.

Chegámos ao Pará em 29 de Junho de 1907, e um dos nossos primeiros cuidados foi visitar a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, que, situada no bairro mais movimentado do commercio de Belém, tendo resistido á acção do tempo e aos rigores do abandono, ali estava reclamando serias providencias para sua conservação. De suas torres ennegrecidas, de seus campanários silenciosos como que partia uma voz a dizer-nos que em seu recinto desceram outrora as mais copiosas benções sobre esse ramo da actividade humana, que é o commercio, e que ali, embora fechado ao culto publico, continuava o templo de Nossa Senhora das Mercês a presidir e testemunhar o seu desenvolvimento.

Fomos visital-o; e qual não foi a nossa consternação deante do estado em que se achava! O altar mór convertido em um montão de madeiras, em enorme confusão; obras de talha de alto valor, carcomidas umas, e reduzidas a pedaços outras inteiramente imprestaveis; painéis preciosos e ricas molduras dos altares lateraes, estragados pela humidade permanente, provinda das aguas pluviaes que escorriam pelas paredes. O interior do templo, convertido em deposito de lixo de muitos annos e em moradia de individuos adventicios que tinham entrada por um dos botequins lateraes e lá se abrigavam! Verdadeiramente triste e desolador era o aspecto desse templo que pela sua architectura e obras d'arte já figurou entre os primeiros de Belém!

Achando-nos em visita pastoral no interior do Estado, Monsenhor Hermenegildo Perdigão, encarregado do expediente da Curia, tendo sciencia dos estragos que as aguas pluviaes estavam produzindo nos painéis, fel-os retirar, recolhendo-os ao palacio archiepiscopal, onde se acham apenas quatro; dos outros dois, completamente arruinados, somente alguns retalhos de pequenas dimensões foram retirados. Confiado na mercê de Deus e na protecção da Virgem Santissima, esperamos repór, quanto antes, em seus logares, os que se acham recolhidos em nosso palacio.

Voltando do interior, começamos a pensar seriamente na Igreja das Mercês, e subiu de ponto a nossa preocupação quando, passados alguns dias, alguém veio nos trazer a noticia de que o tecto da Capella mór ameaçava desabar. Era preciso providenciar definitivamente e sem demora. Não nos ficava bem, no inicio de nosso episcopado, testemunhar a triste realidade que aquella noticia prenunciava. Não era tambem honroso para o povo paraense que, em plena cidade de Belém, um templo catholico e de tradições gloriosas ruísse por completo.

Imponha-se a necessidade de uma iniciativa. A execucao, porém, se nos apresentava difficilissima, em face das proporções verdadeiramente assustadoras que assumiu a crise

naquelle anno. Não deixava tambem de nos preoccupar o pensamento se eramos nós, de facto, o homem capaz de levar a effeito tão bello e glorioso empreendimento.

Reflectimos. De todas as hypothèses se nos afigurou mais viavel a de mettermos mãos á obra com os escasos recursos que estivessem ao nosso alcance. A Providencia não nos abandonaria, e o povo catholico do Pará viria em nosso auxilio... Muito nos animou e confortou illustre profissional, pondo logo á nossa disposição os seus serviços.

No dia 8 de Junho de 1908 demos principio aos trabalhos de restauração, desprezando desde logo a esperanza de reconduzir aquelle magestoso templo ao seu primitivo esplendor, em vista dos grandes estragos e escassez de recursos, cuja somma, no momento, limitava-se á nossa boa vontade. Iniciados os trabalhos, verificou-se logo que estavam muito além de nossas previsões e do proprio engenheiro, dr. Palma Muniz, pois que das obras de talha do altar mór, que julgavamos susceptíveis de reparo com pequenas modificações, nada se poudo aproveitar e foi preciso remover tudo. Dahi nasceu a idéa de um altar inteiramente novo, levantado em alvenaria. Deste modo, ao menos, perdida aquella primeira esperanza, poderíamos levar o templo de Nossa Senhora das Mercês ao ponto de, com alguma decencia, ser aberto novamente ao culto publico.

Momentos, porém, de forte desalento tivemos de soffrer, quando verificou-se tambem que o tecto da Capella mór precisava ser arreado e na quasi totalidade substituído. Mediante a protecção da Virgem das Mercês que certamente desejava ver o seu templo preservado, ao menos, de maiores estragos, com o concurso de esmolas e donativos de materias, conseguimos repór o tecto e forrar tambem a Capella mór, passando-se em seguida á revisão do tecto grande, onde, felizmente, o madeiramento principal foi encontrado em perfeito estado de conservação, reclamando apenas substituição de pequenas peças, telhas e encalçamento.

Atenuados os rigores da crise em 1909, nos veio a feliz idéa de forrar tambem o corpo da Igreja; contudo não deixaram de nos assaltar serias apprehensões em vista da grande quantidade de materias que demandava, principalmente para os andaimos. Vencemos, porém, essa difficuldade, fazendo chegar pedido especial a diversos estancieiros de Belém que muito nos auxiliaram. Cuidamos, em seguida, do altar mór, levantando-o em alvenaria e obedecendo a planta inteiramente nova. Reformados foram tambem os altares lateraes até á mesa, em vista da imprestabilidade dos primitivos. Por grande reforma passou o compartimento superior á sacristia, onde, além da substituição total do soalho, tivemos de modificar as arcadas externas, estreitando-as e collocando venezianas para impedir a entrada de aguas pluvias. Difficuldade não pequena encontrou-se para dar subida e accesso ao côro, devido ao espaço de que se dispunha, para a escada, ser muito limitado e quasi insufficiente. Sob a orientação, porém, do engenheiro, este problema ficou resolvido da melhor forma que se poudo.

Aos serviços mencionados devem juntar-se ainda os que se fizeram nos pulpitos, côro, escada para o sino, sacristia que foi tambem forrada de novo, concertos no ladrilho, catiação geral, etc. Tratamos por ultimo de uma modesta instalação electrica, uma vez que escasseavam os recursos, e outras despesas tinhamos a fazer para ornamentação, aquisição de alfais, etc.

São estes os serviços principaes que fizemos na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, a qual fechada, ha cêrca de meio seculo, reabrimos agora ao culto publico e cuja conservação entregamos á generosidade e piedade dos fies.

Fizemos o que estava ao nosso alcance; esta convicção nos assiste. Melhores serão talvez para o futuro as condições, e mão mais habil se encarregará de restituir-lhe o primitivo esplendor. E Deus assim permitta. Não empreendemos outros melhoramentos, porque, iniciada a construcção da Igreja de Nossa Senhora de Nazareth, de tanta necessidade em vista da grande população e movimento religioso daquella parochia, desejavamos que para lá convergissemos os recursos e a generosidade do povo.

Nosso principal intento foi preservar a Igreja das Mercês de maiores estragos e isto alcançamos com a mercê de Deus, a quem rendemos as mais sinceras graças. E, aproveitando a circumstancia do anno constantiniano, em que movimenta-se todo o orbe catholico para celebrar o triumpho insigne do christianismo, e de toda parte são endereçadas ao Vigário de Jesus Christo na terra, homenagens e provas de amor filial, reabrimos ao culto publico o templo de Nossa Senhora das Mercês, apresentando ao S. Padre Pio X

esse acto como principal homenagem do povo catholico do Pará ao Pae commun da christandade.

As despesas, até ao presente, com os serviços mencionados subiram à quantia de Rs. 25:194\$070. Tivemos de receita, inclusive 1:500\$000 por conta da Caixa Pia, Rs. 20:150\$350—Deficit: Rs. 5:043\$720.

Todos os documentos, recibos de compras, notas de donativos em dinheiro e materiaes, pagamento de operarios, etc., ficam archivados na Secretaria do Arcebisado.

Fizemos aquisição tambem de algumas alfaias estritamente necessarias. E' de nosso dever mencionar os seguintes objectos, recebidos como offerta :

De D. Francisco do Rego Maia, 1 Calix; Mons. Domiciano Cardoso, 1 Alva, 1 Carrilhão e 1 terno de sacras; Mons. Domingos Maltez, 1 Harmonium.

Menção especial merece o Snr. A. J. A. de Magalhães, a quem se deve a offerta da bellissima imagem de Nossa Senhora das Mercês destinada ao altar mór.»

O presente artigo é um importante documento historico. E' o texto, quasi integral, de um fascículo publicado nesta capital em 21 de Setembro de 1911, pelo arcebispo da archidiocese do Pará, D. Santino Coutinho, data em que o velho e magestoso templo das Mercês foi restaurado e reaberto ao culto publico.

Ephemerides do "Lyceu Paraense" actual "Gymnasio Paes de Carvalho"

13 de Abril de 1871—Lei n. 669, autorizando nova reforma.

20 de Abril de 1871—Reforma do regulamento em virtude da lei n. 669.

26 de Dezembro de 1871—Nova reforma, à vista do relatório apresentado pela commissão composta dos dts. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, Americo Marques Santa Rosa e Domingos Soares Ferreira Penna, nomeada pelo Presidente da Provincia.

26 de Dezembro de 1871—Nomeação dos professores dts. José Ferreira Cantão e José Felix Soares, como representantes do Lyceu no Conselho Director da Instrução Publica.

19 de Dezembro de 1872—Foi annexado ao Lyceu o curso da Escola Normal.

21 de Março de 1873—Foi additado ao regulamento do Lyceu o do ensino normal.

9 de Junho de 1874—Foi separado do Lyceu o ensino normal.

1871 e 1874—Directores da instrução publica e do Lyceu, dts. Francisco Pereira de Souza Junior, commendador João Wilkens de Mattos e dr. José Ferreira Cantão.

6 de Abril de 1875—O professor de escripturação mercantil passou a ensinar arithmetica.

19 de Abril de 1875—Lei n. 838 estabelecendo a forma de abanar-se as gratificações aos substitutos dos letes do Lyceu.

18 de Abril de 1876—Approvação do acto da Congregação estabelecendo os exames semestrais, de sufficiência, com assistencia do director.

13 de Abril de 1877—Alteração de differentes artigos do regulamento sobre exames, matriculas e gratificação mensal dos substitutos.

24 de Abril de 1880—Lei n. 998 criando as cadeiras de allemão e italiano.

7 de Maio de 1880—Lei n. 1.030, que, reorganizando o conselho director, fez eleger, pela Congregação, seu representante, o dr. José Ferreira Cantão.

1875 e 1881—Directores da instrução publica e do Lyceu, dts. José Ferreira Cantão e Joaquim Pedro Corrêa de Freitas.

3 de Dezembro de 1881—Lei n. 1.224 mandando fundir no Lyceu a Escola Normal.

16 de Dezembro de 1885—O art. 60, da lei n. 1.212, mandando codificar em um só os regulamentos da instrução publica e organizar o ensino secundário de accordo com as bases para a fusão da Escola Normal.

1882 e 1885—Directores da instrução publica e do Lyceu, dts. Americo M. Santa Rosa, José Felix Soares, Francisco A. Corrêa, Justo Leite Chermont.

1886—Directores da instrução publica e do Lyceu, dts. Felix de Figueirôa Faria, João Gomes Ribeiro, Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, Joaquim José Rodrigues Collares e Americo Marques Santa Rosa, padre Manoel Carlos do Nascimento, dr. Liberato Magno da Silva Castro e padre Manio Caetano Ribeiro.

Os primeiros deputados paraenses



roclamada a nossa Independencia em 1822, tendo a ella adherido todas as Províncias, cuidou logo o governo Imperial de dar á Nação uma organização séria, e deste modo, em 25 de Março de 1824, era assignada a Constituição Política do Imperio, sendo ella a terceira, em antiguidade, no mundo.

Mais tarde, o Acto Additional de 12 de Abril de 1834 veiu consolidar a organização do Imperio e creou as Assembléas Provinciaes.

Em 25 de Agosto de 1834, o presidente da Provincia, Machado de Oliveira, baixou uma portaria dando as instrucções para as primeiras eleições de deputados á Assembléa Provincial do Pará, que realizaram-se em principios de 1835, sendo eleitos deputados: Dr. Angelo Custodio Corrêa por 118 votos; Padre Jeronymo Roberto da Costa Pimentel, 117; Padre Thomaz Nogueira Picanço, 116; Padre Felipe da Costa Teixeira, 104; Pedro Henrique de Almeida Seabra, 104; Jacintho Francisco Lopes, 93; Dr. José da Fonseca Cardoso, 92; Joaquim Varjão Rolin, 91; Dr. Marcellino José Cardoso, 89; Padre José Manoel Ribeiro, 86; Padre Raymundo José Auzier, 85; Padre Raymundo Severino de Mattos, 82; Dr. Manoel Bernardino de Souza, 79; Nicolau da Gama Lobo, 79; João Maximiano Furtado, 76; Padre Raymundo Sanches de Brito, 72; Padre José Antonio Ventura, 71; Padre Raymundo Antonio Fernandes, 69; Padre Silvestre Pereira da Serra, 67; João Antonio Loureiro, 67; Padre João Pedro Pacheco, 66; Francisco Candido de Carvalho, 64; José Francisco Alves, Lourenço da Motta, Pedro Honorato Corrêa de Miranda e Thomaz de Oliveira Cardoso, 63 cada; Manoel Emilio Pereira Guimarães e João Florencio de Chermon 62, cada um.

De accordo com a legislação em vigor, ao dr. Angelo Custodio Corrêa competiu o logar de vice-presidente da Provincia, visto ter sido o deputado mais votado.

Ao distincto paraense e aos seus companheiros eleitos deputados, porém, não coube a honra de serem os primeiros legisladores do Pará, pois que, em lucta Eduardo Angelim e seus amigos com os representantes dos poderes constituídos no Pará, foi-lhes impossivel tomarem conta de seus cargos os deputados eleitos, e o vice-presidente Angelo Corrêa.

Só no anno de 1838 foi possivel inaugurar, no Pará, o poder Legislativo Provincial, creado pelo Acto Additional, em virtude da carta de lei de 12 de Outubro de 1832.

Em 28 de Fevereiro realizou-se a primeira sessão preparatoria, sendo os trabalhos installados a 2 de Março seguinte, prolongando-se elles até 15 de Maio do mesmo anno.

As sessões compareceram os seguintes deputados, a quem coube a tarefa de inaugurar, no Pará, Assembléa Provincial: dr. Marcellino José Cardas, presidente; dr. João Maria de Moraes e João José de Deus e Silva, secretarios; João Henrique Diniz, padres Francisco Pinto Moreira, Manoel Theodoro Teixeira, Francisco Pinto de Castilho, Antonio José Gonçalves Loureiro, Francisco Sergio de Oliveira, Antonio Agostinho Andrade Figueira, padre Jeronymo Roberto da Costa Pimentel, Lourenço Lucidoro da Motta, João Henrique de Mattos, padre Victorio Procopio Serrão, Mathias José da Silva e Costa, Marcellino Manoel Perdigão, padre João Florencio de Chermont, Francisco Antonio da Costa, José Pinto de Araujo, dr. Lourenço José da Silva Santiago, Antonio Manoel de Souza Trovão, Bernardo Joaquim de Mattos, conego Silvestre Antunes Pereira da Serra, Ernesto Emiliano de Medeiros, Francisco Antonio da Silva Bittencourt, Geraldo José de Abreu, padre Antonio José de Souza Loureiro, tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira, conego Raymundo Severino de Mattos, tenente-coronel Manoel Lourenço de Mattos, Antonio Agostinho de Andrade e major Joaquim Rodrigues de Andrade, vencendo cada deputado o subsidio diario de 3\$200, como fôra fixado pelo presidente marechal de campo Francisco José Soares de Andréa, que conseguiu restabelecer a ordem e normalizar os serviços publicos no Pará.

Além daquella quantia, cada representante paraense vencia mais 2\$000, como ajuda de custa por cada dia de viagem para Belém ou vice-versa.

Nos termos da legislação de então, optaram pelos vencimentos dos cargos que exerciam, os deputados já citados: Henrique Diniz, official da secretaria da Fazenda; padre F. Pinto Moreira, cura da Sé; padres Pimentel e Pinho de Castro, vigarios, aquelle de Abaeté e este da Campina e vigario geral do Bispado; Lourenço Motta, inspector da Thezouraria da Fazenda; Henrique de Mattos, tenente-coronel reformado; dr. L. Santiago, juiz de direito e auditor geral de guerra; Bernardo Mattos, secretario do presidente da Provincia; Ernesto Medeiros, tenente ajudante de ordem do mesmo; Francisco Bittencourt, major e commandante do corpo de artilheria ligeira; padre Antonio Loureiro, capellão da Barra; Francisco Oliveira, tenente-coronel commandante do batalhão de Pernambuco; padre Raymundo Mattos, conego da Sé; Manoel Mattos, tenente-coronel commandante de officiaes avulsos; Antonio Figueira, 2.º escriptuario da secretaria da Presidencia; Joaquim Andrade, major director do Arsenal de Guerra; reverendo Manoel Theodoro, conego da Cathedral.

Uma pagina paraense

13 DE MAIO DE 1836



DATA de 13 de Maio, que marca uma victoria da Liberdade no Brazil, com a lei da extincção da escravatura no nosso paiz,— lembra tambem um importante facto da historia do Pará:—Foi a 13 de Maio de 1836 que os cabanos deixaram definitivamente Belém, onde vinham, de ha muito, praticando os maiores desatinos.

Fortemente entrincheirados os sediciosos na capital, o marechal Francisco José Soares de Andréa, presidente da Provincia, que com as autoridades legaes chegára ao Pará a 9 de Abril do mesmo anno, se achava na ilha do Arapiranga, (para onde passara de Tatuóca em fins desse mez), fez seguir, em observação, a escuna «Rio da Prata», pelo Guamá ácima devendo no regresso fundear em frente á Pedreira.

Como ao acampamento do presidente chegasse a noticia de ter a escuna encalhado, vendo-se cercada de canoas inimigas, aquelle fez seguir em seu auxilio a escuna «Leal Cametaense», sob o commando do 2.º tenente Felippe José Pereira Leal, e uma outra, as quaes encontraram a «Rio da Prata», que vinha rio abaixo, com as correntes das aguas.

Reunidos os tres navios, fundearam em frente á Pedreira, de onde, na manhã seguinte, 13 de Maio, os rebeldes sobre elles fizeram vigoroso fogo, que foi logo correspondido, fazendo mais tarde os navios um desembarque de forças, que, sem grande resistencia, levaram em debandada os rebeldes. Na precipitação da fuga, deixaram elles diversas peças de equipamentos e canoas e varios objectos.

Chegados os vencidos cheios de terror, ás 3 horas da tarde, a Belém, avisaram os companheiros que na Pedreira desembarcava numerosa força que vinha em marcha para a capital. A noticia correu célere a todos os recantos de Belém, levando o panico aos seus habitantes, cada um dos quaes cuidou logo de promover os meios de pôr-se, com os seus, fóra do perigo que os ameaçava. Por esse tempo, Belém tinha 1.400 braças de frente sobre o Guajará, com quasi a mesma conformação actual, dividida ahí em duas partes: uma, de 600 braças, que ia do convento de Santo Antonio pelos lados da barra, e outra de 400 braças, de Santo Antonio para o Arsenal, com enorme cotovello no Castello.

O caes, na praia, ia, do mesmo convento, á travessa das Gaivotas, actual 1.º de Março, com uma rampa chamada «Ponte de Pedras», fronteira á travessa do Pelourinho (hoje 7 de Setembro), onde está o mercado publico, até á escada do Porto do Sal.

Belém dividia-se em duas freguezias: a da *cidade*, (Sé), creada em 1616, contendo 669 casas, e a da *campina*, creada em 1727, com 1.236 casas.

sendo separados esses bairros pelo igarapé que desembocava no Vêr-o-pêzo. Contava 35 ruas, algumas estreitas, como até hoje, das quaes 10 na Campina. Eram simples caminhos, com pouco tranzito, devido á sua má conservação, tendo construcções somente 25. Tres ruas eram cortadas por 31 travessas, das quaes só 18 tinham casas. Havia 12 praças, sendo as maiores as de Palacio, e da Polvora (ao depois Pedro 2º e hoje Republica), aquella augmentada, ao depois (60×84 braças).

Completamente despovoado, mais contando já com a sua encantadora e formosa ermida, onde, desde 1799, cheio de fé, o povo annualmente ia em festas adorar a Virgem—o elegante bairro de Nazareth contava apenas alguns caminhos que vinham ter á cidade, ao Reducto, Santo Antonio, Arsenal de Marinha, Barra, etc.

Mas voltemos á narrativa.

De conjectura em conjectura, os rebeldes reuniram-se no Arsenal de Marinha, onde tinham varias canoas e um barco artilhado, com o fim de realizar a retirada; em poucos momentos, barco e canoas ficaram repletas de gente, as quaes, em companhia de outras saídas de varios pontos da praia da cidade cheias de passageiros, formaram uma numerosa esquadilha, que immediatamente rumou para o Acará, com a velocidade que era possivel darem os remos de seus tripulantes.—Não conseguiram, porém, alcançar nem a margem opposta do Guajará, como era o intuito de Eduardo Angelim,—que com sua familia ia em uma das canoas artilhadas, para livrarem-se das tres escunas fiscalizadoras do mar, que rondavam no Guamá.

De bordo dos referidos navios foram vistos os fugitivos e sobre elles romperam tremendo fogo, debandando-os, espalhando-se elles pelos rios e furos onde contavam ter prompto refugio, em meio da tremenda chuva que então cahia.

Mas o navio que descia do Acará, conseguiu aprisionar varias canoas, escapando-se Angelim, que fez-se de vella para o Acará, onde conseguiu aportar.

Chegando ao Presidente Andréa a noticia da fuga dos rebeldes, da capital, fez logo embarcar para esta o major Francisco Luiz de Souza e o capitão de fragata Frederico Mariath com numerosa força, a tomar conta da cidade, aonde chegaram a 13, de tarde, effectuando o seu desembarque na ponte de Santo Antonio.

Tendo desembarcado, apenas de uma casa, á praça Santo Antonio, receberam alguns tiros de um grupo de rebeldes que fugiram á perseguição da torça.

Nesse mesmo dia, Souza e Mariath visitaram o palácio do Governo, quartéis e estabelecimentos publicos e varios pontos da cidade, comparecendo ao palácio do Bispo D. Romualdo de Souza Coelho, a quem retribuiram a visita que este lhes mandara fazer pelo seu secretario, portador de suas felicitações e cumprimentos. Aquelles militares agradeceram então a esse distincto e humanitario paraense os inauditos esforços que fez para que Angelim entrasse em accordo com Andréa para pacificação da cidade.

Restabelecida completamente a ordem em Belém no dia 13 de Maio de 1836, no dia 14 o general Andréa tomou em pessoa posse da cidade, fazendo-se acompanhar do seu secretario Bernardo Joaquim de Mattos, do seu

ajudante de ordens alferes Ernesto Emiliano de Medeiros, do encarregado da caixa militar tenente Albino dos Santos Pereira, do seu filho tenente José Soares de Andréa e de varios officiaes, muitos dos quaes sempre distinguui com a sua confiança, promovendo alguns.

Na cidade encontrou Andréa somente mulheres e creanças que Angelim deixára e cujo numero não ia além de duzentos. Ordenou elle a prisão dos intitulados officiaes da gente rebelde, e que os demais fossem alistados como recrutas nos diversos corpos militares da cidade.

Belém apresentava então um aspecto desolador de tristeza e abandono, com as suas casas abertas, desertas, sem janellas, e na mór parte em ruínas, e com as suas ruas e praças cobertas de mato, lama e agua.

Ephemerides do "Lyceu Paraense" actual "Gymnasio Pass de Carvalho"

20 de Dezembro de 1886—A lei n. 1.295, que transformou e modificou, com grave prejuizo, o ensino publico, não foi regulamentada.

19 de Dezembro de 1887—A lei n. 1.329 deu novas disposições sobre o ensino.

1889—Director da instrução publica e do Lyceu, dr. Americo Vitrúvio Gonçalves Campos.

1888—Directores da instrução publica e do Lyceu, des. Raymundo Nina Ribeiro, Themiostodes Augusto de Figueiredo e João Raulino de Souza Uchôa.

11 de Outubro de 1889—Lei n. 1.408, auctorizando a reforma da instrução publica, sobre novas bases, mandou reabrir a Escola Normal, crear no Lyceu cadeiras das materias exigidas, como preparatorios, para as escolas superiores, etc.

1889—Director da instrução publica e do Lyceu, dr. Americo M. Santa Rosa.

9 de Janeiro de 1890—Decreto n. 16, dividiu em duas a cadeira de mathematica: arithmetica e algebra; geometria e trigonometria.

7 de Maio de 1890—Decreto n. 149, deu novo regulamento a instrução publica, dispondo o art. 3.º, o seguinte: «O ensino secundário e dado no Lyceu Paraense em um curso de preparatorios exigidos para a matricula nos cursos superiores da Republica».

12 de Julho de 1890—O decreto n. 162, mantendo a reforma radical do ensino secundário pelo governo federal, estabeleceu um curso commercial systematisando o ensino da antiga cadeira de contabilidade e escripturação mercantil.

4 de Setembro de 1890—Decreto n. 188, creou a cadeira de historia e chorographia do Brazil.

1890—Director da instrução publica e do Lyceu, José Veríssimo Dias de Mattos.

11 de Junho de 1891—Decreto n. 172, mantendo em suas bases o regulamento de 7 de maio de 1890,

reorganiza o ensino. Em seu art. 221, dispoe o seguinte: «O ensino secundário será dado no Lyceu Paraense, em um curso de sciencias e letras, organizando de accordo com as exigencias do governo federal, para a matricula nos cursos superiores da Republica».

28 de Outubro de 1891—O decreto n. 417, deu novo regulamento ao Lyceu.

1891—Director do Lyceu, dr. Alexandr Vaz Tavares.

11 de Setembro de 1892—Decreto federal n. 1.041, mandando proceder nos Estados exames gerais de preparatorios.

8 de Outubro de 1892—Por decreto desta data, o governador, considerando ser de vantagem e de urgencia modificar o regulamento do Lyceu, de modo a pô-lo de accordo com o Gymnasio Nacional, affirm de gosar da faculdade conferida pelo decreto do governo federal, n. 1.389 de 21 de Fevereiro de 1891, augmentou o numero de cadeiras, distribuiu as disciplinas em sete annos e dispoe sobre os concursos.

1 de Novembro de 1892—O decreto federal n. 1.121, concedeu ao Lyceu Paraense as vantagens do Gymnasio Nacional.

De Janeiro a Maio de 1892—Director do Lyceu dr. Basilio Magno de Araújo.

21 de Janeiro de 1893—Execução da equiparação, com a distribuição das materias do curso integral, de accordo com os programmas do Gymnasio Nacional.

De Junho a Janeiro de 1893—Director do Lyceu dr. Hildebrando Barjeana de Miranda.

4 de Setembro de 1894—Aviso circular do ministerio do interior sobre a obrigatoriedade do estudo de inglez e allemão.

11 de Setembro de 1894—Aviso do ministerio do interior sobre o modelamento dos lycens estaduais no Gymnasio Nacional.

Canto do Stoicismo

Sustine!
Preceito stoico.

O eneo malho do infortunio, erguido
Sobre mim cae ;
Sinto-lhe o peso aniquilar-me o peito,
Sem dar um ai !

Porvir e glórias e laureis sonhados
Tudo perdi :
No vacuo frio, tacteando as trevas
Eu não descri !

E quanto d'alma, do imo peito amei,
Me foi roubado :
Eia ! ao desterro — se me diz — caminha !
Cumpre o teu fado !

Segui... segui e com descalços pés
Pisei abrolhos :
A terra avisto do desterro ingrato,
De enxutos olhos !

Então as fêzes eu libei sorrindo
Da negra taça :
Siquer um pranto não verti na dôr
Que me traspassa !

Ahi o pão da escravidão traguei,
De feio travo ;
Num chão de encantos eu rojei meus ferros,
Mas, nunca escravo !

Por entre as turbas de ignaras hordas
Tive o sarcasmo ;
Sorri de tudo — sobranceiro á tudo,
Não cahi pasmo !

Da mais estulta tyrania affronto
Dura oppressão ;
Ante o polé — o pelourinho infame
Não tremi — não !

Bruta cadeia, em gargalheira, ao collo,
Fere-me o hombro ;
O' vis esbirros! de tão pouco ainda
Me não assombro !

Lancem-me aos pés inda os grilhões de escravos :
Recebo-os louco !
Levam-me a rastos, aos olhaes de um cépo,
Ainda é pouco !

Nos livres braços a cruel algema
Roxcou-me os pulsos ;
Gloriosos ferros! em trophéos ergui-os !
Beijei convulso !

Beijo os andrajos com que a mão da sorte
Meu corpo cobre ;
Trabalhos ou dôr escravisaram nunca
Minh'alma nobre.

Eia, tyrano! Apavorou-te o forte,
Altivo ao jugo !
Dize-me, agora, si é maior o martyr
Ou si o verdugo !

Fernão de Noronha — 1878.

Gustavo Adolpho

GUSTAVO ADOLPHO é um homem letrado. Sobre a sua personalidade extraordinária existe um véo de mysterio até então inacessível ás investigações dos anthologistas que, com justiça, encontram nelle um poeta de génio, mais exaltado ainda pelas circumstancias excepcionaes que rodearam a sua vida de proto-martyr das sagradas illusões do Amor.

Nasceu em Belém, calculadamente de 1845 a 47. Estudou no Seminário, passando-se depois para a Escola Central do Rio de Janeiro. Foi neste grande centro que elle encontrou as dolorosas decepções da vida, dessa vida de dissoluções que leva sempre os seus heróes aos tremedais da desgraça, sempre sob as ironias dos amigos falsos e dissolutos, culpados directos desses infortunios. O desluzo foi tragico.

Eustachio de Azevedo, primoroso cultor das letras patrias, auctor da *Anthologia Aveconica*, refere que «o inditoso poeta achava-se preso na casa de Detenção, do Recife, para onde fôra, condemnado à galés perpetua, pelo crime de assassinato e roubo: assassinara, o infeliz, uma cortezã, roubando-lhe as bisas scintillantes; mais tarde verificou-se que os brilhantes eram falsos!» «Este crime, verdadeiro romance de amor, determinou a sua condemnação à galés perpetua, pena que foi cumprir nas frias penedias da ilha de Fernão de Noronha, onde deu sintonia á sua imaginação ardente, para compor esses versos inspirados que lhe revelam o espirito ao mesmo tempo heraldico e sentimental, stoico e revolucionario. Fernandes Lima, poeta pernambucano, e Eustachio de Azevedo escreveram poesias adoráveis, pedindo a Dom Pedro II o perdão de Gustavo. Pouco tempo depois, após 20 annos de martyrio, D. Leibel, a Redemptora, deu liberdade ao poeta e, desde 1889 nada mais se pôde saber delle. . . Viverá ainda? E' que elle talvez, amaldiçoando á sociedade que o feriu e perdeu, viva como um pária, confiando só á Natureza o segredo das suas dores e a grandezza do seu Ideal.

Eis o juizo critico que o illustre dr. Augusto Meira fez sobre a bella poesia que vimos de publicar: «E' esta uma das mais bellas poesias de quantas conheço em qualquer lingua. Os versos admiráveis parecem vasados em bronze. O poeta affectivo e delicado tantas vezes, acompanhado outras, parece dominado da mais justa revolta. O seu canto é uma affirmação da nobreza dos seus sentimentos findos. Uma das cousas que os criticos censuram a Ovidio em seu deserto, é uma irremediavel falta de vício cívico e quasi poslanimidade. Gustavo Adolpho que é capaz de produzir estrophes as mais doloridas e emotivas, nunca perdeu a nobreza de sua alizez e dignidade. Ferido, exprebandu, foi capaz de produzir o *Canto do Sacerdote*. Beija os andrajos de que o veste a sorte, commove até ás lagrimas e tra-nos vivamente á imaginação o mytho heroico de Prometheu, agrilhoadu, victima do Destino.

Esta poesia de factura artistica admiravel, alta, equal, sem declive, revela uma grande alma divina e valorosa, nobre, partida pelo infortunio. . . incomprehendida, hodiouamente julgada.»

A bandeira do Estado do Pará

DESDE a proclamação do regimen republicano neste Estado, por consenso unanime de todos os paraenses, foi adoptada como bandeira do Estado do Pará, e symbolo da sua autonomia, garantida aos Estados pela nova forma de governo, a bandeira que servia de distinctivo ao Club Republicano Paraense, nucleo pujante de patriotas que se batiam pela Republica, no tempo do imperio.

Compunha-se ella de um losango, em linhas obliquas de côr encarnada nas extremidades, e branca no centro, onde fulgurava uma estrella azul.

Em sessão de 10 d' Abril de 1890, por iniciativa do actual senador federal Arthur Indio do Brazil e Silva, que então presidia o Conselho Municipal, este adoptou-a como bandeira do municipio de Belém.

Em sessão da Camara dos Deputados, de 3 de Junho de 1898, foi apresentado pelo deputado Hygino Amanajás um projecto, considerando-a como bandeira do Estado do Pará e justificando essa medida patriotica com o seguinte discurso :

« Sr. presidente, pedi a palavra para apresentar á consideração da casa um projecto de lei. V. Exc. sabe que, sômente talvez por cogensso unanime da população do Estado do Pará, a bandeira que servia de distinctivo ao Club Republicano Paraense, antes da proclamação da Republica, tem sido adoptada como bandeira do Estado. Neste caracter, sr. presidente, ella seguiu para São Paulo, quando o Pará, dando provas evidentes de civismo e patriotismo, manifestou o quanto lhe era agradável mostrar ao Brazil inteiro a consideração que tinha por esse grande genio da musica que se chamou Carlos Gomes. Foi ainda nesse caracter que as senhoras paraenses, por intermedio do Governador do Estado, offereceram-na ao Regimento Estadual, quando, ainda por equal acto de civismo e patriotismo, o Estado do Pará expontaneamente correu em defeza da liberdade e da lei, postergadas então nos antros de Cannudos.

Mas, sr. presidente, a bandeira de um Estado é como que a ampliação da bandeira nacional; é o symbolo da sua autonomia, e não é por simples consenso, por um simples convenio que deva ser reconhecida como tal. Por isso, lembrei-me de submeter á consideração da Camara um projecto de lei, mandando reconhecer a bandeira que servia de distinctivo ao antigo Club Republicano Paraense, como bandeira do Estado: (L)

Considerando que a bandeira que servia de distinctivo ao Club Republicano Paraense, está considerada como bandeira do Estado do Pará, pelo consenso unanime da população do Estado;

Considerando que nesse caracter seguiu ella á frente do Regimento Estadual para a expedição de Canudos, nos sertões da Bahia:

Mas,

Considerando que nenhum acto de poder competente existe que autorise a sua adopção, como symbolo da autonomia do Estado,

O Congresso Legislativo do Estado do Pará decreta:

PROJECTO N.

Art. 1.º—Fica considerada como bandeira do Estado do Pará a que servia de distinctivo ao Club Republicano Paraense, antes da proclamação da Republica, e que, em sessão de 10 de Abril de 1890, foi adoptada como bandeira do municipio.

Art. 2.º—Revogam-se as disposições em contrario.

O projecto obteve da Commissão de Legislação, em 14 do mesmo mez, o seguinte

PARECER

* A' Commissão de Legislação foi presente o projecto do sr. deputado Hygino Amanajás, que manda considerar como bandeira do Estado do Pará, representando a sua autonomia na federação, a que servia de distinctivo ao Club Republicano Paraense e que foi adoptada, em sessão de 10 Abril de 1890, pelo Conselho Municipal, como bandeira do municipio.

Adherindo inteiramente aos considerandos do projecto, a Commissão opina pela sua approvação, por ver nelle apenas a homologação por parte do Poder Legislativo, de um facto succedido aliás em hora solemne da vida do Estado.

Certamente não significa essa bandeira uma nacionalidade; mas nada impede que ella seja o symbolo da autonomia do Estado, o distinctivo dessa collectividade administrativa e politica, a semelhança do que se dá até com as simples associações particulares. Contra o projecto, poderia apenas militar a prioridade da adopção dessa bandeira por parte do municipio de Belém; mas a Commissão não vê razão seria que prive essa bandeira de servir ao mesmo tempo a este municipio e ao Estado, que, fazendo-a sua, só pôde dignifica-la mais.

Sala das Commissões, 11 de Junho de 1898.—ARTHUR LEMOS e FIRMO CARDOSO, *

Tendo sido combatido o projecto pelo jornal *Folha do Norte*, seu auctor defendeu-o em terceira discussão com estas palavras:

* Sr. presidente, o projecto que é hoje submettido á consideração da casa em 3.ª discussão, passou em 1.ª e 2.ª sob silenciosa approvação da Camara dos srs. deputados, e, estou persuadido, foi isto devido, em parte, ás considerações que apresentei, justificando o mesmo projecto.

Estou, pois, certo de que os srs. deputados approvam a idéa nelle contida; mas, ainda assim, julgo de meu dever dar as razões que me moveram a apresental-o.

Os que não leram as considerações enittidas por mim ao apresentar o projecto, só tendo dellas cabal conhecimento, poderão fazer juizo mais elevado, evitando que o venham acoimar de ridiculo e inutil.

Sr. presidente, quando apresentei este projecto, tive somente em vista procurar legalizar, pelo poder competente, factos que o governo do Estado

do Pará já tinha sancionado (*apoiados*); quando apresentei este projecto, tive sómente em vista fazer convergir a attenção do Congresso para o symbolo da autonomia da patria paraense, já consagrado pelo consenso unanime da população do Estado e até pelo seu governo (*apoiados*).

Não esperava fosse elle impugnado, e agora limito-me a justificar-o, em attenção áquelles que estão fóra deste recinto. Este projecto vem legalizar o acto do ex-governador do Estado, o sr. dr. Lauro Sodré, que permittiu fosse a bandeira do Club Republicano Paraense como bandeira do Estado, num navio de marinha de guerra brasileiro, cobrindo o corpo do inolvidavel maestro Carlos Gomes (*apoiados*); vem legalizar o acto do benemerito dr. Paes de Carvalho, que, em momento afflicto para a communhão brasileira, interpretando perfeitamente bem os sentimentos do povo paraense, no seu civismo, por intermedio de sua exma. esposa, que representava uma commissão de senhoras paraenses, na presença de enorme massa de povo, onde estavam todas as autoridades civis, militares e ecclesiasticas, confiou ao regimento militar do Estado a bandeira do Club Republicano Paraense, como bandeira do Estado, entregando-a ao valor dos nossos soldados, que, em defeza das nossas instituições, seguiram para os campos de Canudos (*muito bem*).

O SR. VALENTE DO COUTO:—V. exc. está citando factos publicos.

O SR. AMANAJÁS:—Vem ainda, sr. presidente, este projecto legalizar o acto da propria Camara, do proprio Congresso, que, reconhecendo—assim me parece—como bandeira do Estado a bandeira do Club Republicano Paraense tem-na na sala das suas commissões, collocada nas suas cortinas!

Ainda mais, sr. presidente, o povo bahiano recebeu-a e glorificou-a como bandeira do Estado do Pará, e pelo povo paulista, no mesmo character, foi ella recebida e collocada ao lado da bandeira de São Paulo, junto do cadaver de Carlos Gomes, depois que o sr. dr. Enéas Martins, deputado federal pelo Pará e naquelle Estado em commissão para esse fim, a entregou á municipalidade de Campinas, como a bandeira do seu Estado natal.

Tenho aqui á mão o *Diario de Campinas*, de 25 de outubro de 1896, que, noticiando essa entrega o faz nos seguintes termos (*lt*):

«Na «porta» da sahida do vestibulô da Estação, o dr. Enéas Martins, deputado e jornalista, representante do Pará, em palavras ungidas do maior sentimento, fez a entrega da bandeira paraense á Camara Municipal de Campinas. Suas palavras foram ouvidas debaixo do maior silencio e calaram fundo no recesso de nossas almas, quando elle disse que guardássemos o pavilhão paraense como um vinculo de amizade entres dous Estados.»

Acabo de provar, sr. presidente, que este projecto não pode ser acoiado de ridiculo, porque, se elle o fosse, sel-o-iam tambem os dous governadores e o deputado federal que acabo de citar.

Elle vem, sim, legalizar, pelo poder competente, actos dos representantes do Pará, que ainda não estavam autorizados por uma lei, e que obedeciam sem duvida ao sentimento de respeito para com o symbolo da autonomia deste Estado, acceto e proclamado pelo povo, em época que elle podia por si mesmo fazel-o. (*Muito bem, apoiados*).

O SR. FIRMO CARDOSO:—Muito bem! Viva a bandeira paraense! »

O projecto, que passou sem opposição na Camara, depois das tres discussões regimentaes, foi abafado no Senado, sob o pretexto de que o municipio já tinha adoptado, como sua, essa bandeira e portanto com direito á prioridade, affirmando-se tambem que o Estado não podia ter bandeira propria, o que ia de encontro á verdade dos factos, pois São Paulo e outros Estados da Federação tem e conservam cada qual a sua.

Exquísita doutrina! O município, parte do Estado, pôde ter a sua bandeira; e este, que encerra em si os municípios todos, não o pôde!

O município de Belém, que é apenas uma parcella do Estado, por ostentação e vaidade, pôde legalmente levantar na fachada do seu palacete a sua bandeira, signal da sua autonomia; e o Estado, que se compõe de todos os municípios creados em seu territorio, que tem distinctamente os tres poderes constitucionaes: o Legislativo, o Executivo e o Judiciario, está privado de a ter!

O povo paraense, porém, não se sujeitou á imposição dos poderosos de então, e a bandeira do Club Republicano continúa a tremular como bandeira do Estado do Pará e não do município de Belém, não obstante a falta ainda de uma lei que a legalize e que, esperamos, seja um dia promulgada, pois assim é conhecida em todo o territorio da União, especialmente em São Paulo, para onde foi, em caracter official, em um navio de guerra, cobrindo o corpo do genial Carlos Gomes, e na Bahia, onde foi desfraldada como o labaro da victoria e da legalidade, á frente dos bravos que tomaram Canudos, glorificando a nossa patria.

E ainda ella ahí está, a venerada e gloriosa bandeira, desmaiada pelas intemperies do tempo nos campos de batalha, rôta pelas balas dos jagunços, mas guardada como reliquia preciosa no Regimento Militar do Estado, testemunho eloquente do valor dos paraenses.

E, porque o uso e o consenso dos povos também fazem leis, será ella sempre a gloriosa bandeira do Estado do Pará, que pôde, sem desdouro, ser hasteadá ao lado da também gloriosa bandeira auri-verde, symbolo augusto da nação brasileira.

HUGENO AMANAJÁS, auctor do projecto citado, nasceu em Abaeté, n'este Estado, e ali fez seus estudos primarios, completando os secundarios no Seminario Episcopal, sob as vistas dirigentes do sabio prelado D. Antonio de Macêdo Costa. Ainda estudando ali, já collaborava no semanario *Estrella do Norte*; mas a sua vida jornalística interrompeu-se na sua terra natal, onde fundou e redigiu o *Abaetéense*. Filhado a antiga escola conservadora, foi eleito por varias vezes deputado á Assembléa Legislativa. As suas idéas evolucionaram com a propaganda abolicionista para a Republica, sendo eleito deputado, logo após, á Constituinte do Estado, continuando a occupar essa cadeira até bem pouco tempo, com brilhantismo e lealdade politica. Sua administração na «Imprensa Official» tem merecido os maiores encomios. É auctor laureado de varias obras didacticas, dentre as quaes destaca-se, por mérito merecimento, a intitulada *Alma e Coração*.

DATAS PARAENSE

A 8 de Julho de 1613, sahio La-Bavardiére de S. Luiz do Maranhão, — que recebeu este nome em homenagem a Luiz XIII, rei da França — levando consigo 40 soldados, 16 marinheiros e 20 dos principaes selvagens, afim de firmar dominios, para a sua patria, nas legendarias terras da Amazonia.

A 17 de Agosto de 1613 La-Bavardiére chegou ao Pará, vindo de S. Luiz, tendo já uma expedição de 1.200 homens, sendo possível que nessa data

desembarcasse na graciosa praia da aldeia de Parijós, (Parrissó, — «Vultos e factos», Ignacio Moura, 1900) moia legua a W. de Cametá.

Tem razão J. Lucio de Azevedo quando escreve: «O nome de Bavardiére está vinculado ao descobrimento destas terras; elle foi realmente o precursor e guia dos portugueses, que successivos desastres conservaram por muito tempo afastados desta região».

Esta odysséa do general francez, terminou com a victoria lusitana e consequente fundação de Belém que então commemoramos.

Uma data historica

Solução duma parte do problema sobre a fundação de Belém.

As investigações diplomaticas do grande brasileiro Barão do Rio Branco, para a solução do litigio internacional do Amapá, devemos a pesquisa e a descoberta de velhos documentos, relativos á nossa fundação colonial, encontrados na Torre do Tombo e em outros archivos de Portugal, dentre os quaes podemos hoje destacar, como mais precioso para a fixação do primeiro estabelecimento portuguez na Amazonia, o regimento expedido por Alexandre de Moura a Francisco Caldeira Castello Branco, para a venturosa jornada, que tinha por fim a conquista do Amazonas e a fundação de Belém.

Esse «Regimento» é datado do forte de S. Felipe, no Maranhão, em 22 de dezembro de 1615, destruindo as opiniões de grande numero de bons historiadores como Berredo, padre José de Moraes, Alexandre Ferreira Southey, Ignacio Accioly, Baena, Barão do Guajará, Galante, os quaes fixaram em 3 de dezembro a chegada de Castello Branco a Belém, quando, pelo documento que vamos transcrever, ainda o nosso heroe se achava em Maranhão. George Edmundson, divergindo dos primeiros, chegou a marcar a data da fundação de Belém em 15 de dezembro de 1615, ainda recaindo no mesmo erro dos outros.

Eis o documento que elucida a partida de Francisco Caldeira do porto de Maranhão :

N. 24.—Regimento que Alexandre de moura deixou a fran.^{co} Caldeira.

Alexandre de moura Capitão mór da Conquista do maranhão, faço saber, que o sr. Governador geral do estado do Brazil Guaspaz da souzã, mandando-me em serviço de sua mages.^{de} a esta dita Conquista me ordenou por seus Regimentos fosse ao Gram-Pará a deitar delle os francezes, que naquella paragem era informado estavam fortificados, e que assim mesmo chegasse ao Rio das Amazonas, onde outro sy lhe diziam avião estrangeiros, e porque hora claramente se sabe que no d. Rio Pará não ha Inimigos nenhuns, mais que huns tres homens, que estes que aqui achei lá deixarão, e nunca ouve fortificação, e que outro sy no Rio das Amazonas não ha ninguém, como além das informações particulares, que tive me affirmou o sr. de la Ravandière por sua certidão, vista a pouca necessidade, que de minha pessoa se offerece na d. paragem, e não poderem ir lá naos de grande porte, por não aver Piloto, que se atreva a levallas, e todavia por dar cumprimento aos ditos Regimentos me pareceo devia mandar alguma gente, pois avia de sobejo, e por reduzir os índios daquellas partes á nossa amizade, que ategora estão á devação dos francezes, e pelas partes e qualidade, do Capitão mór francisco Caldeira de Cast.^o branco, confiando delle fará neste

particular como convem ao serviço de sua mag.^a lhe mandei passar o presente Regimento, mas para lembrar algũas cousas, que para lhe dar regras do que deve fazer, por confiar de sua prudencia darã de si bastante satisfacção.

Primeiramente, saindo embora deste Porto procurará que os nossos marinheiros, e gente do mar vão reconhecer a Costa, assim pela vista, e demonstracção della, como com o Prumo na mão, para que com facilidade tenhamos quem possa continuar a dita Carreira. Chegando a cumã procure ter fãla daquelle gentio, e Reduzil-o com facilidade á nossa devacão por ordem do Capitão mor de Vaux, de quem elle dito Capitão mor deve fazer muita conta, com a cautella devida, e necessaria, porque por este Caminho venha a conseguir o fim do que se pretende. Feita esta diligencia com a brevidade possível, seguirá-avante, e entrando embora dentro no Rio Pará tratarã de escolher sítio accommodado para fortificarse, lembrando-lhe, que se não ponha em parte, que indo lá algũas naos inimigas lhe possão damificar seus navios por serem pequenos, e outro sy terã os ditos navios seguros, de modo que sem sua vóntade se lhe não possa ir. Depois de Alojados, e fortificados com a Artilheria que leva, que são dez pessas entre grandes e pequenas tratarã de reduzir a nós toda a gente circumvisinha, usando do mesmo instrumento, mos. de Vaux pelo melhor modo, que lhe for possível, e com dadas, que para isso leva, e porque o d. sr. Governador me ordenou que deixasse no dito Pará hum Capitão sagã, e astuto, que escudriñhe os secretos daquelle Rio, de que está informado tem muito, sendo o elle tanto não tenha para que lhe encarecer o particular, so saiba farã muito serviço a S. mag.^a desenganando o de abuso.

E porque dizem que em algum tempo do anno vem ao Rio das Amazonas algũas natis de flamengos, e ingressos, que surgem na boca do Rio entre as Ilhas, e dahi vão em Lanchas por elle assima fazer seus resgates, tenha elle Capitão tal intelligencia, que sabendo estão lá algũs procure no melhor modo que poder ei as Canoas do gentio tornalos desculdados pois o devem estar de tal acometimento. Procurará descobrir adonde estão duas Roqueiras, e hum falquão de bronze todos com seus serviços, e duas pessas de bronze pequeninas, de que lhe darã razão o mesmo mos. de Vaux por ser um dos francezes que as lá deixarão.

Procure de todo o succedido avizar ao sr. Governador geral Guaspar de souza no millhor modo que puder, e a experiencia, e monções da Costa lhe mostrem para que com brevidade que lhe faz necessario, lhe possa acudir, e assim mesmo a S. mag.^a pela via que mais facil lhe parecer, para que o d. sr. seja informado do que convem ao seu serviço. E porque em nome do sr. Governador para esta Jornada fiz elleicção nelle tran.^{to} Caldeira de Castel Branco para Capitão mor della, a elle em nome do sr. Governador entrego, e encarrego esta armada com toda a sua Artilheria, munições, Polvora, e mantimentos, com que terã particular cuidado, assi na despeza, como na conservação della, para que por falta de deligencia lhe não venha a faltar.

E porque de seo talento, e experiencia confio procederã nesta Jornada conforme o tempo lhe for mostrando as occasiões, deixo a seo entendimento muitas coisas, que aqui lhe puderã lembrar, significando-lhe o somente muito serviço que nisso farã a sua mag.^a, de quem deve esperar equivalentes mercês, e deste teor se tire dous, hum que me fica assignado por elle, e este que leva, dado no forte san Phelippe 22 de dez.^{to} 1615 annos. Alexandre de moura, fran.^{to} Caldeira de Cast.^a br.^{to}o.

Em obediencia a esse *Regimento*, Castello Branco fez seus aprestos de viagem e partiu tres dias depois, sem duvida, na noite de 25 para 26 de dezembro, na opinião de Varnhagen.

Quando, nessa noite de regosijo christão, os seus duzentos compa-

ESCRITORIO E DEPOSITO

Rua Nova do Sant'Anna, no. 26 e 20

Praça Salomão Barinbo, as. 21 e 22

DEPOSITO

Avenida 16 de Novembro,

N. 20

Officinas de Carpintaria e Serraria a Vapor

Rua de Bragança, 8

Avenida 16 de Novembro

Avenida Almirante

Tamandaré, 28 e 27

Bernardino da Cunha Mendes & Comp.

Exportadores de Madeiras

PARÁ

A casa mais
antiga do
Pará, fundada
em 1861, e a
única que possui
o maior *stock* de
madeiras secas que
vende a preços

Sem competencia

Serraria Mo-
derna. Executa
com madeiras se-
quissimas, os trabalhos
de carpintaria em geral.

**PREÇOS SEM
COMPETENCIA**

Perfeição Inegualvel

Código em Uso

A B C 5.ª edição, Ribeiro e

PARTICULAR

Endereço Telegraphico

BERCUNDES

Caixa Postal 205

TELEPHONES

Escritorio : — 363

Deposito : — 53

Officinas : — 490

Agencias no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Parahyba,
do Norte, Natal, Ceará, Maranhão, e New-York,
U. S. A.

GRANDES ARMAZENS DO "GLOBO"

— DE —
BENCHIMOL & COMP.

Completo sortimento em tecidos finos, como : CAMBRAIAS BORDADAS, CREPONS BRANCOS E DE CORES, SETINS LIBERTY, CACHEMIRAS, para vestidos, linhos, etc., etc., etc.

Importação directa, de roupas brancas para senhoras, como : camisas e anagás bordadas, natuís, priguirs, corpinhos, combinações, vestidas para crianças etc., etc., etc.

Grande variedade em perfumarias, artigos em «bisquite» e objectos de luxo para presentes

Novidades recebido em todos os vapores

O systema da nossa casa é vender a **PREÇO FIXO**

78, Rua Conselheiro João Alfredo, 78

BELEM PARA

ABREU & MONTEIRO **PERFUMARIA UNIVERSAL**

— DE —
IMPORTADORES

Alberto Pereira & Comp.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 70

CASA ESPECIALISTA

CAIXA POSTAL N. 14 — TELEPHONE N. 228

Endereço teleg. VINA — código RIBEIRO

Importadora em grande escala de perfumarias, leques, cutelaria fina, artigos de "toilette" phantasia e luxo proprios para **PRESENTES**

Sortimento completo de estivas nacionaes e estrangeiras

PREÇOS MODICOS

Unicos depositarios dos afamados vinhos

Verde, Minhoca
Collares, Pavão

Rua Conselheiro João Alfredo, 79

CAIXA POSTAL N. 274 — TELEPHONE N. 677

CASA FILIAL

Rua de Santo Antonio n. 7

TELEPHONE N. 116

PARA — BELEM

nheiros de viagem reclamavam para vêr o *presepio*, o austero marinheiro, com uma ponta de sorriso nos lábios, talvez lhes respondesse :

«Iremos achar o *presepio* lá mais ao alto !...»

É Castello cumpriu a sua promessa, dando o nome de *Presepio* ao primeiro forte que estabeleceu em sua chegada às terras do Gram-Pará.

Essa terra abençoada teve as venturosas coincidências de chamar-se Antonio de Deus, o primeiro portuguez que pizou em terra; de chamar-lhe Castello Branco de Feliz *Luzitania* e de dar à cidade futura o nome de Santa Maria de Belém.

O que resta saber é a data precisa desse grande acontecimento.

Ephemerides do "Lyceu Paraense" actual "Gymnasio Paes de Carvalho"

De Fevereiro de 1893 a Março de 1894—Director do Lyceu, dr. Theotônio Raymundo de Brito.

5 de Janeiro de 1893—Por decreto desta data foi modificado o de n. 417 de 28 de Outubro de 1871, modelando completamente o programma de ensino e plano de estudos do Lyceu pelo Gymnasio Nacional.

20 de Setembro de 1893—O decreto n. 107, approvou o regimento especial para o processo dos concursos.

De Abril de 1894 a 28 de Setembro de 1895—Director do Lyceu, dr. José Antonio Pereira Guimarães.

25 de Maio de 1896—A lei n. 436 authorizou a organização do ensino publico.

23 de Setembro de 1896—O decreto n. 324 authorizou os agrimensores titulados pelo Lyceu a usarem de um selo distinctivo.

18 de Janeiro de 1897—O decreto n. 403, alterando a organização do ensino publico, manueve o «externato de curso secundario, denominado Lyceu Paraense, destinado a proporcionar aos seus alumnos a cultura fundamental necessaria, não só á matricula dos cursos superiores da Republica, como ao bom desempenho das deveres sociais».

21 de Janeiro de 1897—O decreto n. 527 mandou suspender a execução do disposto no n. 2, da letra b § 2º do art. 40 do regulamento e vigorar o § 2º do art. 19 do decreto de 28 de outubro de 1891, tendo em vista o que propoz a Congregação do Lyceu.

23 de Maio de 1898—O decreto n. 542, extinguiu a cadeira de historia e geographia do curso de agrimensura, e mandou que o ensino de geographia se fizesse na cadeira do curso integral de sciencias e letras.

De 1896 a 1898—Director do Lyceu, dr. José A. Pereira Guimarães.

1899—Director, dr. Joaquim Rodrigues de Souza Filho.

8 de Janeiro de 1900—O decreto n. 798 reformou o Lyceu, em virtude da lei n. 393 de 25 de junho de 1898. Esta reforma obedeceu a necessidade de melhor encaminhar o ensino de accordo com a organização do Gymnasio Nacional.

9 de Fevereiro de 1901—Pelo decreto n. 959, o Lyceu Paraense passou a denominar-se Gymnasio Paes de Carvalho, como justo e merecido premio e homenagem ao eminente paraense, dr. José Paes de Carvalho, ex-governador do Estado.

1901—Collação do grau ao primeiro bacharel em sciencias e letras, João Alberto de Souza Carvalhal.

De 1900 a Agosto de 1901—Director, dr. Genúlio Amazonas de Figueiredo.

24 de Outubro de 1902—A lei n. 814 authorizou a reorganizar o Gymnasio Paes de Carvalho e Escola Normal.

1902—Concluíram o curso de sciencias e letras, os alumnos Gaspar de Oliveira Vianna e Pedro da Cunha Junior.

1904-905—Concluíram o curso e receberam o grau de sciencias e letras, os alumnos d. Philomena Martins Salazar, d. Hilda Vieira, Hygino Amanoas Filho, João Raphael Vianna Carvalhal, Antonio de Almeida Genú, Christiano Marques Monteiro.

De Setembro de 901 a 4 de Janeiro de 906—Director, dr. Heitor Gil Castello Branco.

8 de Janeiro de 907—Instrução para a execução do dec. n. 1.531 de 15 de outubro de 1906, relativo a exame geral das materias necessarias á matricula nos cursos de pharmacia, odontologia, obstetricia, bellas-artes e agrimensura.

1906 a 1907—Concluíram o curso e receberam o grau de bacharel em sciencias e letras, os alumnos Antonio José Diniz, Geminiano Coelho, Felicidade Cohen, Sultana Cohen, Gertrudes Pereira Sobra, Milton Leão de Mello, Eurico Gonçalves Amanoas

7 de Setembro de 1867

NESTE dia, Belém, aproveitando a data da nossa emancipação politica, festejava um feito grandioso — a abertura do Rio Gigante — Amazonas — ao commercio do mundo. Ainda perduram na memoria de quem escreve estas linhas as grandiosas festas com que solemnizou-se tão faustoso acontecimento.

Na cathedral, que estava primorosamente armada, cantou-se um solemmnissimo *Te-Deum*, sendo a musica do côro dirigida pelo incansavel professor do Seminario e mestre de Capela da Cathedral, dr. Adolfo José Kaulfuss.

Antes do *Te-Deum*, recitou uma bellissima locução o Rvmo. Conego Luiz Barroso de Bastos, um dos oradores distinctos que então brilhavam no pulpito parense pela sua eloquencia e correcção de phrase. O auditorio era o que havia de mais luzido e respeitavel na Provincia.

Depois do *Te-Deum*, houve cortejo no palacio da Presidencia, donde partiu s. exc., o sr. Vice-Almirante Joaquim Raymundo de Lamare, então Presidente da Provincia, para o local onde devia effectuar-se a benção das aguas, que foi feita pelo Rvmo. sr. vigario geral e governador do Bispado Sebastião Borges de Castilho.

Acompanhava o Exmo. Sr. Presidente grande numero dos principaes personagens da nossa capital.

A abertura do Amazonas foi solemmnissima, tendo havido, nas noites de 7, 8 e 9 uma grandiosa illuminação em toda a Cidade, que se achava brilhantemente ornada, por todos os recantos, de flôres, arcs e bandeiras.

Nada faltou ás pomposas festas da abertura do Amazonas, que auspiciou felizes e esperançosas relações commerciaes, de cujos beneficos resultados vamos hoje usufruindo, com prosperos desenvolvimentos.

Damos em seguida a acta que foi lavrada após as memoraveis ceremonias :

**Auto de abertura do rio Amazonas e
outros a navegação commercial de todas as
nações amigas do Brazil.**

Aos sete dias do mez de Setembro de mil oitocentos sessenta e sete do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, quadregesimo sexto da Independencia do Imperio, achando-se a bordo da corveta a vapor *Paraense*, ao Noroeste da Ilha Cutijuba, na bahia de Marajó, onde reunidas correm as aguas do Tocantins e Amazonas, Sua Excellencia o Senhor Joaquim Raymundo de Lamare, presidente e commandante das Armas da Provincia do Pará, commandante em chefe da força naval no terceiro districto, conselheiro de guerra, Veador de Sua Magestade a Imperatriz, vice-almirante

da Armada Nacional e Imperial, condecorado com a Dignataria da Ordem da Rosa, commendador das de Aviz e Christo, official da Ordem Imperial do Cruzeiro, condecorado com as medalhas de Ouro e Tonseiro e Uruguayana, Grão-Cruz da Ordem de Christo de Portugal e da Ernestina da Casa Ducal de Saxe, e commendador da Imperial Ordem Austriaca da Corôa de Ferro e da Legião de Honra, com todas as autoridades superiores da mesma Província e pessoas abaixo assignadas, Sua Excellencia o mesmo senhor presidente passou a fazer leitura do Decreto numero tres mil setecentos quarenta e nove de sete de Dezembro de mil oitocentos sessenta e seis, o qual é do theór seguinte: — « No intuito de promover o engrandecimento do Imperio, facilitando cada vez mais as suas relações internacionais, e animando a navegação e commercio do rio Amazonas e seus affluentes, dos rios Tocantins e São Francisco, ouvido o meu Conselho de Estado, hei por bem decretar o seguinte: Artigo 1.º Ficará aberta, desde o dia sete de Setembro de mil oitocentos sessenta e sete, aos navios mercantes de todas as nações a navegação do rio Amazonas até ás fronteiras do Brazil, do Tocantins até Cametá, do Tapajós até Santarem, do Madeira até Borba e do rio Negro até Mandos. Artigo 2.º Na mesma data fixada no artigo 1.º ficará aberta a navegação do rio São Francisco até a cidade de Penedo. Artigo 3.º A navegação dos affluentes do Amazonas na parte em que só uma das margens pertence ao Brazil, fica dependendo de prévio ajuste com os Estados ribeirinhos sobre os respectivos limites e regulamentos policiaes e fiscaes. Artigo 4.º As presentes disposições em nada alteram a observancia do que prescrevem os tratados vigentes de navegação e commercio com as republicas do Perú e Venezuela, conforme os regulamentos já expedidos para esse fim. Artigo 5.º Os meus ministros e secretarios de Estado, pelas repartições competentes promoverão os ajustes de que trata o artigo 3.º, e expedirão as ordens e regulamentos necessários para a effectiva execução deste Decreto. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, Senador do Imperio, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro sete de Dezembro de mil oitocentos sessenta e seis, quadragésimo sexto da Independencia e do Imperio. Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque. » E finda a leitura, Sua Excellencia, em nome de Sua Magestade O Muito Alto e Muito Poderoso Dom Pedro Segundo Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, declarou abertos á navegação das bandeiras commerciaes de todas as nações os rios Amazonas até á fronteira do Brazil, Tocantins até Cametá, Tapajós até Santarem, Madeira até Borba e Negro até Mandos; seguindo-se depois a cerimonia da benção das aguas dos rios Amazonas e Tocantins pelo muito Reverendo Conego Vigario Geral e Governador do Bispado, Sebastião Borges de Castilho. Terminada a cerimonia religiosa e saudado o acto com vivas e salvas do estílo, o navio Almirante seguiu aguas acima, acompanhado de todas as embarcações que se achavam presentes, e que são as seguintes: corveta a helice *Nitheroi*, Commandante Capitão de Mar e Guerra Pedro Antonio Luiz Ferreira; vapores da Companhia de navegação e commercio do Amazonas, *Belém*, commandante Capitão Tenente reformado José Lopes de Sá; *Souré*, commandante Manoel Pereira de Figueiredo, e *Inca*, commandante, Talisman de Figueiredo e Vasconcellos, todos tres sob o mando do Capitão de Mar e Guerra graduado e reformado Antonio José Pereira Leal; o vapor da Companhia de navegação costeira de Maranhão, *Odorico Mendes*, commandante Joaquim Peixoto da Costa Santos, e os vapores do governo, ao serviço desta Província, *Jurupense* commandante Primeiro-Tenente Liberato Lins Cavalcanti de Oliveira, e *Pará*, commandante Antonio José Martins; e ao achar-se em frente da ilha Arapi-ranga, deu Sua Excellencia signal de parada e, na mesma ordem regressou para a cidade de Belém. E para que conste em todo o sempre um facto de

semelhante transcendência, tanto para o progresso e desenvolvimento das Províncias banhadas pelas águas dos ditos rios, como para as nações de todo o mundo, mandou Sua Excellencia o Senhor Presidente da Provincia lavrar o presente auto, que vae assignado pelo mesmo Excellentissimo senhor, pelas pessoas que se achavam presentes e por mim Antonio Gregorio da Fonseca, official da Secretaria do Governo, que o escrevi. E eu Domingos Soares Ferreira Penna, Secretario interino da Provincia, o conferi e subscrevi. Joaquim Raymundo de Lamare. João Maria de Moraes. Conego Sebastião Borges de Castilho. Visconde do Arary. Domingos Antonio Raiol. Doutor Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães. Pedro Miguel de Moraes Bittencourt. João Maria de Moraes Junior. José Caetano Ribeiro.

Theodoro Rodrigues

Flôr da Morte

Rôla pelo abysmo sem um grito.
Sem um leve tremer da flôr appetecida.

THEODORO RODRIGUES.

*Aconchegando ao peito a lyra muito amada,
Elle segue a sorrir, intrepido, sem medo!...
Além nascera a flôr assim tão almejada,
Que teve como leito o cimo de um rochedo.*

*Corriam sobre a flôr historias de um enredo
Interminô e cruel... aquella flôr doirada,
Nas petalas, guardava o seu fatal segredo,
Segredo que a tornava, então, mais desejada.*

*O altivo sonhador, transpondo pedra e pedra,
Chega afinal ao termo onde somente medra
A flôr envenenada, a linda flôr da morte...*

*E tremulo, sorrindo, em êxtasi bendito,
Arranca a bella flôr do leito de granito,
E rôla pelo abysmo a benedizer a sorte.*

Pará, MCMXIII.

Candido Braga.

Os Templos de Belém



PRIMEIRO templo que ergueu a Cruz de Christo em Belém, foi aquelle que, immediatamente após a sua chegada, em 1616, fez construir Castello Branco dentro do forte *Presépio*,—no mesmo lugar em que avulta a nossa formosa Cathedral, desde 1777,—sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, padroeira da nova povoação, tornando-se logo a igreja matriz.

Segundo as ordens que ao seu substituto deixou o Governador Geral do Brazil Gaspar de Souza, no dia seguinte ao da fundação de Belém, o Padre Manoel Figueira de Mendonça, companheiro de Castello Branco, assumiu o exercicio de vigário.

Essa modestissima capella armada de taipa resistente,—de que foram feitas as primeiras construcções em Belém,—ali permaneceu por muitos annos, (em 1630 ainda existia), sendo demolida ao depois.

Em seu lugar, foi construida outra capella dedicada á Nossa Senhora da Graça, de modo que a actual cathedral que substituiu essa capella desde 1777, é o terceiro templo construido no mesmo lugar.

Do arrazamento da segunda capella para a construcção da cathedral, medeiou muito tempo, durante o qual serviu como Matriz a capella de São João Baptista, erguida no mesmo lugar da actual igreja desse nome, antes de 1630, sendo essa capella o segundo templo aqui construido. As obras da actual igreja datam, pois, de 1772, sendo ella aberta ao culto em 24 de Junho de 1777.

Em 1626, o capitão-mór Bento Maciel Parente concedeu uma sua casa, situada á extremidade da rua do Norte, aos Carmelitos calçados, para a fundação do seu convento, levantando então elles uma humilde igreja construida de taipa, que ali permaneceu até 1690, quando foi demolida e construida outra, que demolida por sua vez em 1708, deu lugar á construcção da igreja actual.

No mesmo anno de 1626, em Junho, erigia-se em Belém a igreja e convento de Santo Antonio dos capuchos, os quaes, em 1717 construíram o Hospicio do Una, extincto logo depois, onde fundaram uma aldeia de indios das tabas circumvisinhos.

Em 1640, os religiosos João das Mercês e Pedro de la Rua Cirne, fundaram a igreja e convento das Mercês e Redempção dos Captivos, pertencendo aquelles religiosos á ordem dos Mercenários.

O convento e igreja de Santo Alexandre,—conhecido por *Collegio*, por ter nelle o Bispo D. Frei Miguel de Bulhões, em 1752, installado o seminario creado por alvará de 20 de Maio de 1751,—foi fundado pelos Jesuitas

em Janeiro de 1653, e passava por ser, no seu interior, o templo mais bello de Belém, pelos seus altares e pulpitos trabalhados em madeira, chegando até a dizer o conego Bernardino de Souza que este templo passa por ser o mais soberbo e majestoso de quantos fundaram no Brazil os Jesuitas portugueses.

Os retabulos das seis capellas lateraes, o tecto da capella-mór, as paredes lateraes desta, tudo obra primorosa de talha em madeira de cedro, eram dourados, e posteriormente foram pintados com tinta branca.

Seus pulpitos são bellissimos, e conservam ainda os primitivos dourados não sómente elles, como os retabulos da capella-mór e dos dous altares do cruceiro.

Uma parte do convento é, desde 1773, occupado como palacio episcopal e seminario-maior.

Proximo a este convento e junto ao forte do Castello, existiu a Capella do Santo Christo, da confraria dos Militares, erecta em 1755.

Foi construido em 1706, o convento de São Boaventura, (hoje demolido), pelos religiosos da Conceição da Beira e Minho, no sitio chamado outrora *Porto do tição*, dentro dos 132 metros que por José Velho foram dados para essa fundação, a contar do igarapé da *Comedia dos peixes-boi*, hoje de S. José, e que passa pelos fundos do Arsenal de Marinha.

O de S. José, foi começado em 1749 pelos religiosos da Piedade.

Mede 45 metros de frente e 38 de fundo, e nelle funciona, desde 24 de outubro de 1843, a cadeia publica.

No largo da Misericordia existiu a igreja da «Santa Casa de Misericordia», construida em 1650.

A primeira igreja do Rosario da Campina, foi construida por homens de côr, em data ignorada; a segunda foi feita em 1725, e era ainda de taipa.

Sendo demolida, foi construida a actual, em 1856, que serve de igreja parochial da Trindade.

Data de 1761 a construcção da igreja Sant'Anna, em forma de cruz grega.

Em 1774 foi erguida a primeira ermida de N. S. de Nazareth, na praça deste nome; em 1808 a segunda que foi demolida depois da construcção da actual igreja, iniciada desde 1852.

A igreja da S. S. Trindade, fechada ha uns vinte e cinco annos, foi construida em 1869. É um dos menores templos de Belém.

Em 1787, D. Frei Caetano Brandão erigiu uma capella no edificio do seu hospital, á praça da Sé, que tem actualmente o nome desse caridoso religioso.

Tem Belém as seguintes capellas: as das Ordens Terceira de N. S. do Carmo, na igreja do mesmo nome, e de S. Francisco da Penitencia, na igreja de Santo Antonio;—e do Senhor dos Navegantes, nesta mesma igreja; a particular do «Passinho», á travessa Campos Salles; do Sagrado Coração de Jesus, ao Marco da Legua; a de «N. S. Auxiliadora», na travessa Castello Branco; unha á rua Montealegre, e duas outras mais: uma em «Canudos» e a segunda, á avenida São João.

Explorações científicas do Amazonas no século XVIII

FOI o século XVIII o glorioso período das mais extraordinárias explorações científicas no grande e desconhecido valle amazonico. O espirito investigador da Europa estava cansado de ouvir narrativas imaginosas dos aventureiros que andavam atraz das fabulosas fortunas que, ou já se tinham exgotado ou jamais existiram.

Em 1741, o hollandez Nicoláu Hortsman partiu de Panamario, hoje capital da Guyana daquelle nacionalidade, ao norte da America do Sul, procurando o Eldorado-encantado. Depois de percorrer o Essequibo, que desceu até ao Rupupuri, passou por um braço deste ao Lago Amacú ou Parimé ou Laguna Dourada, em cujas margens dizia-se existir a lendaria riqueza; mas ali encontrou apenas a verdejancia das florestas da Amazonia e as pobres choças dos indios do Pirara, que ali viviam felizes na sua farta pobreza, ignorando que o mundo inteiro os procurava, para que dessem conta dos mealheiros de ouro, que a sciencia dos alchimistas não tinha conseguido descobrir dentro das retortas dos seus laboratorios, de que nem as pégadas ensanguentadas de milhares de guerreiros havia durante quasi dois seculos achado o paradeiro.

O feliz e desilludido cavalleiro desceu o rio Branco e depois o Negro e, pelo Amazonas, regressou para a sua colonia.

Nicoláu Hortsman desmentiu perante o-mundo inteiro a existencia das fabulosas riquezas do Eldorado, prestando o extraordinario serviço de impedir que outros visionarios continuassem ali a offerecer em holocausto a sua fortuna e a sua vida.

O sr. dr. Oliveira Lima, em 1908, parece ter encontrado em Vienna d'Austria, numa livraria de antiquarios, um exemplar da obra de Hortsman que, em lingua neerlandeza, assegurava ao mundo inteiro a inveracidade do Eldorado.

Tratando das nossas primeiras explorações científicas, nesse seculo, assim se exprime o dr. Henrique Santa Rosa:

«Em 1720, Bernardo Pereira Berredo, governador, historiographo, que deixou aos vindouros o seu proprio monumento, mandou Diogo Pinto da Gaya explorar o rio Araguaya, em um percurso de mais de 180 leguas; e, dois annos depois, a mandado de João Maia da Gama, seguia Francisco de Mello Palheta a explorar o Madeira além das cachoeiras, até Santa Cruz de las Cajubebas, e de regresso passava-se para o rio Negro e rio Branco, nas fronteiras septentrionaes.»

La Condamine (Charles Marie de), membro do Instituto de França, cientista e litterato, percorreu esta parte da America do Sul, chefiando uma commissão da qual fazia parte Bouguer, com o fim de determinar a grande-

za do merediano terrestre e medir a grandeza da terra. Esse sabio desceu do Perú pelo rio Amazonas em 1736, tendo sido o primeiro scientista que fez observações astronomicas no valle amazonico. No seu livro *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique meridionale*, que lhe grangeou uma cadeira na Academia Franceza em 1760, foram lidos na Europa os verdadeiros esclarecimentos do Amazonas ainda incompletos e eivados de mysticismo, pela confirmação da existencia das icamiabas ou nação de mulheres guerreiras, que viviam fóra do trato dos homens.

La Condamine, visitando no alto Amazonas a tribu dos *Cambebas*, maravilhou-se ao vêr diversos utensilios qua esses indios fabricavam, com o auxilio da borracha, ou leite da seringueira condensado, tendo sido o primeiro sabio que deu a Europa a noticia da interessante applicação desse producto, inicio da nossa maior fortuna extractiva.

A proposito de La Condamine, vem a lembrança o nome do seu amigo e companheiro Godin des Odonais, interessado pelo commercio da França com as provincias do Alto e Baixo Perú, atravez do Amazonas, pela recordação dolorosa das agruras que soffreu a sua valorosa esposa mme. Godin des Odonais, quando, isolada no meio selvagem, teve de arrastar os mais amargos soffrimentos.

Entre os religiosos perseguidos por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, então governador do Gram-Pará, e por elle exilados, figurava o padre João Daniel, que, tendo percorrido o continente durante muitos annos, em contacto com varias tribus indigenas, publicou em 1767 o valioso — «The-souro descoberto no maximo rio Amazonas.»

Appareceu então o illustre paraense arcipreste José Monteiro de Noronha, o primeiro brasileiro que, sendo vigário no Alto Amazonas, fez no rio ~~observações importantes e publicou em 1770 um livro sobre a historia natural~~ *de viagem do Pará ás ultimas colonias portuguezas em os rios Amazonas e Negro.*

De 1780 a 1792, duas expedições notaveis realizaram-se: a de João Pereira Caldas, plenipotenciario da demarcação dos limites com as fronteiras hespanholas, o qual percorreu, com o astrónomo dr. Francisco Pinto de Lacerda, o Amazonas, o Uaupés, o Rio Branco, o Madeira, o Napo, o Içá, o Japurá, o Apaporis e o Guaporé até á passagem do Jaurú; e a do eminente naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brasileiro, nas regiões do Rio Branco e do Napo.

Finalmente, em 1799, o notavel sabio barão de Humboldt (Frederico Henrique Alexandre von), em companhia de Boupland, percorreu infatigavelmente a parte septentrional da Amazonia, desde as margens do Orinoco até ás do rio Negro, seguindo em curvatura pelo Cassiquiari até á missão de Esmeralda no Orinoco. Humboldt fez observações extraordinarias em todos os ramos scientificos, e pode-se dizer que, com a publicação de sua obra — *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent* — no anno de 1805, em Paris, foi a Amazonia descoberta definitivamente ao mundo culto.

Ignacio Moura.

LABORATORIO PHARMACEUTICO ABEL

— DE —

VIUVA ABEL A. C. DE ARAUJO & C.

BALSAMO DIVINO (PHENOL)

AVISO:—TUDO O CUIDADO COM AS IMITAÇÕES E FALSIFICAÇÕES DESTES ACREDITADOS PREPARADOS
PEÇAM SEMPRE OS PREPARADOS DO PHARMACEUTICO ABEL



AVISO:—TUDO O CUIDADO COM AS IMITAÇÕES E FALSIFICAÇÕES DESTES ACREDITADOS PREPARADOS
PEÇAM SEMPRE OS PREPARADOS DO PHARMACEUTICO ABEL

CAIXA POSTAL—645 ————— ENDEREÇO TELEGR.—LEBA
BELEM—PARA

LLOYD PARAENSE

COMPANHIA DE SEGUROS

O LLOYD PARAENSE
efectua SEGUROS MARITIMOS sobre
navios de embarcações, mercaderias
e generos para o interior ou exterior
do país, e vice-versa, contra os riscos
fluctuantes da marinha, e CONTRA OS
RISOS DE GUERRA. * * *

— S E D E —

RUA 12 DE NOVEMBRO, 26, BELÉM

ENDEREÇO TELEGRAPHICO PARALOTO

BELÉM PARA — CASA POSTAL — 102

O LLOYD PARAENSE
efectua SEGUROS TERRESTRES
sobre prodos, machinismos, móveis
e utensilios, roupas e objectos de uso,
joias e outros valores, mercaderias
etc., existentes em casa particular ou
em armazem commercial. * * *

O LLOYD PARAENSE possui, dentre todas as suas congeneres, estabelecidas—
com sede em Belém do Pará, Brazil, o MAIOR CAPITAL INTEGRADO

O LLOYD PARAENSE dentre todas as Companhias de Seguros, nacionaes
e estrangeiras, que operam no Brazil, é a que MAIOR DEPOSITO tem no
Thesouro Federal, para garantir as suas operações, além de sua receita e das
suas reservas.

OS SINISTROS SÃO PAGOS, Á VISTA, COM MAXIMA PRESTEZA

AGENTE.

Coronel Armindo de Barros
CASA POSTAL, 384. End. Telegr. DOMINAR
MANAUS—ESTADO DO AMAZONAS

DIRECTORIA:

PRESIDENTE — João Lyrio de Leão Roques.
SECRETARIO — José Fernandes Antonio.
TREASURERO — Manoel Ferreira Martins.
GERENTE — Hermano Aguiar J. Salbino.

CASA IRAGEMMA

55—RUA MANOEL BARATA—57

PARÁ—BRAZIL.

DE

M. FIRMINO & IRMÃO

ESPECIALIDADES:—Em redes do Ceará e Maranhão, Rendas,
Labirintos e Roupas para Senhoras.

DEPOSITO:—De Esteiras de junco e Carnaúba, Chapéus, Palha
para Cangalha, Sola e Queijo.

PREÇOS MODICOS AO ALCANCE DE TODOS

CASA CARVALHAES

FUNDADA EM 1860

GRANDE ARMAZEM DE GENEROS ALIMENTICIOS

PINTO DA COSTA & C.

CAIXA POSTAL 202 — **PARÁ** — TELEPHONE 438

End.—CARVALHAES Codigos Usados—RIBEIRO e TWO-IN-ONE

CHAMPAGNES E LICORES—VINHOS FINOS, COLLARES E DA BEIRA
CONSERVAS FINAS DOS MELHORES PREPARADORES



RECEBE POR TODOS OS VAPORES DA EUROPA E AMERICA
FRUTAS, QUEILOS, LEGUMES, ETC. QUE CONSERVA EM
CAMARA FRIGORIFICA DE SUA PROPRIEDADE

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

EM PREÇOS NÃO TEME COMPETENCIA

POSSUE AUTOMOVEL PARA ENTREGA RAPIDA AOS DOMICILIOS

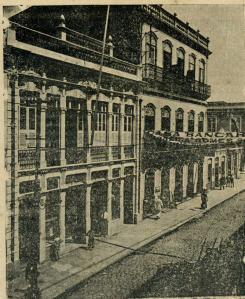
Proven os deliciosos CHÁS e CAFÉ MOÍDO

da **CASA CARVALHAES**

CASA BANCARIA

MOREIRA, GOMES & COMP.

SECÇÃO DE MERCADORIAS



Importação e venda de toda a espécie de maquinismos, ferragens em geral, cutelaria, armas, munições, lonas, tintas, carburato, cabos, artigos para vapores e automoveis, oleos, keroseno, gazolina e diversos outros artigos.
Recbe generos em consignação para vender ou exportar e encarega-se da expedição de qualquer especie de mercadoria, nas melhores condições do mercado.

VENDAS A DINHEIRO, A PREÇO EXCEPCIONALES

AGENCIA DOS VAPORES:

ALMIRANTE, CIDADÊ DE FORTALEZA,

SERINGUEIRO e lancha MURUTUCU.

MOREIRA, GOMES & COMP.

7—Rua 15 de Novembro—7

CAIXA POSTAL—22

PARÁ — BELEM
BRAZIL.

Endereço telegraphico—MATTÁ

CODIGOS TELEGRAPHICOS :

LIEBER, A B C 4ª e 5ª edição—Ribeiro, particulares
Condensador — TWO-IN-ONE

DEDICA-SE AOS NEGOCIOS BANCARIOS E AO COMMERCIO EM GERAL

SECÇÃO BANCARIA

EFFECTUA AS SEGUINTE OPERAÇÕES :

Saca sobre a Inglaterra, E. U. da America do Norte, França, Alemanha, Austria-Hungria, Suissa, Belgica, Hollanda, Turquia, Marrocos, cidades e villas de Portugal, Hespanha e Italia, demais paizes do mundo e principaes cidades do Brazil.

Compra cambiaes e coupons de titulos da divida publica.

Compra e vende moedas de todos os paizes, inclusivé moedas antigas.

Encarrega-se da compra, venda e administração de immoveis situados na cidade de Belem, bem como do recebimento de juros e dividendos de açoes e apolices.

Compra e vende, de conta propria e alheia, titulos da divida publica, açoes de sociedades anonymas, e quaesquer outros titulos que tenham cotação real, assim como trata da collocação de capitais no Brazil e no Extrangeiro.

ENCARREGA-SE DE COBRANÇA NO BRAZIL E NO EXTRANHEIRO

Faz empréstimos sobre titulos que tenham cotação real na praça e desconto de papel commercial.

RECEBE DINHEIRO EM CONTA-CORRENTE COM RETIRADAS LIVRES E A PRAZO FIXO

PRINCIPAES CORRESPONDENTES

INGLATERRA

The Union of London & Smiths Bank
Limited, Pinto Leite & Nephews e
Credit Lyonnais.

FRANÇA

Credit Lyonnais

ALLEMANHA

Augusto de Freitas—Sociedade Limitada.
Dresdner Bank.

ITALIA

Banca Commerciale Italiana

HESPANHA

Credit Lyonnais. Pedro Romero
Y Hermanos.

PORTUGAL—(Continente)

Fonseca & Araujo, Limitada. Credit
Franco Portugais. Borges & Irmão. José
Henriques Totta & C.ª

PORTUGAL—(Continente)— Banco
Commercial do Porto. J. M. Fernandes
Guimarães & C.ª, J. M. de Lima S. Romão.

MADEIRA—Blandy Brothers & C.ª

MANAUS—Araujo & Areosa.

MARANHÃO—Oliveira Neves & C.ª

PARAHYBA—James Frederick Clark.

THEREZINA—Ferraz & C.ª

CAMOCIM—Nicolau & Carneiro.

FORTALEZA—Salgado Rogers & C.ª

NATAL—Banco do Natal.

MACEIO—Companhia Centro Com-
mercial.

PARAHYBA—Moreira Lima & C.ª

PERNAMBUCO—Ferreira Carneiro & C.ª

BAHIA—British Bank of South America
Limitada.

RIO DE JANEIRO—Banco Mercantil
do Rio de Janeiro.

OPERAÇÕES BANCARIAS EM GERAL

SILVA ARAUJO & COUTINHO

ARMAZEM de ESTIVAS NACIONAES e ESTRANGEIRAS

COMMISSÕES,

CONSIGNAÇÕES

E CONTA PROPRIA

Recebem para venda de conta de terceiros, todos os generos do Paiz e de outras procedencias, assim como executam pedidos do Interior do Estado e Amazonas sob referencias, remessas ou generos de facil collocação.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 89

PARA

Endereço Teleg: RICARDO

Telephone n. 4

CAIXA POSTAL N. 298

...

PIRES TEIXEIRA & C.^a

CASA FUNDADA EM 1881

EXPORTAÇÃO CONSTANTE PARA OS MERCADOS
EUROPEUS E AMERICANOS

DE

Borracha, Couros de Gado Vaccum e de Veado,
Cacão e outros generos da região amazonica.

Vende o papel de sua exportação, sacando
sobre Londres, Paris, New-York e Portugal.
—OFFERECEM VANTAGENS—

Travessa Marquez de Pombal, 8-9

CAIXA POSTAL N. 0 — TELEPHONE. 359

Ed. telegraphico : — PIRES

Codigos usados :
Lieber's, A B C (5.^a edição)

Ribeiro & convenções particulares.

BELEM — PARÁ

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

AGUAS DE MELGAÇO

AGUAS MINERAES VERDADEIRAS, EM MEIAS E GARRAFAS INTEIRAS

Não são absolutamente submettidas a qualquer preparo artificial

AGUAS FERRUGINOSAS, ALCALINO,

GAZOSAS=LITHINIFERAS, EFFICACISSIMAS NA CURA DOS PADECIMENTOS

DO ESTOMAGO, RINS E BEXIGAS, NA DIABETES,

SCHLEROSE, GASTRALGIAS, ETC.

DEPOSITO EXCLUSIVO. PARA VENDA POR GROSSO

PIRES TEIXEIRA & C.^a



CASA LUZITANA e CHAPELARIA CRUZ



MATRIZ

- DE -

FILIAL

ALBANO MOTTA

Grande deposito e especialista em tabaco e charutos

Variado sortimento em piteiras, cachimbos e papel de todas as qualidades para fumantes

NOVIDADES em artigos para escriptorios.

Papeis, perfumarias, vidros, ARMARINHO e MIUDEZAS.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Rua Manoel Barata, 100 (Em frente do Gremio Literario Portuguez)

End. Telegr. LUZITANA — Caixa Postal, 111

BELEM — TELEPHONE 485 — PARÁ

Finissimo e variado sortimento em chapéus de palha e feltro dos primeiros fabricantes.

CAMISAS, CEROULAS, GRAYATAS, e todos os artigos de CAMISARIA, encontra-se nesta importante casa, incontestavelmente a mais bem montada no genero.

VISITEM POIS a

CHAPELARIA CRUZ

TRAVESSA CAMPOS SALLES N. 11

Telephone n. 661 — Caixa Postal, n. 111

BELEM — PARÁ

CASA LOUREIRO

— DE —

Gustavo Castellani & C.^a

Rua Senador Manoel Barata ns. 84-86 e Trav. Campos Salles ns. 31^a-31^a

GRANDE FABRICA DE MOLDURAS com madeiras exclusivamente do Estado do Pará, como sejam: CEDRO e MARUPÁ

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Grande atelier de preparação de espelhos, tendo sempre completo sortimento deste artigo, tanto em lamina bisantã para moveis, como artigos de plantazia.

Completo sortimento de vidros de todas as qualidades e variadissima colleção de quadros

Variadissimo sortimento de imagens religiosas

Importação directa das melhores fabricas Francesas, Hespanholas e Italianas

PREÇOS SEM COMPETENCIA



Lenda Amazonica

Ao dr. Ignacio Moura.

A' margem do Amazonas caudaloso,
A' sombra dos cedreiros seculares.
Uma pobre choupana se debruça
 Envolta nos palmares.

A palha em noite de luar alveja,
Como um cysne que fosse abandonado
A' triste solidão dessa devêsa,
 Sem noiva e sem noivado.

Ali viviam dois indios namorados
Longe dos seus e longe da cidade;
Elles faziam do amor seu universo
 Em plena soledade.

A janella de pau, que dá ao poente,
Descerra-se feliz quando o sol nasce,
E o rostinho gentil da sertaneja
 Deslumbra-se vivace.

Accendia-se a lareira e o pobre indio,
Um altivo rapaz de vinte annos,
Tocava a rude flauta de *embirana*,
 Bem longe aos desenganos.

Depois bandos gracios de borboletas,
E as tranças das baunilhas odorantes,
Pareciam saudar na matta-virgem
 Aquelle par de amantes.

E a natureza semelhava um sonho !
O sol, sosinho, em busca do Poente,
Fazia a tarde,—abobada de luz,
 Engrinaldada e quente.

Descem tristes do alto dos cedreiros,
Sombras enormes e murmúrios lentos;
E o par volta da faina extenuado,
Sem outros desalentos.

Junto dum fôssô enorme, num cedreiro antigo,
Como num tunel régio um tigre se agasalha,
Monarcha das selvas, revelação da força,
Convicto de si, o seu terror espalha.

E foi por lá que o par em devaneios,
Já quasi áquella hora de sol posto,
Passou de volta á choça solitaria,
No entardecer de Agosto.

Contam depois que a fêra transformára
A choupana em pelago de sangue,
Que nos furores convertera tudo,
Numa *tapêra* langue.

Mas que ainda existe a choça solitaria,
Como um cysne que fosse abandonado
A' triste solidão dessas devêsas,
Sem noiva e sem noivado.

Que a janella de pau, que dá ao poente,
Cerra-se subtil quando o sol desce,
E que o tigre se occulta tristemente,
Fazendo extranha prece.

Guarda escondido a um canto da choupana,
Dois corações mui fortemente unidos,
Rubros, sangrentos, palpitantes, vivos,
Dois corações feridos !

E até hoje, á luz da lua cheia,
Sob tranças de flôres odorantes.
Apparece a vagar na matta virgem
Aquelle par de amantes ...

Pedro Cabral.

Primeiros viajantes do Amazonas

SECULO XVII

ASSIGURADO no mundo civilizado o descobrimento do Brazil pelos portuguezes e de outras terras da America pela corôa da Hespanha, as demais nações europeas, despeitadas por essa preferencia legitimada, e aguçadas pela cubiça, á vista das narrativas exaggeradas das riquezas que diziam ali existirem, destacaram diversos aventureiros que de varias partes da Europa, armando seguras embarcações, sahiam a piratear os mares e a visitar as costas do Continente descoberto.

Já antes disso, com o fim de regularisar os descobrimentos e conquistas das Indias pelos portuguezes, discriminando-as das outras terras na America, de que os hespanhoes já se achavam de posse, o Pontifice Romano Alexandre VI, cuja autoridade naquello tempo era o arbitro das nações christãs do Occidente, determinára, pela bulla de 4 de Março de 1493, que o mundo descoberto e conquistado fosse dividido em dois hemisphérios, por uma linha imaginaria de Norte a Sul, ficando o occidental á Hespanha e o oriental a Portugal.

Não havia então soberano christão que ousasse insurgir-se contra uma determinação pontificia (1). Entretanto, se elles não apparelharam, por sua conta as esquadrihas que saíam-lhes dos portos, com o fito no corso e em novos descobrimentos, nem por isso deixavam de auxiliar indirectamente os armadores e multiplicar repetidamente as concessões de cartas de marcas. Foi Francisco I, de França, quem deu a esse respeito o grito de alarma: «O mar é de todos», disse elle.

Houve então uma multidão de navios e navegadores que, infestando os mares, chegaram até ás costas da Amazonia, em viagens tão successivas, como contestadas, levando para a Europa narrativas surprehendentes que pareciam fructos da imaginação, ouvidas da bocca de outros pilotos, com o fim de entreter as ambições dos que podiam gastar em novas empreitadas.

Foi a idade de ouro dos corsarios. A pirataria no alto mar, tornou-se um meio de vida; travaram-se verdadeiros combates no Oceano e a machadinha de abordagem fazia baldear, de uns para outros navios, as riquezas dos mundos descobertos.

O celebre e riquissimo armador francez João Anjo, mais tarde Visconde de Dieppe, fez-se salientar pelas aventureiras empresas dos seus capitães, cujas façanhas chegaram a intimidar os proprios soberanos de Portugal e Hespanha, que reclamaram, por meio das relações diplomaticas, contra esse ousado atravessador, que no alto mar interrompia o transporte regular das fortunas das corôas e os primeiros traços administrativos das novas colonias.

O rei de França, a quem foram dirigidas estas reclamações, prometteu providenciar, cassando as cartas de marca concedidas ao temeroso armador; mas os piratas continuaram por sua conta, com mais ousadia, na infernal empresa, até parecendo resolvidos a estabelecerem-se nas terras dos pirateados.

João Affonso, cognominado o Francez, porém de nacionalidade portugueza, esteve em serviço do riquissimo armador de Dieppe e, conhecedor das derrotas dos pilotos da sua patria, de cujas viagens ao Brazil havia sido algumas vezes companheiro, facilmente dirigiu navios piratas para as costas do Novo Mundo, sendo, porém, facil de contestar a sua viagem ao Amazonas, cuja noticia parece apenas ter ouvido da narrativa falsa de algum companheiro.

(1) Vide tratado de Tordesillas em 1495.

Enquanto os mercadores e armadores de Flessinga (Hollanda) apparelhavam, por sua vez, embarcações possantes com o fim de estabelecer feitorias nos rios e costas do norte do Brazil, um fidalgo francez, Daniel de la Touche, Senhor de La Ravadière, emprehendia uma expedição, partindo do porto de Cancale, no dia 12 de Janeiro de 1604.

Ambicioso dos milhões da terra ignota, embriagado pelos sonhos da conquista, pois que ainda era neto de antigos cavalheiros das cruzadas no oriente, La Ravadière fez-se ao mar e, depois de estar um mez em Africa, transpoz a foz do rio do Ouro na costa occidental daquelle continente e appareceu na tarde de 8 de Abril do mesmo anno, segundo o piloto de bordo, na foz do rio das Amazonas.

Era domingo de Ramos, e, como estivessem indecisos, — sem saber o verdadeiro lugar em que se achavam, — procurou Ravadière informar-se de uma canoa de indios que encontraram, os quaes deram-lhe, além de certos pormenores, dois selvagens como praticos, que em 24 horas os levaram á terra do Oyapock, na foz desse rio ou perto della, onde chegaram no dia seguinte.

« Um simples exame da posição geographica demonstrará, como assevera João Lucio de Azevedo, que estas não estão de accordo com o tempo consumido no percurso; sobretudo tendo em vista que, durante a noite de 8 para 9 de Abril, segundo todas as probabilidades, os navios se conservaram nas immedições do lugar onde se fez a primeira sondagem.

Conforme á narrativa, a canoa dos indios, vindo do Cassiporé, devêra ter encontrado as embarcações de Ravadière entre o cabo daquelle nome e o de Orange, sendo impossivel que estas numa só noite houvessem percorrido a longa distancia, que vai dahi ao cabo do Norte, cerca de 46 a 47 leguas, segundo o roteiro de Bellim; pelo contrario, a descripção dos locais, leva-me a suppor que os navios se achavam sobre o extenso banco de lodo, que existe ao largo do Cabo Cassiporé. Dahi á bocca do Oyapock a distancia é curta, e podia ser facilmente vencida no espaço de tempo que consta da narração. (2)»

Ravadière voltou á Europa, passando pela ilha Margarida, e desembarcou em França em 15 de Agosto do anno seguinte.

O fidalgo obteve do seu soberano, pelos serviços prestados por esse feito, como recompensa, o lugar de tenente-general do rei em Cayenna; e, accetando uma carta patente para estabelecer uma feitoria em terras ao sul da linha do Equador, veio ao Maranhão e fundou os principios daquelle capital, a que denominou S. Luiz, em honra de Luiz XIII. Seduzia-o certamente o Amazonas, onde desconfiava de ainda não ter estado; e, para melhor certificar-se do verdadeiro ancoradouro que ali fizera na sua primeira viagem, delineou Ravadière uma expedição, saindo de S. Luiz a 8 de Julho de 1613, levando consigo 40 soldados, 10 marinheiros e 20 dos principaes selvagens com sua gente.

Seguiu para as terras do Pará, esteve na foz do rio Caeté, onde se demorou um mez, reunindo novos contingentes de indios com o fim de repellar qualquer assalto inesperado de selvagens ou de outros forasteiros já por ali estabelecidos.

Continuando a 17 de Agosto a derrota para o norte, chegou ao rio Pará, com 1200 homens, entrando pelo rio Tocantins, onde disse ter visitado os rios Pacajá e Parissô (Aldeia dos Parijós?), que são hoje conhecidos como logares visinhos da futura cidade de Cametá.

Estava reservado a esse cavalheiro a gloria de ser o primeiro europeu que subia o florecente e poetico Tocantins, destinado a fazer no futuro a liga dos interesses commerciaes do norte do Brazil.

Entretanto, no meio das glorias desta epopéa, apparecem nodos de sangue das injustas guerras empenhadas contra os pobres selvagens, favorecidas pelas intrigas e trahições, aculando o francez umas tribus contra outras.

« O nome de Ravadière, na brilhante phrase de J. Lucio de Azevedo, está vinculado ao descobrimento destas terras; elle foi realmente o precursor e guia dos portuguezes, que successivos desastres conservaram por muito tempo afastados desta região.»

Ravardiére voltou ao Maranhão onde, depois de vencido pelos portuguezes, foi levado preso para Lisboa, sendo encarcerado, durante tres annos, na Torre de Belém, dõnde sahio devido á influencia de altas personagens da sua patria.

Voltando á França, serviu como almirante da frota dos protestantes da Rochella, fallecendo com 60 annos de idade em 1631. (3)

Em 1637, dois leigos franciscanos, frei André de Toledo e frei Domingos de Briêda vieram por ordem superior acompanhando a expedição do capitão João de Palacios, a qual tinha sido organizada em Quito, com o fim do descobrimento e catechese do Amazonas.

João de Palacios e grande parte do pessoal da expedição foram mortos, no rio Aguariço, pelos indios encabellados. Os franciscanos, salvos daquelle morticínio, continuaram a viagem até ao Pará e dahi dirigiram-se ao Maranhão, á casa do governador do Estado, Jacome Raymundo de Noronha, a quem deram noticia da viagem que acabavam de fazer.

Foi, devido a essas informações, que aquelle governador portuguez mandou preparar uma expedição que foi julgada na colonia como um acto de temeridade.

O proprio governador queria ir em pessoa commandar a arriscada empreza, mas foi dissuadido de tal intento pelos conselhos dos principaes da terra, e até porque não poderia precisar o tempo da sua ausencia, nem prevêr a serie de acontecimentos, talvez funestos, para a nascente capitania, com a nomeação de substituto no seu logar.

Procurou, entre os officiaes portuguezes, quem por maior valor e maior somma de ousadia lhe parecia capaz de emprender e levar a bom exito a arriscada tarefa. Foi Pedro Teixeira encarregado desta missão, sendo nomeado capitão-mór e general do Estado, com plenos poderes para tudo decidir com independencia de acção na espinhosa e delicada viagem que ia emprender.

Foram nomeados: como seu mestre de campo, o capitão Antonio de Azambuja; como sargento-mór Felipe Contim; e como commandantes da força de infantaria que levava, os capitães Pedro Favella e Pedro de Abreu.

A expedição sahio de S. Luiz para Belém em 25 de Julho de 1637 e, tomando alguns contingentes de força armada em Belém, seguiu para o Tocantins, indo nas praias de Cametá apparelhar novas embarcações e tomar ali reforços dos indios, que passavam por ser os mais valerosos e os mais leaes companheiros de todas as tribus existentes no Amazonia.

(1) Vaux, companheiro do aventureiro Riffault, tendo conseguido provocar o interesse de Henrique IV pela occupação das terras abandonadas pelos portuguezes, dera emprego a que Daniel de La Touche e Francisco de Rasilly, senhores da La Ravardiére e Rasilly se viessem instalar em 1594 na «Ilha Grandes», que passou a ser S. Luiz do Maranhão, bem acolhidos pelos Tupinambás. Dahi explorando ao longo da costa, passaram as aldeias de Cametá e Caeté, e com um reforço de indigenas se passaram as aguas do Gram-Pará, não ter em 1613 aos rios dos Paciares e Parisop, conforme foi relatado pelo capuchinho Ivres d'Evreux... não se sabe ao certo em que parte do Tocantins assentou La Touche os seus arraiaes, mas suppõem-se que a sua exploração intermetteu-se pelo Pacajá.

As memorias de Ivres d'Evreux e Claudio d'Abbeville que tambem vieram de França com Ravardiére apesar de inverosimilis em certos pontos, são entretanto dignas de apreço pelas informações que revelam collhidas das naturaes.

Não demorou mais que um anno Ravardiére nas terras paraenses, pois que em 1614 era obrigado a correr em auxilio da colonia de S. Luiz ameaçada da aproximação dos portuguezes vindos de Pernambuco.

Todos conhecem perfeitamente os incidentes dessas primeiras luctas entre os portuguezes e francezes, nas quaes á frente de Ravardiére e Du Pratz se apresentaram a combater primeiramente Jeronymo de Albuquerque e Diogo de Campos em Guaxinduba e mais tarde contra Ravardiére, Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura, governador geral da armada e conquista, resultando a capitulação de 3 de Novembro de 1615 e o dominio definitivo dos portuguezes nas terras do Maranhão.

Durante o periodo do armistício e após a capitulação, o procedimento de Ravardiére foi de extrema fidelidade e gentileza transmittindo aos portuguezes informações valiosas e mappa da região do norte, facilitando assim a Alexandre de Moura levar avante a colonisação do extremo norte, como se achava encarregado D. Gaspar de Souza, governador geral do Brazil.

A Francisco Caldeira de Castello Branco, com o titulo de capitão-mór, descobridor e primeiro conquistador do Amazonas, foi confiada a valorosa empreza, deixando o porto de S. Luiz em 25 de Dezembro de 1615 com tres navios e trezentos homens, entre os quaes os officiaes Bento Maciel Parente, Pedro Teixeira, Pedro da Costa Favella, Ayres Clichorro, Jacome de Noronha, Pedro Baíão de Abreu e Feliciano Coelho de Carvalho, e como piloto mór Antonio Vicente Cochado.

Um fim de Janeiro ou principio de Fevereiro de 1616 entrava a pequena frota nas aguas do Guajará, e na ponta de terra, após chamada «do Castello», era collocada a pedra fundamental desta cidade com a construção do forte «Prespepe» levantado por Caldeira. — H. SANTA ROSA.

Partiu Pedro Teixeira daquelle porto, em 28 de Outubro do mesmo anno, com 45 canoas de voga e mais de mil homens, incluindo 70 soldados e os officiaes já nomeados, à excepção do mestre de campo que, por medo, recusou-se a seguir, sendo substituído pelo brasileiro Bento de Oliveira, filho do Estado de Pernambuco, no posto de coronel. Devemos aqui consignar que o destemido frei Domingos de Brieda com os seis soldados que tinham vindo de Quito, regressaram nessa expedição, tendo o governador Jacome de Noronha enviado frei André de Toledo, companheiro daquelles, às côrtes de Lisboa e Madrid, para dar noticia daquelle viagem ao Amazonas, como um ultimatum para a desocupação dos estrangeiros, que por ali ainda houvesse.

Pedro Teixeira gastou dois annos e quarenta e quatro dias naquella espinhossissima viagem de ida e volta.

Os primeiros quatro mezes passaram-se entre fadigas, perigos e desalentos; muitos indios haviam morrido, e alguns outros desertado; a viagem resentia-se da falta de pilotos e praticos do rio, pelo que, desconhecendo melhor caminho, muitas vezes eram obrigados a vencer maior correnteza, à força de sirga e valor de remos.

Receando o completo abandono da gente ou a revolta na tropa que levava, lembrou-se Pedro Teixeira, em Fevereiro de 1638, de mandar adeante oito canoas tripuladas pelos indios mais seguros e leaes, sob o commando do coronel Bento de Oliveira que, como brasileiro, conhecia a lingua dos indios e tinha sobre elles grande influencia.

Com isto o capitão portuguez conseguiu, não só estimular a sua gente, como estabelecer uma avançada para reconhecer o terreno e estudar melhor as passagens, assignalando assim o caminho a seguir.

Em 3 de Julho de 1638 chegaram à foz do rio Aguarico, onde tiveram a fortuna de admirar as lindas praias, em que João de Palacios fôra assassinado. Sem duvida, temendo eguaes tragedias, ou com o fim de evitar a falta de mantimentos na expedição, Pedro Teixeira, estabeleceu naquella praia um destacamento, onde deixou a maior parte da gente que levava, sob o commando de Pedro Favella, com assistencia de Pedro de Abreu. Continuou elle a viagem com diminuto pessoal, procurando sempre nas beiradas os vestigios deixados pelo destemido Bento de Oliveira.

Em 15 de agosto chegou Pedro Teixeira a Pagamino, povoação hespanhola sujeita à jurisdicção de Quito e distante dessa cidade 80 leguas. Viu com satisfação no porto as canoas de Bento de Oliveira que deixara o rio, com a sua correnteza fortissima, para continuar a viagem por terra com a gente que o acompanhava.

Pedro Teixeira demorou-se ali apenas o tempo restrictamente necessario para o descanso dos seus companheiros de jornada, depois do que continuou a viagem para Baeça, outra povoação hespanhola, onde julgava alcançar Bento de Oliveira, o intrepido batedor daquelle arriscadissima campanha.

De Pagamino à Baeça gastaram cincoenta dias de viagem, encontrando nesses lugares sempre bom acolhimento e renovação de viveres e outros confortos.

A circumstancia que mais favoreceu a Pedro Teixeira em realizar, com bom exito, tão difficilissima empreza, foi estar o reino de Portugal nessa época sob o dominio de Hespanha (1580—1640), o que fazia com que hespanhoes tratassem a portuguezes quasi como compatriotas; e sob esse ponto de vista devemos encarar os signaes de amizade e a somma de socorros que prestaram as povoações e cidades do vice reino do Perú ao destemido Pedro Teixeira.

Em Baeça foi a comitiva portugueza recebida com as mais significativas demonstrações de apreço pelos maioraes da terra e tratada com o mais fidalgo acolhimento, durante os oito dias em que lá estivera.

Proseguindo a viagem no dia 14 de Outubro, chegou Teixeira à povoação de Pupas, onde encontrou o commandante da vanguarda Bento de Oliveira, que se achava ali aguardando a chegada do chefe, para entrarem juntos triumphantemente na cidade de Quito.

Effectivamente, por aviso recebido ali da Real Audiencia pelo seu presidente Dom Affonso Peres de Salazar, Pedro Teixeira deveria esperar, à meia legua de Quito, na igreja de Nossa Senhora de Guapúlo, a commissão composta de todas as autoridades da cidade, encarregada de receber a comitiva, com o maior apparato de festa e respeito.

De Pupas marcharam os dois chefes até ao lugar indicado para o inicio das festas

e dahi entraram na cidade de Quito cercados de um cortejo magestático e de uma solemnidade até então desconhecida naquella região central.

O Conde de Chinchon, que era o vice-rei, por aviso que teve, felicitou a Pedro Teixeira e, por ordem sua de 14 de Novembro, mandou que nada faltasse para a viagem de regresso daquella valente capitão portuguez.

Levantou-se entre a população hespanhola, ali residente, o mais caloroso entusiasmo para acompanhar os denodados viajantes em sua volta até Belém e Maranhão, porém o vice-rei deu para isso licença a bem poucos, entre os quaes a frei Christovam da Cunha e frei André de Artieda, além de quatro religiosos da Ordem dos Mercenários, encarregando aos dois primeiros de escreverem minuciosamente o extenso roteiro que seguiriam, depois de estudos já feitos anteriormente na subida, para remetterem esses roteiros ao rei de Hespanha e Portugal e às autoridades colonias dos dois paizes então unidos.

Effectivamente, existe a esse respeito uma obra de Christovam da Cunha intitulada *Novo Descobrimento do Amazonas*, que é até agora um bom repositório dos factos historicos daquella época e que foi por muito tempo manuseada, como melhor guia de viagem ao magestoso rio.

Em 10 de Fevereiro de 1639, Pedro Teixeira deixou Quito, tomando o caminho da cidade de Archidona como o mais curto e evitando assim a longa caminhada que tinha feito por Pagamino, resolução esta que foi tomada pelas informações fidedignas que tinha obtido de pessoas conhecedoras do lugar. Dahi passou-se a pé ao rio Napo, o que fez em um só dia e, embarcando-se nas suas canoas que ali estavam, por aviso antecipado, desceu o Napo até á foz do Aguariço e dahi até ao ponto em que ficara Pedro Favella nas terras pertencentes aos indios encabellados, assim chamados pelos castelhanos, por causa das longas cabelleiras que usavam.

Na ausencia da comitiva, Pedro Favella conseguira formar um acampamento, obtendo dos indios o necessario alimento e trabalho gratuito; porém, as intrigas dos colonos e a morte de tres indios pertencentes á expedição e que foi classificado como assassinato imputado aos encabellados, fez que o commandante do destacamento se revoltasse contra aquellas tribus, juncando de cadaveres as suas aldeias e aprisionando outros, que foram contrangidos a preencher os claros no pessoal, que teria de retroceder ao Pará.

Foi a nodosa de sangue naquella patriótica expedição. Pedro Teixeira, em vez de reprehender o seu official por aquellas scenas de crueldade, elle mesmo animou-as, repetindo o morticínio contra as inermes tribus.

Entretanto, foi extraordinariamente favoravel aos futuros destinos do Brazil o epílogo daquella sanguinolenta victoria. Pedro Teixeira lembrou-se das cartas-patentes que tinha levado para tomar conta daquellas terras, em nome de seu rei, pelo que fez assentar na margem do rio do Ouro o marco limitrophe das suas conquistas, cerimonia que foi testemunhada pelos officiaes e religiosos da sua comitiva e que determinou ali o assentamento de uma povoação portugueza, como limite extremo do futuro continente brasileiro.

E' um facto tão importante para a nossa historia geographica, que não nos furtamos ao prazer de aqui transcrever o velho auto de installação, trazido até nós pelos colleccionadores de documentos congeneres:

« Auto de posse:—Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1639, aos 16 dias do mez de Agosto, defronte das bocainas do rio do Ouro, estando ali Pedro Teixeira, capitão-mór por Sua Magestade das entradas e descobrimento de Quito e rio das Amazonas; e vindo já de volta do dito descobrimento, mandou vir perante si capitães, alferes e soldados de suas companhias, e presentes todos, lhes communicou e declarou que elle trazia ordem do Governador do Estado do Maranhão, conforme o regimento que tinha o dito Governador de Sua Magestade, para nesse descobrimento estolher um sitio que melhor lhe parecesse para nelle se fundar povoação; e porquanto aquelle em que de presente estavam lhe parecia conveniente, assim em razão do ouro de que havia noticia, como por serem bons os ares e haver campinas para todas ás plantas, pastos de gados e criações, lhes pedia seus pareceres, por terem já visto tudo no descobrimento e no rio: e logo por todos e cada um foi dito que em todo o decurso do descobrimento não havia sitio melhor, mais accommodado e sufficiente para a povoação do que aquell: em que estavam, pelas razões declaradas: o que visto pelo capitão-mór, em nome de El-Rei Fe-

Philippe IV, nosso Senhor, tomou posse pela Corôa de Portugal do dito sítio e mais terras, rios, navegações e commercios, tomando terras nas mãos, lançando-as ao ar e dizendo em altas vozes:—Que tomava posse dessas terras e do sítio em nome de El-Rei Philippe IV, nosso Senhor, pela Corôa de Portugal. Se havia quem à dita posse contradissem ou tivesse embargos que lhe pôr, ali estava o escrivão da jornada e descobrimento que lh'os receberia; porquanto ali vinham religiosos da Companhia de Jesus, por ordem da Real Audiência de Quito, e porque eram terras remotas e povoadas de muitos indios, não houve por elles nem por outrem quem lhe contradissem a dita posse:—pelo que eu Escrivão tomei terra nas mãos e a dei na mão do capitão-mór, e em nome de El-Rei Philippe IV, nosso Senhor, o houve por mettido e investido na dita posse, pela Corôa de Portugal, do sítio, terras, rios, navegações e commercios referidos, ao qual sítio pôz o capitão-mór por nome a Franciscana, do que tudo eu Escrivão fiz este auto de posse que elle assignou. Testemunhas que presentes foram—o coronel Bento Rodrigues de Oliveira,—o sargento-mór Felipe de Mattos Cotrin,—o capitão Pedro da Costa Favella,—o capitão Pedro Bayão de Abreu,—o alferes Fernão Mendes Gago,—o alferes Bartholomeu Dias de Mattos,—o alferes Antonio Gomes de Oliveira,—o ajudante Mauricio de Alarte,—o sargento Diogo Rodrigues,—o almoxarife de Sua Magestade Manoel de Mattos de Oliveira,—o sargento Domingos Gonçalves,—o capitão Domingos Pires da Costa, os quaes todos aqui também assignaram: e eu João Gomes de Andrade, Escrivão da jornada, o escrevi.

Foi, por assim dizer, a extraordinaria viagem de Pedro Teixeira, em tão propicia occasião, que determinou a grandeza territorial do nosso paiz; sem isso, as possessões hespanholas do Pacifico teriam avançado para o Amazonas a dentro, vindo talvez assentar tendas, junto das margens do Atlantico.

Batidos os Encabellados, firmado o dominio da corôa portugueza nessa região, Pedro Teixeira continuou a viagem pelo Amazonas, admirando a magestade e a frescura das suas matas, terras cheias de futuro e montanhas presagiadoras da grandiosa patria que dali deveria nascer. Navegava sempre distante de terra, com receio dos selvagens que por ali habitavam, e aportava nas aldeias, sómente para obter provisões e noticias sobre as localidades visitadas.

Viu extensas praias de areias, muitas vezes auríferas e cheias de outros metaes, conforme cita Christovam da Cunha florestas cheias de madeiras preciosas, de resinas e oleos de valor; viu animaes de novas formas e classificações desconhecidas, peixes exuberantes e de tamanhos consideraveis; viu por toda a parte mulheres e homens nus, tendo na cabeça e nos artelhos dos joelhos, na cinta e nos collos vermelhos, variegadas collecções de pennas das bellissimas aves que triumphantemente revoavam de um a outro lado do rio.

Offuscados por tantas bellezas, envolvidos em tantas riquezas naturaes, os companheiros de Teixeira só cuidavam que estavam sós e pobres, quando iam a chegar na foz do rio Negro (4) que, pela largura do estuario, pareceu-lhes ser a entrada da barra de Belém. Reclamaram, então, as recompensas dos seus serviços, prevendo a miseria que os esperava, a exemplo de anteriores companheiros de iguaes feitos; queriam que o capitão lhes concedesse o aprisionamento dos indios para seus escravos, que cada qual reclamava em maior numero, contando por elles os extraordinarios serviços que tinham praticado.

Devido á grande prudência de Pedro Teixeira e aos conselhos dos religiosos seus companheiros, abortou a conspiração que teria, sem duvida, por tenebroso fim o assassinato do chefe e o mallogro da expedição quasi a findar.

Confiados nas promessas do seu chefe, os expedicionarios continuaram a viagem da descida pelo Amazonas, chegando a Belém no dia 12 de Dezembro de 1639, onde novos serviços á patria e ao rei os esperavam, com o fim de impedir as invasões estrangeiras e assegurar as conquistas luzitanas naquella região.

(4) Os nomes de rio Negro e rio Madeira, como são conhecidos, até hoje, esses affluentes do Amazonas, foram dados pelo capitão Pedro Teixeira, perdendo assim os nomes gentílicos, que possiam.

Pedro Teixeira (5) foi pouco tempo depois designado para dirigir a capitania do Pará, onde continuou a servir lealmente, e não nos consta que a elle e a seus companheiros coubessem outras recompensas, em paga da empreza que tão assignaladamente tinham levado a cabo.

Após esses exploradores de terras e de riquezas, vieram os «exploradores de almas», grandes e pacíficos missionários de Christo, que se muniam não só da imagem do crucificado e do seu breviário, mas de instrumentos de observação scientifica, reconhecendo as zonas por onde passavam, levantando as suas cartas geographicas, escrevendo noticias circumstanciadas sobre o continente descoberto, que foram as primeiras a serem divulgadas no mundo culto. Eis o que, a seu respeito, escreveu o notavel historiographo Henrique Santa Rosa, em uma das ultimas conferencias pedagogicas de Belém.

«Os jesuitas, aos quaes é impossivel negar a obra meritoria que realizaram pela catechese dos indigenas da America do Sul, embora contra elles muitas vezes se insurgisse os proprios colonos, como mais tarde teria de perseguil-os a acção do governo, levavam a sua acção salutar e civilizadora aos mais reconditos extremos das regiões do Amazonas.

E' impossivel deixar de recordar como figuras proeminentes dentre elles: o padre Luiz Figueira, evangelizador dos indios do Xingú, de onde seguiu para Lisboa em busca de outros religiosos, dos quaes em seu regresso, e quando naufragados já nas aguas do Guajará, em frente á bahia do Sol, fize foram com elle arrastados até á ilha de Joannes e ali exterminados pelos Arias; o padre João de Souto Maior que iniciou, com Gaspar Fragoso, as missões da Companhia, tentando infructiferamente a catechese dos Nheengaitas e passando 18 mezes entre os indios do Pacajá; finalmente o vulto grandioso da tribuna portugueza, o padre Antonio Vieira, que teve de arrostar a odiosidade dos proprios colonos pelo partido que tomou em favor da liberdade dos indios, expoliados em suas lavouras e escravizados além dos prazos dos regates.

Ficaram memoraveis as numerosas missões que instituiu entre os Cambocás, Mapunzes, Mamayanazes, Anajás, Guajarás, Tupinambás, Tapajós, Tucujás e outras tribus e a surpreendente adhesão que lhe prestaram, submissos e convertidos, os mesmos Nheengaitas e Arias, que se mostraram rebeldes á catechese de Souto Mayor.

E não foram somente os jesuitas, mas tambem os religiosos do Carmo e das Mercês, como os capuchinhos de Santo Antonio, Conceição e S. José, efficazes collaboradores da grande obra de civilização, de que deixaram para memoria attestados que se perpetuam em nossa historia.

Não nos passe esquecido outro religioso que por esse tempo evangelizava entre os Mouras do Solimões, o padre Samuel Fritz, cognominado Apostolo do Amazonas, que, descendo em 1689 e rio, confeccionou um dos primeiros mappas geographicos da região, e, em virtude da maneira de expressar-se sobre os limites das terras portuguezas-hespanholas, foi tido como espião, e obrigado a regressar pelos mesmos caminhos por onde viera.»

Eis, resumidamente, a historia dos primeiros viajantes do Amazonas: grandes homens, grandes tyrannos e grandes victimas. E se a historia deve um culto a todos os antepassados, quaesquer que fossem os actos por elles praticados, deixamol-os citados nestas paginas, reclamando para elles a consideração e a estima da posteridade.

Ignacio Moura.

(5) Pedro Teixeira não chegou a tomar conta do governo da capitania do Pará. Tendo sido nomeado para isso pelo governo hespanhol, e tendo sido, nesse mesmo anno de 1640, declarada a independencia de Portugal, teve o illustre soldado escrupulos de cumprir uma nomeação, que já não era de governo legal. Atacado por enfermidades, contrahidas na gloriosa viagem ao Alto Amazonas, havia resolvido ir procurar lenitivos á saúde nos ares portos, e tambem para fazer valer os seus serviços. Já prestes a partir para a Europa, surpreendeu-o a morte em Belém, em Junho de 1641.

«Pedro Teixeira Molato (como parece ter sido o verdadeiro nome do nosso heroe) não deve ser confundido com o cosmographo portuguez Pedro Teixeira de Albernaz. Nasceu em Castanheda em 1570, perto da cidade de Coimbra, (*Relação da Viagem de Pedro Teixeira*, em Boletim da Sociedade Geographica de Madrid).

Lenda de Nhamundá (*)*

Quando eras pequenino,
E no teu berço de ouro,
Armado sobre um thesouro
Que só o Sól tem assim !
—Filho de um Rei— purpurino
Eras mais alvo que a aurora,
Que a Luz, o orvalho que irrorá
Os roseiras de um jardim !

Brincavas por entre as minas
De pedrarias sem fim,
—Reino de ouro e marfim,
Como a tenda de um Sultão—,
E louro como as boninas,
Corridas por entre a relva
E te metias na selva,
Como o filho de um Leão !

Cresceste ! — Fauno adorado —
Eras o Deus da Floresta
E recebido com festa
Por parte de toda gente !
Naquelle Reino encantado,
Donzella, quasi menina,
Em forma d'uma Collina
Vivia, meiga, innocente.

Travêssos, então, como eras,
Beijaste-lhe, um dia, os pés
E volúvel, como és
Não viste o mais que se deu :
Ella vestida de héras,
Toucada de violetas,
No meio de borboletas
Após teus passos correu !

(*) Rio d'aguas negras, affluente occidental do Amazonas, em cuja foz, segundo a lenda, viu Orellana as Amazonas. Banha a cidade de Faro e pertencem ambos as margens ao Estado do Pará, por posse immemorial.

Como fizeste às demais
 no curso do teu caminho,
 — Todo franjado de arminho—
 Não lhe volvestes um olhar !
 Entre gemidos e ais,
 Volveu a pobre Donzella,
 A mais querida e mais bella
 Daquelle regio solar !

E definhada e em pranto,
 Amargurada, sentida,
 Querendo pôr termo á vida,
 Ia a Donzella a morrer !
 Mas, um dia por encanto
 De uma força estranha e forte
 Foge da dôr e da morte,
 E quer lutar e viver !

E ouvindo queixas, tambem,
 De outras Collinas visinhas
 Que enganado tu tinhas
 Com doces beijos de amor ;
 Ante o acerbo desdem
 Uma terrivel vingança
 A todas propõem ! E lança
 A sorte sobre a tua côr !

E a sombra, toda da matta,
 Triste, sinistra, pesada,
 Como uma noite fechada,
 Pelo teu corpo cahiu !
 Não mais a luz te retrata,
 E cego, tonto, às escuras,
 Em vão o dia procuras
 E o Céu jamais se te abriu !

Millenios vivestes assim
 Dentro da noite a correr,
 Cego e louco, a padecer
 Dessa tortura o rigor,
 Té que um dia, té que enfim,
 Numa clareira formosa,
 Surgiste á Luz radiosa,
 Mas....—era negra a tua côr !

* * *

Cumpriu-se, assim, o castigo :
 — A treva entrou-te no seio !
 E tu pensando que és feio
 Ser branco, talvez o queiras !
 Mas deves ter bem contigo
 Que, desprezando as donzellas,
 Amastes outras mais bellas :
 — As Amazonas guerreiras !

José Carvalho.

Topographia de Cametá em 1836

Suas produções e outras lembranças

Tomo de uns apontamentos do saudoso Padre Franco estes traços topographicos da então villa de Cametá, em 1836.

Amplio-os com outros informes que em 1899 me deram D. Maria Tucura e sr. Raymundo da Trindade, fallecidos, e agora os srs. coronel Manoel Pedro d'A. Dias, professor José Raymundo Furtado de Mendonça e capitão Marciano Soares tres preciosas reliquias que nos restam de uma geração quasi toda extincta.

A actual cidade que pouco tem augmentado materialmente nos extremos e fundos, decreosceu consideravelmente no littoral pelas cahidas da ribanceira, de fôrma que mal se pôde fazer ligeira ideia do que fôra outr'ora a villa, pelo lado do rio.

Eis os antigos limites, naquella época: Pelo Norte, a travessa *Dr. Ignacio Moura*; (1) pelo Sul, a travessa *Santos Dumont*; (2) e pelos fundos *um caminho*, com mais de uma braça de largo, conhecido então pelo nome de *5.ª rua*, annos depois alargada, ora occupada pela rua *23 de Novembro*, interrompida pelo centro da praça *Doutor da Fomica*, que se communicava com as travessas que contavam a villa.

Como se vê, a área era pequena, entretanto continha uma população superior a 6.000 almas, e possuia nas 1.ª, 2.ª e 3.ª ruas luxuosas e bellos predios terreos e sobradados, estando hoje, uns desmoronados, outros, meio demolidos e, ainda outros completamente desaparecidos.

Os seus arredores eram bastante povoados.

Nas immedições da fôz do *igarapé Vacca maior* havia uma *olaria* que servia para refinar sal, preparar cal de mariscos ribeirinhos e louças de barro.

Nas margens do *igarapé Aricará* existiam grandes canaviaes e dois engenhos de asucar movidos a vento e com represas d'agua.

A classe menos favorecida da fortuna trabalhava, quer na villa e suburbios, quer no interior do municipio, em restillos de mandiôca, capim, laranja e diversas outras, e em destillar azeite de andiroba, óleos de pataú, cumari, castanha, banha de cacau, e oleo de copahyba.

A população indistinctamente cultivava caripato, café, milho, anil, tabaco, algodão, arroz, cevadinha, canella, etc. Tambem trabalhava em cuias e taquarys pintados com rara pericia; fazia algodão, e deste, à mão, confeccionava panno grosso e fino, custosas redes e rendas. Colhia lacre, fazia excellentes tintas da casca do piquiã e outros vegetaes; fabricava farinha de mandiôca, secca e de tapiôca, em grande escalla, beijús de diversas especies; plantava cacaueiros com todo o desvelo; dedicava-se em plantações de laranjeiras diversas, sobretudo das afamadas laranjinhas de *Cametá*, abacates, abacaxys, tantos e tantos outros saborosos fructos que seria enfadonho enumerar.

(1) Em 1835; —travessa do *Relógio*. Tomou este appellido por haver na porta da rua da casa do celebre portuguez atestado que deu o nome de *Basileiro* a um cavallo, sendo por isto castigado pelo povo cametense.

(2) Em 1835; —becco do *Rafeto*.

O commercio florescia e a industria e agricultura tinha vida real.

Pena é que em nossos dias, estes meios de preciosas riquezas, verdadeiramente proprios, tenham desaparecido em sua quasi totalidade pela indolencia da maioria dos habitantes da zona que só se empregam na extracção da gomma elastica.

No littoral, a partir da praça *Republica*, (3) em direcção á foz do rio dessa época a nossos dias, muitas braçadas de ribanceira aluaram pela impetuosidade da correnteza do nosso formoso rio Tocantins, levando a metade da rua *São Bernardo*, na parte Norte, que tinha uma fila de casas cobertas de palhas de bussú e muitos bons predios com quintaes para o rio, plantados de caféeiros, canelleiras, coqueiros e palmeiras; rua esta que ia desembocar na travessa hoje chamada *José Bonifacio*, (4) cinto da casa em que está o estabelecimento commercial do sr. Carlos de Vasconcellos.

Essa faixa de ribanceira, a excepção de uma ponta saliente de terra que se mettia muito pelo rio, ao Norte da referida praça *Republica*, seguindo o mesmo rumo, littoral a fóra, guardava, mais ou menos, a mesma linha.

Nas visinhanças em que se encontra hoje o curro publico, (5) corria o *igarapé Vacca maijó*, limite, pelo Norte, das terras patrimoniaes dos officiaes da Camara do Senado que lhes foram concedida pelo Donatario em 27 de Maio de 1713.

Abaixo do logar *Lampadoin*, entre os esquecidos e extinctos sitios *Tapicuruá* e *Cidade*, (6) estava a *Barra*, uma especie do *Fortin*, em uma ponta de terra que avançava naturalmente muito fóra, quasi ao meio do rio, atalaia da villa, em que se achava assestado um pequeno parque de artilharia ligeira, que salvava nos dias de datas nacionaes e servia para trocar signaes com a alfandega, ás proximidades e passagens das embarcações que sulcavam a nossa arteria fluvial.

O *igarapé Vacca maijó* nascia no grande cavado ainda existente no terreno fronteiro á casa do sr. major Antonio Gomes Coelho (antigo caminho da Aldeia). Desse *igarapé* ignorado de muitos, resta o leito secco, ainda profundo e largo atravessando o fim da rua 15 de Novembro, (7) já extra-raia da prisca villa.

A outra metade subsistente da rua *São Bernardo*, (8) hoje *São João Baptista*, morria na testada da praça das *Mercês*. Ao lado opposto da praça erguia-se o grande convento dos Mercenarios, (9) hoje completamente desaparecido. Estes frades occupavam todas as terras proximas do seu convento, de sorte que não tinham visinhos pelo lado do rio. Por traz do convento passava uma travessa chamada *Moleiros*, (10) appellido de um vereador que nella tinha casa de moradia.

Nos fundos dos predios em que residem presentemente os srs. tenente-coronel Luiz Ferreira Alves de Carvalho, tenente Antonio Farias, senr.^a Lobato, dr. Silva Miranda, coronel Basilio Mendonça, não havia propriamente ribanceira, mas uma lomba larga de terra que descia em raso, desdobrando-se em varzea e se apoiava ao collo de alvissima e extensa praia, em que se espalhavam verdejantes coqueiros e outras palmeiras equatoriales, dando por ellas sombreado e de que se aproveitavam as lavadeiras captivas no ardor da canicula.

(3) Em 1835 — praça da Matriz.

(4) " " — travessa dos Prazeres.

(5) " " — nesse logar estava a *áfrica* hoje desaparecida.

(6) Em 1836 — havia ali um agrupamento de casas todas cobertas de palhas de *busú*.

(7) " " — rua do Melo.

(8) Esta rua mais tarde veio a ser scollhada de taboas de acapá a começar da parte sul do sobrado dos herdeiros de Antonio Alves da Silva até ao canto *Refonda*, em que está o sobrado pertencente ao tenente-coronel Belmiro de Moraes. No regimen monarchico, por intervenção do saudoso senador conego Siqueira Mendes tivemos, antes o *rio*, depois o *paralelo* que vizaram impedir a vertiginosa queda da ribanceira, que já trazava o coração da cidade.

(9) Este convento é lembrado aqui por ter sido ali que Padre Prudencio, em um momento de desanimo entre os vereadores e o povo em 1837 (Janeiro), se offerceu na qualidade de 2.^o juiz de paz para organizar a defesa da villa contra os cabanos. O livro de *actas* desse anno desapareceu. O que existe presentemente a respeito são simplesmente notas particulares. Foi por esse mez, que se deu começo a construcção da trincheira que fechou a villa e a salvou de ser tomada pelos cabanos.

Esta trincheira começava á beira do rio, subia o becco do *Reducto*, entrava pela rua, hoje 16 de Novembro, corria pela testada da praça *Doadora da Fomea*, ia ter á travessa *Dr. Ignacio Moura*, antiga do *Relegio*, circulava por esta, morrendo outra vez ao pé do rio.

(10) Hoje travessa *Dr. Angelo Custodio*.

Cortavam a villa 10 travessas, (11) 3 ruas, (12) 3 praças, (13)

Não havia calçamento de especie alguma, nem illuminação publica, nem canalização para aguas pluviasas.

Matriz, (14) Mercês (15) e Sant'Anna (16) eram os templos. ⁽¹⁴⁰⁾ A igreja Sant'Anna que substituiu a primeira matriz por muito tempo, durante a transformação que soffreu, rufo, ha muitos annos, e o lugar está transformado em chão.

Ha uns quarenta e tantos annos, o governo da então Provincia mandou oficialmente lançar nesse lugar uma pedra commemorativa que serviria de inicio à construção de um edificio em que deveria installar-se uma «escola normal».

Não passou isso de boa vontade e de projectos.

Os cemiterios actuaes não existiam.

Os enterramentos, conforme o costume da época eram feitos no interior das igrejas.

As escadas publicas eram tres: uma em frente à igreja *Matriz*, outra pela testada da travessa dos *Mondungos*; e a terceira na travessa do *Jacumã*.

A villa se communicava com a Aldeia, Cupijó, Sumaca, Porteiro, Curuçã e Vaccaria, por caminhos de mais de braça de largura.

Ultimas tentativas dos cabanos em Cametá

Decorriam os ultimos dias do mez de Maio de 1836.

Ignorada a transformação que se operára em 13 e 14 desse mez na capital da nossa antiga Provincia, cabanos em numero de 250 vieram de *Oeiras* e assaltaram a villa defendida pelo Padre Prudencio.

Vinham animados pela promessa de recursos materiaes que lhes fizera Angelim, que ainda julgavam presidente da Provincia.

Aquelles acontecimentos imprevistos, porém, mudaram completamente de face o movimento revolucionario, de sorte que os cabanos do interior ficaram isolados dos da capital, sem noticias nem instruções.

Padre Prudencio estava sempre attento, não se descuidava, e tinha fiéis companhheiros.

Pois bem: esses cabanos commandados por um tal Saraiva, apresentaram-se inesperadamente às 8 horas da noite, mais ou menos de sexta-feira, 27 de Maio, desse anno, em casa de Venancio José da Silva, morador nas circumvisinhanças do rio Cupijó, na parte *cima*, procurando o tambor-mór das forças legaes José Nazario, que, constava-lhes, estava em seu retiro, no fabrico da farinha.

Cercada a casa, prenderam Venancio Silva, João Henrique de Lima, Manoel Furtado de Mendonça e Antonio Corrêa de Souza que se achavam na casa, e amarraram-nos. Depois Saraiva chamou João Manoel dos Passos, por appellido Arêa, filho de Nazario, a quem confiou 20 e poucos homens para ir prender seu pae, que não se achava distante do *acampamento*.

(11) *Religia, Prazeres, Coração Celso, Espirito Santo, Flôres, Sant'Anna, Mondungos, Jacumã, Medeiros e Bolado*. De Norte a Sul.

(12) *São Bernardo, Meio, Atalaia, 4.ª e 5.ª*

(13) *Espirito Santo, Matriz e Mercê*.

(14) A primitiva igreja Matriz era coberta de palhas de *bucis*, com parapetos aos lados. Era menor, do que a actual.

(15) Era da propriedade exclusiva da rica família Daniel Valente. Não fazia parte do convento dos Mercenários, como geralmente se pensa.

(16) Ficava situada à rua do Meio, hoje 13 de Novembro, quasi fazendo canto com a travessa do mesmo nome.

⁽¹⁴⁰⁾ A igreja do Divino Espirito Santo jamais se concluiu. Era para ser um majestoso templo quasi todo feito de pedra de cantaria. Na administração do inepto e cruel Redy foi demolida, e suas pedras serviram para construções diversas.

Alta hora da noite regressou Arêa conduzindo o pae. Arêa protestou a Saraiva que seu pae facilitaria os meios para a tomada da villa, com a condição de serem respeitados a sua vida e as das pessoas de sua familia.

Para effectuar a entrega, João Manoel dos Passos, Saraiva e Manoel Dias, resolveram que Nazario viesse à villa, pela madrugada de 28, trazer carta do *chefe* para Jacob Pedro Borges, vulgo *Patacho*.

Por qualquer accidente não apromptou Saraiva a dita carta, que motivou retardamento na viagem de Nazario. Só ás 7 horas da manhã, na occasião de entregar a carta a este, foi obstado por Manoel Dias que a esse tempo appareceu, advertindo ao *chefe* que essas linhas podiam ser a causa da descoberta delles, em Cupijó. E melhor seria entender pessoalmente com seu amigo *Patacho*, antes que tomassem a villa.

Foi aceito este conselho, sendo incontinentemente despachado Nazario, com 10 ou 12 homens que levavam ordem de se collocarem na estrada, em lugar bem conveniente, para evitar a communicação com a villa.

Nazario, para dissimular sua *commissão*, trouxe, para vender, meio alqueire de farinha.

Uma hora antes da partida de Nazario, a mandado do *chefe*, foi João dos Passos com um troço de cabanos, ao sítio de Hilario José da Silva, em Pacurijó, prender Francisco Ferreira, que veio amarrado, sendo solto horas depois.

Chegado Nazario à villa, antes de transportar a *trinchera*, foi falar à sua filha Antonia Claudina, que, na sua ausencia, havia ficado em casa situada no centro da praça hoje chamada *Padre Prudencio*. (*)

Em conversa, dissera-lhe que estava para haver *grande novidade!* E que vinha à villa vender meio alqueire de farinha e comprar tabaco.

Entrando na villa, além de vender e comprar o que desejava em casa commercial de João Luiz, entendeu-se com o commandante do 1.º *Ponto*. Falou-lhe que estava com receio dos cabanos que já andavam perto de Cupijó; e para maior segurança sua e de sua familia, ao sentar da lua, por volta das 4 horas da madrugada de 29, domingo, viria abrigar-se à *trinchera*. Por isso rogava ao commandante lhe satisfizesse o pedido, ficando combinado tudo, conforme os desejos de Nazario.

Em vista de tudo lhe ter occorrido tão propiciamente, tornou ao *acampamento* dos cabanos, no Cupijó, meia hora do dia, indo chegar ás 4 da tarde, entre elles.

Visto o bom exito da *commissão*, houve grande alvoroço de alegria entre os rebeldes.

Às 8 horas da noite, veio ceiar em casa de Antonia Claudina, filha de Nazario, o legal de nome Rufino Antonio que fazia parte dos guardas do 1.º *Ponto*, e que com ella entretinha amores.

Contou-lhe esta, em muita reserva, o que seu pae lhe dissera horas antes.

Incontinentemente volta à *trinchera* e dá disto conta aos seus companheiros de *ponto*, indo em seguida à casa do commandante geral Padre Prudencio, levar ao seu conhecimento o que ouvira de Claudina. O Padre mandou immediatamente tocar a rebate, redobrando de vigilância todos os *postos*, conseguindo reunir um corpo de 600 homens, prompto ao primeiro signal, para repellar o inimigo.

O inopinado rebate tão accelerado que o padre tinha mandado tocar, espalhou o temor a tristeza em todos os habitantes, pelas circumstancias em que se achavam, os quaes, avidos por noticias, abandonaram os seus lares, enchendo as ruas e praças da villa.

Na mesma hora, sem vacillação alguma, e com a energia de homem de commando, padre Prudencio ordenou a immediata retirada de todas as familias da villa para bordo do brigue «Cacique» e outras embarcações menores, soltas no porto.

Ordens as mais rigorosas deu aos seus auxiliares mais graduados e, estes, aos seus commandados.

Não devemos esquecer nestas linhas que Luiz Ferreira de Farias, os Tainhas, e outros contribuíram para a victoria da causa legal.

E nessa memorável noite de 28 para 29 de Maio de 1836, esses intementes came- taenses, tão incansaveis quanto cumpridores dos deveres patrióticos, com o seu comman-

(*) Naquelle tempo grande serrado. Até pouco tempo, se via emergindo à superficie da terra os ramos de achas de acipí. A coira, planta do quintal, ainda existia, e em 1912.

dante, passaram a noite toda velando pela segurança e tranquillidade do seu torrão amado e da familia cametaense sobresaltada e chorosa.

A's nove horas da noite mais ou menos de 28, duas horas após a chegada de José Nazario do seu retiro ao *acompanhamento* dos cabanos, dispoz Saraiva a sua gente em ordem de marcha para a villa, pela entrada do Cupijó, trazendo os seus prisioneiros sob guarda.

Fazia um luar argenteo.

A's 3 da madrugada de 29, domingo, chegou Saraiva á campina do *Aricurá*, apenas um quarto de hora distante da villa, onde mandou fazer alto por meia hora, para descansar com os seus companheiros, e esperar o completo declinio da lua para o seu occaso.

Ahi lhes fallou, dizendo que já estavam ás portas da villa, e que de uma só investida cumpria transporem o portão do 1º *ponto*.

Em seguida mandou explorar o terreno por um piquete, em quanto o resto da força se adiantava lentamente para o lado N. da campina.

Nesta occasião, ouviram amiudados brados de alerta das sentinellas avançadas, dispersas de proposito, aqui, ali, ao longo da trincheira, pelo padre Prudencio. Em vista deste brusco contratempo, os assaltantes ficaram confusos e amedrontados.

O *tenente* de cabanos, Leocadio, mais avisado do que os outros perguntou ao prisioneiro Hilario José da Silva quantos cunhetes de balas tinha cada *ponto*; ao que lhe respondeu que cinco, além de muitas granadas. Assustado então com esta noticia, correu incontinentemente a levá-la ao seu commandante que, sob o peso tambem da mesma impressão, aturdido, mandou tocar a debandar, sendo o matto em todo sentido varado por elles, para o lado de onde vieram.

Conta-se que a campina do *Aricurá* que era muito espaçosa e compacta, acima de metro de altura de matto, ficou machucada pela precipitada fuga dos rebeldes, bem assim todo o transitio por onde passaram.

Espalhada deste modo a confusão entre elles, os prisioneiros della aproveitaram-se para resgatar a sua liberdade roubada. Já se irradiavam os primeiros clardes do dia, quando estes, tendo em sua companhia José Nazario, chegaram á bocca do caminho do Murajuba, ao lado direito da estrada, sendo por este então convidados a virem á villa denunciar ao padre os cabanos, proposta esta por elles rejeitada.

Nessa desenfreada carreira foram os cabanos apanhados por José Barbosa da Cunha que em seu sitio, no Cupijó, já tinha reunido força sufficiente para os bater, caso houvesse a retirada.

De facto esta realisonou-se, travando-se entre elles um pequeno tiroteio, do qual resultaram muitos ferimentos, além de quatro mortes.

A' tarde desse dia José Nazario foi recolhido á cadeia da villa, iniciando-se aos inqueritos, que terminaram a 11 de Junho.

Nazario foi pronunciado e mandado para o poção do brigue «Cacique», onde encontrou morte *voluntaria*.

O fim dos cabanos era, tomada a villa, degolarem o dr. Angelo Custodio e todos os cametaenses do sexo masculino, e fazerem depois um *ponto*, que serviria de centro para as suas operações do Tocantins.

Se encontrassem resistencia dos legaes, deveriam cercar a villa, até que chegassem os socorros de gente, armas e munições já em viagem, em grandes batelões, pelo igarapé Jussara, no Limoeiro, vindo do rio Acará, mandados por Eduardo Angelim, para realizar a capitulação.

Felizmente nada disto consummou-se devido á energia, ao caracter e a bôa vontade do padre Prudencio e dos seus auxiliares.

Cecilio Franco.

A BORBOLETA

*Lepidoptero estranho, abandonando a vida,
os ovos foi depor
em tarde de verão, clara, alegre, florida,
no caule de uma flor.*

*Tempos depois, notei que a brisa perfumosa
apenas um formiga
Dos ovos que ali vi, que em larva caprichosa,
aos poucos, se tornára.*

*A lagarta era feia e provocava o nójo
a quem a visse andar,
molle, desengonçada, a se estorcer de nójo,
sustento a procurar.*

*Assim ella viveu de todos desprezada,
errante pelos prados,
longas noites vernaes, de luz proteada,
purgando os seus peccados.*

*Quasi sem forças já, de caminhar cansada,
descanço então lhe approveu
n'uma hérta gosar; e arrematou pousada
n'uma folha de couve.*

*A larva alli ficou a fabricar o ninho,
— o casulo adorado —
cheio de fios de sêda, e feito com carinho,
qual um cofre sagrado.*

*Enclausurou-se assim, buscando a sepultura
no casulo macio,
desdenhando do mundo, isenta da tortura
das chuvas e do frio.*

*Formou-se então a nymphá, aos poucos, lentamente,
subtil e preguiçosa,
— bem como da roseira agreste, redolente
nasce o botão de rosa.*

*Morreram quinze ides. A aurélia transformou-se:
o casulo-violeta,
setineo, avelludado, estremeceu, quebrou-se,
— nascendo a borboleta!*

*Eil-a agora feliz, o pollen sacudindo
das azas multicóres,
ambrosia a sugar, cheia de gozo infindo,
no nectario das flores.*

*Depois, ébria de luz, alou-se espaço a fôra
e do alto cahiu
mórta, em verde paul, da vida inda na aurôra,
ao terminar o estio.*

*Larva e aurélia eu fui, bem como a mariposa,
e quando um dia, enfim, a vida quiz gosar,
— velu a desluzão me dar a mão de esposa,
— velu a fatalidade, alegre, me abraçar!*

J. Castanhão de Azevedo.

José EUSTACHIO DE AZEVEDO nasceu em Belem, a 20 de Setembro de 1868; poeta, romancista e jornalista distincto, é um dos escriptores contemporaneos que honram as letras patrias.

E' nos agradavel recapitular o foemoso catalogo das suas obras como justificativa ao que, com justiça, dizem delle a imprensa e os que o conhecem atravez dos seus primorosos trabalhos considerando-o «um dos mais bellos ornamentos da litteratura Brasileira».

Eis o interessante capitulo das suas obras: *Orchidias, Nevesiros, Brazil, A Fluvia*, (romance) *Anthologia Amazonica, Dadas de presa, Musa Estetica, Firdinãs, O Eterno Thema, Alva Fifi, Forrapor, A Irada Ceite, Sobre Portugal*; e uma collaboração selectar com o pseudonymo de Jacques Rolla, especialmente na *Folia de Nivie*, onde ha 13 annos vem trabalhando com dedicação invejavel. Eustachio de Azevedo, como traductor sem um punhado de bellos romances traduzidos do francez tais como *La Belle Incise* e *La Merise*, de Charles Aubert; *Tivodora*, extrahido do drama de Victorien Sardou, traduzido por Petros Bateiros; *La marque des quatre* e *Un crime étrange* de Conan Doyle; o *Dodado* drama de Paul Hervieu e o *Emmascarado* romance de Hadon Hill.

Fundação do Pará

1615 — 1915 (*)



PROPOSITO da fundação do Gram-Pará — cuja festa tri-secular hemos de celebrar — vamos apresentar ao esclarecido juizo critico dos homens de letra e de todas as pessoas lidas na Historia da nossa cara patria — os seguintes topicos referentes á memoravel data da fundação do Gram-Pará.

Como o emerito escriptor lusitano Rebello da Silva — á guisa de recordo proemial — repetimos que: — As advertencias sisudas e benevolas nascidas do amor das letras, só as *engêtas*, ou as *não agradace*, quem por *louca vangloria* imagina erguer um monumento em cada linha, e lavar um primor em cada phrase.

Estamos sincera e profundamente crente de que a critica judiciosa que tem por fim apuridar as *datas* e *factos* historicos é sempre utilissima.

Portanto, no intuito sómente de elucidar este ponto obscuro da nossa historia patria, é que ousamos estampar os seguintes apontamentos subsidiarios que nos forneceram dois amigos nossos e conhecidos mestres na historia do nosso Paiz.

O primeiro escriptor a quem consultamos sobre esta momentosa questáo foi o nosso antigo mestre e historiographo padre Raphael Galanti S. J., hoje professor no celebre Collegio S. Luiz do Itú, no Estado de S. Paulo. Por unica resposta recebemos um volume do seu *Compendio de Historia do Brazil* — e, logo folheando-o encontramos na secção IX, pag. 392, o seguinte acerca da fundação de — *Belém do Pará, 1615*: — Em virtude da autoridade de que vinha revestido, Alexandre de Moura, nomeou a Francisco Caldeira de Castello Branco, capitão-mór do descobrimento e conquista do Gram-Pará. Seguiu Caldeira com 3 navios e 300 homens em demanda do grande rio das Amazonas.

As informações que *La Ravadière* colligira e entregara aos portuguezes, facilitaram muito a sua viagem. Entrou o descobridor pelo rio Tocantins ou Pará; lançou ferro na bahia do Guajará, formada pelos rios Moju, Acará e Guamá, que nella desguam, onde tomou terra a 3 DE DEZEMBRO — (o sublinhado é nosso), dia de S. Francisco Xavier, e, *erguendo a imagem d'este santo (†)*, começou a *edificar uma cidade com o nome e invocação de Nossa Senhora de Belém (†)*.

Por esta mesma occasião escrevemos ao illustre professor do lyceo do Rio Grande do Sul, dr. J. von Franckenberg, e recebemos em resposta uma *Historia do Brazil*, do alludido professor, additada pelo dr. Francisco de Paula Lacerda d'Almeida, lente cathedrático no mesmo gymnasio.

Sobre o assumpto nada adeantou o livro didascalico do famoso historiador germanico.

Em presença do exposto, e não nos conformando com a opinião daquelles doutos professores, tivemos a lembrança de escrever ao nosso confrade da academia cearense, o insigne polygrapho e historiador nacional dr. barão de Studart, dizendo-lhe mais ou menos o seguinte:

— A proposito de *datas* e *factos* travou-se em Belém, não ha muito, entre alguns escriptores paraenses — barão de Marajó, dr. Ignacio Moura e Arthur Vianna — interessante polêmica sobre a data da fundação do Gram-Pará; pois, como sabe, os jesuítas contestemente resam que o capitão-mor Francisco Caldeira lançou os fundamentos da povoação Belêmnense — em o dia 3 de dezembro de 1615, dia consagrado pela liturgia catholica á

(*) Este nosso escripto foi publicado pela primeira vez num diário paraense denominado *O Jornal*, Anno VI, n. 813, sexta-feira, 13 de Maio de 1910, e reproduzido na *Pólvora* em Outubro de 1912, cabendo-nos, pois, a primeira no aventar, a data jubilar e centenaria da fundação do Gram-Pará.

commemoração do grande apóstolo das Índias, — S. Francisco Xavier, consoante escreve o celebre chronista brazileño (brazileño) da companhia de Jesus, padre José de Moraes nas suas *Memorias* para a historia das extinctas provincias do Maranhão e Gram-Pará. O illustrado intellectual Arthur Vianna nega tudo isso, baseando-se em documentos outros, mas não precisa a data, nem desmancha o nó gordio...

O que diz o amigo sobre a materia? — Como zeloso investigador de factos e elucidador de datas — desejamos immenso que o eminente autor da — *Historia Geral do Ceará* — nos diga algo com relação a tão debatida questão intrincada questão.

Com a devida venia vamos transcrever d'O *Ceará* a resposta que nos deu o emérito historiador nativista, o douto clinico Barão de Studart. Ell-a :

— Não possuo infelizmente um só exemplar dos jornaes paraenses occupando-se da questão, que por certo deveria ter sido luminosa e importante, attendendo-se aos dotes daquelles que nella se envolveram e o assumpto sobre que versou.

Ha uma corrente quasi unanime de opiniões a considerar como realizado a 3 de Dezembro de 1615 o facto importantissimo da fundação da povoação de Belém do Pará por Francisco Caldeira de Castello Branco.

Vão nella Pereira de Berredo, o primeiro a adoptal-a, o Jesuita José de Moraes, Southey, Baiena, Accioli, Bordo de Guajará. Todos elles escreveram que a expedição partira do Maranhão quando já avançado o mez de Novembro, e aportara a Belém a 3 do mez seguinte.

Em opposição, porém, ao dizer unanime desses autores de rara competencia surgem dois outros a contrariar-os e a affirmar que a sahida da expedição se dêra a 25 de Dezembro.

São elles Adolpho de Varnhagem, o illustre autor da *Historia Geral do Brazil*, que em breve terá sua terceira edição splendidamente annotada por Capistrano de Abreu, e Lucio d'Azevedo, o autor dos Estudos de Historia Paraense. Disse-o o primeiro, em uma simples nota ao seu notavel trabalho, firmando-se na asseveração do capitão André Pereira, que foi um dos expedicionarios; affirmou-o o segundo, firmando-se no testemunho do citado André Pereira, e mais ainda num precioso documento pertencente à Bibliotheca de Evora, numa chronica manuscripta devida á penna do Jesuita Jacyntho de Carvalho, ido por duas vezes ao Pará, em 1695 e 1722.

Peço venia para trazer ao debate um ligeiro adminículo. Não andou certo Varnhagem em dizer que Francisco Caldeira dêra á nova povoação o nome de *Nossa Senhora de Belém*, mas acertou quando adopta o testemunho de André Pereira.

Mui avisado foi Lucio de Azevedo em acostar-se a Varnhagem, e feliz em poder trazer á discussão a luz que se projecta do precioso trecho do chronista da Companhia de Jesus.

Venho collocar-me ao lado d'esses dois baseando-me em precioso documento, que será o terceiro e que ora offereço aos historiadores paraenses. Virá elle completar a André Pereira e ao Jesuita Carvalho, sendo que em data, si é quasi contemporaneo do primeiro precedeu de muitos annos ao segundo.

Conhecemos todos a Manoel Severim de Faria, Chantre da Sé de Evora, como o fôra seu tio Balthazar de Faria Severim, e irmãode Frei Christovão de Lisboa, mais tarde bispo de Angola e cujo nome está tão ligado á historia do antigo Estado do Maranhão.

Pois é a Severim de Faria que me soccorri para affirmar positivamente que Francisco Caldeira sahio do Maranhão a 25 de Dezembro. Possuo delle cópia authentica das Relações que escrevi ora a Diogo do Couto ora ao padre Francisco Dias, ora a este, ora áquelle outro amigo sobre os successos de Portugal e de suas colonias. D'esse precioso manuscripto, que está inédito e do qual publicarei com annotações o que se refere ao Brazil, por occasião da commemoração do tricentenario do descobrimento do Ceará (1903), transcrevo a *Relação* que principia de 1 de Março de 1618 até todo Fevereiro de 1619 a qual diz assim :

« — Do Brazil chegou a frota a salvamento. A nova povoação do Maranhão, depois de lançarem os Francezes fora, vay em augmento, e d'ahi se mandou fazer de novo outra Fortaleza na bocca do Rio das Amazonas q' he o q' demarca o Brazil do outro continente do Perú. Para este descobrimento nomeou S. Magestade por capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco, com o titulo de Descobridor e primeiro conquistador do dito Rio, e por piloto mór a Antonio Vicente.

Partiu do Maranhão a 25 de Dezembro de 1615, tomarão porto na bocca do Rio em altura de hum grão e meyo da banda do Sul, onde fundarão hum forte, a que puzerão nome: de *Presépio de Bellem* por partirem dia de natal para esta empreza, e a Região chamarão: *Felis Lusitania*.

Escreveu o Capp^m de lá a 8 de Março de 616 q' o Rio tem 25 legoas de bocca, com muitas Ilhas dentro, q' o fazem parecer Archipelago. Na foz estão quatro em tal distancia, q' por os canaes q' f'ção entre huma e outra podem entrar Naos de todo o porte, e assim mesmo muitas legoas adiante por ella asima. Ha na terra mostra de Perolas, das quaes mandário algumas, e esperanças de Minas segundo de fóra parece. A gente he aprasivel e não mostrou a esquivança q' os primeiros Descobridores nella experimentarão. São os homens alvos, e grandes frecheiros, andão nus, trazem os cabellos compridos como mulheres e não tem barbas, por onde se cuida q' os q' primeiro virão esta gente lhe derão o nome de Amazonas. Hum príncipe d'estes, chamado grande, he o monarcha de toda a terra a quem os mais obedecem.

Estas novas chegarão muy tarde ao R^m, porq' ainda q' da Bahia se vay ordinariamente com vento para o Maranhão, e com impeto das aguas q' correm para o Occidente, pela mesma rezião quando voltão achão os ventos punteiros, e as correntes tão contrarias, q' por nenhum modo as podem assim vencer; e he necessario fazerem-se na volta do Cabo Verde e dahi tomarem ao Brazil o q' he causa de grande diliação, pelo q' se tem entendido q' muito mais facil será prover-se e governar-se o Maranhão por via Portugal q' pela Bahia. —

Eis por terra a data de 3 de Dezembro!

Sobre ella não será impossivel insistir mais deante do testemunho de Severim de Faria que do facto tratou no momento em que foi realizado.

Fique assim adquirido para a historia do Norte do Brazil, que a expedição de Francisco Caldeira sahiu do Maranhão a 25 de Dezembro de 1615 — (**)

Eis o que nos cumpre offerecer como subsidio para a historia da fundação da cidade de Belém do Gram-Pará, cujo tricentenario hemos forçosamente de rememorar no proximo futuro dia 25 de Dezembro de 1915 — *Juvante Deo Virgineque Matre.*

(**) Em vista d'havermos já preparado uma Memoria sobre a descoberta e estabelecimento da cidade do Guajará, no Gram-Pará, reservamo-nos para neste trabalho prefixar a vera data deste celebre acontecimento — uma vez relegada a era de 3 de Dezembro.

Conego Ulysses de Lennasfort

==

Ephemerides do "Lyceu Pariente" actual "Gymnasio Paes de Carvalho"

1908—Foi nomeado instructor militar o 2º tenente Amaçeu Pereira de Magalhães.

18 de Maio de 1909—Circular do ministerio da Justia e negocios interiores, recomendando que, entrando em execução o regimen de madureza, devam ser observadas as disposições do regulamento do Gymnasio Nacional.

14 de Outubro de 1909—Lei n. 1.082, autorizando a reforma do Gymnasio Paes de Carvalho, equiparado ao Gymnasio D. Pedro II.

28 de Outubro de 1909—Foram dispensados do exame de madureza os alumnos do 6º anno.

1909—Concluíram o curso e receberam o grau de bacharel em sciencias e letras, os alumnos Cloris Emeresia da Silva, Alberto Leão de Salles, Cosar Conhinho de Oliveira, Homero Teixeira Lobato.

20 de Janeiro de 1910—O decreto n. 1.664 deu novo regulamento ao Gymnasio Paes de Carvalho.

12 de Novembro de 1910—Concluíram o curso e receberam o grau de bacharel em sciencias e letras, os alumnos Angela Elvira Soares, Helvécia Mello, Antonio Alves Sobral Bentes, Antonio Firmo Cardoso, Arnaldo Valente Lobo, Renato Americo Santa Rosa, Carlos Amobio Franco, Francisco Hermano de Vasconcellos e Wladimir Silva Santos.

7 de Setembro de 1911—Foi inaugurada a galeria de retratos no salão de honra da Congregação, com os dos professores, conego Manoel José de Siqueira Mendes, dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, dr. Americo Marques Santa Rosa, dr. João Antonio Luiz Coelho, mosenhor Domiciano Cardoso e dr. Hildebrando Barjona de Miranda.

12 de Novembro de 1911—Concluíram o curso e receberam o grau de bacharel em sciencias e letras, os alumnos Arnaldo Pereira de Moraes, Oscarina Martins Penaforte, Anna Rita Travassos da Rosa, Malvina Ferreira dos Santos, Raul Travassos da Rosa, Alarico Barros Barata, Mario de Lima Lages e Raymundo de Oliveira Moreira.

Início da navegação a vapor no Amazonas

M 1.º de Janeiro de 1852, do porto de Belém do Pará, com destino a Manaus, antiga cidade da Barra do Rio Negro, como até então era conhecida, partiu o primeiro vapor denominado «Marajó», da companhia de Commercio e Navegação do Amazonas, iniciando assim o mais vantajoso de todos os melhoramentos, que esta vasta região carecia para o desenvolvimento e progresso do seu commercio, população e fortuna publica e particular.

Na sessão legislativa da Camara temporaria de 1850, occupando-se desse importante assumpto, expressou-se Tenreiro Aranha da maneira seguinte:

«.....»
Tratarei da navegação do Amazonas e da necessidade que ha de animar e proteger esta navegação, como disse, desse *mediterraneo*, pelo qual temos communicações, navegando pelos seus *affluentes*, com Maranhão, Goyaz e Matto-Grosso, provincias do Imperio, e se pôde ir aos paizes vizinhos do Perú, Bolivia, Nova Granada, (hoje Confederação dos Estados Unidos da Columbia), Equador, Venezuela e ás possessões das nações da Europa, como são Demerary e Suriname.

Nessa mesma sessão legislativa, o deputado paraense Bernardo de Souza Franco (depois Visconde de Souza Franco) salientou a sua persistencia e constancia de propagandista, sobre a grandiosa idéa da *navegação a vapor do rio Amazonas*, e outros da vastissima Provincia do Pará, que então se estendia do rio Turiassú ao igarapé de Santo Antonio, em Tabatinga, no Alto Amazonas, em uma superficie superior a de quasi todos os paizes da America. Externou-se da maneira seguinte:

«O nobre deputado pela Bahia, o sr. Wanderley, (1) teve o cuidado de apresentar uma emenda, consignando que a quantia concedida na lei para a compra de um vapor, fosse empregada na navegação do Amazonas.

«Entretanto, mandarei mais uma emenda para, quando o governo estiver habilitado, empregar ali dous.»

Em 1826, os americanos do Norte, mandaram um grande vapor, com avultado carregamento, o qual, com escala pelo Pará, fosse até ao Perú.

O governo desta Provincia participou para o do Rio de Janeiro, e dali vieram ordens que não consentisse em tal viagem.»

«Em 1838, 39 e 40, leis provinciaes foram promulgadas concedendo privilegios, isenções e até meios pecuniarios para se estabelecer a navegação, a vapor, no interior do Amazonas.

(1) Deputado Wanderley, depois Barão de Congipe.

«Uma embarcação a vapor veio dos Estados Unidos e o proprietario era brasileiro, estabelecido no Pará; mas a falta de meios e de consigna-ção por deficiência do Thesouro provincial, esse vapor voltou para os E. Uni-dos, e não se estabeleceu a companhia».

Nesse tempo, tratavam de constituir, na França e na Inglaterra, companhias de navegação a vapor para o Amazonas, e dahi se pôde colligir que muitos interesses esta navegação havia de produzir, e que grandes de-sejos tinham as nações estrangeiras de navegarem esse grande rio.

Os estadistas norte-americanos daquelle tempo muito se esforçaram para a conquista commercial do nosso grande rio, dizendo alguns ser aquillo, geographicamente, muito natural, pois que «as aguas do Amazonas, atravessando as correntes oceanicas, iam-se reunir, na ilha de Cuba, ás aguas que desciam do Mississippi».

Foi uma campanha tremenda, sustentada no Parlamento por Souza Franco e Tenreiro Aranha e na imprensa, por Tavares Bastos, nas suas *Cartas assignadas* sob o pseudonymo de *Um Solitario*, hoje compendiadas em um volume de inexcédível valor historico e scientifico.

O rio Amazonas só foi aberto ao commercio internacional á 7 de Setembro de 1876.

O mestre-escóla

Ide e ensinai ...

JESUS.

À Pátria parense e aos meus collégas.

*Na lucta sacrosanta, onde a razão domina,
Na lucta, que ennobrece e elêva os seus heróis,
Que o cérebro transforma em magica officina,
Da qual resplende luz, na qual se fundem sôes:*

*Na lucta, em que o saber matiza os arrebôes
Da nossa consciencia—emanação divina—
Que, em vez de dôr e morte e trevas, deixa, após,
Uns canticos de paz, bendicta e crystallina:*

*Na lucta, em que na dextra o gládio não transluz,
Nem dardo, e da metralha ou luctulento obuz
Não ouve-se o bramir que mata, que desôla ...*

*Divisa-se, bondoso, humillimo, sereno,
Cumprindo a Ordenação do grande Nazareno,
O apóstolo do bem, chamado—mestre-escola.*

Basilio de Carvalho.

Basilio Chrysipm de Carvalho, natural de Abacé, fez ali os seus estudos primarios, cursando com muito aproveitamento, no Seminario Episcopal, os estudos secundarios, e completando depois o curso pedagógico na Escola Normal desta Capital. Tem redigido varios jornaes no interior do Estado; possui uma pena deliciosa e poesias que agradam ao leitor, pela descripção imaginosa que dá aos aspectos cantados.

Fundação de Belém do Gram-Pará

no ponto de vista historico e litterario

I



ALVOROÇO que notamos no publico paraense para a condigna celebração do Tricentenário da fundação da formosa cidade de Belém, capital do Gram-Pará, vae dando impulso ás idéas e à penna de quantos se sentem com força e boa vontade para no papel traçar os conceitos, que de natural sôem inspirar acontecimentos de tal ordem. Estamos como assistindo à uma festa das intelligencias, em que todas, à porfia, à alacres e applicadas procuram dar relevo ás idéas, cujo objectivo será de investigar e provar um facto memoravel, e d'elle tirar as illações, que são tão proveitosas e que ainda mais o illustram.

A historia e a litteratura estão empenhadas n'este momentoso assumpto; aquella é a fonte dos factos, a prescrutadora d'elles, a critica ajuizada e severa dos mesmos, a sciencia, que, de um acontecimento ás vezes minimo, tira as mais vultuosas consequencias para os annos da humanidade. Os factos notaveis das nações, reunidos, estudados, compulsados e criticados com justiça e imparcialidade, são um thezouro, são um código precioso, um espelho crystalino, onde se miram estas nações, ufanas de suas heroicas acções e de suas victoriosas batalhas na sua defeza e na sua cultura.

Tambem a litteratura não fica indifferente aos feitos historicos, porque para serem elles dignos dos annos e de passarem à posteridade, é mistér que appareçam na imprensa, e que nos livros e nos jornaes recebam a sagração da publicidade e da opinião, severa julgadora; ora, difficilmente os gestos humanos ganhariam fama, se não fossem escriptos na prosa limpa e n'um estylo primoroso. Quanto mais fôr castigada a dicção do historiador tanto mais será elle lido, tanto mais serão apreciados os factos por elle relatados.

Após estas idéas preliminares, cumpre-nos entrar no assumpto, declarado na epigraphie acima, e ir considerando na medida de nossas forças o Tricentenário da Fundação de Belém, perante a historia.

Todos sabemos que nos tempos coloniaes, e das conquistas, nem ainda formada, nem estudada e nem escripta estava a historia paraense, podemos mesmo dizer que ella não existia ainda, assim como não existia a historia do Brazil; colonia ainda, e parece que como colonia não se gabava de possuir annos, visto como a metropole, centralizando tudo na sua vasta administração, tambem centralisava os feitos gloriosos de seus filhos, e não queria admitir, que uma colonia apparecesse de fronte erguida e mostrasse à nação, ao rei e ao governo as suas mais gloriosas proezas. Quanto as colonias e as conquistas realisavam de heroismo e de grande, ao rei soberano de Portugal se devia attribuir. O direito e a justiça de então eram que, pelo facto de ser colonia, não tinha nem podia ter autonomia nem liberdade.

Mas no correr dos tempos, novos horizontes despontaram para o Brazil, e para este rincão do Pará. O Natal do anno de 1615, a bahia de S. Marcos de Maranhão no dia 25 de Dezembro d'este mesmo anno, o patriota luso Francisco Caldeira Castello Branco, a sua celebre esquadriha, seus companheiros entre os quaes o piloto real Cochoado, sua partida de Maranhão, sua derrota assaz demorada à ordem de Alexandre de Moura, as ordenações que recebera e que trouxera, a entrada na barra do Gram-Pará, o fundear nas

aguas barrentas do Guajará, o espanto dos indios com a chegada de tão estranhos hospedes, o desembarque do chefe e da guarnição alli onde hoje existe o forte do Castello, os primeiros estabelecimentos, a conquista realisada e as doiradas esperanças, e, afinal, aquella primeira pedra lançada no fecundo terreno da futura cidade, o rei tomando posse da conquista, chave do Amazonas, por intermedio de seu lugar tenente Castello Branco, tudo são factos, que pertencem à historia patria, tudo são factos harmonicos, que annunciam a vida futura de um Estado, que com o enaltecere da acção dos conquistadores, enalteciam, por igual, as esperanças de um povo novo, de uma nação nova, a surgir na aurora dos seus futuros destinos e de uma nova civilisação.

A historia do Pará alli nasceu, d'alli expandiu-se, cresceu, avolumou-se, e se foi constituindo e escrevendo com ricos documentos, com memoraveis monumentos, que hoje registamos alegre, e que outros hão de gerar no futuro das éras.

Em todas as sociedades, assim como em todos os povos constituídos ou por ainda constituir, ha sempre uma data que se festeja, que se canta, que enche a alma patria de indizível jubilo, que accende o enthusiasmo em todos os corações, que provoca ritos, e que enche de satisfação à uma nacionalidade inteira. Tal a data do brado do Ipyranga, tal a do descobrimento da America, do descobrimento do Brazil, do descobrimento do Amazonas, da conquista do Gram-Pará. Estas duas ultimas são as datas mais queridas dos Estados mais septentrionaes do Brazil, e não sabemos que haja paraense, que haja amazonense, que não exulte ao lembrar estas duas datas e ao festejal-as.

Memorar e festejar este é o grande programma do Comité, d'esses esforçados e benemeritos cidadãos, e patriotas brasileiros e estrangeiros que tomaram os hombros levar por diante um festival, o qual muita honra faz ao Pará, assim como ao Brazil. A patria brasileira é uma, unidade e autonomia é o seu lindo predicator; as datas gloriosas de qualquer Estado da Republica, são tambem d'ella os festejos que se fazem para solemnizar um feito heroico de qualquer Estado, é como se fossem feito para solemnizar os da nação inteira. D'aqui a pouco o Pará vai portanto, promover festivaes historicos e nacionaes, de que o Brazil se ha de orgulhar, são festivaes, são hymnos, são glorias que sobre elle mesmo hão redundar; é um fulgurante ciclo, onde os annos do Estado do Pará e os da nação, se dão a mão, se illuminam, se illustram com reciprocidade, e em que ambos se cobrem de gloria.

Quando pensamos no passado e do passado pensamos no presente, e compulsumos o que fomos, o que somos, e cogitamos do que nos aguarda no porvir, não podemos deixar de nos convencer de que o feito da conquista do Gram-Pará por Castello Branco, e mais o feito da fundação de Belém, inseparaveis na sua origem, no seu evoluir e no seu alcance, não formem uma grande estrella, cujo brilho scintilante está a clarear os horizontes venturosos e sem fim d'esta magestosa terra paraense.

A historia da conquista do Pará no seculo XVII e os seus progressos durante este mesmo seculo e mais durante o XVIII, é um estadio da civilisação moderna no novo Continente, mas um estadio que, desde logo, qual gigante animado, quizes braços dos Andes levantados lhe «apontam para a amplidão», como diz o inspirado poeta bahiano. Que amplidão é essa? É a amplidão do estandarte da fé religiosa sobraçada com a bandeira das quinas e das sete chagas. Estas duas bandeiras unidas e osculando-se, tremulando no tope dos mastros das caravellas e dos galeões lusos, conquistaram mundos e da Europa à Asia, às Indias e às duas Americas levaram a boa nova da lei da graça, e mais, das conquistas civilisadoras da sociedade moderna.

Uma verdade que a historia consagra em letras de ouro, é que a expansão dos dominios ultramarinhos portuguezes, os factos das descobertas no novo mundo iam de par com os factos do christianismo; lá onde se plantava o marco de uma recente conquista, tambem se arvorava a cruz, bandeira que é dos povos fieis a Jesus Christo. As leis do governo lusitano eram abençoadas pelo Evangelho; a missão catholica e piedosa dos monges caminhava de accordo com a missão dos embaixadores do soberano luso, ao lado dos palacios dos governadores e capitães-mores se levantavam as bellas egrejas, com suas columnatas e seus ricos altares e seus doirados retabulos. Deus, a egreja, o rei, eis a sublime trindade, que inspirava e dirigia a vida, os passos e as conquistas d'aquelles celebres aventureiros, a quem tanto deve a nossa nacionalidade.

Por maiores esforços que sejam os dos adversarios da fé, dos indifferentes e dos

impíos em negar a efficacia da religião nos descobrimentos do Brazil e suas capitánias, jamais poderão prevalecer, porque aquella efficacia fôra tão real, que no juizo dos historiadores sósidos dir-se-hia, que aquelles celebres navegantes iam na sua derrota e por sobre as ondas do Oceano, obedecendo á uma voz suave e inspiradora do alto; a um Deus que os movia, que os guiava, os animava, e discotinava perante elles essas terras infinitas, esses mundos deslumbrantes, onde todos num esforço commun, missionários e guerreiros, os apóstolos da fé e os apóstolos das descobertas, e todos apóstolos da civilização conjugavam os seus intuitos e actividades pelas glórias da patria e da palavra de Christo. Uns e outros eram os arautos da grande luz, que illumina a todo o homem, que vem a este mundo, uns e outros zelavam os domínios portuguezes, zelando ao mesmo tempo á dilatação da fé e da religião do Crucificado.

Os missionarios no Pará, como em todo o Brazil, durante o periodo das descobertas e das conquistas foram um dos maiores factores da civilização, da instrução e do policiamento dos novos povos conquistados; foram ainda, como diz abalizado pensador, os guardas avançadas, os batedores gloriosos da civilização do novo mundo. O Pará logo nos principios de seus primeiros estabelecimentos sentira a acção vigorosa e benéfica d'esses abnegados apóstolos, que não trepidavam em sacrificar a vida pela salvação das almas.

A historia do Pará colonía é a historia de um povo que em boa hora e com boa estrella nasceu para desempenhar papel saliente no meio das outras unidades da patria; a historia da fundação de sua mimosa capital, d'esse primeiro cimento, destinado a sustentar um tão formoso edificio, é a mesma que se repete de vez emquando no berço de novas sociedades, ao nascedouro de uma nova geração, acalentada pela esperanza e abençoada por Deus. Ainda hoje a capital de Belém do Pará nos mostra os monumentos da sua linda aurora, as ruas de seus primeiros dias, as praças do seu alvorecer e os templos, que abençoaram a sua primeira idade rodeada de aspirações grandes de uma população, que ao desabrochar já prenunciava o brilhantismo, com que mais tarde se havia de apresentar perante as sociedades cultas.

Olhemos agora para o Amazonas, o gigante dos rios, cuja grandeza parece remontar aos tempos mytologicos, cujas filhas fabulosas tiveram estatuas nos templos da civilização grega e latina, e cuja extraordinaria fama se espalhará no universo. Essa veia immensa, que lá pôr em communicação todos os povos da America do Sul e do mundo, fôra tambem descoberta e a adquirida ao rei lusitano e aos vastos domínios de Portugal, justamente na época em que os galeões de Francisco Caldeira Castello Branco sulcavam as aguas guajaráinas e tomavam conta deste novo continente.

Quem não vê que a obra de Pedro Teixeira maravilhosamente coincidirá com a do enviado de Alexandre de Moura? Quem não está vendo, que o denodo destes dois heróis dos descobrimentos está inseparavelmente unido ao plano da sua victoria final sobre a fôz e todo o valle do grande rio? Não ha negar, que Castello Branco, descobrindo e fundando o Pará e Pedro Teixeira descobrindo o Amazonas, obedeciam a um decreto da providencia, e os annos historicos, embora não quizessem, tinham por força de consignar este grande feito entre os mais assignalados em suas paginas immortaes.

A estes dois campeões da civilização moderna, a estes dois patriotas lusos e destemidos soldados, guiados por assim dizer por uma bussola divina, a estes dois varões assignalados, que partindo das praias lusitanas, vieram aportar n'estas novas plagas e n'estas novas regiões de um mundo ainda ignoto, a estes dois eminentes vultos da monarchia portugueza e da humanidade devemos o segredo de ter encontrado a chave prodigiosa da abertura do Amazonas, e a chave outra não é que a nossa formosa e brilhante capital de Belém. A grandeza de Belém reflúe á grandeza do Amazonas, e a grandeza do Amazonas reflúe á de Belém.

Estudando ainda os factos d'aquelles tempos, em que o imperio lusitano adquirira tamanhos domínios, lemos os decretos e as instruções da metropole sobre a tomada de posse do Cabo do Norte e os estabelecimentos a se inaugurarem alli, para a garantia e manutenção de posse e para a deteza d'aquelles domínios contra a invasão dos holandezes, dos francezes e dos inglezes. Parece que d'ahi datam as conquistas das colonias franceza, ingleza e holandeza para além do Cabo do Norte, repellidos que foram das margens do Amazonas e desesperados de estabelecer e construir arraiaes e fortalezas na fôz do mesmo

rio. Não esqueçamos, que também no Cabo do Norte os missionarios da Companhia de Jesus tiveram ordem do governo central para fundarem catecheses, pregarem o Evangelho e erigirem egrejas para os actos e cerimoniaes do culto catholico, tão convencido estava o mesmo governo, que sem o elemento religioso não podia sortir o effeito desejado o heroismo dos seus vassallos n'estes memoraveis descobrimentos. O Amazonas é esse novo gigante Adamastor, acenando alvicaireiro para os gloriosos e impavidos nautas, e convidando-os ao seu convívio e a participar dos seus immensos thezouros e das vertilissimas terras, por elle regadas; não é mais o Adamastor dos Luziadas ameaçando céu e terra, e pretendendo, com o seu braço possante, barrar a passagem do mar ao Gama e seus companheiros; é antes o Adamastor amigo, o gigante dos rios, a abrir a sua enorme e infinita arteria e a dos seus innumerables afluentes aos obreiros incançaveis e sublimes da regeneração das tribus selvagens e dos progressos da humanidade e da civilisação. Francisco Caldeira Castello Branco deu à patria mais um rico e vastissimo Estado e Pedro Teixeira deu à patria e ao mundo o mais estupendo, volumoso e admiravel dos rios!

II

Enthusiastas que somos do Tricentenario da fundação de Belém e dos primordios de suas chronicas, não podemos nos furtar ao desejo de por qualquer forma esboçar o quanto util e agradável às letras fora o facto vultoso, que commemoramos. E, pois, tem elle exercitado a penna de eximios escriptores, como Julio Cezar, Santa Helena Magno, Ferreira Penna e Domingos Raiol, e ainda está exercitando com louvavel afan e soffreguidão todos os brasileiros e estrangeiros aqui residentes, que sabem comprehender a importancia e a solemne data do acontecimento, que está preoccupando a attenção publica do Pará e fóra do Pará.

Chegados que somos na segunda parte do nosso trabalho, trabalho aliás que tanto nos agrada e nos desperta o patriotico zelo e amor por nossas gloriosas tradições, queremos expressar agora alguns conceitos sobre os effeitos, que o Tricentenario produziu e pôde ainda continuar a produzir no nosso meio litterario.

Se a litteratura é o conjunto de todos os monumentos escriptos, dignos de nota e applaudidos dos criticos; se é o conjunto de obras do espirito, do talento e do genio, as quaes realçam os seus autores e mais a patria d'elles, quem negará que os multiplos assumptos e tão variados d'este Tricentenario secular não hajam de ser tractados com carinho nos livros, nos jornaes, nas brochuras, nas memorias, nas theses, nas revistas e até em bellos réclames? Esta grande idéa está assoberbando e avassallando todos os espiritos; o programma e as theses distribuidas à innumerables intelligencias e que estão sendo tractadas e argumentadas com proficiencia por todos aquellos, que julgam bem pensado o carregar da sua pedra para tão celebre monumento, forma um espectáculo espirital, um torneio mental por certo merecedor dos applausos unanimes d'esta Capital e de todo o Estado do Gram-Pará.

Vêde: Nas aguas guarjarias sulcadas pela vez primeira pela expedição de Castello Branco se espelham a sciencia nautica e o tino navegador d'esses celebres argonautas lusos, que tantos novos mundos deram a corôa lusitana; n'ellas miram-se a riqueza e fartura dos peixes, com que se hão de sustentar tantas tribus aldeadas, bebendo as noções da vida religiosa e social, e que já d'antes alimentavam tantos indios erradios pelos rios, pelas selvas e pelos montes.

Espelha-se a coragem dos exploradores, dos guerreiros da metropole e dos apostolos da fé, no desbravar, no preparar, no semear os germens de uma nova sociedade, de uma civilisação que hoje no embrião e bem humilde, mas que amanhã ha de assombrar o mundo com seus gigantescos progressos.

Espelha-se a alma lusa e a virtude dos enviados de Deus, cheios de energia, de perseverança e de amor à patria e à Egreja de Christo. Espelha-se o ideal de uma nação no nascedouro, mas que em breve irá sentar-se no banquete das mais adiantadas. Espelha-se, enfim, o carro triumphal do progresso, que é incessante, que não pára, que não retrocede, que não desanima, que cada vez mais empolga o espirito publico e observador, e vai marcando os seus esplendurosos estadios e as suas nunca acabadas conquistas. E que

as boas letras são provas de que a humanidade caminha, e caminha sempre para a perfectibilidade, isto está na sua índole, na sua essência, e os poetas e prosadores, e os mais altos genios, assim como os mais modestos entendimentos o attestam todos os dias, todos os annos e em todos os seculos!

Oh, como será fecunda e creadora a poesia em face das formosuras da natureza novamente descoberta, em face dos primores de suas flores, do aroma de suas rosas, do murmúrio suave de seus arroios, do melodioso canto do sabiá, dos gorgeios maviosos e encantadores do rouxinol, da alvura de suas garças, dos bandos sem numero de suas aves multicores, da ambrosia de seus valles e campos, da riqueza de suas perolas, do ouro fino de suas minas, do diamante caro de suas montanhas, dos fructos de suas arvores, da elegancia de suas palmeiras; como ha de inspirar sublimemente a quantos vates apparecerem o paiz dos palmares, o farfalhar dos seus leques da palmeira, a sua altura esbelta que parece buscar as nuvens mais altas; enfim, como será bella a penna e o gèstro do poeta contemplando e cantando em rythmos sublimes a magestade e a riqueza da terra privilegiada, que se chama Pará, que se chama Brazil!

Só o Amazonas fôra assumpto para as levantadas estrophes de um poema épico, e se ainda este não foi escripto, um não sei que me diz que ha de sê-lo um dia. E pois, o Amazonas é um mundo e a conquista d'elle por Pedro Texeira bem merece ser cantada nos metros inspirados de uma epopéa. Tambem o Amazonas tem sua historia, e daria materia para um genio cantar-lhe as magnificencias, as riquezas deslumbrantes. Como outr'ora as nymphas mandadas por Neptuno e por Juno procuravam estorvar a navegação dos celebres galeões do Gama, em caminho das Indias, assim tambem era de vêr n'um poema genial as Amazonas, creação mythologica, atirando se nas aguas barrentas e caudalozas do rio-gigante, para impedir a frôta, que quizera ir desvendar os seus thezouros e mysterios.

Volvendo agora à nossa formosa Belém, que de encantos, que de singeleza, que de primor, quantas coisas agradaveis, alegres, e dignas de uma prosa lindiada e de umas estrophes sublimes alli n'aquelle local tão simples, tão humilde, mas que já revela o futuro de uma cidade importante, e de uma sociedade culta. Se o propheta annunciou que Belém de Judá não seria a menor das cidades do reino da Judéa, porque d'ella sairia e n'ella nasceria o Salvador da humanidade, o Christo Senhor, tambem não será profonar a comparação, se n'aquelle data, em que fôra lançada a primeira pedra da futura cidade, os briosos aventureiros prophetissem, dizendo: «E tu, ó Belem futura, não serás a menor entre as capitães que se hão de crear e levantar n'este grande e opulento Brazil; pois, has de crescer na foz do grande rio, e serás rival e talvez maior ainda do que aquellas, que te hão precedido no tempo e na idade. Serás o vestibulo do Pantheon da Amazonia, e has de attrahir ao teu seio e à tua progressiva civilisação e cultura os estrangeiros de todos os continentes, e os admiradores da tua risonha physionomia e dos teus ricos e invejaveis panoramas!»

Convém aqui lembrar que não nos tem faltado escriptores no Pará que tão alto levantaram as bellezas d'esta rica zona que habita-mos. Em prosa eloquente e em versos de uma lyra bem inspirada, esta nobre terra fôra objecto do êstro de Julio Cesar, de Santa Helena Magno, de Theodorico Magno, de João do Rego, de Natividade Lima, de Frederico Rhossard e outros; e do estylo fluente de Domingos Raiol, de Ferreira Penna, Baena, e outros; da eloquencia arrebatadora de D. Rômualdo e de D. Antonio de Macedo Costa; e da sciencia de Humboldt, Agassiz, e tantos outros sabios naturalistas, que puzeram em destaque merecido as nossas riquezas naturaes.

Tambem da penna e inspiração dos nossos poetas caíram as glorificações dos nossos grandes homens, dos vultos proeminentes, dos abnegados patriotas, que tão alto ergueram o renome e o prestigio da terra paraense. E por isso não podemos nos furtar ao prazer de aqui citar um bello soneto de Julio Cezar, em que celebra o nome e mais a fama do grande patriota paraense Conego Baptista Campos:

Se a vista do pomposo monumento
Que um herôe os feitos rememora,
Da patria a gratidão mais avigora
O justo, o nobre, o puro sentimento;

Muito mais respeitoso acatamento,
O' filhos do Pará, vos deve agora
Esta casa inspirar onde inda mora
A sombra de um varão—patrio portento.—

Nesta humilde esquecida residencia,
De aspecto pobre, de modesta vista
Se escolheu fecundissima existencia.

Vosso preito um heróe aqui conquista;
Tirae, pois, os chapéos em continencia
A' memoria do Conego Baptista.

Do mesmo mavioso poeta citamos aqui lindas estrophes sobre Belém, a nossa formosa capital:

Princeza de gigantes namorada,
Que não perde o pudor da infancia rude,
Pelas chuvas do céu vivificada,
Da belleza gozando a plenitude;
Sempre ingenua, singela e descuidosa
Vaes vivendo em perpetua juventude,
Sem o saberes, dando mil venturas.
Ao sol que o mel te sorve ás faces puras.

Antes de pormos remate á estas despretenciosas considerações, seja-nos licito erguermos um *bravo* sincero e leal aos homens illustres, que estão á frente da commemoração do Tricentenario de Belém, e justifica-o. E' um bravo justo, porque não ha pessoa alguma, que, desde o principio desse movimento patriótico, não renda o preito da devida justiça a esses trabalhadores dos progressos e da boa fama deste abençoado torrão. Por certo, que seus esforços, sua tenacidade e constancia em levar por diante tão alevantada empreza são merecedores dos applausos de quantos comprehendem o alcance, a elevada conveniencia e a necessidade destes festivaes, que abrilhantam não só uma populosa capital, um Estado inteiro, senão ainda toda a patria brasileira. E' ainda um bravo da religião. Pois, não pôde a Igreja Catholica deixar de abençoar esses estudos, essas vigílias, essas investigações scientificas e historicas, colonias, esse empenho unanime em buscar documentos e datas em nossas chronicas; de animar com sua salutar influencia moral essa movimentação universal para levar a effeito uma das mais applaudidas manifestações patrióticas, que jamais houve, neste importante pedaço da Republica Brasileira.

Com a fundação de Belém fundou-se a historia paraense e nacional num dos seus mais gloriosos annaes, e a prova é que hoje o Pará é um Estado, que pôde apresentar-se perante a nação com os celebres documentos, que illustram o seu berço, o seu constante evoluir e os seus progressos, daquella data até hoje. Fundou-se o culto religioso nestas novas plagas, onde o selvagem não conhecia os nomes de Deus e de Jesus-Christo. Fundou-se a instrução, que logo começou a diffundir-se e a produzir fructos. Fundou-se o commercio, que tamanho desenvolvimento teve impulsionado pela Companhia Gram-Pará, a qual monopolizara todas as transacções mercantis daquelles tempos, em quasi todo o norte do Brazil. Fundaram-se escolas e collegios, que logo foram frequentados por numerosos alumnos de todas as classes. Fundaram-se navegações regulares pelos nossos rios, e do Pará a Portugal, levando daqui para o reino as náos do commercio e do rei as especiarias que tão apreciadas eram em toda a Europa e que tão caro eram vendidas. Fundaram-se numerosas missões, para a pregação da fé e o serviço da Santa Igreja e a conversão e salvação das almas, quer dos colonos europeus, quer dos selvagens. Fundou-se, finalmente, a CATHEDRASE, nome ainda hoje respeitado nas paginas da historia paraense e da historia patria. Foi esta grande obra, ainda mal comprehendida de muita gente, que que tanto concorrera para esta conquista e para os seus primeiros passos no caminho do progresso.

Precisamos aqui ainda repetir umas idéas, que algures dissemos sobre este momentoso assumpto e estabelecendo com lealdade o principio verdadeiro, em que se estriba a missão da catechese. Foi ella que para este continente attrahira todas as ordens religiosas, todos os missionarios, que aqui desembarcaram, vindos de Portugal. Os templos, que aqui fizeram e deixaram, demonstram quaes eram, e seus diversos nomes. O que podemos dizer, em resumo, é que fizeram immenso bem á primitiva colonia, e abnegadamente auxiliaram o governo da metropole em todos os factos administrativos que neste fecundo terreno realizaram os capitães-môres. Trabalharam como grandes patriotas e como verdadeiros apóstolos da religião do Homem-Deus!

Como ainda hoje na Republica, na Igreja, e como tambem no regimen decadido, era a catechese um ramo do serviço publico, nos tempos da colonia e da conquista. Havia antigamente no imperio, na receita geral, uma verba especial, destinada á civilização dos indios. E' certo, que com esta verba não se fazia muito, mas sempre se fazia alguma coisa em beneficio de tantos milhares de indios espalhados nos sertões de nossas matas. Devemos confessar que mesmo no tempo do imperio o serviço da catechese nem sempre era feito, como fôra para desejar, dos poderes publicos. O governo queria fazer tudo por si sem o auxilio do poder ecclesiastico, tão necessario no assumpto, e por isso seus esforços não eram coroados, uns com os resultados desejados, outros eram de todo inutilizados pela falta de methodo e de boa direcção. Verdade é, que se gastava muito dinheiro e pouco se fazia.

Com o advento da Republica, logo no principio, não houve movimento do governo para a catechese. Mais tarde reaparecera a verba do orçamento federal, e resolveu o ministro dr. Toledo dar um grande impulso ao serviço, e ficou o governo aparelhado para encetar-o; e foi o illustre militar brasileiro, coronel Rondon, nomeado director supremo de tão espinhosa missão. Já tem elle corrido todos os sertões brasileiros, tem trabalhado como um heróe, mas terá alcançado os desejados resultados? O tempo nol-o dirá melhor que os seus luminosos relatorios, documentos do seu heroismo!

Ao lado do governo, trabalham na catechese os missionarios de varias ordens religiosas, e a sua acção santa e benéfica é hoje a mesma que nos tempos coloniaes. Não ha Estado no Brazil, onde elles não estejam estabelecidos, e cuidando da catechese dos nossos innumerados selvícolas. E diremos com verdadeiro aproveitamento e successo.

Quem diz catechese, diz civilização, instrucção, religião e progresso! A idéa de catechese é uma idéa muito complexa, que bem souberam alcançar os nossos antepassados. Ella significa tambem um trabalho methodico, constante e de longo fôlego, que só o christianismo pôde inspirar e amparar em todo o seu vigor. A catechese, não erramos afirmando, que devemos em grande parte, a conquista do vasto territorio do Brazil, e a formação do povo e da nação brasileira.

Foi ella que, com seu apostolado de muitos annos, lançou os fundamentos d'essa raça nova, oriunda da *ipy*, do europeu e do africano, e que depois veio a ser a raça brasileira. Que somma incalculavel de trabalhos e dissabores não custaram aos primeiros colonizadores do Brazil o catechizar e o civilizar dos selvagens. derramados então pela vastissima costa do nosso continente?! Ahi estão as missões, e os trabalhos apostolicos dos Jesuitas, Padres Anchieta, Nobrega, Vieira, e outros varões illustres, que não pouparam a vida na civilização do gentio. Suas obras ficaram como o documento perenne do enorme influxo da religião na civilização dos povos e das nacionalidades. E' que n'aquelle tempo a cruz embarcava nas mesmas náos, que os impavidos aventureiros, para a conquista de novas gerações á fé de Christo.

Camões disse: — A fé e o imperio iam dilatando! — A fé e a cruz, e a sombra d'ellas, o reino e os dominios luzitanos se iam dilatando. Esta é a verdade, que está escripta nos *Luziadas*, livro, que, não é somente um grande poema, é ainda um grande e immortal monumento historico! Sem Deus não ha catechese, e sem a pratica da religião não pôde haver progresso na catechese. Tudo o que não fôr isto, é malhar em ferro frio. E' só pela influencia doce, suave e salutar da Santa Igreja, que os nossos indios, ainda tão numerosos pelos invios sertões brasileiros, hão de vir ao gremio da sociedade e da civilização moderna!

Salvê Religião Divina! Tu que inspiraste aos denodados argonautas luzitanos na conquista d'esta joia brasileira, na fundação de uma cidade de futuros destinos; que

inspiraste a fé e o patriotismo de Francisco Caldeira de Castello Branco em dar o sublime nome que deu, á cidade que fundou; em collocar a sua arrojada e auspiciosa empreza sob o amparo, á sombra do celestial manto da Mãe Santissima, Senhora de Belém e da Graça; que inspiraste a fé dos illustres e santos missionarios no pregar do Evangelho e no salvar das almas, n'estas novas terras; em catechisar e civilizar os indios, dominadores então d'esta vasta região americana; que abençoaste, enfim, o berço deste povo, d'esta cidade, d'este Estado, para as glorias do Christo Redemptor, e da civilização! Salvé!

Conego José de Andrade Pinheiro.

Continha do Mar

Continha de fada,
Brilhando de noite
N'arêa molhada
Nas praias do mar:
Espera... não fuja,
Não fuja nas ondas
Correndo,
Tremendo,
Brilhando ao luar.

Conta-me os segredos
Dos louros anjinhos,
Que á noite suspiram,
Desmaiavam de amor;
Dos louros anjinhos
Que riem contentes,
Saltando,
Brincando,
Das aguas, na flor.

Conta-me os segredos
Dos astros que tremem,
Que tremem, pulpitam
Brilhando sem véo;
E a doce harmonia
Que a terra desprende
Aos gratos perfumes
Das rosas do céu.

Se, quando as estrellas
Se affogam nas aguas,
Os anjos se abraçam,
Se beijam de amor;
Ou quando é mais forte
No mar a ardentia,
E a lua
Fluctua
Num doce pallor,

Não fuja, não fuja
N'arêa de prata,
Espera, não fuja....
Oh! vem me contar
Segredos dos anjos,
Que dormem boiando
Nas ondas—os louros
Anjinhos do mar.

Da virgem formosa
Dos castos amores,
Que acorda minh'alma
Num doce scismar;
E os ternos enleivos
Dos sonhos que sonha,
Erguida,
Perdida
Nas nuyens do ar.

Acaso por ella
Vicejam as flores?
Por ella os perfumes
Que vem da soidão?
Por ella se azulam
Os céos e suspiram
As noites formosas
De doce verão?

Não fuja—Da virgem
Dos castos amores
Vem lindos mysterios
Contar-me ao luar;
E desses anjinhos,
Que vivem sorrindo,
Brincando,
Nadando
Nas ondas do mar.

Ai! quando vagueio
De noite sosinho,
Na praia deserta
Banhada de luz:
Parece que os vejo....
Que lindos cabellos!
Que brilhos celestes
Nos olhos azues!

E sonham e dormem
Da noite ao relento,
E a terra parece
Tambem suspirar;
As ondas apenas
Soluçam nas praias
Aereos
Mysterios
Dos anjos do mar.

Ai! linda continha,
Espera... não fuja
N'arêa brilhante
Que a onda molhou.
Agora... Não páras!
Ai! louca que segues
A onda que ao seio
Dos mares voltou!

Alcandre Rodrigues de Souza.

ALEXANDRE RODRIGUES DE SOUZA nasceu em Santarém, neste Estado, em julho de 1837 e falleceu no hospital de Curuzú, fazendo parte do exercito brasileiro, que então se batia na campanha contra o Paraguay. Era 2.º tenente do 4.º batalhão de artilharia; poeta, como se vê, de um encantador lyrismo. Das poesias ineditas encontradas no seu espólio obtivemos essa, que é um primor da singeleza do seu estro.

A CATHEDRAL

CONTAM-SE já quasi dois seculos depois do assentamento da 1.^a pedra da linda basilica do Pará, um dos templos mais bellos do Brazil, quer sob o ponto de vista da concepção architectonica, quer no trabalho de decoração interna.

Para satisfazer a natural curiosidade do leitor, aqui damos os capitães apontamentos historicos sobre o magestoso templo.

Fundando esta cidade, o capitão Francisco Caldeira de Castello Branco collocou-a sob o patronato de Nossa Senhora da Graça, e fez construir uma capella para a Virgem, dentro do forte—Presepio de Belém—, entricheiramento de madeira levantado sobre a ponta hoje occupada pelo Castello.

Muitos annos depois, fez-se erguer no logar onde hoje vemos essa formosa basilica, uma egrejinha de taipa, dedicada á Nossa Senhora da Graça, que ficou sendo a matriz.

Com mais alguns annos de intervallo, veio a ser reconstruida a capella de Nossa Senhora da Graça, que de novo tornou a cair em ruinas.

Construcções de taipa, si bem que muito resistentes relativamente, não podiam ter a duração das obras de pedra e cal.

A bulla apostolica de 13 de Novembro de 1720, constituiu o Pará bispado suffraganeo do patriarchado de Lisboa, e concedeu á matriz de Nossa Senhora da Graça os direitos e honras de sé episcopal.

No aviso regio em que se deu esta noticia ao governador do Pará, accrescentou-se que D. João V ordenava a construcção de uma cathedral, á qual desejava se desse toda a magnificencia possivel.

Entretanto, chegada ao Pará, esta noticia, em 1723, só em 1748, isto é, 25 annos depois, no dia 3 de Maio, lançou o 2.^o bispo da nossa diocese, D. Frei Guilherme de São José, a primeira pedra do edificio.

Houve n'esse dia uma grande festa, á qual compareceram o governador e capitão-general do Estado Francisco Pedro de Mendonça Gurjão, o cabido, as autoridades civis e militares, e as irmandades religiosas.

Depois do assentamento da pedra, celebrou o bispo missa de pontifical, com o Santissimo Sacramento exposto.

Sete annos depois, em 23 de Dezembro, achando-se o corpo da igreja construido até ao arco da capella-mór, Dom Frei Miguel de Bulhões, 3.^o bispo do Pará, benzeu o templo e trasladou no dia seguinte, vespera de Natal, em solemne procissão, o Santissimo Sacramento, da capella de São João Baptista para a nova igreja.

Em 1761, o quarto bispo do Pará, Dom Frei João de São José e Queiroz, mandou suspender os trabalhos da capella-mór, de modo que as com-

municações para a cõrte, os pareceres e as decisões, transmittidas por navios de vèla, demoraram por cinco annos as obras da cathedral.

Havia duvida sobre a resistencia das paredes da capella-mór para sustentarem a abobada, mas os engenheiros Gaspar João Geraldo Gronfelts e Manoel Alves Calheiros, depois de proficiente exame, declararam ser infundado o receio.

No dia 8 de Setembro de 1771, dando o cabido da sé, por terminadas as obras da cathedral, passou o côro do cruzeiro para o presbiterio da capella-mór.

Decorreram, portanto, 23 annos entre o lançamento da primeira pedra e a conclusão das obras, sendo, o tempo de trabalho effectivo 18 annos, por causa da interrupção de cinco annos, supracitada.

Na edificação da frontaria até ao cruzeiro gastaram-se 7 annos; nas torres e parte da capella-mór, 6 annos; e na terminação desta e no resto das obras, 5 annos.

O primitivo altar-mór e os altares do cruzeiro eram rico trabalho de entalhe em madeira, sendo o retabulo do primeiro occupado por um quadro representando Nossa Senhora da Graça, obra do pintor Pedro Alexandrino de Carvalho.

Os painés que revestiam os dez altares da nave e dos quaes alguns ainda existem, foram ali collocados em principios de 1776.

Dom Antonio de Macedo Costa, o preclaro bispo, de tão grande e merecida nomeada, foi o transformador da sé antiga na sé moderna, nessa bellissima obra, em que o pincel do mallogrado Domenico De Angelis deixou-nos uma reliquia inestimavel do seu genio artistico.

Ephemerides do Lyceu Paraense" actual "Gymnasio Paes de Carvalho"

12 de Novembro de 1911.—Prestaram exame de maturidade, os candidatos da 1.^a e unica turma: Luiz Lameira Ramos, João Alfredo Auxier Bentes, Alvaro de Magalhães Costa, Benjamin de Souza, Carlos Elpidio do Nascimento, Miguel de Lima Castello Branco, Lycurgo Santiago, Antonio de Lima Lages, Canuto da Costa Azevedo, João de Lima Lages, Manoel Lamber, Alberto Pereira de Moraes, João Renato de Souza, Virgínio Farias Alves da Cunha, Felinto Alves de Souza, Diogenes Ferreira de Lemos, Casemiro Gomes da Silva, Jayme da Silva Rosado, Mozenas Sylvio Pinheiro Porto e Julio Gouvêa de Andrade.

3 de Agosto de 1912.—Decreto n. 1.920 deu novo regulamento ao Gymnasio, sendo creadas as cadeiras de noções de hygiene, de instrucção cívica e noções geraes de direito, e de educação physica, e extincta a cadeira de mecanica. Ficam em disponibilidade, com vencimentos integrais, os professores cathedraes de portuguez, dr. Paulino de Almeida Brito, e de arithmetica e algebra, o dr. Ignacio Baptista de Moura.

12 de Novembro de 1912.—Concluíram o curso e receberam o grau de bacharel em sciencias e letras, os alumnos Maria Solon Leitão, Guionar Brígido, Joaquim Gomes Diniz, Climerio Machado de Mendonça, João Gualberto Alves de Campos e Augusto Cesar de Moura Palla Junior.

30 de Novembro de 1912.—Em sessão solenne da Congregação foi inaugurado o retrato do saudoso professor dr. Felinto de Gouvêa Cunha Barreto, cathedraico de litteratura.

11 de Fevereiro de 1913.—Inauguração dos retratos dos drs. Enéas Martins, Ignacio Moura e Paulino de Brito no salão de honra da Congregação, e do dr. Firmo Cardoso, director, no salão da directoria.

12 de Novembro de 1913.—Concluíram o curso e receberam o grau de bacharel em sciencias e letras, os alumnos Aurora de Castro Marques, Cassilda Rosa Fialho, Cândida Ferreira Branco, Ambrosina Franco, Manoel Gomes de Araújo, Francisco de Figueiredo, Raymundo da Costa Rocha, Jorge Travassos da Rosa, José de Oliveira Castro, João Prisco dos Santos.

29 de Novembro de 1913.—Lê n. 1.403 approvando a reforma feita no Gymnasio pelo decreto n. 1.664 com varias alterações.

12 de Novembro de 1914.—Concluíram o curso e receberam o grau de bacharel em sciencias e letras, os alumnos Carmen Felício de Souza, Victoria Lobato Pina, Luiz de Oliveira Serra, Cícero de Moura Neiva, Aurelio C. dos Santos, Abraham Obadia, Manoel Paranhos Guimarães, Lourival Azambuja, Hamilton Barata, Anírio Ribeiro de Oliveira e Joaquim Travassos da Rosa.

De 6 de Janeiro de 1906 até hoje.—Director, dr. Antonio Firmo Dias Cardoso Junior.

Visões de Historia

Trechos do art. 2.^o do Cap. XVII da
«Historia da Arte», publicado no «O Jornal»
de 9 de Novembro de 1909.

No século XVII, consolidadas somente quatro das doze Capitánias hereditárias semeadas por D. João III, pois nem todos os seus donatários puderam resistir ao ataque combinado dos corsários e dos índios, a maior porção do território do Brasil continuava abandonada e perdida, sem mínima occupação effectiva que perfizesse a formalidade da posse, mormente no oeste e nos extremos do norte e do sul, e com certeza nunca mais faria parte do patrimonio brasileiro se a republica de Hollanda e Flandres, liberta do throno hespanhol desde 1579, dominando de chofre os mares d'Asia e d'America e arrebatando-lhe possessões e náos e thesoiros durante meio seculo, não houvesse forçado Hespanha, no auge do terror e da impotencia, a ceder a Portugal, então tributario seu (1580 a 1640) e seu irmão na perda das conquistas e no eclipse da civilisação, toda essa mesma região desoccupada de oeste e norte e sul que lhe conferia o meridiano geographico do tratado de Tordesilhas, a qual doutro modo escaparia ao dominio de arabos, abrindo assim aos portuguezes locais e brasileiros natos o ensejo de um esforço herculeo e digno de memoração perpetua expellirem pelas armas os estrangeiros recém-intrusos e incluirém para sempre no mappa da raça latina o celeiro do maior rio do mundo.

A continuidade de insucessos nas campanhas d'Asia, até sua perda final no primeiro quartel do século XVII, por si só derivou a attenção das infortunadas metropoles, ameaçadas da mesma invasão estrangeira nas suas inconsistentes colonias americanas, para a immediata consolidação material destas.

De Olinda, arvorada em séde de governo geral por Felipe III, saíram para o norte as hostes colonias que, de toda parte expulsando franceses e inglezes e hollandeses e normandos fortificados e afugentando ou exterminando seus alliados indigenas, fundaram Parahyba em 1588 com o ouvidor geral Martim Leitão, Rio Grande do Norte em 1599 com o capitão-mór Manoel Mascarenhas Homem, Ceará em 1613 com Martim Soares Moreno, Maranhão em 1615 com Jeronymo de Albuquerque, Pará em 1616 com Francisco Caldeira de Castello Branco, e tomaram a primeira posse de 1276 leguas do rio Amazonas até ao Napo com Pedro Teixeira em 1639.

Bahia mantinha em respeito a região central do Brasil a leste, enquanto o oeste estava virtualmente segregado de absorção dos Andes pela occupação dos Jesuitas.

E de São Paulo marcharam sem cessar em meio seculo, sem ordem regia e em contrariedade ao proprio dominio hespanhol, indomitas caravanas também brasileiras, sobre Paraguay e Uruguay e Paraná, que não edificaram colonias permanentes, mas descobriram o ouro e o diamante sobre que ellas se edificariam, e cujas estrondosas victorias levantaram de vez, na fuga precipitada dos vencidos: para longe do braço atterrador dos exterminadores de Ciudad Real e Villa Rica e La Guahyra, tamanha linha de fronteira meridional, fora dos termos do tratado, que foi dado crear dentro della, sem mór litigio, em 1674 Piahy com Domingos Affonso Mafrense, em 1680 Sacramento e Rio Grande do Sul, que em 1738 se constituiu em capitania, em 1692 Santa Catharina com João Felix Antunes, em 1697 Minas Geraes, que em 1720 se fez capitania, em 1719 Matto Grosso com Paschoal Moreira Cabral, em 1726 Goyaz com Bartholomeo Bueno.

Do azar pois de Hespanha, fugitiva a pressão estrangeira, eis resultante sobre a propria posse de territorios hespanhoes a extensão perpetua do Brasil, que em vão Hollanda tentaria romper arrebatando por 24 annos o trecho mais povoado e consistente do incommensuravel! deserto geographico: a capitania de Pernambuco.

Trechos de carta para um pintor de quadro historico, em 24 de Janeiro de 1908.

II

O que todos os chronistas do seculo XVI e começo do XVII dizem é que os Tupynambás do Rio de Janeiro, depois de terem sido definitivamente derrotados por Salema em 1572, por evitarem imminente escravidão que a tradição de superioridade da sua raça não tolerava, emigraram aos milhões para o norte do Brasil, fazendo, sob o commando dos seus caciques legendarios, esse exodo homérico de mais de mil leguas, digno da maior celebração, que é o facto mais heroico dos primordios da historia sul-americana.

La Ravardiére e Jeronymo de Albuquerque os encontraram em 1614 e 1615 no Maranhão, commandados em numero de 12.000 pelo mesmo centenario Japyassú que os havia convocado no Rio para o exodo formidavel.

Caldeira, fundador de Belém, os encontrou em 1616 no Pará ao mando de Pará-assú.

Bento Maciel nos annos seguintes foi forçado, por irreductiveis á escravidão, a batel-os e exterminal-os em Tapuytapéra e Cayté e toda a longa costa maritima que vae de Belém a São Luiz.

E foi da bocca d'elles que Pedro Teixeira e Christobal d'Acuna em 1639 e La Condamine em 1743 ouviram, na Ilha dos Tupynambaranás, á foz do rio Madeira, a altiva historiação desse exodo colossal que se estendeu da bahia de Guanabara até ás cordilheiras do Perú e recolheram ainda no nascedouro a poetica lenda das fabulosas guerreiras Amazonas, que em 1542 Orellana e Carvajal houveram de pelejar, afim de poderem descer o gigantesco rio a que ellas legaram o nome.

Pois bem. Os indios Tupynambás, esses famosos navegadores e guerreiros, que encheram de assombro, durante um seculo inteiro de guerras, as paginas da historia do Rio, Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas, eram primitivamente brancos.

Jean de Lery, que viveu entre os Tupynambás do Rio todo o anno de 1557 e publicou em 1578 a sua *Histoire d'un voyage au Bresil*, escreve no cap. VIII:

« Les sauvages Tupynambás, avec les quels j'ai demeuré et fréquenté familièrement *environ un an*, sont seulement *basanés*, comme vous diriez les *espagnols ou provençaux*. »

Quem dirá que os hespanhoes e os provençaes, por serem *abacoados*, não são brancos?

Baena, o mais antigo historiador do Pará, no seu drama *A sorte de Francisco Caldeira de Castello Branco na sua fundação da Capital do Grão-Pará*, assevera que « a gentil *Nanine*, filha do cacique Pará-assú, noiva do portuguez Antonio de Deus, um dos capitães do fundador, era *unito alva*. »

E Cezar Augusto Marques, no seu *Diccionario Historico e Geographico do Maranhão*, escreve ás pag. 117 e 367:

« Os actuaes indios *Manajós*, das cabeceiras do rio Tocantins, são descendentes dos *Tupynambás* e notaveis por sua *cor alva e olhos azues*. »

O testemunho de vista de um chronista coetaneo do seculo XVI, que teve occasião de conhecer a primitiva raça dos indios do Brasil em seu estado de pura ethnica, isto é, antes de seu cruzamento com outras raças, e os de mais dois historiadores, do principio e do fim do seculo XIX, que o confirmam, parece que bastam, quando não houvesse outras razões e noticia de chronicas outras, para auctorisar um pintor, em quadro de historia antiga do Brasil, a pintar de branco os primitivos tupsy brasileiros.

Trechos do artigo «Repovoamento da Amazonia», publicado n' «O Jornal» de 29 de Novembro de 1908.

Existe-t-il en Europe quelque race pure ?
L'histoire répond que non, et la physiologie
enseigne que ce «mélange» a été un «bienfait».

M. BLOCK.

III

A Sciência preceitua e a história humana e a própria história brasileira attestam que, na convivência de duas raças, que habitam o mesmo território sob a égide da mesma lei e da mesma crença, a raça inferior cede, natural e gradualmente, ao predomínio da superior, à sua economia orgânica, a sua fôrma, à sua côr, a ponto de, em dado período de tempo desaparecerem todos os seus vestígios característicos ethnicos de inferioridade e formar com a superior um novo corpo harmonico e coeso, homogêneo, de igual força e igual intelligencia, como é curial vêr entre nós nos milhares de exemplos históricos e vivos com que a transfusão do sangue glorificou a litteratura, a sciencia, a arte, a jurisprudência, a religião, a politica, a imprensa, a oratoria e a milícia nacionaes, salvo se a lei ou o costume da raça superior perturbar o trabalho da natureza e condemnar a isolamento integral a inferior, encravada no seu meio, mas como um ente separado.

O trabalho é todo da natureza e só della.

E' lei scientifica, como a do movimento cosmico, que dentro da orbita natural não tem tregua nem excepção.

O instituto humano da escravidão e o odio de raça, com que leis e costumes sociaes de certos povos fortes affrontaram o preceito, são excepções que dilataram a natureza a obra da unificação da raça da Terra, mantendo-a nessa tregua de momento em que ella esperou da civilização delles o desaparecimento do instituto anti-natural da escravidão (*contra naturam*, dizia o romano) e espera o do odio de raça para recommençar o seu trabalho interrompido de purificação do homem.

Determinou a Sciência que, por acto dessa mesma lei de selecção natural, verdadeiro fiscal de Deus, que transformou em hulha, na secção do reino vegetal, o despojo do triumpho preterito da flôr que nos cobre a superficie viva dos continentes por sobre a da revolução geologica, derradeira e continua a converter em alimento do vencedor de nossa floresta virgem o cerne do vencido, e pelo qual foi concedido ao primate humano, sobre o destroço animal de infinitas especies desaparecidas, o throno phylogênico, ficava preestipulado ao monarcha eleito um unico tributo à natureza: a integridade da sua côr.

Das tres raças do planeta, a branca, a amarella, a negra, uma só o dominaria: a branca, que tem o esqueleto mais conformado a deposito da intelligencia dominaticia.

Quem puzér os olhos sobre o mappa humano verá que, a despeito das guerras santas entre as tres raças da historia, que são os meios de conservação instinctiva de sua côr em estado de pureza, a esta hora já se pôde dizer que toda a Europa e America e Oceania são um campo branco compacto e na Asia e Africa as innumeradas malhas regionaes do branco e as mestiças abertas na pelle geographica do amarello e do negro, como brechas para o assalto definitivo, indicam que o momento da tregua cessou, afim de continuar o trabalho da absorpção integral dellas duas e do seu desaparecimento fatal, tanto mais breves e menos dolorosos quanto mais depressa ellas assimilarem os processos politicos e economicos de civilização do assaltante invicto, portadores no seu bojo de cavallo de Troia da mina da traição ethnica.

Traição, não! O patriotismo, uma das fôrmas do nacionalismo, ganha em ceder à unidade da especie humana e à uniformidade da alta civilização para que o mundo caminha a passo certo.

O phenomeno deu-se no Brasil, como em toda parte, com vantagem para o progresso brasileiro e para a civilisação geral. E já passou, a despeito do enorme atrazo de tempo creado pelo instituto social do captiveiro duplo do indio e do negro.

«Tenho para mim, dizia sabiamente o general Abreu e Lima em 1859, que a abolição da escravidão na America será o *ponto de partida* para a decadencia e *desapparecimento total* da raça ethiope no nosso Continente, como já aconteceu em Portugal e suas ilhas.»

Já é facto consummado a predição.

Lisbôa foi o maior balcão dessa mercaderia humana. Ella pejou todo o territorio de Portugal, dos archipelagos dos Açores, Madeira, São Thomé e Cabo Verde, de suas colonias asiaticas e do Brasil, com milhões de escravos, ethiopes puros, arrancados durante tres seculos e meio á Africa.

Só Sevilha contrabalançava em competição esse trafico, de aspecto deshumano, erigido em interesse economico por todos os europeus, mas de interesse real somente para a dignificação ethnica do homem pela elevação da intelligencia ao nivel geral.

Para o territorio do Brasil é dado suppôr que, de 1500 a 1888, em 388 annos, vieram, á razão de 40.000 por anno, 15.520.000 escravos africanos.

Percorrendo o seu desenho ethnico no mappa da nossa historia civil, vê-se que, já em 1645, segundo uma epistola de João Fernandes Vieira, um dos herôes da guerra hollandesa, coexistiam em Pernambuco 20 mil brancos contra a cifra maior de 30 mil negros, cuja proporção pode ser estendida sem erro a todas as outras capitánias. E em 1820, segundo recenseamento official, ainda habitavam em todo o Brasil 1.800.000 brancos e mestiços e negros livres contra o algarismo preponderante de 2.000.000 de negros escravos.

Somos hoje 25 milhões, como amanhã seremos 50.

Onde está actualmente essa raça ethiope tão proliferadora e sempre preponderante em cifra; que é feito da deformidade do seu esqueleto, da boçalidade de seu intellecto e especialmente da pureza da sua côr?

O instituto artificial da escravidão, isolando-a nos limites da senzala, coagiu-a um momento a coexistir connosco em estado de relativa pureza, até que, por facto de sua abolição, abreviado pelas assimilações da antecipaçào latina, a natureza entrou a depurar-a gradualmente e continúa dia a dia a propinar-lhe o desapparecimento total, compensando-a com inserir-lhe fragmentariamente e por fim integrar-lhe o nosso organismo poderoso e o privilegio de nossa intelligencia.

O mesmo phenomeno sepultára para sempre a côr de toda a enorme raça amarella que Colombo encontrou formando mil povos e falando mil linguas sobre o continente americano.

E' verdade que ha controversia sobre o numero total dos indios do Brazil no momento de sua descoberta e até Varnhagen, contra todas as regras, para diminuir em quantidade a culpa escravista da politica jesuita fracassada, rebaixou-o a *um milhão* somente, a despeito da immensidade do territorio onde elles pullularam na historia sob mil nomes de tribus colossaes, a receberem a todo momento na ponta de suas flechas as legiões sempre renovadas dos colonos brancos invasores.

Quem, porém, pezar maduramente o poder do nosso braço colonizador pelo do pequeno exercito de 40 mil portuguezes que em parcellas subjogou pelas armas todo o poder militar da India, engrossado do auxilio turco, ou pelo desse punhado de paulistas que metteu em escravidão perpetua, em principios do seculo XVII, numa corrida fóra das fronteiras, a 300 mil indios platinos de La Guahyra, e contrastar ao raciocinio, derivante deste facto e de todos os outros muitos deste quilate, o argumento das centenas de guerras duradouras e continuas por todo o nosso territorio, multiplicadas em exercitos locais incontaveis que offereciam batalhas de mais de 30 mil arcos e organisavam armadas de muitos centenas de pirogas tripuladas de per si por uma e duas centenas de guerreiros, e das successivas victorias, parciaes mas estrondosas, quer terrestres quer navaes,

em que se degladiaram heroicamente dois seculos inteiros, o XVI e o XVII, nações desarmadas mas innumeraveis de Tobajaras, Tamoyos, Aymorés, Carijós, Tupynambás, Cahetés, Potyguares, Nheengahybas, Tapuyas e mil outras, contra as armas das legiões aguerridas dos colonos brancos, que muita vez ellas desbarataram por completo em São Paulo, Rio, Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará, e em toda a parte, e reler depois nas chronicas de então a confirmação da exorbitancia numerica dos celebres *descimentos* legaes de indios do sertão para o captiveiro que proseguiram ao triumpho final do colono na costa do Atlantico, penderá de preferencia para o lado do calculo daquelles que, baseados nos relatos officiaes de Orellana, Carvajal e Acuna, os quizes asseverar, como testemunhas de vista, de 1542 a 1639, que o povoamento de ambas as margens da bacia do Amazonas era tão intenso, que *«o som do machado de pedra duma aldeia era ouvido na outra e as aldeias se prolongavam duas e tres e mais leguas de margens a dentro do territorio amazonico,»* avaliam aproximadamente, como Abreu e Lima, em cerca de cem milhões o numero total dos indios brasileiros na era da descoberta.

Simão de Vasconcellos, chronista da Companhia de Jesus nessa era, affirma que a população de uma só dessas nações, a dos Tapuyas, era tão excessiva, *«que alguns a tiveram por maior que a de toda a Europa junta»*.

Antonio Vieira testemunha que no começo do seculo XVII «foram encontradas de São Luiz a Gurupá mais de 500 povoações de indios, todas mui numerosas, e algumas dellas tanto que deitavam 4 e 5.000 arcos», o que eleva a muitos milhões a população total desse trecho. Até 1652 os colonos «mataram por esta costa mais de dois milhões de indios».

Parece, á primeira vista, que, sob o pezo ethnico de tamanha cifra de amarelllos, ainda quando a exactidão estatistica redusisse a muito menos os calculos do chronista e do historiador, devera ter desaparecido na mixtão o diminutissimo nucleo branco dos milhares de latinos que os enfrentaram.

E' visto, porém, que aquelles é que perderam a sua côr pura e desapareceram para sempre, integrando-se no corpo da nação destes, principalmente desde o momento em que o Marquez de Pombal, por alvará de 8 de Maio de 1758, decretou a cessação do seu captiveiro.

Eram desenas de milhões e desapareceram por completo, pode-se dizer, em curto prazo, perdendo a sua fórma e a sua boçalidade e a sua côr, naturalmente, isto é, por simples obra da natureza, no convívio da raça superior a que auxiliaram em alta dóze na formação da nacionalidade e da patria.

De certo contribuiu em boa parte para esse fim o morticínio de guerras offensivas até ao extermínio de tribus inteiras, como é exemplo local entre mil a hecatombe de milhões de Tupynambás do Pará por Bento Maciel Parente, guerras tanto mais incongruentes com o fity latino em certos casos, como neste, quanto é exacto que esses legendarios Tupynambás, que tres quartos de seculo oppuzeram aos milhões as suas flechas ao captiveiro no Rio até o dia em que em 1572, batidos por Salema, fugiram para o Norte e inundaram Pernambuco e Maranhão e toda a costa maritimã do Pará e toda a bacia do Amazonas até á fralda das cordilheiras dos Andes no Perú, eram brancos, de formas esculpturais perfeitas, intelligentes, activos, capazes de alta civilisação rapida, como attestam, entre outros, Baena, Ivres d'Evreux e principalmente Jean de Lery, o maior chronista contemporaneo, que viveu um anno inteiro entre elles no Rio, em 1557, e assevera categoricamente serem elles em estado de pureza *basanos* como os hespanhoes ou os provençaes, e como comprovam eloquentemente esses restos puros de seus descendentes, os Manajós e outros, ainda hoje sobreviventes na cabeceira do Tocantins, os quizes, na phrase textual de Cezar Marques *«ão brancos e de olhos azues»*; e por consequencia bastava seguramente que a seu tempo a lei da colonisação luzu não estendesse até a elles o laço afugentador do captiveiro para obter francamente a mesma alliança e cooperação em que se mantiveram sempre, cerca de meio seculo, sem minima quebra da fé jurada, com os

franceses de Villegaignon no Rio e com os de Riffault e Des Vaux e Rasilly e La Ravardière, no Maranhão.

Mas de facto o que assolou-os em massa, organica e fundamentalmente, sem a dôr do captivo, da guerra, da nostalgia e do extermínio pela fome nas transmigrações, foi a mão secreta da natureza, que não permite a perpetuação da heterogeneidade de raças livres vivendo em communhão civil e estabeleceu em lei scientifica eterna que, por minimo de mais, como no caso foi, é sempre, sem excepção, no tempo e no espaço, o esqueleto, o sangue, o temperamento, o intellecto e a côr da raça mais forte que prevalecem.

Eis porque desapareceu a grande raça amarella da America toda. E' privilegio da raça branca. O planeta lhe pertence.

Lucas Barretto.

O mais antigo poeta paraense

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, pae do Dr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, é o mais antigo poeta, de que sabemos noticia pela Antologia da Litteratura Amazonense.

Floresceu no fim do seculo XVIII, irradiando pelo alvorecer do seculo seguinte; pertencia a escola classica, e deixou um repositório de sonetos e poesias admiraveis.

Era um repentista de bôa nota. Quando as tropas paraenses regressaram, em 1808, da campanha de Cayena, o governador do Pará offereceu, em Palacio, um banquete ao mundo official, para commemorar o glorioso feito. Ali estava o poeta Tenreiro Aranha. Vendo-se sobre um castello de dôces tirou aquella flamula e offereceu-a ao poeta.

Tenreiro Aranha, levantando-se, leu em voz alta o que ali estava escripto:

«Do luso invicto as Armas Triumphantes»

Um frêmito de enthusiasmo percorreu a assistencia, e Tenreiro Aranha, em voz firme, glosou o mote com o seguinte soneto:

Os crimes inundavam toda a Terra,
E varios monstros no Averno concebidos;
Na Corsega e no Sena produzidos,
A todos os mortaes faziam guerra.

A impiedade, a perfidia e o mais que encerra
Pandora nos seus cofres denegridos,
Entre lugubres ais, entre gemidos,
Da face do Universo a paz desterra.

Porém, a tanto mal, o Céu que é justo,
Já pôe termo, suscita mil Atlantes,
Lopes, Silveira, Palafox sem susto.

Suscita outros Herões da Patria amantes,
E faz que brilhem no Brazil adusto
Do Luso Invicto as Armas Triumphantes.

A ARTE BRAZILICA ATRAVEZ DA CERAMICA DA ILHA DE MARAJÓ

Não me canso de visitar os ricos salões do Museu Goeldi, joia preciosíssima que possui a cidade de Belém do Grão Pará.

Gosto de lá ir nos dias tranquillos que não são de visita publica. Naquella atmosfera silenciosa, envolvendo éras longinquoas e differentes naquelles raros e curiosos especimens expostos, eu deixo passar minha imaginação sobre cada objecto, producto da intelligência de uma não pequena parte da humanidade, tão afastado da luz intellectual, do progresso e da civilização. Prendem-me o espirito, sobretudo, aquelles fragmentos da ceramica indigena encontrada na vasta ilha de Marajó. Embora executassem elles, os nossos selvícolas, vasos de uso domestico ou funerario com fórmias humanas, não era, entretanto, na zona amniada dos seres que elles iam, de preferencia, buscar os elementos característicos para comporem a ornamentação dos seus vasos ou utensilios.

Não era, pois, na grandiosa natureza que os cercava incessantemente, onde elles iam procurar a decoração artistica com que, vaidosos, enriqueciam os seus objectos. Os seus desenhos complicados e trabalhosos eram feitos de pura imaginação e, poderemos avançar, caracteristicamente geometricas, puros exemplos de desenho linear. Sem o instrumento moderno que os auxiliasse na pureza das linhas rectas ou curvas, elles tinham a intuição da symetria na divisão geral do objecto, cuja face devia ser decorada, da harmonia não só dos detalhes como do conjunto da ornamentação, do equilibrio dos assumptos escolhidos, enfim havia uma orientação pre-estudada para ornamentação de cada objecto a ser decorado.

Assim, a ornamentação exterior de uma urna, executada apenas a traço, gravando na superficie o necessario para destacar um fundo de um relevo, é dirigida no sentido permitido pela fórma dessa urna, ao passo que a decoração de uma *langa*, simples objecto triangular, ligeiramente connexo e de applicação dedicada e graciosa para uso feminino, é extremamente cuidada e reflectida e caprichosamente executada.

N'esse objecto pequenino e de fórma não commum, a preocupação intellectual do artista indigena evitou as linhas pesadas; a combinação d'estas com a fórma exterior triangular é a do mais dedicado effeito, juntando-se a esse desenho linear uma coloração em tres tons ou *nuances* da mesma tinta.

Ha um fragmento de um prato, talvez, ou cousa que a isso se assemelhe, em que a ornamentação escolhida e executada, lembra a cruz *gammadé* dos antigos gregos cheia de um symbolismo inexplicavel; contornando em ornato linear outras linhas, singelas em seu traçado e sobriamente repetidas, dão ao conjunto uma simplicidade e uma riqueza de gosto que não sei se poder-se-hia achar tão feliz decoração applicada a uma pequena, reduzida e simples superficie.

Ha trabalhos de desenho linear executados tão cuidadosamente, tão intelligentemente que nos faz scismar o que produziriam esses selvagens se a luz inapagavel da instrução indicasse a facilidade de execução, entregando-lhes instrumentos de precisão e nitidez. Sobrios na fórma, sobrios na coloração, os indigenas, de Marajó nos legaram não pequena mése de documentos interessantes do seu gosto artistico, notando-se, por elles, a preocupação de um goso para os olhos com ornamentações graciosas, de um prazer intellectual em se cercarem de elementos, superiores ás brutae e exclusivas necessidades da vida material. Nota-se em todos aquelles fragmentos da curiosa ceramica de Marajó a execução preconcebida de uma ornamentação regular, intelligente com o intuito de enriquecer uma superficie simples para uma satisfação superior.

Ainda vem confirmar esta asserção, o facto de terem os artistas marajoaras o cuidado de distinguir o que nós, actualmente, classificamos de *fundo*, *rosac*, *a*, *frisa*, *bordadura*, *silvado*, etc.

Nesses vasos, tangas, utensilios varios, etc., os ornatos lineares, que contornam uma aresta, uma beira, sendo differentes dos que decoram a parte central da superficie. mesmo por que a collocação é differente, teem, entretanto, relações de concordancia com estes, harmonizando-se entre si, completando-se naturalmente, necessariamente. Além disso, a maneira de execução vária, conforme o fim a que se destina o objecto; um pouco rude, mas energica, linhas largas e grandes detalhes nos vasos de certo vulto ou tamanho, delicado e caprichoso de pequeninas linhas que se entrelaçam com justeza cuidadosamente executado para um aspecto que agrada, n'um objecto pequeno e de uso pessoal, eis as duas principaes maneiras de execução nos variados e poucos objectos que possui o nosso riquissimo museu regional, o Museu Goeldi, por parte de tão intelligentes e tão perseguidos artistas que foram os indigenas da grande nação dos Aruans e de seus descendentes e das suas ramificações.

Deante d'aquelles ornatos, buscados na imaginação ponderada e meticulosa do artista indigena, quantos elementos variados e interessantes poder-se-ão utilizar para a decoração de uma infinidade de objectos de uso commum e de luxo! N'esse caracteristico e original repositório de documentação artistica dos nossos selvícolas bem poderiam inspirar-se as nossas fabricas de louça commum, ao envez de se deixarem invadir por productos estrangeiros mercantis ou de outros Estados, inexpressivos e banaes.

Aos que vibram diante de uma particula d'arte, muitas vezes incomprehendida, uma visita a essa época brazilica que passou, se impõe.

Theodoro Braga.

No Amazonas

*Ruge o caudaloso rio,—o sem rival no mundo,
As vagas atirando ás pedras da beirada;
A canmarana desce, em grupos enlaçada,
E o cedro passa lesto e some-se no fundo,*

*Qual em dia de inverno, borrifico, iracundo,
Solta rouco trovão horrenda gargalhada,
Tal, das aguas a flôr, de fauce escancarada,
O enorme jacaré se mostra furibundo.*

*O esquivo peixe-boi occulta-se medroso...
Remette-lhe o arpão, com prospera destreza,
O velho pescador que espreguia cuidadoso;*

*No entanto, o curumin, alli na correnteza,
Feliz e sem temor, na Ygdrá jubiloso,
Conduz na saracára a tartaruga preza.*

Fernandes Bello.

O Tricentenário da fundação de Belém e Pedro Teixeira

A SUA VIAGEM DE CAMETÁ AO PERU

EM dos homens que mais se destacaram pelos seus serviços prestados ao capitão-mór do Pará, Francisco Caldeira Castello Branco, foi o valoroso PEDRO TEIXEIRA. Por isso, junto do nome illustre do fundador de Belém occupa lugar saliente o nome do capitão-mór da grande conquista civilisadora do Amazonas—PEDRO TEIXEIRA.

Lançados os primeiros fundamentos da cidade de *Nossa Senhora de Belém* no local que ao seu fundador pareceu apropriado, Castello Branco tratou logo de construir o forte que merecidamente tem o seu nome, — Castello, — e, accessado pelas necessidades inesperadas que lhe sobrevieram, fez seguir a PEDRO TEIXEIRA, por terra, para Maranhão, a 7 de março de 1616. Depois de uma longa e penosa viagem de dois mezes chegou ao nosso Estado visinho.

Sem demora, PEDRO TEIXEIRA volta, já por mar, com Custodio Valente, obtidos os socorros necessários do então governador do Maranhão, Jeronymo d'Albuquerque. Alexandre de Moura, ao mando de quem Castello Branco veio fundar a nova capitania, nesse tempo já estava na de Pernambuco.

No mesmo anno de 1616, PEDRO TEIXEIRA destróe os holandezes de alguns pontos ao norte do Amazonas, e ataca em duas frageis canoas um navio dessa operosa nação, o qual é por elle tomado, incendiado e a respectiva artilharia trazida para o Forte do Castello.

Depois de curado dos ferimentos recebidos nessa audaciosa lucta, PEDRO TEIXEIRA vae pacificar Caeté, hoje Bragança, segundo o illustre historiador paraense dr. Manoel Barata, e o districto da «Ilha de todos os Santos» rebellados, 1617.

Com a morte de Jeronymo de Albuquerque, 1619, que foi capitão-mór do Pará, posteriormente á revolta que depz e prendeu a Castello Branco e acclamou a Balthasar Rodrigues de Mello, para substitui-lo, o nome do honrado PEDRO TEIXEIRA foi um dos suffragados para capitão-mór do Pará, vencendo porém, o de Bento Maciel, 1624, por decisão do recurso para o governo geral.

A TEIXEIRA coube então a commissão de abrir a communicação terrestre-fluvial entre Pará e Maranhão.

Tendo Bento Maciel de ir ao Amazonas em auxilio de Luiz Aranha de Vasconcellos, que havia trazido do governo da metropole ordens especiaes para reconhecer o rio-mar e expulsar os estrangeiros dali, PEDRO TEIXEIRA foi um dos capitães escolhidos para essa viagem, que foi coroada de bom exito.

Em 13 de dezembro de 1633, o capitão general do Estado do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho doou a seu filho Feliciano Coelho uma grande extensão de terras, cujos limites começavam na primeira cachoeira do Tocantins, provavelmente na das *Gnaribas*, e terminavam nas terras dos *Tapuyussis*, que se presume ser em Alemquer, visto que o rio dos *Tapuyussis* «secreto», diz o sr. Visconde de Porto Seguro, «ser o desaguardouro oriental do lago de Surubiu, não longe do lugar onde se vê hoje Alemquera».

Feliciano Coelho fundou em 1635, como séde de sua capitania, a villa de Cametá, á margem esquerda do Tocantins, quatro milhas e meia abaixo da actual cidade de Cametá.

Pois bem: foi dessa villa de Cametá que em 1637, seguiu o destemido PEDRO TEIXEIRA, como capitão-mór, para a arriscada expedição do Peru.

A viagem foi mandada fazer pelo provedor Jacome Raymundo de Noronha, que governava interinamente o Estado do Maranhão, por morte, 1636, do seu primeiro governador Francisco Coelho de Carvalho, fallecido em Cametá e sepultado na egreja da mesma villa.

A partida de PEDRO TEIXEIRA necessariamente devia ser revestida de imponencia. A sua comitiva era illustre.

Acompanhavam-no, o coronel Bento Rodrigues de Oliveira e capitão Pedro da Costa Favella, seus immediatos; os mercenários religiosos freis Affonso de Arnejo, como superior; Diogo da Conceição, João das Mercês e Pedro de la Rua Cirne, Domingos de Bribea, franciscano (que com 6 praças regressava ao Perú), capitão Pedro Baião de Abreu e o sargento-mór Felippe de Mattos Cotrim.

A frota compunha-se de 47 canoas reforçadas e de bom porte (construidas mesmo em Cametá), com 70 soldados portuguezes, 1.200 indios flecheiros, mulheres e crianças. No dizer do dr. Mattoso Maia, o total dos viajantes era de 2.000 pessoas.

E' de crer que ao embarque dos expedicionarios, como era costume nesse tempo, precedesse missa solenne celebrada na egreja do actual Cametá-tapéra.

O nosso bello Tocantins, ufano por hospedar essa valorosa frota, bejava-a e embalava-a com as suas maretas, que, num sorriso docil, iam morrer na alva praia por onde o embarque dos intemeratos viajantes se realizava, deixando elles impressos, ali, as suas pégadas que as chistalinas aguas tocantinas não deixaram permanecer por muito tempo, para não augmentar as saudades dos que ficaram.

Ao tempo da partida de PEDRO TEIXEIRA já decorria um anno que o fundador da primitiva Cametá tinha se retirado para a Europa, deixando ali um collegio de jesuitas e um engenho nas immediações da sêde de sua capitania.

Nesse mesmo anno de 1637 o governo da metropole confirmou a doação a Feliciano Coelho.

A viagem do capitão-mór PEDRO TEIXEIRA foi demorada: teve elle de estar em Quito, e depois seguir a pé até Baeza, à espera das ordens emanadas do vice-rei conde de Chinchon.

Despachado, fez-se logo de viagem, trazendo em sua companhia os padres Christovam de Acuña e André de Arthieda, reitor do collegio de Cuecas e lente de theologia em Quito, respectivamente.

A margem esquerda de Napo, confluencia com o Amazonas, «na fralda dos Andes confrontando o Perú», como explica o dr. Ignacio Moura, TEIXEIRA assentou um padroão de posse com as armas de Portugal, 16 de agosto de 1638, chegando ao Pará a 12 de dezembro de 1639.

Estava, enfim, realizado o projecto que vinha desde d. João III — de uma viagem pelo Amazonas acima até ás minas do Perú oriental — sómente mandada executar pelo governo de Jacome Raymundo Noronha.

Pouco tempo depois da chegada exploradora, PEDRO TEIXEIRA galgoou por alguns dias o governo do Pará.

Quando elle se preparava para deixar a terra que encheu de valiosos serviços para ir descansar no patrio ninho, falleceu em 1640; felizmente para honra do povo paraense, não em logar extranho — o Pará era sua segunda Patria.

A noticia das grandes feztas a realizarem-se, breve em Belém, em honra de sua fundação incentivou-nos para escrever estas toscas linhas, sómente na sincera intenção de, como paraense e, especialmente como cametaense, rendermos homenagens a esta memoravel data historica de Cametá — 28 de outubro — em honra de PEDRO TEIXEIRA.

R. C.

O Triunphador

Do inédito d. Antonio de Macedo Costa.

Salve triumphador! após 22 annos
De renhido lutar, de fervida porfia,
Succedeu a bonança aos vendavaes insanos,
E o frescor do arrebol ao sol do meio dia.

Gloria ao Deus que, ao te ouvir a supplica submissa
Da vida entre o combate, em meio dos perigos,
Fez da noute do horror a aurora da justiça,
E prostou aos teus pés da Igreja os inimigos.

Venceste! Pôde mais que o carcere e o destino
A voz do exemplo teu—reverberante luz!—
No duello travado entre a verdade e o erro
A verdade venceu, e com a verdade a Cruz.

Sim, pois, hoje, Senhor, a turba dos ingratos,
Mirando em teu passado o rastro do heroismo,
Chama-te vencedor; e os que te deram tratos
Deslumbram-se à luz de invicto civismo:

Tu soffreste demais! Na fronte de decão
Nevou-se o teu cabello aos sôpros da afflicção,
Foi elle como a espuma alyssima do oceano
Que fluctua na praia após o furacão.

Mas venceste; á virtude o soffrimento acerbo
Cedeu, bem como cede a treva á claridade;
Se não moveu aos máus a força do teu verbo,
Cegou-os o esplendor da tua caridade!

Entanto, se algum dia a grei do mal erguer-se,
Tentando inda uma vez a Igreja derruir,
Oh! Terá ella então o solido alicerce
De almas dadas por ti, robustas, ao Porvir.

E o favonio do céu que as forças retempera,
Que a caridade em ti fez vicejar então,
A alma envolverá em doce atmosphera
De heroismo e de fé—d' nova geração.

Nos te saudamos, pois, oh pai dos desgraçados !
O teu excelso nome e os grandes feitos teus
São da instrucção, oh nobre artifice, gravados
Pelo dedo de Deus no marmore dos céos.

Padre Estevão da Costa Teixeira.

ESTEVAM DA COSTA TEIXEIRA, natural de Cairary neste Estado, é oriundo de antepassados illustres. Fez seus estudos no Seminário Episcopal, de onde seguiu para a escola militar do Rio, regressando ao Pará, como alferes porta-bandeira do Batalhão de Voluntarios, após a campanha do Paraguay. Aqui trocou a espada pela cruz de Christo, dedicando-se até hoje à vida sacerdotal. É poeta primoroso, guardando no recesso da sua familia, uma collectanea de possões da sua lavra, que ninguem lustre lhe dariam se viessem um dia à luz da publicidade.

Maria de Medicis

A VIAGEM do sr. *de la Ravardière* está ligada a uma circumstancia venturosa, que não é possível esquecer na historia dos povos. Assim como o nome de Izabel de Castella, em 1492, se immortalizou na incorporação da flotilha, com a qual Christovam Colombo fez o descobrimento da America, empenhando, segundo alguns chronistas, as suas proprias joias, para apparellhar os navios hespanhóes que teriam de divisar as ribas ambicionadas do Novo Mundo, assim tambem, em 1609, a rainha da França, Maria de Medicis, afim de alentar o espirito de *la Ravardière*, para os descobrimentos e conquistas do Norte do Brazil, offereceu-lhe uma bandeira onde, sobre o fundo azul, estavam esculpidas as armas de França, fazendo talhar sobre o becke da prôa a figura do delphim, depois Luiz XIII, e, sobre a roda do leme, a figura da propria Rainha, sob a qual, fez gravar o distico : *Tanti dux femina facti*, que poderemos traduzir: «A mulher é a guia de tão extraordinario acontecimento».

Recordando essa aventureira circumstancia, o meu talentoso collega, dr. Henrique Santa Rosa, em eloquentes termos, reclamou o concurso das senhoras brasileiras, em prol da solemnisação do Centenario da Fundação de Belém.

A feliz phrase da viuva de Henrique IV deve continuar a servir de senha a esta cruzada patriótica, que tem por objecto solemnizar os extraordinarios feitos dos nossos antepassados ; a palavra de Maria de Medicis deverá palpar em nossos labios, como o balbucio indicador para o desvendo mysterioso do nosso futuro.

Ignacio Moura.

Explorações Científicas na Amazonia

SECULO XIX

A transferência da família real para o Brasil assegurou a necessidade de conhecer os recursos económicos da grande colónia que até então parecia votada à indiferença e ao menosprezo da metrópole. O almirante William Smith, glorioso vencedor em S. João d'Acre, 1799, representando o poder da Inglaterra contra a tyrannia e a conquista de Bonaparte na Europa, foi encarregado de proteger a retirada de D. João VI para o Brasil.

Do Rio de Janeiro partiu o illustre marinheiro para as aguas do Guajará, onde tomou o commando naval da esquadra, encarregada de transportar as tropas paraenses, que foram effectuar, ao mando do coronel Manoel Marques, o cerco de Cayenna, cuja praça forte foi tomada em 1808. A perspectiva da natureza virgem e opulenta da Amazonia levára-o após muitos annos, da victoria as explorações scientificas ao N. do grande valle, effectuando em 1829 estudos dos affluentes superiores do rio Amazonas.

Já antes dessa época, dois sabios allemães, Martins e Spix, commissioned por Maximiliano José, rei da Baviera e grande protector das artes e das sciencias, percorreram as nascentes dos affluentes superiores do Amazonas, estudando as nossas riquezas naturaes na sua notavel obra *Reise in Brasilien*.

« E nesse mesmo anno, segundo o dr. Henrique Santa Rosa, o interesse da communicação interna do paiz fazia que o tenente coronel Paula Tavares de Carvalho, Governador de Matto-Grosso, procurando conhecer a facilidade de estabelecer relações com o Pará, organiza-se a expedição confiada ao tenente Antonio Peixoto de Azevedo, com o fim de explorar o Paranatinga, affluente do Tapajós e verificar a viagem pelo Arinos. »

Em 1827, Eduardo Poeppig, dedicado a estudos de botanica, e o padre Alcides d'Orbigny, em observações ethnologicas, tambem procederam a Estudos, na vastissima região que começava a excitar, cada vez mais, a curiosidade aos scientistas do mundo inteiro.

« E interesse commercial não provocava menos estímulo entre as nações estrangeiras e, por esta causa foram realizadas as explorações, que levaram a effeito o tenente inglez Lister Raw em 1829, D. Pedro de Beltram em 1834, e W. Smith e D. Lowe em 1836, principalmente nos affluentes superiores como sejam o Pachitêa, o Ucayali e outros. »

Começaram, então, a ser publicadas diversas obras sobre a região amazonica, não só em latim, como em todas as linguas que então se falavam na Europa. Appareceram em 1833 a *Chorographia* de Ignacio de Accioly Cerqueira e Silva e o *Compendio das Eras* de Antonio Bacna, que seis annos depois deu à publicidade o seu *Ensaio Chorographico*.

« Tres nomes celebres, segundo o dr. Santa Rosa, tinham de deixar assignalado o anno de 1843 e mais notaveis ainda os trabalhos que a elles se ligam. Em 1.º lugar o de Adalberto da Prussia subindo o rio Xingú, em companhia dos Condes de Uriola e de Bismark, e lavando a sua exploração até 4º e 30' de latitude Sul. Depois o do Conde de Castelnau realizando por conta do governo francez, a sua expedição de Lira ao Pará, extendendo-se pelo Tocantins até S. João das Barras. Finalmente, o de Tardy de Montravel, commandante do Brigue *La Boulonnais*, que acompanhado de Fleuriot de Langle, Dujardin e La Serrec de Kervilly, levaram a effeito importantes estudos hydrographicos ainda hoje dignos de alto apreço e que foram os primeiros trabalhos mais ou menos completos, publicados para a navegação do Amazonas. »

Assim como julgamos ter sido a comitiva de Adalberto da Prússia a primeira missão científica, que sabiu o rio Xingú, também o Conde Castelnau foi o primeiro sabio europeu, que mais avançou pelas aguas do Tocantins.

Em 1847, Caetano d'Osculati, scientista italiano, desceu de Quito até ao Napo e dahi até à embocadura do Amazonas, levando para o seu paiz conhecimentos uteis sobre aquella região tão prometteradora ás applicações utilitarias, que começavam então a surgir no mundo europeu.

Em 1848, chegaram a Belém, onde residiram por algum tempo dois notaveis sabios inglezes William Bates e Alfredo Wallace, sendo este um dos discipulos e amigos mais intimos de Darwin, para o qual levou contingentes valiosissimos, que lhe servirão nos seus estudos de analyse. O primeiro nas suas explorações do baixo-Tocantins, Moju, Tapajós, Amazonas, Jutahy, Teffé e Japurá, e o segundo, do Tocantins, Marajó, Mexiana, Capim, Guamã, Amazonas, Rio Branco até ao Cucuhy e Uapés até ás cachoeiras.

Esses dois sabios organizaram e remetteram para os museus da Inglaterra grandes collecções de insectos e plantas da Amazonia, que até hoje ainda ali figuram como amostras da nossa ainda maior riqueza natural naquelle tempo.

Tambem foi Wallace que escreveu a primeira obra sobre as nossas fructas e as nossas plantas domesticas.

Não se pôde esquecer, sem lastimavel injustiça, o nome de W. Chandless, que procedeu a extraordinarios estudos geographicos no alto-Amazonas, desde o Arinos, Juruá e Tapajós até ao alto-Purus e Aquiry, deixando o seu nome perpetuado em um daquelles affluentes.

O governo do Brazil procurava então estudar devidamente as condições de navegabilidade do rio Amazonas e o melhor meio de acautelar os seus interesses economicos, antes de ser elle franqueado á navegação internacional; dessa commissão foi encarregado o distincto official José da Costa Azevedo, depois Barão do Ladario, que procedeu a essas explorações de 1862 a 1864.

Outro brasileiro estudioso, Couto de Magalhães percorreu, nas suas explorações, o rio Tocantins, estudando sobretudo as suas condições ethnographicas e geographicas, deixando n' *O Selvagem*, obra immorredoura ao seu nome e aquella feracissima região.

Em 1886, Luiz Agassiz e sua encantadora esposa percorreram, em estudos naturalistas, sobretudo a vasta região do baixo-Amazonas, e assificando geologicamente as suas terras, seleccionando os specimens ictyologicos, cuja vastissima fauna foi vantajosamente por elles estudada.

«A concepção de Agassiz sobre o modo de formação da bacia amazonica, tinha por sua vez de ser impugnada algum tempo depois por James Orton, que, percorrendo os tributarios superiores do Amazonas, o Guaporé e o Beni, Marañon e o Napo, teve occasião de descobrir um deposito fossilifero, que deitava por terra a hypothese glacia de Agassiz» (H. Santa Rosa).

Domingos Soares Ferreira Penna, erudito brasileiro, percorreu a seu turno o baixo-Amazonas e ilha do Marajó, completando ali os estudos de Ricardo Franco de Alencida Serra, e de Affonso Desincourt no rio Tapajós.

Em 1876, o modesto padre paraense José Nicolino de Souza, conhecedor de um roteiro de viagem que tinha lido, em uma das casas religiosas de França, explorou o rio Trombetas, até ás suas nascentes, descobrindo a vastissima região dos nossos campos geraes, majestosa riqueza, que a Providencia nos confiou e de que, infelizmente, ainda não tomamos a devida posse, para o completo engrandecimento do nosso Estado.

São dignos de nota os estudos procedidos pelos engenheiros paraenses Antonio Tocantins e João Honorato Corrêa de Miranda no rio Tapajós em 1871, e no Trombetas procedidos por aquelle em 1878.

A exploração da seringueira, cujo maravilhoso producto começava a receber as applicações da industria, incitou a avalanche de exploradores de toda a natureza, sobre os invios sertões cobertos de extensas mattas, sementeas daquella predestinada arvore. O coronel Labre explorou de 1882 a 1887 o extenso territorio banhado pelo Ituxy, Beni, Madre de Dios, Guaporé e Aquiry; e o coronel Church, no Madre de Dios e Mamoré para inicio da estrada de ferro daquella região, que foi ultimamente inaugurada. Devem ser registrados os trabalhos de explorações procedidos pela primeira commissão de engenheiros

a quem foram confiados os estudos da E. F. Madeira-Mamoré, entre os quaes devem ser citados os nomes de C. Morsing, Alexandre Haig e Julius Pinckas.

Temos prazer de transcrever o que sobre outros exploradores disse o dr. Henrique Santa Rosa, em uma conferencia scientifica para a commemoração do Tricentenario de Belém.

«Um explorador ardoroso e infatigavel, a principio estimulado pelo interesse da expansão colonial do seu paiz, foi sem duvida Henri Coudreau, que, em 1882, buscando elementos para a sonhada «France equinoxiale», realizou as suas importantes viagens de Cayenna a Macapá, de Manaus a Cayenna pelo Uapés e afflentes e de Manaus às cachoeiras do Rio Branco pelo Trombetas.»

«Enthusiasta da natureza amazonica, tornou-se mais tarde um dos principaes propagandistas das terras paraenses, quando encarregado pelo Estado das explorações que realizou, de 1895 a 1899, ao lado de sua esposa, pelas secções encachoeiradas do Tapajós, Xingú, Tocantins, Araguaya, Cuminá, Jamundá e Trombetas, em cujas margens teria de tombar para não mais se erguer.»

«O governo provincial do Amazonas tambem não se descurava de auxiliar as explorações, e o nome de Barbosa Rodrigues, à frente do respectivo Museu, salientou-se com distincção nos estudos botanicos e ethnographicos a que se dedicou, deixando varias das memorias.»

«O anno de 1884 tinha de se tornar memoravel pela surpresa da exploração empreendida pelos Drs. Carlos von den Steinen, Othon Clauss e Guilherme von den Steinen, que vindos de Cayabá a Paranatinga, se internaram pelos sertões do Xingú entre as tribos dos Bacairys, Batovi e Kulisen, empenhados de psychiatria neurological e em investigações de antropologia e ethnologia.»

«E de novo, em 1888, voltaram os mesmos logares Carlos e Guilherme von den Steinen, então acompanhados dos naturalistas Ebnreich e Vogel, completando as suas preciosas observações, que ainda hoje constituem as melhores indicações sobre aquella região.»

«Como estes, e sem nos occuparmos dos que se tornaram relevantes pelos seus feitos de acção patriótica, na defesa do nosso territorio ou no desenvolvimento intellectual e material do nosso meio e da nossa região, outros nomes poderiam ser lembrados, muitos delles trazendo esclarecimentos novos sobre zonas anteriormente percorridas, como seja o mappa do Paranatinga até ao Tapajós levantado em 1889 pelos officiaes Oscar de Miranda e Antonio Telles Pires, vindos de Mato-Grosso, e as informações colhidas pelo Conde Ernano de Stradelli entre os indios Uapés e do Rio Branco no mesmo anno referido.»

Pelo meado desse seculo, outras excursões scientificas eram feitas na Guyana Inglesa, merecendo mais accentuada citação a de Roberto Schomburgk, que visitou o baixo Corentyn, no Essequibo, onde precedendo a Humboldt, já estivera o notavel Padre Gibi, não devendo tambem ser esquecido o reverendo Padre Brett, que, em uma interessante obra, tão bizarramente se occupou da existencia das *Yamalia* ou amazonas, já quando o aspecto lendario do valle começava a ser despidido de phantazias, para a sua real existencia scientifica.

A geographia determinava as posições e dimensões desse novo mundo. Herdan estudou as nascentes do Amazonas, achando-as a 5.500 metros acima do nivel do mar, e Maury calculou a superficie hydrographica do valle em 2.048.480 milhas quadradas, proclamando-a a mais vasta do mundo inteiro.

Coube ao fim desse seculo, tão fertil de explorações scientificas para a nossa região, a creação de um verdadeiro instituto de sciencias naturaes, com a reorganização, a 13 de Maio de 1891, do antigo Museu Paraense, hoje Museu Gredli, para o qual foram contractados professores de reconhecida competencia, na Europa, e que para nós trouxeram, além dos seus conhecimentos scientificos, verdadeira caza a novas explorações, multiplos analyses, generalização na classificação das especies, delimitação quasi completa da nossa geographia botanica, na qual Adolpho Duke tem quasi dado as ultimas linhas aos aspectos estudados. Emilio Gredli, succedido mais tarde por Jacques Huber, tornaram-se ambos dignos da gratidão nacional, elevando o Museu do Pará à cathgoria dos de primeira ordem no mundo civilizado. O *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Etno-*

graphia, cuja publicação, impressa no Estado, desde 1.º de Julho de 1894, em volumes trimeses de mais de 300 pgs. cada um, com quadros estatísticos, demographicos e gravuras dos specimens estudados, forma uma obra de inestimavel valor e profunda sabedoria.

Foi pelo anno de 1896, que o escriptor destas linhas subindo curso do Tocantins, fazendo nelle um estudo complexo, até á sua confluencia com o rio Araguaya. Convidado a fazer parte do congresso de Americanistas, reunido em Setembro de 1908, em Vienna d'Austria, depois de ali apresentar os meus trabalhos de exploração, fiz publicar em Paris, a minha obra « De Belém a S. João de Araguaya », cuja leitura mereceu do genio de Ruy Barbosa o endereço de uma carta ao auctor, classificando-a de « livro importantissimo ».

Além de uma critica muito honrosa da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, recebi, a este respeito, outra carta do notavel historiador brasileiro Rocha Pombo, da qual destaco, com o meu agradecimento, os seguintes trechos: « O Sr. nesta obra, não revela só a sua indiscutivel competencia de profissional: revela tambem a sua grande alma de brasileiro, incendiada d'aquellas magestades do nosso alto sertão; e, a meu ver, sem denunciar pelo menos nesse intuito, deu-nos uma obra de espirito e de mais alto valor; obra ao mesmo tempo de cientista e de poeta, parecendo que seu unico esforço esteve em conter o natural e justo enthusiasmo que sentiu em presenca das maravilhas da terra. »

Eis, em ligeiros traços, o inventario de tudo que a sciencia e os scientistas fizeram em trabalhos secundos e eternos, para a região da Amazonia, durante esse lapso da historia humana, que os contemporaneos classificaram de « Seculo das Luzes ».

Ignacio Moura.

A SEMIRAMIS

Filha!

Teu coração é feito dos arminhos!
E nelle se baloiça a pomba de esperança!
Teus olhos são dois astros, vividos, azues,
Teu riso o que tu és, travessa flor, creança!

Encanta a tua fala, o riso teu imita
As volatas de amor das operas dos beijos,
Da alegre passrada a *troupe* doidejante
Que córta o espaço azul em mysticos adejos.

Flor que odor trespasa os dias meus enchendo
De perfume ideal, ignoto, rescendente,
Que do calix da rosa aligero se evola
Como o fumo que brota a myrrha do Oriente;

Quando tocar a neve os meus cabellos pretos
E á alma a indiferença, o tedio desta vida,
Consola-me a amargura, alenta-me a existencia
Com o teu amor de filha, oh, perola querida!

Ovidio Filho.

O DR. OVIDIO FILHO, formado em jurisprudencia pela faculdade do Recife, foi poeta encantador e ritmico. O seu bello livro de versos *Excursões* foi o maior legado á sua familia pauperissima e honrada.

Tocantina

Agua possante, múrmura, pesada,
cheia da força hercúlea, illuminada
da tocantina vida,
ella que, em pasmos, a attenção nos prende,
da magestade como que vaidosa,
ao nosso olhar, intérmima, se estende
tal estria de côr indefinida
cu quasi mysteriosa
por suas muito súbitas mudanças:
densa, umas vezes; e outras, clara, pura;
aqui, barrenta; além, verdinea-escura,
tomando, á tarde, pelas horas mansas
crepusculares,
da luz do sol sob o irradiante effeito,
uns tons mais bellos, de fagueiro aspecto,
mas sempre estranhos, sempre irregulares...

Ha, no ambito sombrio,
das ilhas verdejantes*
que pontilham, gentis, o grande rio,
riquezas empolgantes:
no solo prodigioso
onde o labor de musculos potentes
de oiro acharia um reino fabuloso,
medram, robustas, todas as sementes,
—tudo progride em ricas florações,
pois, vibrá a seiva, eternamente, ali:
a portentosa e esplendida madeira
propicia a quasi eternas construcções,
e a arvore fertil da ampla seringueira,
do cacau, da castanha e do assahy.

Entre outros mais thesoiros de que ainda
essas regiões soberbas se povôam,
nota-se,—desde a variação infinda
de aves brilhantes, caras,
que sobre o verde, harmonicas, revôam
(bem como as garças de plumagem fina,
sedosa e alvinitente)—

a bella caça múltipla e excellente;
uma alluvião de raras
hervas, cujo valor, a medicina
julgaria impagavel, certamente.

Ha, em synthese, além dos mil primores
que das ilhas se occultam no amplo seio,
preciosos fructos, adoraveis flores
de variegada essencia, inda hoje,—creio—
virgem do olhar dos bons exploradores.

*
*
*

Fecundo Tocantins, essa gradeza
tua, maravilhosa,

que harpa abrangel-a poderá, num canto?
Quem logrará sondar-te a natureza
da exuberancia immensa, vigorosa,
ou retratar-te, em versos de oiro, o encanto?...

Tu que, sublime, tanto aos brandos luares
como aos lampejos vividos solares,
paysagens, sempre, de uma alviçareira
e aurea poesia, altiloqua, apresentas,
és bem,— por tudo que de excelso ostentas,—
um pedaço da Terra Brazileira!

Ayres Palmeira.

Os primeiros expedicionarios nos campos geraes das Guyanas

Carta importante sobre a expedição do padre Nicolino

Obidos, 3 de Janeiro de 1894.

Amigo e sr. dr. Justo Chermont. De volta da expedição que, por vossa ordem, empreendi ao alto Cuminã, apresso-me em dar-vos estas noticias, enquanto ponho em ordem as minhas notas, para apresentar-vos o meu relatório.

O principal fim d'esta expedição, foi verificar por mim proprio a existencia e qualidade de uns famosos campos para criação, que se dizia existirem ao sul das cordilheiras que correm entre o territorio brasileiro e os das guyanas ingleza, hollandeza e franceza.

Por affirmação do sr. presidente da Intendencia e outros conceituados cidadãos de Obidos, soube que, nos tempos antigos, nem se fallava d'esses campos, nem se suspeitava de sua existencia. Quando, porém, o padre Nicolino fazia estudos theologicos no seminario de Aix, em França, o velho padre *Jemita* que dirigia este estabelecimento lhe mostrou um manuscrito redigido em latim pelos missionarios da Companhia de Jesus, o qual continha o itinerario de uma expedição feita desde o Orenoco até ao Prata.

Nesse manuscrito, encontrou o padre Nicolino notas preciosas relativas áquellas regiões, especialmente a noticia da existencia de vastos campos ao sul das cordilheiras de Tumucumaque. Regressando ao Pará e nomeado vigário de Obidos, em 1875, procurou os pretos mocambos do Trombetas e os indios selvagens que andam errantes pelo valle daquelle grande rio, e interrogou-os acerca daquellas regiões. Affirmaram-lhe os mais velhos que taes campos existiam e que por ali viviam tribus de indios mansos e quasi brancos.

Então o padre Nicolino, nascido ás margens do Jamundá, vale do Trombetas, sentindo correr em suas veias largas doses de sangue aborigine, cedendo o impulso do ardente amor que consagrava ao seu berço natal e á religião de que era ministro zeloso, protestou descobrir esses campos e chamar as tribus selvagens ao seio da civilização christã.

Em 1876 empreendeu a primeira expedição, sahindo do baixo Trombetas a 25 de novembro, e avistou os campos a 25 de janeiro do anno seguinte. Não encontrou nenhum gentio, que com tanto alã procurava, e teve de regressar sem demora, porque faltaram os recursos.

Sahindo de Obidos em 11 de outubro de 1877, empreendeu segunda expedição, grande parte da qual foi feita, por terra e atravez das florestas. Foi longe, mas teve de recuar antes de chegar aos campos, passando com sua gente horribes privações e fome.

Em 1882 empreendeu terceira viagem, penetrando pelas florestas com incrível audacia. Já não faltava muito para encontrar o aldeamento dos gentios e encontrar os encantados campos, quando violento ataque de febre e vomitos negros, em poucos minutos lhe arrebataram a vida preciosa.

Com a morte do padre Nicolino, a idéa destas explorações foi cahindo em esquecimento. Mas, no anno passado (1893) sobreveiu a grande cheia do Anazonas, que devastou as fazendas de criação de gado na comarca de Obidos em todo o baixo Amazonas.

Então, o distincto sr. presidente da Intendencia de Obidos e outros importantes fazendeiros lançaram as suas vistas para esses immensos e ricos campos, que estão realmente nas condições, não somente de salvar de tal ruína a industria pastoril, mas ainda de elevá-la ao mais alto gráu de prosperidade.

Não dispondo a Intendencia Municipal de Obidos de recursos sufficientes para emprender tal exploração, recorreu ao governo do Estado e vos dignastes de encarregar-me d'esta commissão, fazendo-me sentir quanto vos affligia a calamidade que pésa sobre a industria pastoril do baixo Amazonas.

Chegando a Obidos, encontrei da parte dos principaes cidadãos o mais lisongeiro acolhimento, e o sr. Vicente Augusto de Figueiredo, presidente da Intendencia Municipal, tem feito tudo quanto é possível para facilitar-me o desempenho da minha commissão. Sahi de Obidos a 6 de outubro de 1893, segui pelo Amazonas até a foz do Cuminá. Subi pelo Cuminá transpondo muitos kilometros de formidaveis cachoeiras, que tornam este rio totalmente innavegavel.

No meio da nossa viagem, ficámos reduzidos a uma só canôa, tendo ficado outra quebrada em uma das mais perigosas cachoeiras. Parte da gente teve que caminhar, até que construímos uma *mhi* da casca da arvore de tauary.

Chegados á foz do Urucuriana, affluente do Cuminá, pensava o pratico que com dois dias de viagem por este rio alcançaríamos os campos. Entrámos por este rio, fugindo das cachoeiras do Cuminá. Mas dez dias levámos perdidos no Urucuriana, tortuoso e sombrio, cortando a machado grossos madeiros que a cada passo atravessavam de uma á outra margem. As febres começaram de atacar-nos com mais intensidade. Afinal, desenganados, tivemos de descer toda a extensão do Urucuriana que havíamos subido, e seguimos de novo pelo Cuminá acima. Encontrámos á margem esquerda d'este rio um aldeamento de indios selvagens. Tanto que nos avistaram correram, e só ouvimos choro de crianças, gritos de alarma e latidos de cães.

Dois selvagens que mais adiante encontrámos em uma *mhi* de casca de arvore, também fugiram. Debalde chamamol-os á falla. Deixei-lhes presentes. Quando regressámos, verificámos que haviam recolhido os presentes, fugindo ainda. Apesar dos esforços que fizemos, não nos foi possível fallar-lhes. Possuem algumas ferramentas provenientes da colonia hollandesa de Suriná, que lhes fica muito mais proxima do que a cidade de Obidos.

Alcançámos, enfim, os campos que com tanto afan procuravámos. No cimo de uma bellissima collina de 400 metros de altura, que se ergue no meio dos campos, á margem do Cuminá, despida de arvores, mas coberta de verde alcatifa, de abundante e fina relva, a 28 de novembro, ao amanhecer, tive a satisfação de vêr içada a bandeira do Club Republicano do Pará, ao lado da qual também tremulava a bandeira brasileira.

Do alto desta collina, com um oculo de alcance, avista-se muito ao longe, do Norte, longa cadeia de elevadas montanhas que correm no rumo Este-Oeste. Quando a neblina da manhã se foi dissipando, destacáram-se no horizonte as curvas phantasticas e caprichosas destas cordilheiras que são certamente as de Tumucumaque e outras, que se prolongam nas fronteiras do Brasil com as Guyanas estrangeiras. Do lado do Sul, ha larga zona de mattas virgens, que com rudes trabalhos conseguim's vencer desde a margem do Amazonas. Admiram-se também ahí florestas de rica fauna e de flora tão opulenta, que é impossível havel-as mais opulentas em outra qualquer parte do mundo.

Do lado de Leste, não se avistam os limites dos immensos campos, que provavelmente se estendem até ás cabeceiras do Oyapock, Amapá, Araguay e Aporema. Do lado de Oeste, também vão a perder de vista esses campos que certamente se estendem além dos campos do Rio Branco, até á fronteira occidental do Estado do Amazonas.

No meio desta área immensamente grande, erguem-se centenares e milhares de collinas, correm muitos riachos de agua crystallina, cujas margens são orladas por extensas filas de murutiseiros e asahyseiros, que se contam aos milhares.

O Cuminá, com largura de 250 metros, bastante fundo e com poucas e pequenas cachoeiras, correndo de N. a S. atravessa perpendicularmente os campos, recebendo de um e outro lado affluentes de abundantes e frescas aguas. O curso superior do Cuminá e seus affluentes, represados pela cachoeira do curso medio, constitue uma vantagem immensa, e presta-se, não somente para bebedouro do gado, como também para navegação de certa importancia.

Extendem-se estes magníficos campos em planalto muito elevado. Esta grande altura acima do nível do mar, os constantes ventos do N. que muito abrandam a temperatura, e outras condições locais, influem poderosamente para tornar o clima temperado e muito saudavel.

Em conclusão, repetirei o que vos disse na ultima carta, a industria pastoril que não pôde prosperar no baixo Amazonas, por causa das grandes enchentes, encontrará nestes maravilhosos campos, uma fonte inesgotavel de incalculaveis riquezas.

Com todo o respeito tenho a honra de subscrever-me amigo obrigado

(Dr.) A. M. Gonçalves Tocantins.

MARAVILHOSO!

QUANDO, em 1842, visitou o rio Xingú, no Pará, o principe Adalberto da Prussia, acompanhado do seu mordomo, o cientista conde de Uriola, e do seu medico, o dr. Bismark, irmão do grande chanceller de ferro, incorporaram-se a essa comitiva os nossos illustres conterraneos, padre Torquato Antonio de Souza, antigo vigario de Parintins, outr'ora villa Novã da Rainha, e seu irmão major José Leocadio de Souza.

Guiados pelos dois brasileiros, a expedição allemã seguiu rio acima até ao lugar chamado Piranhaçuara, acima das ultimas cachoeiras, em terreno hoje cultivado e explorado pelo coronel José Porphirio de Miranda Junior.

Ali havia, nesse tempo, uma tribu de indios Mundurucús, já affeita ao trato dos brancos, pois que os jesuitas tinham estabelecido nessa paragem muitas missões, sendo *Misses* o nome por que era conhecido o lugar.

O principe Adalberto assistiu ao tratamento feito por um pagé, genuinamente indigena, em outro indio, que queixava-se de dôres no estomago. Depois dos cantos rituaes ao maracá, o pagé extrahiui, com a propria bocca, do exterior do estomago doente uns bichos, que elle asseverou aos assistentes serem os causadores do mal.

Adalberto, fingindo-se com dôres no braço, pediu ao pagé que fizesse sobre elle a mesma operação. Este, em pé no centro da assemblea, depois de alguns instantes, saccudiu a cabeça levemente, murmurando: «O *carina* não tem doença, mas se quer vou tirar-lhe o mal, que possa vir». Cantou, fumou, tocou o maracá, tomou o *canin* (aguardente de mandioca) e debruçando-se sobre o braço do principe que friccionou com umas folhas trazidas do matto, disse em sua lingua algumas palavras cabalisticas e chupou o lugar; dividiu as folhas que tinha entre as duas mãos e escarrou sobre ellas, sahindo do meio do escarro uma borboleta, que vou para a matta...

Os assistentes ficaram maravilhados, e Adalberto, com a sua bonhomia, sorriu-se para o selvagem e perguntou aos companheiros: «Será verdade o que assistimos ou teriamos sido suggestionado por um pelotiqueiro?! O que mais me admirou foi este homem ter guardado, por tanto tempo, aquelle insecto na bocca, fallando-nos e cantando, como se nada ali existisse».

Este facto foi-nos narrado pelo ethnographo Bento Aranha, que ouviu do padre Torquato, em Manáus, e do sr. José Leocadio, em Souzel, achando-se então presente o engenheiro Antonio Gonçalves Tocantins.

ARU-ITÁ

(Estudo paleogeographico e glottico sobre a origem e a significação do vocabulo — «Aruitá» — antiga taba indígena sita no canal do Guajará).



Como já verificámos e vamos demonstrar no nosso «MEMORIAL acerca do Tricentenario da Fundação do Gram-Pará», — Nobrega, Anchieta, Aspiciueta, Leonardo Nunes, Luiz da Gran, Ignacio d'Azevedo, Francisco Pires, José Lopes, Figueira, Malagrida, Francisco Duarte, Manoel Gomes, Diogo Nunes, José de Moraes, Vasconcellos, Vieira e seus innumeros e denodados irmãos de habito escreveram os compendios mais importantes da nossa ethnographia e linguistica americana, bem como a elles devemos os capitulos mais bellos e primorosos da nossa historia nacional. Razão bastante, pois, teve o escriptor portuguez Pinheiro Chagas, aliás insuspeito, quando asseverou que o «*Brazil foi obra dos missionarios*».

Pondo de parte as simples observações que fizemos sobre os phenomenos telluricos do valle amazonico, e das porvidindouras revoluções geologicas d'America do Sul, vejamos o que rezam as chronicas dos egregios padres da Companhia de Jesus acerca da fundação da capitania da Vigia e das suas aldeias limitrophas.

Depois das capitánias do *Marannubim* (*) e *Pará-naça*, a primeira e a mais antiga foi a do rio *Gurupy* (de *gurá*, guella, e *py*, estreita), aonde existiu um grande collegio jesuitico, de que foi primeiro lente de Theologia, e missionario, o illustre philologo Padre Salvador do Valle. (Vid. o nosso romance *Mandú*).

A segunda foi a do *Cud-té* (de *cua*, cintura, e *té*, extensa, por causa da enorme cintura que forma o rio que a banha), a qual teve por donatario um *Porteiro-mor* da casa do duque de *bragança*, (!) de nome *José de Mello e Souza*, que, por ser nobre e *bragantino*, tirou-lhe o pião nome ethnico-indiano de — *cud té*, — e deu-lhe a nobrecente denominação de villa de *bragança* (!) que vingou depois da extincção completa da formosa taba da nação *Aptianga*, moradora no grande Rio do *Peryá*, já catechisada pelo celebre jesuita Padre Bentes Alvares.

— A terceira capitania foi a da *Vigia* : — attendam e vejam bem.

D. João IV, rei de Portugal, cognominado o *restaurador*, pelo anno de 1654 mais ou menos, depois da expulsão dos holandezes de Pernambuco, dêra amplos poderes a um nobre cavalheiro, de nome dom Jorge Gomes Alemo (da Proviccia d'Algarve), homem de negocio e possuidor de grandes cabedaes, para fundar uma villa na capitania do Gram-Pará.

Foi a esta povôa d'Alamo que todos os historiadores de nota, quer nacionaes quer estrangeiros, deram desde o seu inicio coloniense — o nome vulgar de — *Vigia*; e nenhuma chronica coeva diz que a villa fundada por Jorge d'Alamo tivesse *ab initio* nome indo-brazileno. O appellido que ainda hoje possuiu foi-lhe dado desde o começo da sua fundação colonial.

(*) No tocante do vocabulo, *tapy* — *Marawandau*, syncopado é *converso* em *Maranhão* — e que significa «*aguas que correm revolucando, aguas revoltas, marulhosas, etc.*», » consagro no meu livro a «*Polygenesis da Língua Tapy vel Indo-brasileira*» algumas paginas, relativas a este assumpto.

Portanto, a aberrada voz d'*urritá* (!), que alguns coreographos paraenses ajuntaram abesanicamente ao *patá* da Vigia, he de mera invenção moderna, e constitue em face da sciencia e da linguistica americana um verdadeiro contrasenso philologico, como vamos demonstrar.

As pristinas tabas e capitánias do Gram-Pará, como dissemos, foram — *Gurupy, Cuatê, Mojuhy, Sabaka, Mortygura, Cayá, Itacuruçá, Piraiúeri, Aritará e Pará*, e somente estas foram mais tarde pomposamente alcunhadas de: «vizeu, bra-gança, odívelas, salva-terra, donde, oéiras, pombal, sozuel e almeirim»! Referentemente a nobre capitania de *Vigia*, hũa cidade, municipio, comarca e parochia do mesmo nome, proethnologicamente falando, foi sempre conhecida com este predicamento geographico.

Logo, em nenhuma chronica contemporanea da fundação vigilenga se lê escripto o appellido d'*urritá* —, verdadeira antonymia, que apesar de ser composta de vocabulos tupy-cos, offerece um sentido absolutamente contrario a predicação que se lhe quiz dar contra todas as regras do formoso idioma tupy.

D. Jorge d'Alamo depois de lhe dar principio (1645—1654) com o proprio nome de *Vigia*, fracassou no negocio, e, não podendo mais contribuir com os gastos que fizera para levar a cabo o começado, abandonou-a por completo, e foi-se embora em companhia do celebre Padre Antonio, Vieira para a capitania do Maramunham e d'ahi para a serra da Ibiapaba, onde naturalmente finou-se no seio dos indios Tabayaras ou Poty-guáras do Ceará. He bem certo o anexim:—os extremos se tocam!...

O então governador da capitania do Gram-Pará, tenente-general Gomes Freire d'Andrade, conhecendo que D. Jorge Gomes d'Alamo a deixára tão pouco avultada, e querendo reduzi-la á melhor fórma, fez que ficasse então ella pertencendo ao real dominio da corôa portugueza em 1685.

O erudito Padre José de Moraes, missionario da aldeia do *Cabú* ou Tupinambá (hoje de *collares*!) em sua importante obra — *A Historia da Companhia de Jesus na Provincia do Pará*, na pag. 195, assim falava, no anno de 1759, da *Vigia*: «Tem bons ares e he muito farta de peixes... e mariscos:» Ora a palavra por que no tupy se traduz no plural (ou dual)—o vocabulo *marico* —he —*Ará-itá* ou *arain-utá*, como dizem as velhas, significando abundancia, fertilidade etc.. Não estará aqui a origem da corruptela ou verso d'*urritá* (!), da velha taba indiana dos Indios *Guajaráras*? He o que vamos verificar.

Pelo que acabámos de expender, a villa da *Vigia*, que seu proprietario Jorge Gomes d'Alamo abandonara, por improductiva, e que o capitão mór do Gram-Pará, tenente-general Gomes Freire de Andrade, fizera reverter á corôa portugueza, até á era christan de 1685 ainda não conhecia, como primogenita da capitania paraense, o seu celebrisimo e historico *este de pedra* (sic), o tal *urritá* (!) de que nos fala o auctor do *Valle amazonico*, e ulteriormente o Sr. Barão do Guajará, no seu importante livro — *Motins Politicos*, tom. IV, pag. 323.

Ora, não encontrando nós em nenhuma chronica coéva dos Jesuitas que habitaram *Vigia in illo tempore*... e nella fundaram aldeias, missões, collegios, fazendas e egrejas monumentaes, (tal a que ora serve de matriz), repetimos, não deparando com aquella paleontologica *arca de pedra* ou, como dir-se-ia em lidimo tupy-vivo, *Itá-rará* vel *itá-pá-nacá* (nunca jamais — *urritá*); he factível que possamos desencaval-a em alguma archeographia, archivo publico ou Torre de Tombo!

E de feito, quem tiver a pachorra ou antes, a paciencia de embrenhar-se n'este *mare-magnum* de papeis e documentos velhos de que se compoem os *Archivos do Pará*, verá com os seus proprios olhos e com os perscrutadores d'um Lucio de Azevedo;—que nunca jamais aquelle *babú de pedra* (*urritá*) como escreve o conego Bernardino de Souza, fossilizou-se naquelles reconditos archivos... Senão vejamos.

Nos *Archivos do Pará*, rebuscados pelo illustre historiographo paraense João Lucio de Azevedo, na parte que se reporta a resenha das povoações de donatarios, os taes documentos de 1721 assim rezam:

«... A' corôa pertenciam as villas de *Macha*, no Piauhys; *Iatú* e *Tapuy-tápera*, no Maranhão;—*Vigia*, na capitania paraense». (Vid. os Jesuitas no Gram-Pará, pag. 190).

Em 3 de Agosto de 1750, o governador do Gram-Pará Pedro de Mendonça Gurjão, escrevendo ao Conselho Ultramarino acerca de uma terrível epidemia que por espaço de 7 annos assolou o interior do Pará, do numero das victimas dizia: — «Não entram em linha de conta as innumerables fazendas desta capitania, nem as villas de *Vigia-Cacté e Cametá*.»

No «Relatorio» do bacharel João Antonio da Cruz Diniz Pinheiro, ouvidor que foi do Maranhão, composto em 1754, notificando o que continha o Estado do Maranhão em commum e em muitos logares das antigas villas, tabas, missões, freguezias, nomeando-as todas ellas com os seus proprios nomes indígenas, autochtones, indianos, *brazileiros*, excepção ahi feita desta villa e freguezia que vem expressa com o seu velho rotulo—*Vigia*!...

Tratando Diniz Pinheiro no seu *Relatorio* de 1754 das aldeias (Vide bene) existentes no districto da capitania do Pará reza o seguinte:

«... Contam-se 63, dos donatarios:—1 no *Cacté*, 1 no *Cametá*, e 2 na ilha de *Johannes*; da administração real ha 59:—1 no sertão do *Urubú*, dos Padres das Mercês, e 18 dos padres da Companhia que vem á ser:—*Moracanan, Cabá, Vigia* (note-se), *Mortigera, Smanama, Araticum, Aricará*;—no rio Xingú:—*Itacurú, Piraniri, Aricará*;—no Tapajoz:—*Borari, Cumari*;—no rio Cayari (madeira) *Abaraxi, e Traxano*;—entim no alto e baixo Amazonas o mesmo Relatorio indica as aldeias contemporaneas de — *Anajatuba, Caviama, Urubucara, Acaraby, Pará, Mangabeira, Cayó, Iary, Tuari, Uramucu, Gurupá, Arapitá, Maturá, Jamundá, Pauçá, Curú, Nanema, Surubitá, Gurupatuba, Coary, Tefé, Manirá, Paraguá, Turucutuba, Jaba, Caraguay, Aricari, Marindá, Cabuquena, Bararú, Dary*— etc.

Aqui está:—todas as aldeias vem discriminadas com as suas vozes americanas ou indo-brazileas sem tirar nem por; e porque razão só *Vigia* coexistente com todas ellas he a mesmíssima—*Vigia*—em todas as chronicas, chronographias, legendas e narrativas coetaneas?!

Isto só demonsta um facto unico:—aquella encantada «... *lage* que havia no porto *pombalico*! e que ao *longe* assemelhava-se a um *bahú* (sic), como disse o Conego Francisco Bernardino de Souza nas suas boas—*Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas*;—aquelle *urú*—«esto com tampa, feito de *cipó* entremado de palha, que serve de *bahú* aos indios,—e de—*itá* (?) pedra,»—de que nos falla o illustre Barão de Guajará nos *Motins Politicos*, vol. IV, pag. 323, he uma ficção, uma pura invenção engenhosa introduzida apenas por pessoas que não sabiam a nossa formosa lingua Tupy ou *Nbengatú*, e autorizada tão somente pela lei do menor esforço ou da preguiça, como diria o nosso philologo João Ribeiro... e nada mais.

Os nossos indios Tupinambás, antigos moradores n'estas paragens, nunca conheceram este *cato* de *pedra*; os seus velhos habitantes nunca lobrigaram esta *lage*; e *urú-itá*, na lingua tupy, não tem absolutamente o sentido que se lhe quer falsamente attribuir.

He portanto um erro crassissimo, um absurdo, um não senso linguistico, um verdadeiro caso de glossopetria teratologica!

Sendo as linguas do nosso prisino *Arabután* ou *Berezaité*, como o *Tupy* e o *Guaraný* do grupo das agglutinadas, cada nome he quasi uma descripção do objecto que representa, porque cada syllaba exprime uma idéa. V. gr:—*acajá*, fructa conhecida, he composta de *á*, fructa; *já*, amarella; *aca*, chifre; *scilicet*, fructa amarella de chifre; *itaipú*, de *itá*, «pedra» e *apiy*, soando *apó*, «ponta, apontado», allusivo a ser um cabo, ou ponta de terra saliente; *itá-tuba*, de *itá*, «pedra» e *teua*, *tib*, para exprimir logar peculiar, abundante de pedras, pedreira etc; *cá-dré* ou *ará-cia*, de *ará*, serra, monte, e *cá*, multidão, serie, cordilheira, para exprimir cadeia de montanhas, serras continuadas... como indica o proprio nome do Estado do—*Cad-ará-ráib*, que he a região das serras, e não logar de *araras*... papagaios e de *sulá*!...

Os nomes na lingua Tupy ou *Nbengatú* se declinam como no Grego e no Sanskrit, com a differença, porém, de que o *genitivo* he sempre *antepondo* ao nome que o rege; v. gr., casa de Mandú, *Mandú-oba*, flor de Barbara, *Miríua potyra*, cofo de pedra, *itá-urú*, e nunca jamais pôde ser invertido em caso nenhum, nem excepção ha nesta regra (como seria aqui o caso d'—*urú-itá*!); como no inglez—o possuidor vem sempre antes do objecto possuido; ou como bem disse e primeiro e o mais abalizado philologo brasileiro padre

Luiz Figueira, (que naufragou na *barriña*, bem defronte da Vigia), na sua importante *Grammatica da Lingua Geral* sobre o Genitivo: «Qualquer nome substantivo posto com outro tambem substantivo, se estiver no *primeiro lugar*, fica sendo Genitivo; v. g., *itácuara*, buraco de pedra; o nome *itá*, he genitivo».

Si por ventura se podesse dizer *cuarayitá*, o genitivo seria *cuara* e não *itá*, e traduzir-se-ia então por pedra do buraco (*cuara-itá*) e não buraco de pedra... (*itá-cuara*); *pariter ac*:—o vocabulo *uruitá*, consoante a regra supra devia ser traduzido *ad litteram*, por pedra de cofo, e não cofo ou cestinho de pedra—*ytd-rará* como querem os modernos topographos!...

Dado mesmo e não concedido—que Vigia *ab initio* fosse appellada pelos tupinambás por *cesto*, *cofo* ou *habá* de *pedra* e vice-versa, ainda assim a palavra—*urá itá*—não poderia jamais exprimir aquella *lage* ou *cesto de pedra* nunca d'antes nem depois bispado por nenhum olho vivo, ou como diria Camões, «nunca claramente vista a *lage viva*», porque em tupy, a palavra substantiva *itá* ou *ytd*, propriamente dita, no sentido de *pedra* que no latim he *petra*, no grego, *lithós*, no sanskritto, *para-itá*, quando entra na composição de nomes, sempre os *antecede*, como por exemplo nos vocabulos: *itá-pirá*, peixe-pedra, *itá-bira*, diamante, *itá-curumin*, menino de pedra, *itá-curaçá*, cruz de pedra; *itá-jubá*, pedra amarella, ouro; *itá-mambuca*, pedra furada, (a palavra *peruambuco* he corruptela de *para-mambuca*, que ainda conserva o prefixo indo-areano—*para*), pedra, e *mambuca*, furada de um ao outro lado, perfurada, como são os seus enormes arrecifes pela acção do mar ou *para-para*): *itá-oka*, casa de pedra, (no sanskritto he a mesma coisa—*para-it'oka*), *itá-maracá*, sino de pedra, *itá-puan*, pedra redonda, *itá-pucá*, pedra larga, *itá-rará*, pedra concava, *itá-linga*, pedra branca, e assim mil outros, e não ha e nem haverá um só caso no Tupy, quer antigo quer moderno em que o vocabulo *itá*, significan *lo pedra*, seja *suffixo* ou *postpositivo*, como no aberrado caso d'*uruitá*—que nem por synchysse nem synerese poderia ser explicado nem applicado ao caso.

Logo: *itá* com significação de *pedra* he sempre prefixo, anteposto: e quando por ventura a syllaba *itá* vem no fim do vocabulo tupyco, seja qual for, nunca significa *pedra*, em caso nenhum, e apenas, como se verá, assignala a abundancia, copia, fertilidade da coisa; este *suffixo* he o que se chama em pura linguagem Tupy—o vero signal do *plural*; pois, he regra geral, que o plural nos nomes tupsy forma-se por meio da particula—*itá*—sempre *postposta* aos mesmos: v. g.: *mira-itá*, povos; *kariua-itá*, brancos; com effeito, quando se ajunta a qualquer substantivo no *Neubengatá* o signal do plural—*itá*—este *sangama* invariavel dá sempre um tom determinativo, dualico, *exempli gratia*: *ap'gana-itá*, os hoimens, *cu-haw-itá*; (no grego *gunam*, *guné*), as mulheres: *paby-itá*, os padras, *pira-itá*, os peixes, *mirá-itá* os espelhos, *pixana-itá* (no sanskritto tambem he *pixana*), os gatos; *nby-reri-itá*, os paneiros de farinha, e finalmente—a voz agglutinada d'*urú-itá*—só poderia expressar em sua verdadeira plurificação os *cofos* de *guayaná* ou senão os cestinhos onde as indias formosas (*tapuya-itá-puranga*) guardavam seus perfumes, remedios, *poçom-runga*—e as miudezas de estimação... Uma de duas: *aitá' ourniari cuíre maban caná' oiko sera?*

Já vimos que o vocabulo tupy—*itá*—no sentido de *pedra*, que vem do sanskritto—*para-itá*, he sempre *postposto*, como *itá-gy*, «machado de pedras», *itá-hicé*, «faca de pedras». Assim o genitivo de *posseão* se conhece porque a coisa *possuida* vem sempre *postposta*. Quando por ventura no Tupy a preposição—*de*—significa a materia do que alguma coisa se faz, na composição traduz-se por duas maneiras: ou antepõe-se o objecto que he feito de tal materia, como *itá-pud*, «pregos», ou então ajunta-se à materia de que se faz o objecto, a preposição ou particula—*em*, *xiara* vel *xiara*, como prego de ferro, *itapud-itá-em*; espingarda de ferro, *mukaua-itá-xiara*; «faca de ferro», *hicé itá-nna xiara*, de sorte que a palavra *itá* significando *pedra* nunca vem só ou suffixada; facto identico temos observado no genitivo dos themas em *a*, no sanskritto e no zend, como demonstramos no nosso livro a—PALYGENESIS DA LINGUA TUPY ou Indo-brazileira.

O sabio indianologo Dr. João Mendes, fallando da estrutura da lingua Tupy, diz: «O substantivo he declinado com o acrescimo de *posposições*; menos no nominativo, accusativo e vocativo. O *genitivo* em geral, he formado com dous substantivos, servindo de tal o primeiro; como—*itá oka*—«casa de pedras»; mas ha outra especie de genitivo, em que é tal o segundo substantivo, maximé tratando-se da *forma*, *modo*, *medida*, ou da materia

de que é composta a pessoa ou a cousa; porém logo em seguida ao segundo substantivo acrescenta-se sempre a *posposição* *rié* ou *ri*, e mais o verbal *gudra* ou *çuiara*; ex: casa de taboas, *okaimira-pé-rié-guara*, prego de ferro, *itapua-ita'-una-çuiara*.» (Vid. Dice. Top. da Prov. de S. Paulo.)

Neste caso, se quizessemos traduzir a matéria de que se fez a cousa, como na fórmula esdruxula—*a'uruitá*—devíamos dizer—*uruitá-rié-gudra* ou melhor *urú-ita'-çuiara*, cofo, ou vaso feito de pedra, e nunca sómente *uruitá*, porque *ita'* acrescentado ao nome, he sempre *signal de plural*, significa:—*porção, quantidade, abundancia, muitos*, e corresponde ao nosso—*s*: por exemplo: *apguau-ita'* «homens», *kúrurá-ita'* «saposo», *urári-ita'* «venenoso», *urúitá* «cocos», *in quibus intus ibant canceres!*...

Dz-se aqui, com a palavra *ita'*, significando «pedra» o mesmo phenomeno em tupy com o vocabulo *y*, *hy*, *hn*, *yg*, no sentido de «agua» ou «rio» entrando em composição, sempre he *prefixo* e nunca *suffixo* como no grego—*hydroa*, *abydora* ou *abudora* que em composição de muitos vocabulos gregos, e significando «agua» deve ser preposto e nunca posposto.

Ocorre ponderar que no Tupy, mesmo as particulas, ou dicções, que na opinião de varios grammaticographos, são simplesmente *expletivas*, ou *exornativas*, nada exprimindo, e apenas para compôr com *synergia*, graça, elegancia ou suphonia, palavras e phrases, encerram, ao contrario, cada uma, determinada noção.

A Língua Tupy, diz o sábio philologo Dr. João Mendes, de saudosa memoria, «nada precisa pedir ás outras linguas, mortas ou vivas». Concatenando syllabas, particulas ou dicções, e agglutinando palavras, o indio brazileño forma nomes, verbos, adverbios, ou qualquer parte da oração, para exprimir com justeza admiravel qualquer, certo, e determinado pensamento, ou para assignallar individuo, animal, vegetal, ou mineral, ou para descrever logares: e a nomenclatura, especialmente, resulta da apparencia, ou do *characterístico*, ou do modo de ser do individuo, objecto, ou logar nomeado, com a maior exactidão, como *pará* que he mesmo mar, e *aiá-rá*,—região das serras, e *aru-ita'* logar abundante de carangueijos.

Sob o ponto de vista da nomenclatura dos logares, o indigena era de uma perfeição tal, que não se limitava a assignallar no nome os *principaes característicos* do logar nomeado. O indio *brazileño*, tendo de denominar uma serra, um ribeirão, uma lagôa, em uma mesma região,—não raras vezes procurava palavras que formassem nomes com som identico ou quasi identico, assignando a serra, ribeirão e a lagôa; como, *exempli gratia*:—*Apo-dy*, «serra distante d'agua» de *apod* afastado (no grego *apos* marca o afastamento do logar) e *y* «agua» (no grego *hy*, agua); *Pancy* significa *fim dos campos geraci*, de *pau* «acabar» (no grego *pau* significa tambem *cessar*), e *xi*, «campos», donde vem a palavra *parcy*, «matto, bosque espesso, grosso», (no sanscrito e no grego tem a mesma significação). *Erê-Erê*—monte sobre montes (no grego *orê*, *tra*, terra, alto), como são os do Monte-Alegre no Pará; *Ara-ripe* «serra abrupta», no sanscrito tem o mesmo significado, *drâb*, «serra, monte, e ri-pe, «abrupta», *Yi-d-paba* de *yui*, «terra, a part. augmentativa, e *paua*, «fim, limites»; allusivo a ser aquella *Serra-grande*—«limites ou fins das terras do *Pi-ary* (*), Maramunham, Cea-rá, e d'outros Estados do Brazil.

D'estarte o indio brazileño usava dar, como o aryano, denominações com som identico a logares varios na mesma região:—fino joço de espirito que attesta nelle a especial tendencia para a arte ou antes, para a sciencia da nomenclatura. Desgraçadamente os que se metteram bobamente a explicadores de *denominações indigenas*, não comprehendendo quicô o genio da lingua e fundados menos em estudos que tivessem feito do que na reputação de sabios, que adquiriram, quizeram attribuir aos brazileños dislates de toda a especie, como se fossem povos destituídos das operações mentaes!...

Para muitos sabichões a letra—*y*—ou *i* ou *hy*, no fim da palavra era «rio, agua»; *tuba*, «abundancia», «muitos»; e sempre que deparavam com o vocabulo *ita'*, vinha-lhes logo ao bestuto a palavra *pedra*, como vemos agora no pombalino — *uruitá* — o falado *babú de pedra o empalhado cesto de pedra com tampa* (!)

(*) Vid. nota in-fus—*Pianhy*.

Os pobres aborígenes, em summa, pelas explicações de Martius, Goeldi, Wapaeus e outros, nunca passaram de uns *panémus* no modo de nomear os lugares!... Veremos, na verdadeira significação e versão d'*Arutá* a grande superioridade dos nossos índios ainda errantes nas selvas do Pará. (*)

O exímio propagandista da dialectação da lingua indo-braziliana nos Estados de Piratininga, na Paulicéa d'Ankieta, — o illustrado Dr. Theodoro Sampaio, já na sua grandiloqua Memoria sobre o *Tupy* na *Geographia nacional*, e em carta que nos endereçou confirma que: «As denominações tupys das localidades ou dos individuos, como todos os *epithetos* de procedencia brazilica, são de uma realidade descriptiva admiravel, exprimem sempre as feições caracteristicas do objecto denominado como productos que são de impressões nitidas, *imataes*, reais, *immanentes*, vivas, como sohem experimentar os povos infantis, incultos no perenne e assiduo convívio com a sabia natureza.»

He o caso da velha *Arutá*!

Os índios que occuparam antigamente esta região tropical foram os índios da costa chamados brazilianamente *Tupymambi-itá capé*... e depois os *Guajá-nára*, que significa comedores de *guajá* ou *arú*, especies de mariscos ou molluscos gasteropodios, *caranunjos* (do grego *kara*, cabeça, e *nun*, fechar), que abundavam n'estas paragens.

Os chronistas contemporaneos inventaram uma *patranha* sobre o nome brazileno d'esta localidade, dizendo que os seus primeiros habitantes a dedominavam — *Urutá*! — por causa de uma *lage*, ou por causa de um cesto de pedra (!) que havia no porto pombalico.

Já provamos que tudo isto he falso, porque os Padres da *Companhia* que fundaram as aldeias do *Cabé* (hoje Collares!) e *Mamayacá*, e o sítio *Guajá-nára* nunca encheram, nem de leve alludiram nas suas chronicas ao famoso *cesto de pedra*!... Nem *urú* significa «cesto», que no tupy he *uturú* ou *panaca*, nem «babú» que se traduz por *patud*.

Na composição tupylogica, o vocabulo *itá* «pedra» he sempre prefixo, como — *itá-apaná* — «gigante de pedra».

Portanto, *urutá*! he uma denominação moderna que não podia nem pre-historica nem paleogeographicamente ser applicada ao territorio da Vigia.

Felizmente o illustre creador da corographia paraense, Baena, falando da Vigia, limitou-se a dizer que os índios lhe chamavam *Urutá*!... sem mais explicações, no que andou bem. Cerqueira e Silva, que tambem escreveu sobre Vigia, ainda no anno de 1833, nada disse sobre o encantado *cesto, lage* ou *babú de pedra*!!!

Logo, não passa isto de méra conjectura da parte de alguns corographos paraenses; pois, como se sabe, da primitiva historia desses estabelecimentos indigenas, cujos nomes indo-brazilenos foram *propositamente substituidos* pelos *regalengos portuguezes*, na época da atroz perseguição pombalica contra a heroica companhia de Jesus, nós só conhecemos os nomes indo-brazilenos apontados ainda em suas chronicas, lendas e narrativas.

Porém... voltando ao tal — *urú-itá*... por acaso não se poderá encontrar n'esta corruptela indiana, não a legenda d'aquelle «cesto de pedra» mas a nota característica d'este logar?!

E de feito, a palavra com que os *Tupymambi-itá-capé* ou os *Guajá-nára* podiam alcançar, appellidar, *cevar* a nobre capitania de Jorge d'Alamo, aliás *Vigia*, foi, he e ha-de-ser *Arú-itá*, porque he Tupy e tupy velho, de lei e de 18 kilates.

— *Arú*, plurificado em *arunim*, *aru-itá*, significa logar abundante de mariscos, *caranunjos*, *caranguejos* enfim. — *Arú*, quer no tupy, quer no sanscrito, significa *karanguejo*, (do grego *karakarus* duro, e *gnom*, «unha» do latim *cancer*, «crabe, pioche») como se pode ver nos estudos arianos de Wilson, Bopp, Westergaard; *aru-a-im-itá*, syncopado em *aru-itá*, quer dizer *caracteristicamente* logar muito farto de crustaceos decapodios, como são as margens do mesmo canal chamado *Guajá-arú*; pois este mesmo nome tupyco de *Guajá-arú* indica a permanencia, a fartura localisada dos *arunim*, *urú*, *gnom* nos seus mangues e tyjuas; *guayamí* chamam os Índios do 4.º Signo do zodaco por parecer com o caranguejo.

(*) Convem saber: o vocabulo — *Pará* — he tupy lidimo; significa — rio, propriamente dito. No sanscrito, no kichua e no egypcio tem o mesmo significado.

Este nome brasileiro *Guajá-rá*, braço do rio que banha Vigia, deve-se ainda a colonia dos Indios *Guajá-nára*, que vieram da ilha do *Marámunbau*, com os Jesuitas, estabelecer-se no territorio paraense em principio de 1700 mais ou menos ... e a estes indios, pois que fundaram a aldeia de Tupinambá (hoje *Collares*), devemos o conhecimento do vocabulo —*ará* (cancer) que não se deve confundir com o nome *gu-ará* que quer dizer *sapo ou ran*, cujo coaxar nos lagos imita o esgarceo ou motejo proprio dos Gury's.

Note-se bem: o vocabulo indo-brasileño que, no Maranhão, e na Parahyba do Norte e no Ceará, significa «carangueijo» e mormente o do mangue—he *guayá* ou *guajá* e *guaja-nára* são os povos ou tribus indianas que d'elles se alimentam, como *Poty-gudras*, eram os indios do Rio Grande do Norte e do Ceará e do Maranhão, que se alimentavam de camarões, de *poty* «camarão», e *guára* «comedora».

Dahi a véra origem do nome brasileiro do conhecido tuchaua ou cacyke *potyguára* —D. Antonio Felipe Camarão, o cerocado *Poty-guaçu*.

Portanto, *guayá*, *guajá*, *guain*, *guayamú*, são palavras tupy que significam carangueijos, caramujos, mariscos, *canceres*; e *guajandras* são gentes que se alimentam de ordinario de mariscos, *scilicet*, de todo o peixe de concha, casca, crusta, v. g., *camarões*, ostras, lagostas, mexilhões, e siris etc., etc.

Logo o nome d'*urú-itá*—tão passa de uma simples corruptela do genuino vocabulo —*Ariú-itá*—que fornece a nota *dual* e caracteristica do lugar: —«...*sítio de mucho pescado, de grand multitud de cangrejos*...», como diz bem o padre Christóbal d'Alcunha, ou como a traduziu o padre José de Moraes: «Terra muito farta de peixe e de mariscos.» Isto he: *Ará*, *arnain*, *aruidá*.

A' vista disto, desaparece por completo o *cofo de pedra* mythologico dos corographos paraenses, para só encherarmos com prazer e alegria os innumerables cofos de carangueijos —*aruidá-verá*, o melhor petisco dos vigilengos e dos modernos *gua-jauáras*. E por isso—*Manbrana* ou *Vigia* (he) a verdadeira patria dos *guayamús*, a bella *Aruidama*,—de que nos falla a *Serena Estrella* da Vigia por bocca do seu illustre filho e poeta Evaristo Ferreira, que assim a definiu *ex-cathedra*: Por—

- « Que és terra dos carangueijos
- « Das tainhas e *Ten-tens*, ...
- « Que guardem as outras seu fausto,
- « Que a nenhuma inveja tens;
- « Basta só p'ra realçares
- « A pureza dos teus ares.

(Finis.)

Conego Ulysses de Lencastre.

(*) No grego, *palra* se traduzia por *lithos*, *lithis*, *lithet*, *lithon*, *gens stupides et grossiers, lieu rude, et pierres*, d'onde vem o vocabulo *lithographia*, *photographia*, *uriah*, etc.

(**) *Pi-sa-y* ou *Pianghi*, como grapha o padre José de Moraes, he um vocabulo oriundo do Sanskrito —*ap*, syncopado em *pi*, «humidade», e *sa-w-i*, «que torna fertil, engorda», e *y* ou *gy* «terra»; *pi-sa-y* ou *pi-sa-gi*, terra que cria pasto, uberrima, pingue.

Daniel de La Touche



MUITO se tem escripto sobre as primeiras incursões estrangeiras na ambicionada colonisação da abençoada Amazonia; mas ninguem poderá esquecer, por aquella época de aventureiros argonautas, o altivo nome desse velho fidalgo francez, que veio incrustar os seus brazões nas primeiras muralhas da cidade de S. Luiz do Maranhão.

Daniel de La Touche, senhor de La Ravardiére, com o seu grande chapéu de altas plumas, como se usava na cõrte de seu rei Henrique IV e depois Luiz XIII, distrahia a sua phantasia de fidalgo em descobrir terras para soberanos, que tão pouco valôr davam a esse serviço.

João Lucio de Azevedo, na sua obra «Estudos da historia Paraense», assignala de feitos heroicos as costumadas investidas do viajor de Cancale.

Assim parece que os pilotos francezes conheciam com mais certeza o canal labyrinthico, com que se passava do mar, para o leito do grande rio, que a maravilhosa imaginação de Orellana tinha envolvido nas phantasias de um novo conto oriental.

Inglezes e holandezes, pelo começo do seculo XVII, haviam-se intromettido por estas bandas em avançamento aos proprios francezes, como filibusteiros e corsarios do rio, sem quasi deixarem nota historica da passagem, no cuidado insidioso de armar os naturaes contra outras piratarias que atraz delles viessem.

O senhor de la Ravardiére não sujava as mãos finas de fidalgo, com os accenos nojentos de uma pirataria vulgar: fazia as suas observações de nautica, os seus roteiros discriminadores da costa, e tinha uma piedade christã para a conquista que voluntariamente se lhe apresentava.

Seguindo nas aguas o rastro das quilhas do corsario Riffault que, pelo anno de 1594, estabelecera as primeiras fundações da colonização franceza ao sul da linha equinoxial, menos ouzado que elle, porém, mais prudente e mais cauteloso que o outro, La Ravardiére, em segunda viagem que fez ao Norte do Brazil, com as cartas patentes, de 1605, do seu soberano, que lhe concedia o dominio das terras conquistadas nesse mundo novo, estabeleceu os alicerces do forte «S. Luiz», nome que talvez recordasse o mais piedoso rei da França, ou com o sentido de lisongear a vaidade de Luiz XIII, dando inicio á elegantissima capital do Maranhão, cujo povo intelligente e culto, ainda parece lembrar os prodomos da catechese da fidalguia franceza.

A ambição scientifica e venturosa de la Ravardiére não descansou na bahia de S. Marcos, onde a civilização radicára por uma luminosa decada. Em 8 de Julho de 1613, apparelhou uma esquadrilla, em cujo bordo fez embarcar quarenta soldados, dez marinheiros e vinte principaes dos selvagens, fazendo-se de velas, até as terras de «Cuman» e «Caeté», actuaes limites de Bragança; ali reuniu novos contingentes de indios, com os quaes fez-se rumo de N. entrando pelos rios Pacajá e Parijô, como talvez então chamassem ás maravilhosas aguas do Tocantins, cujos primitivos habitantes aperceberam os acenos da civilização por aquellas velas, que traziam-lhes as promessas desse futuro longinquo, que até agora ainda os não poudé encontrar, para o verdadeiro destino da sua importancia social. Foi ali que emissarios, enviados do Maranhão, fôram-lhe entregar ás pressas, cartas do sr. de Pisiens, que elle tinha deixado como governador da florescente colonia franceza, dando-lhe conta de approximar-se a frota luzitana que sahira de Pernambuco, com o fito de expulsar os estrangeiros do N. do Brazil.

Sem esse contratempo, que poder-se-ia esperar sobre a colonização do extremo norte? O destino tem regras insondaveis e ninguem pôde prescrutar, nos mysterios da historia, a sorte dos povos no esquadrinho das conquistas.

O sr. de la Ravardiére voltou ao Maranhão, ainda a tempo de se ver sitiado pelos valorosos portuguezes aos quaes entregou a sua espada na capitulação, depois do memoravel combate de Guaxinduba aos 20 dias de 1614.

Foi assim decidida a sorte da fundação de Belém pelo capitão Caldeira Castello Branco que, com muita razão, chamou as terras conquistadas de «Feliz Luzitania».

O sr. de la Ravardiére, acabrunhado pela derrota, mas, calmo e activo, sujeitou-se ás leis marciaes do seu tempo e sempre amigo da Amazonia, de que se lembrava continuamente com o seu espirito de saudades, entregou aos capitães portuguezes, mapps e rôtas, para aquelles descobrimentos, que vieram a reflorir, sobre as armas do poderoso Felipe IV da Hespanha.

A capitulação de la Ravardiére dera-se na quarta-feira 3 de Novembro de 1614. *Chamados os fillos de Maranhão, dadas-lhes as suas patrias, os casados legitimamente com algumas indias brasileiras.*

Ha controversias entre os historiadores: uns dizem que o cavalheiro francez fôra encarcerado na torre de Belém, em Portugal, e outros dão-lhe paradeiros diversos.

Falleceu Daniel de La Touche (Senhor de La Ravardiére) em sua patria, aos 60 annos de idade, no anno de 1631.

Ignacio Moura.

A Primeira Assembléa Legislativa do Pará



UNDADA a cidade de Belém, em 1616, foi a capitania do Pará governada, até 1626, por diversos capitães-mores nomeados pelas côrtes de Lisboa e que recebiam ordens do Governador Geral do Brazil; de 1626 a 1652, passou a ser administrada pelos capitães-generaes, governadores do Estado do Maranhão e Pará; de 1652 a 1654, tornou-se Estado independente do de Maranhão, governando-o os capitães-generaes, e, de 1657 a 1772, voltou novamente à dependencia do Maranhão, separando-se definitivamente em 1811.

Neste anno, começou a administral-o uma Junta Provisoria, na fôrma do alvará de 12 de Dezembro de 1770, cujo dominio terminou em 1817, quando tomou posse, a 19 de Outubro desse anno (1817) o conde de Villa Flôr, capitão-general, que serviu até 1.º de Julho de 1820. Com a terminação do mandato do Conde de Villa Flôr, foi posto novamente em execução o alvará citado, funcionando novamente as Juntas Provisorias, em numero de tres, cuja dominação estendeu-se até 28 de Fevereiro de 1823. Em 1.º de Março do mesmo anno, foi eleito, por vereadores, officiaes e cidadãos, uma Junta Provisoria que tomou conta do gverno até 17 de Agosto (1823).

Com o advento da Independencia do Brazil, a 7 de Setembro (1822) continuou a governar o Pará a ultima Junta Provisoria organizada por eleição, já amoldada ao systema constitucional, a qual havia tomado posse a 18 de Agosto de 1823, e que dirigiu os destinos do Pará até Maio de 1824. A esta ultima Junta succedeu o governo presidencial, cujo regimen terminou com a gloriosa epopéa da Republica do E. U. do Brazil, sendo o primeiro presidente da então Provincia do Pará, o coronel José de Araujo Roso.

As juntas resolviam os negocios publicos em reunião do Conselho de Estado, de onde partiam todos os actos registrados nas respectivas actas; os presidentes, como os vice-presidentes até 1837, recebiam ordens directas do governo central, de accordo com as leis decretadas pela Assembléa Geral.

No sentido de levar a effeito a pacificação da Provincia, que desde de 1821 vinha sendo theatro de luctas, incorporando-se a ella a *cabanagem*, que determinavam successiva nomeações de presidentes, o governo geral nomeou para este cargo o brigadeiro Francisco José Soares de Andréa, mais tarde Barão de Caçapava, que já aqui estivera como commandante das armas, no governo do Barão de Itapicuru-mirim, em 1831.

Chegando o nomeado à Tatuoca, séde então do governo legal da Provincia, a 9 de Abril de 1836, nesse mesmo dia assumiu exercicio do cargo, em substituição do marechal Manoel Jorge Rodrigues, que da capital fôra expulso pelos *cabanos*, pondo logo em pratica os meios que julgou acertados para estabelecer a paz, o que não conseguiu por meios brandos, por não ter accedido Eduardo Angelim as suas exigencias.

Vendo-se sem meios para reagir, o famoso chefe dos *cabanos*, no dia 3 de Maio (1836), evacuou a cidade, e no dia seguinte tomou posse Andréa, acompanhado do seu secretario Bernardo Joaquim de Mattos, continuando a pôr em pratica medidas que assegurassem a sua victoria.

Andréa governou o Pará até 29 de Agosto de 1839, quando entregou o governo ao distincto paraense dr. Bernardo de Souza Franco.

Coube, pois, ao brigadeiro Andréa a dita de, como presidente da Provincia, comunicar-se com o nosso primeiro cargo legislativo.

A primeira sessão da Assembléa Legislativa realisou-se no dia 29 de Março de 1838, sob a presidência do dr. Marcellino José Cardoso, nomeado pelo presidente da Provincia, nos termos da regimento de 27 de Agosto de 1828, o qual teve como secretario o dr. José Maria de Moraes, que nomeou os deputados João Henrique Diniz, Francisco Pinto de Araujo, Lourenço de Mattos, João Henriques de Mattos e dr. Lourenço da Silva Santiago, para, em commissão, na forma regimental, darem parecer sobre os diplomas de deputados exhibidos á mesa.

Essa commissão encontrou legal os diplomas, tomando posse os seus portadores. No dia seguinte, (29 de Março) realisou-se a abertura solenne da Assembléa, comparecendo a ella o secretario do Governo Provisorio, dr. Miguel Antonio Nobre, portador da FALLA do brigadeiro Francisco Andréa, sendo elle introduzido no recinto dos trabalhos por uma commissão composta dos deputados Bernardo Joaquim de Mattos, João Henrique de Mattos e outros.

Na forma do regimento foram aclamados, nessa sessão, para formar a primeira mesa, os deputados dr. Marcellino José Cardoso, presidente; dr. José Maria de Moraes, vice; Antonio Manoel de Souza Trovão, secretario, e João de Deus e Silva, suplente.

Para essa primeira Assembléa Provincial do Pará foram diplomados pela Camara Municipal de Belém os seguintes cidadãos: dr. Marcellino José Cardoso, presidente; dr. João Maria de Moraes e João José de Deus e Silva, secretarios, que constituiram a mesa; Bernardo Joaquim de Mattos, padre Bento José Labre Martel, Antonio Agostinho Andrade Figueira, Antonio Manoel de Souza Trovão, padre Antonio Manoel Sanches de Brito, Pedro Henrique de Almeida Seabra, padre Antonio José de Souza Loureiro, padre Victorio Procopio Serrão, Antonio Agostinho de Almeida, Lourenço Lucidoro da Motta, dr. Lourenço José da Silva Santiago, tenente-coronel Manoel Lourenço de Mattos, Marcellino Manoel Perdigão, padre Prudencio das Mercês Tavares, Pastana Vasconcellos, Procopio Serrão, conego Raymundo Severino de Mattos, conego Silvestre Antonio Pereira da Serra, Raymundo Sanches de Brito, Mathias José da Silva e Costa, José Augusto Corrêa, João Maximiano Furtado, padre João Florencio de Chermont, José da Silva e Cunha, padre Manoel Theodoro Teixeira, Hilario Pedro Gurjão, Manoel Gonçalves, padre Francisco Pinto Moreira, Francisco Antonio da Silva Bittencourt, Ernesto Emiliano de Medeiros, padre Francisco Pinto de Castilho, José Pinto de Araujo, dr. José F. Cardoso, major Joaquim Rodrigues de Andrade, padre Joaquim Roberto da Costa Pimentel, João Maria de Moraes, José Antonio Ventura, João Henrique de Mattos, Geraldo José de Abreu, tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira e Francisco Antonio da Costa, os quaes, em sua maioria, tomaram parte nos trabalhos dessa primeira legislatura; os supplentes, como substitutos dos effectivos, tambem funcionaram.

Em 1838 a Assembléa teve segunda reunião extraordinaria, no mez de Maio, por uma convocação do Presidente Andréa, especialmente para a discussão do primeiro orçamento da Provincia, no exercicio financeiro de 1838 — 1839.

Essa lei, n. 9, de Maio de 1838, não marcou a importancia da receita, mas fixou a despesa em 247:770\$000,

O subsidio dos deputados foi fixado por Andréa em 35200 e em 25000 a indemnisação por dia de viagem, tanto na ida como na volta, aos que morassem fóra da capital.

A lei n. 11, de 12 de Maio de 1838, marcou o mesmo subsidio, elevando aquella indemnisação para 25500 e marcando o dia 15 de Agosto para a abertura dos trabalhos legislativos.

Nessa primeira sessão foram decretadas tres leis, sendo estas as mais importantes:

— N. 3, de 25 de Abril de 1838, reorganizando a secretaria do governo. — N. 5, de 30 de Abril de 1838, marcando a congrua dos vigarios. — N. 8, de 8 de Maio de 1838, autorizando o governo a mandar vir de Portugal até 30 religiosos, para servirem de vigarios nas egrejas vagas dos sertões da provincia. — N. 10, de 12 de Maio de 1838, creando nas immedições da capital um hospital para os morpheticos. — N. 13, de 12 de Maio de 1838, concedendo, sem nenhuma subvenção, privilegio exclusivo por 20 annos para a navegacao a vapor de todos os rios, bahias, enseadas e demais aguas da provincia.

A receita arrecadada attingiu a 230:799\$524 e a despesa chegou a 138:783\$489, apresentando assim um saldo de 97:016\$035.

CASA BRANCA

Rua Conselheiro João Alfredo, n. 65

DE

J. CRUZ

Casa especialista em camizas, ceroulas, punhos, gravatas, chapéus, bengalas,

fatinhos, gorros, bonnets e chapéus para crianças

além de muito outros artigos, para homem

VENDE POR PREÇO RESUMIDÍSSIMO

CENTRO MILITAR

DE

ADELINO ARANTES

CAIXA POSTAL, 362

END. TELEG. CRSPMS

Trav. S. Mathias, 6

BELEM - PARÁ

TELEPHONE, 549

USA-SE O COD. RUDEIRO



ESTABELECIMENTO DE UNIFORMES E UTENSÍLIOS MILITARES
COM OFFICINAS DE ALFAIATE E SIRGUEIRO

MONTADAS NAS MELHORES CONDIÇÕES

ÚNICO ESTABELECIMENTO DO GÊNERO NO NORTE DO BRASIL

ARMAZEN DE ESTIVAS E FAZENDAS

COMPRAM E VENDEM PENHAS DE CARÇAS AOS MELHORES PREÇOS

GRANDE SORTIMENTO EM CHAPÉUS DO CHILE

S. MARQUES & COMP.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

COMISSÕES A CONSIGNAÇÕES

Endereço telegraphico - MARQUEZ

CODIGOS:

• RUDEIRO - A B C 2ª edição

CAIXA POSTAL - 69

RUA 15 DE NOVEMBRO - 50

PARÁ

MARTINS, IRMÃO & C.^A

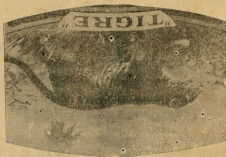
NEGOCIANTES DE TABACOS E BEBIDAS

RECEBEM DIRECTAMENTE DOS PRINCIPAES CENTROS PRODUCTORES

ALCOOL, CACHAÇA, TABACOS EM MOLHO E EM CORDA

UNICOS DEPOSITARIOS DE VINHOS

DA MARCA BASTANTE CONHECIDA



MARCA REGISTRADA

CAIXA DO CORREIO N. 56

ENDERÇO TELEG. TIGRE

CASAS

Boulevard da Republica, n. 31 (Escritorio) — Telephone, 153

Avenida Independencia, n. 53-J — Telephone, 121

Travessa 22 de Junho (Em frente á succursal de Bombeiros)

Praça Floriano Peixoto (Vulgo bocca de Canudos) — Telephone, 245

USA-SE CODIGO RIBEIRO

BELÉM — PARÁ — BRAZIL

Camillo Velhote

AGENTE DE CASAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

52—RUA 15 DE NOVEMBRO—52

Caixa Postal—698 — Telephone — 779

Endereço Telegraphico—VILPARAIZO

CODIGOS—Ribeiro, Liebers e Particulares

REPRESENTAÇÃO EM MANAOS

Acceita representações e consignações,
prestando, incondicionalmente, quaesquer serviços
de sua especialidade a quem os solicitar.

BELÉM—PARÁ

CASA SALTÃO

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 74

— DE —

F. C. SALTÃO & COMP.

Constante e variado sortimento
de artigos para Foot-Ball
e mais generos de Sports,
como sejam:

BOLAS, BOMBAS, APITOS PARA REFEREE,
CALÇÕES PARA REMO E FOOT-BALL,
CANELLEIRAS, JOELHEIRAS, MEIAS, PNEU-
MATICOS, JERSEYS, BOTAS.

Completo sortimento de miudezas e artigos

* * * para fumantes, etc. * * *

Campo de Foot-Ball

AVENIDA TITO FRANCO (MARCO)

DE

FERREIRA & COMMANDITA

O primeiro GROND do
Norte do Brazil, onde são
disputados os jogos officiaes
da Liga Paraense de
FOOT-BALL

O MELHOR DIVER-
TIMENTO DA TARDE

CASA SPORT

A PRAÇA DA FIGUEIRA NO PARÁ

— DE —

B. SERRA

RUA NOVA DE SANTANNA (Baldos do Centro Literario Portuguez)

BELEM — CAIXA POSTAL 161 — TELEPHONE 234 — PARÁ

GRANDE EMPORIO DE FRUCTAS AS MAIS SELECTAS, RECEBIDAS
DIRECTAMENTE, (EM TODA A ÉPOCA) DA EUROPA, SUL, DA AMERICA DO NORTE
E CONSERVADAS EM FRIGORIFICO APROPRIADO.

RECEBE REGULARMENTE NAS MESMAS CONDIÇÕES
QUEIJOS DA SERRA, LUNCH, CREME E DE OUTRAS ACREDITADAS MARCAS

ESPECIALIDADES:—Bonnons de chocolate, Caramellos, Amendoas, confeitos,
queijadas de Cintra, Pasteis de Santa Clara, Pão de ló e docos de conserva.

GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS PARA BRINDES

Vinhos, licores finos e variado sortimento de conservas de 1ª qualidade

PREÇOS SEM COMPETENCIA

PLACIDO FELIPPE RIBEIRO

COMMISSÕES E REPRESENTAÇÕES

—
CODIGOS RIBEIRO E A B C 5ª EDIÇÃO

RUA 13 DE MAIO N. 48

CAIXA POSTAL, 197 — END. TELEG. JUPLA

— PARÁ —

OLARIA BELEM

— DE —

PLACIDO FELIPPE RIBEIRO

ESCRITORIO

Rua 13 de Maio, n. 48

PARÁ

TELEPHONE N. 178

Caixa Postal n. 197

TIJOLOS ANGULARES
» ALVENARIA
» MASSIÇOS
» JARDIM

TELHA CONVEXA
» MARSELHA
TIJOLOS RETANGULARES
» LADRILHO

CASA ALBANO

Estabelecimento de viveres por grosso e a retalho
LICORES E BEBIDAS — CONSERVAS FINAS
IMPORTAÇÃO DIRECTA — PREÇOS MODICOS
AVENIDA 16 DE NOVEMBRO, N. 41, ESQUINA DO LARGO DE PALACIO
TELEPHONO N. 700 **Albano Martins**

BITAR IRMÃOS

GRANDE ARMAZEM INDEPENDENTE
RUA 13 DE MAIO N. 44
FILIAL: — ALTAMIRA — XINGÜ

CAIXA POSTAL — 752

END. TELEGR. — BITAR

USAR-SE OS CODIGOS RIBEIRO e A B C 5ª EDIÇÃO

CASA FUNDADA EM 1898

IMPORTADORES DE FAZENDAS, MIUDEZAS, E

ARTIGOS DE ARMARINHO, EM GROSSO TRATO

Correspondem-se com as principaes Fabricas d'America, Europa e Sul do Paiz

GRANDE STOCK DE MERCADORIAS SEMPRE

RENOVADOS E A PREÇOS SEM COMPETENCIA

Fornecem ós retalhistas a preços verdadeiramente excepçionaes

Ao folhear este livro faz-me lembrar a

Loteria Federal

que em todos os Estados contribue para a manutenção
de casas de caridade

MÃO FELIZ

AGENCIA: — TRAVESSA CAMPOS SALLES, 14

REPRESENTANTE: — **JOÃO F. CARVALHO**

Caixa postal, 550

End. Tel. — MINISTÉRIO

Telephono — 700

BRAS. — 1114

ELIXIR DE NOGUEIRA

DO PHARMACEUTICO E CHIRICO

JOÃO DA SILVA SILVEIRA
PELOTAS — RIO GRANDE DO SUL

Elixir de Nogueira

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE



RECEITA DO ORIGINAL

Empregado com sucesso nas seguintes moléstias:

Eczema,
Dartros,
Lepra,
Tuberculose,
Inflamações do estom.
e do intestino del. e vena.
Gonorréias,
Gonorréias,
Fistulas,
Erysipelas,
Gonorréias, vesiculas,
Rachaduras,
Flema bronch.,
Clorras,
Tuberculose,
Saramo,
Grysis,
Erysipelas em geral,
Moléstias da pelle,
Adenoides, Epithelios,
Ulceras da boca,
Tumores do nariz,
Adenoides da lingua,
Ulceras do penis,
Tumores dos testos,
Labramento das artérias,
do coração e do
momento, em
todas as moléstias
provenientes
do sangue.

Encontra-se em todas as farmacias, drogarias e casas que vendem drogas.

TODOS OS MEDICOS O ATTESTAM

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

AO PUELICO!

Os fabricantes do Grande Depurativo do Sangue **ELIXIR DE NOGUEIRA**, do Pharmaceutico **João da Silva Silveira**, atizam que, apesar da actual crise, não augmentaram o preço do referido preparado, não havendo razão para o publico compral-o por preço mais elevado do que o seu antigo custo.

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL.
CASA MARTIZ — PELOTAS — RIO GRANDE DO SUL — CAIXA POSTAL, 66
CASA FILIAL E DEPOSITO GERAL — RIO DE JANEIRO — CAIXA POSTAL, 115

CASA CARRAPATOSO

CAIXA POSTAL 102

DE
T. VILHENA

TELEPHONE, 613

Especialidade em CAFÉ, LEITE, SANDWICHES, SCGOPPS

BEBIDAS GELADAS — DOCES FINOS: Lardons, Chocolates e Bombons

FRUTAS: recebidas directamente da Europa e America — DEPOSITO DO CAFÉ MINUCA —

RUA DO PAZ DO CARVALHO

— PARÁ —

CANTO DA AVENIDA 13 DE AGOSTO

BANCO DO PARÁ

CONSTITUIDO EM 1883 •

Agentes em LONDRES: **Parr's Bank, Lt.**

Emitte saques e cartas de credito sobre todas as praças da Europa,
America do Norte e Brazil.

Caixa Popular

Juros annuaes de 5 % com retiradas sem previo aviso

Accepta depositos desde 20\$000 e paga juros até a quantia de 5:000\$000

Pagamentos todos os dias uteis

EXPEDIENTE: — Das 9 ás 11 1/2 e de 1 ás 4 da tarde

LUIZ DE MENDONÇA

Commissões e Consignações

ARMADOR DE VAPORES

Caixa Postal n. 145

Rua Gaspar Vianna, 29

End. Telap. "Geli"

PARÁ

Agencia em Manãos

Praça Tamandaré, n. 5

Caixa Postal 551 Endrego Telap. THEODORÇA

Companhia Pastoril Paraense

SOCIEDADE ANONYMA COM SEDE EM BELEM — ESTADO DO PARÁ
CAPITAL FIXO (INTEGRALISADO): 1.000.000\$000
FILIAL EM ITACOATIARA — ESTADADO AMAZONAS

EXPORTAÇÃO DE COURO E PELLAS, CACÃO, CASTANHA, MADEIRA, GRUDES DE PEIXE,
OLEO DE COPAHYBA, CUMARÉ, SEMENTES OLEOGINOSAS, CHIFRES, FIBRAS, ETC.

COMMERCIANTE DE GADOS EM PÉ E CARNES VERDES.

RECEBE CONSIGNAÇÕES E EXECUTA ORDENS DE COMPRA DE TODOS OS PRODUCTOS DO PAIZ
EMITTE SAQUES E CARTAS DE ORDENS SOBRE AS PRINCIPAES PRAÇAS DA
EUROPA E AMERICA DO NORTE.

CODIGOS TELEGRAPHICOS USADOS:
A B C (2ª edição), A-S, Renno, Stahl und Hundes, Scott e Ueber.

ENDERECO TELEGRAPHICO — PASTORIL
BELEM OU ITACOATIARA

CAIXAS POSTAES: N. 37 em Belem e n. 94 em Itacoatiara

ESCRITORIOS E ARMAZENS

Travessa Marquez de Fozal, n. 1, em Belem, e 4 Travessa da Banha em Itacoatiara

DIRECTORIA

● GERENTE — Octavio Ribeiro de Souza.
THESOURIERO — Antonio G. Chermont de Miranda.

≡ 15 DE AGOSTO ≡

O MELHOR CIGARRO — O MAIS HYGIENICO
SEM NICOTINA

MAIS DE CINCOENTA MEDICOS NACIONAES E EXTRANJEIROS, O ATTESTAM
NÃO CONFUNDIR COM OUTROS, QUE SE LHE QUEREM ASSEMBELHAR

FABRICA — **ROSA CRUZ** — TELEPHONE, 347

RUA PAES DE CARVADHO N. 158 — C-D-E

DEPOSITO GERAL

CARLOS REGO

BELEM

Rua Cons. João Alfredo n. 25

TELEPHONE, 380

É A UNICA FABRICA QUE DISTRIBUE BRINDES DE VALOR, OS QUAES
ESTÃO EM EXPOSIÇÃO NA «VITRINE» DO DEPOSITO GERAL

Mistura n. 1 — Caporal e Pará

Mistura n. 2 — Turco e Pará

≡ Bonus de 50 e 100 réis em dinheiro ≡

Os municipios paraenses

(O) MUNICIPIO NO Brazil,—diz o sr. dr. Palma Muniz,—não adveio como consequencia de uma lei primaria, presidindo à sua creação, organização e definição de attribuições: surgiu sempre como evolução, isto desde os tempos coloniaes.

Os nossos municipios, os paraenses, nasceram, uns pela agglomeração de individuos, de familias; outros, por actos isolados de creação, com definições de attribuições, e, ainda outros, por actos ecclesiasticos, base principal do maior numero dos nossos centros populosos, vindo de Portugal as primeiras idéas de uma organização municipal, filhas das ordenações de 1446 e 1603, ampliadas ao depois, por varios actos, decretados à proporção que as exigencias da vida desses centros iam reclamando.

Durante o periodo da nossa vida colonial não se cogitou da divisão do nosso territorio em municipios, marcando-se-lhes limites; estabeleceram-se as missões religiosas que deram origem às nossas cidades e villas, cabendo a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que governou o Pará, como capitão-mór, do anno 1731 até 1738, a tarefa de ter creado o maior numero das nossas communas, procurando dar-lhes uma certa organização e esforçando-se pelo seu progredimento.

Só depois de 1822, com a proclamação da Independencia, que abriu ao Brazil uma larga estrada de progresso,—vencidas as naturaes difficuldades que esse acto trouxe à nossa vida,—foi que se deu uma organização racional e definitiva às nossas camaras municipaes, isto já em 1828, com a lei geral de 1.º de Outubro, entrando ellas em uma nova phase de vida, normalizando os seus serviços, implantando a ordem na vida de seus habitantes.

O Acto Additional de 12 de Abril de 1834, veio restringir a pouca autonomia que gosavam os municipios, de modo que durante os sessenta e oito annos de governo monarchico, as nossas Camaras Municipaes viveram subordinadas à vontade dos presidentes da Provincia, que lhes foram ainda por seu turno cortando as attribuições concedidas pelas leis, privando-as até da competencia de nomear seus funcionarios.

Proclamada a Republica, a lei estadual n. 226 de 6 de Julho de 1894, deu-lhes organização e completa autonomia, creando o cargo de intendente e um conselho legislativo para cada municipio, á que ficaram sujeitos os destinos dos mesmos, sendo as leis por esses poderes votadas e sancionadas submettidas á censura e approvação do governador e do Congresso Legislativo do Estado.

Deste modo, os municipios tem tido no regimen republicano vida propria, o que já contribuiu poderosamente para o florescimento de alguns.

*

Na primeira lei de orçamento municipal organizada em 1840, figuram as camaras municipaes de Belém, Cametá, Tapajós, Manaus, Tury-assú, Vigia, Cachoeira, Gurupá, Pauxis, Cintra, Monsarás, Muaná, Equador, Ourém, Tocantins, Melgaço, Oeiras, Monte-Alegre, Porto de Mox, Franca, Faro, Luzéa, Tefé e Mariuá.

Até 1864, a Assembléa não orçou a receita da Provincia nem das Camaras, fixando-lhes sómente a despesa.

Nesse primeiro orçamento, as verbas da despesa da Camara Municipal de Belém subiram a 32.985\$650, e das demais ficaram assim: Cametá, Bragança, Macapá, Tapajós e Manaus, 1.670\$000 para cada uma; Tury-assú, Vigia, Cachoeira, Gurupá e Pauxis, 1.190\$000 para cada; e Equador, Cintra, Monsarás, Muaná, Ourém, Tocantins, Melgaço,

Oeiras, Monte-Alegre, Porto de Móz, Franca, Faro, Luzéa, Tefé e Mariuá, 770\$000 para cada. Os impostos foram lançados sobre licenças e varios generos: alcool, cachaça, fumo, sabão, amanho de rezes, fóros, laudemios, enterramento nos cemiterios, dobre de sinos, aferição de pesos e medidas, para todas as camaras; e só para a de Belém, além do já citados, estas rendas: decimas das casas, «imposições do Ver-o-peso» e exportação de generos.

Sessenta e nove annos depois, isto é, em 1908, os municipios do Estado accusavam a população de 1.019.000 habitantes e a sua receita total foi orçada em 9.666:340\$000, contando-se então 8 comarcas de 2.^a entrancia, 17 de 1.^a e 1 de 3.^a, que é a da capital; 51 municipios, 31 cidades e 20 villas; 42 districtos judiciarios subdivididos em circumscripções.

Essa renda estava assim distribuida: Belém, 6.044:200\$000; Itaituba, 191:990\$000; Aveiro, 48.200\$; Santarem, 90:000\$; Faro, 35:000\$; Obidos, 89.450\$; Alemquer, 53:000\$; Monte-Alegre, 35:000\$; Prainha, 18:500\$; Mazagão, 120:000\$; Almeirim, 40:000\$; Souzel, 120:000\$; Gurupá, 140:000\$; Macapá, 130:000\$; Montenegro, 26:000\$; Chaves, 130:000\$; Afuá, 120:000\$; Anajás, 160:000\$; Breves, 260:000\$; Portel, 116:500\$; Melgaço, 141:800\$; Bagre, 59:800\$; Oeiras, 24:000\$; Curralinho, 99:000\$; São Sebastião da Boa Vista, 24:000\$; Muana, 43:900\$; Ponta de Pedras, 20:000\$; Cachoeira, 119:000\$; Soure, 80:000\$; Baião, 119:000\$; Cametá, 190:000\$; Mocajuba, 42:000\$; Igarapé-miry, 55:700\$; Abaeté, 60:930\$; São Domingos da Boa Vista, 32:000\$; Acará, 40:000\$; Moju, 48:000\$; Ourém, 32:000\$; Irituia, 31:000\$; São Miguel do Guamá, 43:000\$; Vigia, 26:000\$; São Caetano de Odivellas, 28:000\$; Curuçá, 32:000\$; Marapanim, 24:500\$; Maracanã, 28:000\$; Igarapé-assu, 33:000\$; Salinas, 20:000\$; Bragança, 145:000\$; Quatipuru, 40:000\$ e Vizeu, 28:500\$.

Não figura nesta lista o municipio de Porto de Móz.

Conseguimos colher a receita orçada pelos seguintes municipios para o anno de 1913:—Belém, 4.197:000\$; São Domingos da Boa Vista, 16:000\$; Moju, 26:000\$; Anajás, 80:000\$; Maracanã, 28:000\$; Oeiras, 18:000\$; Obidos, 101:627\$135; São Caetano de Odivellas, 18:000\$; Curralinho, 30:000\$; Macapá, 57:000\$; Igarapé-assu, 33:500\$; Itaituba, 104:000\$; Souzel, 35:000\$; São Miguel do Guamá, 25:000\$; Santarem, 100:000\$; Marapanim, 21:000\$; Bagre, 24:000\$; Curuçá, 27:000\$; Quatipuru, 30:940\$; Melgaço, 39:200\$; Almeirim, 20:000\$; Faro, 26:000\$; Portel, 28:000\$; Chaves, 100:000\$; Ourém, 18:000\$; Baião, 32:160\$; Breves, 100:000\$; Acará, 24:340\$; Vizeu, 17:000\$; Igarapé-miry, 56:720\$; Gurupá, 50:300\$; Irituia, 104:000\$; Mocajuba, 23:000\$; Cametá, 114:000\$; Abaeté, 51:000\$; Muana, 34:300\$; Bragança, 130:000\$281; São João do Araguaia, 24:000\$000; Marabá, 40:800\$; Monte-Alegre, 50:100\$; Alemquer, 78:400\$; Jurutí, 20:900\$; Mazagão, 61:360\$; Afuá, 70:000\$; Prainha, 15:000\$; Soure, 65:000\$; Ponta de Pedras, 25:000\$; Altamira, 100:000\$; Montenegro, 16:000\$; Cachoeira, 80:000\$; Salinas, 20:000\$.

*

Nos termos da respectiva lei organica, n. 226, já citada, que dividiu o territorio do Estado em municipios, cada communa, tornada pessoa juridica, autonoma e independente em tudo que se relacione com os seus interesses e negocios, pôde agir nesse campo, não infringindo as leis da União ou do Estado.

Neste sentido deu-lhes essa lei os Conselhos Municipaes, formados de cidadãos eleitos pelos municipios, e que nelles servem durante seis annos como vogaes.

Legislam sobre os negocios municipaes, creando impostos e dando todas as providencias a bem dos interesses locais.

O intendente, que é tambem eleito, menos o de Belém que é nomeado pelo Governador do Estado, é o presidente do Conselho, sendo o cargo de vice-presidente exercido pelo vogal eleito pelos seus pares.

O Intendente de Belém é o Dr. Antonio Martins Pinheiro, cuja administração tem sido de uma honestidade comprovada, prestando ao municipio de Belém beneficios sem conta.

O numero de vogaes varia de 6 a 8, nos municipios do interior, além dos sup-
plentes que são os cidadãos immediatos em votos aos vogaes mais votados tendo o de Be-
lém 12 vogaes.

Eis a lista dos actuaes municipios do Estado do Pará :

Primeira região

GUAJARÁ — MOJÚ

BELÉM — O fim auspicioso da gloriosa jornada de Castello Branco, foi a funda-
ção de Belém, e, consequentemente, a do seu municipio.

Creada a sua comarca, foi declarada de 3.^a entrada em 1850 e 1872, fazendo parte
della então o municipio do Acará, e as freguezias da Sé, Sant'Anna, Trindade, Nazareth,
Barcarena, Bemfica, Capim, S. Domingos da Boa Vista, Inhangapy, Mosqueiro e Conde.

A cidade de Santa Maria de Belém, séde do municipio da capital, está á margem
direita do rio Pará, tambem chamado Guajará, ou ainda Bahía do Guajará, a 1°27'54" de
Lat. S. e 5°20'31" de Long. O. do Rio de Janeiro, distante 138 kilometros do oceano.

Os terrenos de seu patrimonio, dados por cinco concessões, feitas em diversas
épocas, abrangem a superficie de 205.000.000 de metros quadrados, distribuidos entre
as duas leguas concedidas em torno de sua séde, e as terras urbanas do Pinheiro e as do
Apehú e Mosqueiro, datando de 1° de Setembro de 1627 a primeira concessão, cuja posse
realizou-se no anno seguinte, sendo a respectiva demarcação feita em 20 de Agosto de
1703, occupando hoje a cidade mais de 8.000.000 de metros quadrados.

A população do municipio foi calculada em 277.500 habitantes e a da capital em
192.230, no anno de 1908.

O boletim demographo-sanitario do Estado dá 207.783 habitantes para Belém no
corrente anno.

Fazem parte do municipio as villas do Pinheiro, Mosqueiro, Bemfica, Conde, Be-
nevides, Ananindeua, Santa Izabel, Americano, Apehú, Castanhal, Anhangá, Inhangapy
e Barcarena.

O municipio produz borracha, cacau, farinha de mandioca, fructos, etc.

ACARÁ — Foi fundada em 1758 a freguezia de S. José do Acará, á margem di-
reita do rio do mesmo nome, quasi em frente á confluencia dos rios Miritypitanga e
Acará-mirim, recebendo em 1875 fôros de villa.

Antigamente exportou arroz em grande quantidade; hoje produz madeiras, borra-
cha, farinha de tapioca, e fumo afamado que no mercado alcança sempre maior preço
que o de outras procedencias.

Sua população é de 20.000 habitantes.

Situação geographica da villa: Lat. S.: 2°11'30" e Long. O.: 5°12'2" do Rio de
Janeiro.

Foi berço de Patroni, do grande poeta e scientista Julio Cezar Ribeiro de Souza e
de outros.

MOJÚ — No correr do anno de 1754, Antonio Dornellas de Souza deu á irman-
dade do Divino Espírito Santo do Mojú uma sorte de terras, á margem esquerda do rio
deste nome, onde em 1837, formado o povoado, foi creada a respectiva freguezia, que
recebeu fôros de villa em 1856. Perdendo-os em 1870, recebeu-os novamente ao depois,
conservando-os até á presente da'a.

Com a villa Cairary fórma o municipio do Mojú, exportando borracha, aguardente
e mel de canna, farinha de mandioca e outros cereaes.

Posição geographica da villa: Lat. S.: 1° 54' 45"; Long. O.: 5° 28' 7" do Rio de
Janeiro.

IRITUIA — A' margem esquerda do rio Irituia, affluente do Guamá, junto a
propria casa, Lourenço de Souza Pereira erigiu uma modesta Capella, na qual festejava
N. S. da Piedade.

Essa capella deu origem á fundação da freguezia de Irituia, em 1839, pela lei n. 586, de 9 de Setembro, e á da villa, que é uma das mais salubres e pittorescas do Estado, em 1879, pela lei n. 934 de 31 de Julho.

A principal exportação do municipio é o fumo, de superior qualidade e sempre com boa procura no mercado. Exporta também farinha de mandioca e cereaes.

A população do municipio consta de 11.000 habitantes.

Posição geographica da villa: Lat. S. 1° 54'31"; Long. O. 4° 7'46" do Rio de Janeiro.

OURÉM—A *Casa Forte*, edificada á sua custa por Luiz de Moura, deu origem á villa de Ourém, sede do municipio deste nome, creado em 1753 por Mendonça Furtado, que ali localisou cento e cincoenta indios e algumas familias de colonos açorianos.

A villa está edificada á margem direita do rio Guamã, em ponto encachoeirado, que secca na força do verão, sendo a sua posição geographica 1° 43'45" Latitude Sul e 3° 51'15" de Longitude occidental do Rio de Janeiro.

A sua exportação consta de fumo, farinha de mandioca, feijão, milho, arroz, borracha e madeiras, tendo já exportado antigamente algodão.

As suas terras patrimoniaes constam de 4.608.820 braças quadradas, concedidas em 1869, sendo o respectivo titulo expedido em 1896.

Tem egreja matriz, escolas e bom commercio com a capital e com os municipios vizinhos.

Dista da capital 238 kilometros. População 9.000 habitantes.

SÃO MIGUEL DO GUAMÃ—Deve-se a D. Frei Miguel de Bulhões, 3° bispo do Pará, a fundação da freguezia de São Miguel do Guamã em 1758, á margem direita do rio desse nome, em frente a uma cachoeira.

Foi villa pela lei n. 663 de 31 de Outubro de 1870, e cidade pelo decreto n. 344 de 30 de Maio de 1891. Exporta fumo, farinha de mandioca e cereaes. Já foi sede da comarca do Guamã, da qual faz parte como 1.º districto judiciario.

Posição geographica, da villa, pelo meridiano do Rio de Janeiro: Lat. S. 1° 42'3" Long. O. 4° 14'16".

E' de 9.000 o numero de habitantes do municipio.

SÃO DOMINGOS DA BOA VISTA—Está edificada na ponta em que confluem os rios Guamã e Capim a villa de São Domingos da Boa Vista, freguezia fundada em 1758. Com o predado de villa existe desde 1890, pois que, tendo-o em 1872, foi-lhe retirado em 1879, fazendo parte do seu municipio as freguezias do Capim e Bujarú.

Seu principal genero de exportação é o fumo, de boa qualidade; exporta também borracha, cacau, madeiras e cereaes.

Posição geographica da villa: Lat. S. 1° 41' 2"; Long. O. 4° 37'15" do Rio de Janeiro.

Segunda região

BACIA DO TOCANTINS

ABAETÉ—A sede é a cidade do mesmo nome, muito commercial e florescente, situada entre os rios Abaeté e Jarumã, em territorio que se estende, até confrontar com as povoações de Beja, Conde e Barcarena.

O municipio limita-se com os do Mojú, Igarapé-miry e Belém.

A primeira povoação de Abaeté teve inicio em 1724. Francisco Azevedo Monteiro, seu fundador, de regresso de uma viagem que fizera a Beja, com sua familia, prestes a naufragar na bahia de Marajó, fez voto em doar á Virgem da Conceição, uma legua quadrada das suas terras, se chegasse á sua casa; e assim o cumpriu. Essas terras foram povoadas por indios, que sujeitaram-se á civilização, com agrupamento de outros colonos e hoje é uma cidade capaz de tomar uma feição moderna, industrial e agricola.

Abaeté está a 1° 42'30" lat. S. e 5° 43'45" L. O. do Rio de Janeiro; tem extenso de ensino publico e particular e officinas de diversos mestres; é porto de atracação obrigatória dos vapores que se destinam à navegação do Tocantins; dahi parte uma estrada de rodagem para o centro do município, onde existe uma colonia agricola, bastante desenvolvida. A sua superficie, com os archipelagos adjacentes, é de 1.800 kilometros quadrados. Produz borracha, aguardente de canna, farinha de mandioca, oleos, cacau, madeiras e fibras vegetaes.

Nos seus 36 engenhos a vapor, já fabricou-se assucar, mas hoje produzem apenas aguardente e mel; constroem-se nos seus estaleiros barcos e pequenas embarcações de madeira, com excellente acceitação dos armadores. O município é formado de terras baixas e altas, cortadas, em todas as direcções, de grandes e pequenos rios, mattas verdejantes, campos de cultura e uma população superior a 20.000 habitantes.

A cidade é bem illuminada, com os passeios cimentados e casas bem edificadas. É patria do padre Gustavo Gama e Costa, escriptor satyrico, do senador Magno de Araújo, republicano historico, e dos coroneis Frederico G. Costa e Rodrigo G. Costa, guerreiros notaveis na campanha do Paraguay.

O rendimento actual do município é superior a 20:000\$, entregue à direcção do sr. coronel Domingos de Carvalho, que muito se tem esforçado pelo seu desenvolvimento.

IGARAPÉ-MIRY—Igarapé-miry, villa em 1843, e cidade em 1895, está situada à margem direita do rio que lhe dá o nome, pouco abaixo do canal que vae ter ao rio Moju, sendo estas as suas coordenadas geographicas pelo meridiano do Rio de Janeiro: Lat. S. 1° 55'30" e Long. O. 5° 45'37"5.

O principal producto de sua exportação é a aguardente de canna; produz tambem cacau, cereaes e alguma borracha.

População: 21.000 habitantes.

Este município já foi muito importante antes de 1888, pela produção dos generos de seus engenhos que fabricavam assucar, mel e cachaça em grande quantidade.

CAMETÁ—Tem bellas paginas na historia do Pará esse encantador Cametá, adiantada cidade debruçada à margem esquerda do volumoso Tocantins.

Suas terras foram doadas em 1633 a Feliciano Coelho, que no local conhecido por Cametá-tapera fundou, em 1635, a Villa Viçosa de Santa Cruz do Cametá, sendo ao depois transferida a sede da villa para o lugar onde se encontra presentemente.

Em 1848 a lei provincial n. 145 de 24 de Outubro deu-lhe fôros de cidade, sendo antes, em 1841, declarada comarca geral; e de segunda entrância em 1850 e 1872, della fazendo parte Baião e Mocajuba.

Cametá é berço de homens eminentes, taes como: os dois Romualdos, dr. Angelo Custodio Corrêa, dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, Padre Prudencio das Mercês Tavares, coronel João Gonçalves de Moura e tantos outros que occuparam logar destacado na politica como nas letras patrias. Tambem ali nasceu o dr. Enéas Martins, actual governador do Estado, que na capital do Paiz, ao lado do saudoso Barão do Rio Branco, e no cargo que occupa, tem dado sobejas provas do seu talento de eleição.

A cidade conta magnificas ruas e praças, ostentando uma regular edificação, numerosos sobrados e varios templos sumptuosos e vastos, sendo illuminada a gaz benzol, systema moderno Fichet, com camisas encandescentes.

Tem bom porto de mar onde podem atracar vapores de alto bordo e grande calado. É sede da comarca do seu mesmo nome, da qual faz parte a cidade de Mocajuba, como 2.º districto judiciario.

No seu município contam-se as villas de S. Benedicto, Limoeiro, N. S. do Carmo do Tocantins, e as povoações Campajó, Juába, Parijós e Cametá tapera.

Cametá exporta cacau, borracha, fructos, doces, peixes e cereaes.

A cidade está a 2° 16'0" de Lat. S. e 6° 18'15" de Long. O. do Rio de Janeiro. População: 32.000 habitantes.

MOCAJUBA—Mocajuba é cidade desde 1895, e antes, freguezia em 1854 e villa em 1892. Está edificada á margem direita do Tocantins, sobre uma esplanada que declina para o lado oriental.

Possue o povoado S. Pedro de Vizeu.

Exporta cacau excellente, borracha, cereaes e peixe salgado.

A população consta de 10.000 habitantes.

Posição geographica da cidade: Lat. S. 2° 47'32"; Long. O. 6° 18'2" do Rio de Janeiro.

BAIÃO—Em terreno alto, á margem direita do Tocantins, está em bem escolhido local a cidade de Baião, cuja freguezia foi fundada em 1758.

O Conselho de Estado da então Provincia deu-lhe em 1833 fôros de villa e uma lei estadual de 1895 os de cidade, como séde da extensa comarca do seu nome, fazendo della parte as povoações de Arumatheua, Patos, Xininga, Joanna Peres, Ituquára, Araquembeua, Matacurá, Alcobaca e outras menos importantes.

São principaes fontes de rendas para o municipio: castanha, borracha, cacau e caucho, que exporta em grande quantidade, bem como fumo e cereaes.

Conta a cidade boa edificação, paço municipal, grupo escolar, mercado, é bem illuminada, com suas praças e ruas em bom estado de conservação e asseo e abastecimento d'agua. É lugar muito saudavel.

A cidade está a 3° 2'39" de Lat. S. e 6° 16'36" Long. O. do Rio de Janeiro.

Conta 19.000 habitantes o municipio.

MARABÁ—A villa de Marabá, séde do municipio, á margem esquerda da foz do Itacayuna, affluente do Tocantins, é um dos mais novos centros populosos do Estado, tendo recebido fôros de villa em 27 de Fevereiro de 1913, quando foi creado o municipio.

A villa possui 43 casas commerciaes de 1° ordem, e um completo serviço de cabotagem com a praça de Belém, feito com 120 barcos e grandes botes.

O municipio é formado de extensas planicies ás margens do Itacayuna e seus confluente que as inundam nas occasiões das cheias do Tocantins. O terreno alteia-se para o centro, até formar serrotes e montanhas, com terras feracissimas, proprias para as culturas meridionaes, mas até hoje inaproveitaveis. A industria extractiva do caucho preoccupa quasi todas as actividades, pois nem mesmo cuidam na exportação de madeiras de valôr, de que estão cheias as extensas florestas, que cobrem mais de dois terços da sua superficie. Os campos, de extensa e boa pastagem, ainda não foram utilizados para a industria pastoril que, só por si, poderia collocar este municipio como o mais rico do Pará.

Os seus rios principaes são: além do Itacayuna e seus affluente, os seguintes: Sororó, Rio Vermelho, Rio Branco, Itapirapé, Azul, Aguas Claras, Aquiry, Cateté, Rio do Cócó e o Pinheuma. As montanhas mais elevadas são a do Morro Velho e as Cordilheiras das Aguas Claras. Os lagos mais notaveis são: o Camutahú Grande, o Jacaré-Grande e o Vermelho. As ilhas mais importantes são: João Vaz, Jacaré do Itacayuna, das Novilhas, Taurizinho, Frecheiras, offerecendo todas excellentes pastagens para criação de gado.

O actual intende é o sr. coronel Antonio da Rocha Maia, cidadão prestimoso, que toma patriótico interesse por todos os ramos do serviço municipal, no que é effezamente coadjuvado pelo Conselho Municipal, composto de cidadãos de verdadeira influencia economica e politica na região.

S. JOÃO DO ARAGUAYA—Em 1797, fundou-se entre a praia do Tição e o Sêcco do Bacabal, sobre uma ribanceira á margem direita do Tocantins, á vista do rio Araguaya, um registro fiscal, com o fim de evitar o extravio do ouro, a fuga dos escravos para Goyaz e as aggressões dos indios Tymbiras, Carajós e Apinagés que residiam na região.

Mais tarde, em 6 de Maio de 1840 foi inaugurada a colonia militar D. Pedro II, á margem esquerda do rio Araguaya, a 108 milhas de sua foz, não contando com outros habitantes além das praças do destacamento. A esse tempo já a região, com os vastos

cuípos que bordam as margem do Apopema, braço que liga o Araguaia ao rio das Tarugas, contava muitas fazendas de gado.

Em 1855, foi a sede da colonia mudada para o local em que se encontra: margem esquerda do rio Araguaia, na sua confluencia com o Tocantins, sendo elevada á categoria de villa, como sede do municipio de S. João do Araguaia, em 3 de Novembro de 1908 pela lei n. 1.069.

População do municipio: 3.000 habitantes.

CONCEIÇÃO DE ARAGUAYA—Deve-se ao illustre e infatigavel missionario Frei Gil de Villa Nova, de saudosa memoria, a fundação do povoado Conceição de Araguaia, que deu origem á villa, sede do municipio creado em 3 de Novembro de 1909 pela lei estadual n. 1.091.

A frente do povoado, aquelle missionario, com auxilio dos indios Cayapós, que, de indole pacifica, acceitaram com alegria a catechese religiosa, deu-lhe tal impulso que em breve tornou-se um centro activo de trabalho e productor e exportador de productos da terra.

Região fertilissima e quasi inexplorada, Conceição de Araguaia está fadada a ser um dos logares de muito futuro.

A população do municipio é de 4.000 habitantes.

Terceira região

ILHA MARAJÓ

SOURCE—Na antiga aldeia de Maruanazes, foi creada a villa de Source, em 1757, pelo governador Mendonça Furtado, tendo recebido o predicao de cidade em 1890, pelo decreto n. 194 de 19 de Setembro.

As suas terras tem a area de 24.215.200 metros quadrados.

Comarca pela lei geral n. 1.065 de 25 de Junho de 1881, foi classificada de 2.ª entrancia em 1882.

A cidade está em terreno elevado, á margem do Igarapé Paraucamiry, tambem chamado Igarapé Grande, que desagua na bahia do Marajó.

Situação geographica da cidade: 0° 40'6" de latitude Sul e 5° 21'15" de longitude occidental do Rio de Janeiro.

A sua exportação é, principalmente, gado e peixe.

População: 18.000 habitantes.

MONSARÁS—Os indios Aruans fundaram a aldeia de Caiá, na costa oriental da ilha de Marajó, sobre terreno um pouco alto, recebendo ella, já então missionada pelos capuchinhos de Santo Antonio, em 1757, o predicao de freguezia, tendo por orago São Francisco Xavier.

Ao depois, teve essa freguezia o titulo de villa, com o nome de Monsarás, sendo creado o municipio.

Extincto este, ficou a villa pertencendo ao municipio de Source.

Em 1914, o Congresso Legislativo do Estado com a lei n. 1.396, restabeleceu o seu municipio, que ainda não foi installado, com os antigos limites que tinha.

Possue seu territorio bons campos onde estão situadas fazendas de criação de gado, que exporta, bem como côcos, peixe salgado, porcos, fructos e alguns cereaes.

Consta de 5.000 o numero de habitantes do municipio.

CACHOEIRA—Data de 1747 a fundação da freguezia de N. S. da Conceição da Cachoeira, á margem esquerda do Arary, a 94 kilometros do lago desse nome, o maior existente na ilha de Marajó, pois que mede 18 kilometros de N. a S. e 4 de L. a O.

Em 1833 teve fôros de villa, sendo esta a sua situação geographica: Lat. S. 1° 15'1"; Long. O. 3° 49'37" do Rio de Janeiro.

O município conta grandes fazendas de gado de que faz exportação, bem como alguma borracha, cereaes, etc.

A população é de 6.000 habitantes.

O seu actual intendente dr. Vicente José de Miranda, muito tem feito pelo progresso do município. A villa é illuminada á luz electrica, contando com outros melhoramentos.

PONTA DE PEDRAS—Chamou-se antigamente Mangabeiras.

Com o nome de Ponta de Pedras, foi creada freguezia em 1737, e a lei provincial n. 888 de 16 de Abril de 1877 elevou-a á categoria de villa.

Está situada á margem esquerda do rio Marajó-assu.

E' esta a posição geographica da villa: Lat. Sul 1° 23'45" e 5° 43'30" de Long. occidental do Rio de Janeiro.

A sua area territorial é de 679.318.418 braças quadradas.

Exporta gado, alguma borracha e cereaes.

População : 19.500 habitantes.

MUANÁ—Com o denominação de São Francisco, foi creada em 1738 a freguezia de Muaná, tendo por sede o povoado á margem direita do rio Muaná.

Uma resolução do Conselho de Estado, da então provincia, deu-lhe fôros de villa, sendo elevada á categoria de cidade em 1895.

Exporta gado, borracha, farinha de mandiôca e outros cereaes.

Conta 14.500 habitantes o município.

Situação geographica da cidade: Lat. S. 1° 29'32"; Long. O. 5° 59'49" do Rio de Janeiro.

CURRALINHO—De aspecto agradável, bem situada, occupa a parte meridional da ilha Marajó, com a situação geographica de 1° 48'18" Lat. S. e 6° 37'15" Long. O. do Rio de Janeiro, a cidade de Curralinho, cuja freguezia foi creada em 1850.

Villa em 1865 e cidade em 1896.

Consta de borracha e gado a sua principal exportação, pois conta o município com muitas fazendas de criação.

A população é de 10.000 habitantes.

S. SEBASTIÃO DA BOA VISTA—Povoação em 1758, freguezia em 1868, villa em 1890, a sede deste município está situada na ilha Santo Antonio, á entrada do furo Pracuhuba-miry, ao sahir no rio Pracuhuba, com estas coordenadas geographicas do Rio de Janeiro : Lat. S. 1° 44'22"; Long. O. 6° 24'3". Contém o município 8.000 habitantes.

Exportação : borracha e cereaes.

BREVES—Na freguezia de N. S. da Conceição de Breves, foi installada em 1850 a povoação desse nome, á margem septentrional do furo Paraná, na costa da ilha de Marajó, a qual foi em 1851, elevada á categoria de villa e á de cidade em 1882, attendendo ao seu crescente progresso.

No regimen republicano é um dos municipios que maior renda annual produziu : 300.000\$; sendo a sua fonte principal de receita a exportação da borracha, que o torna, no genero, o mais rico do Pará.

A sede do município, que fôra mudado para a villa Antonio Lemos, em 1907, passou novamente para a cidade de Breves no anno passado.

Tem o município a população de 27.000 habitantes. E' esta a posição geographica da cidade: Lat. S. 1° 4'46"; Long. O. 7° 19'53" do Rio de Janeiro.

ANAJÁS—Na margem esquerda do rio Anajás, um dos mais importantes da majestosa ilha de Marajó, está collocada a cidade de Anajás, proximo ao rio Mocões. Installada em 1869 a freguezia do Menino Deus do Anajás, continuou como povoação até ao anno de 1895, quando recebeu fôros de cidade.

Rico município este, sua principal fonte de rendas é a borracha que exporta em grande quantidade. Contam-se nelle 19.500 habitantes

Situação geographica da cidade : Lat. S. 1° 1'14"; Long. O. 6° 46'14" do Rio de Janeiro.

AFUA—Dá o nome a esta cidade o rio á cuja margem direita está ella situada, na parte meridional de uma ilha.

Freguezia em 1874, foi villa em 1890 e cidade em 1896.

E' um dos municipios que mais exporta borracha, contando em seu territorio com algumas fazendas de criação de gado.

A posição geographica da cidade está assim discriminada:

Lat. S. $0^{\circ} 23'3''$; Long. O. $7^{\circ} 4'22''$ do Rio de Janeiro.

População: 19.000 habitantes.

CHAVES—Os indios Aruans fundaram sua aldeia no local onde está a cidade de Chaves, que recebeu a categoria de villa em 1758 e a de cidade em 1891.

Está situada na costa septentrional da ilha de Marajó, junto á ponta do Maguary e em frente á ilha Caviana, parte da qual pertence ao seu territorio.

A sua exportação consta de borracha, existindo no municipio muitas fazendas de criação de gado, que tambem exporta em larga escala.

Posição geographica da cidade:

Lat. S. $0^{\circ} 16'30''$; Long. O. $6^{\circ} 45'2''$ do Rio de Janeiro.

População: 14.000 habitantes.

Quarta Região

INTERIOR ENTRE TOCANTINS E XINGÜ

OEIRAS—Em 1758, foi considerada villa a antiga aldeia de Araticú, situada á margem esquerda do rio do mesmo nome, missionada pelos Jesuitas, perdendo mais tarde o predicamento de villa, que lhe foi restituído em 1868.

Sua população consta de 6.000 habitantes, que se empregam na extracção da borracha, principal genero de sua exportação.

Situação geographica da villa:

Lat. S. $1^{\circ} 59'0''$; Long. O. $6^{\circ} 40'45''$ do Rio de Janeiro.

MELGAÇO—A villa de Melgaço está a $1^{\circ} 48'15''$ de latitude sul e $7^{\circ} 38'1''$ de longitude occidental do Rio de Janeiro.

A freguezia de S. Miguel de Melgaço, antes de ter esta categoria, foi aldeia chamada de «Aricurú» ou «Aguaricurú» (provisão do Bispo D. Frei Miguel de Bulhões de 27 de Abril de 1719). Foi missionada pelos Jesuitas e elevada á categoria de villa, em 1758, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em observancia á lei de 6 de Junho de 1755; perdendo ao depois esse predicamento que lhe foi restituído pela lei n. 280 de 29 de Agosto de 1856.

A villa está situada em uma ilha, na costa da bahia de Melgaço, Aricurú ou Aguaricurú, em terreno mais ou menos plano, tendo no centro diversos lagos, dos quaes é mais notavel o denominado «Mariazinha».

Os principaes rios do municipio são: Jaguarajó, Campinas, Sauahy, Constantino, Carutá, Furo Comprido, Furo Grande, Boiussó, Tajapurá, Inambuihy, Mugarim, Tajapurá, Janguy, Croary, Irapuana, Moajataba, Aguiapereira, Cacuajó, Tatuoca, Conceição, Juná, Irajuba, Cararijó, Rio Preto, Mixaqualy, Pauxis, Laguna, Camoim e Areias.

Pertence-lhe as povoações Jaguarajó e Bom Successo, sendo o principal genero de sua exportação a borracha, bem como couros, cacau e outros productos agricolas.

E' de grande movimento a lavoura no municipio, produzindo muita farinha de mandioca.

A villa tem regular edificação.

Consta de 8.000 habitantes á população do municipio.

PORTEL—Auxiliado pelos indios Nheengahibas, o padre Antonio Vieira fundou na parte oriental da ponta Manarijó, na embocadura do rio Pacajá, a aldeia do Arucará, que, com o nome de Portel, foi elevada á categoria de villa em 1843, pela lei n. 110 de 25 de Setembro.

Seu clima é ameno mas pouco saudável; possui terras férteis e bem ventiladas; tem bellas praias de areias brancas, mantendo-se nellas sempre uma temperatura agradável.

Exporta borracha, castanhas e couros de veado, em grande quantidade, produz farinha de mandioca, milho e fumo para o seu consumo.

Posição geographica da villa:

1° 58'44" Lat. S.; 7° 47'2" Long. O. do Rio de Janeiro.

População do município 13.500 habitantes.

BAGRE—Está situada a Sudoeste da ilha dos Bagres a villa de Bagre, creada pelo decreto n. 198 de 9 de Outubro de 1890, na foz do rio Panauba, que desagua em um furo que separa a ilha de Marajó do continente.

Exporta principalmente borracha.

Tem o município 9.000 habitantes.

A villa está a: Lat. S. 1° 48'7"; Long. O. 7° 2'30" do Rio de Janeiro.

Quinta Região

BACIA CENTRAL DO BAIXO AMAZONAS

GURUPÁ—Em 1623, Bento Maciel Parente fez levantar um forte á margem direita do ramo meridional do rio Amazonas, na ilha Gurupá, aldeamento de indios denominado Mariocay.

Progredindo, e já populoso, em 1639 recebeu o logar o prediado de villa, que em 1692 ficou sob a direcção dos capuchinhos, alli residentes num hospicio mandado construir pela Metropole.

E' cidade; e comarca geral creada em 1856 e classificada de 1.ª entrancia em 1872, fazendo então della parte, Almeirim e Arrayolos creados em 1758.

A cidade está numa nesga de terreno pedregoso e accidentado, que eleva-se de N. a S., do igarapé Guajará ao Jacupy, e cercado de varios pantanos.

O município é rico de productos naturaes como borracha, cacau, liames, castanha, salsa, andiroba, copahyba, piassava e madeiras de lei, possuindo tambem fazendas de criação de gado.

Delle faz parte a povoação de Carrazedo.

A cidade está a: Lat. S. 1° 24'47"; Long. O. 8° 25'32".

População 17.000 habitantes.

MAZAGÃO—Data de 1753 a fundação, por Francisco Portilho de Mello, auxiliado pelos indios que habitavam o rio Matapy, de uma aldeia com o nome de Sant'Anna, em uma ilha junto á foz do mesmo rio.

O governador Athayde Teive fez transferir, em 1765, a aldeia Sant'Anna, para a margem esquerda do rio Maracapuçú.

Mais tarde, em 1770, o governo fê-la transferir novamente para o rio Mazagão, onde se acha e, elevando-a á categoria de villa, nella localizou 114 familias que abandonaram o real castello de Mazagão, em Mauritania (Africa).

No correr dos tempos (1833) teve tambem o nome de Regeneração até 1841, quando lhe restituiram o primitivo nome.

Exporta borracha e outros productos naturaes.

População 14.000 habitantes.

A cidade está a 0° 9'31" Lat. S. e 8° 18'44" Long. O. do Rio de Janeiro.

A sede do município foi ultimamente transferida para Mazaganopolis.

MACAPÁ—Em honra ao Rei Dom José, de Portugal, Mendonça Furtado foi fundar em 1732 a villa de São José de Macapá, no ponto onde existiu a fortaleza de Sanz-Antonio cujo primitivo estabelecimento foi tomado aos francezes, sendo ao depois corestruida, mais ao norte da villa, nova fortaleza, que ainda existe, á margem do ton Amazonas.

A lei provincial 281 de 6 de Setembro de 1856 elevou a villa á categoria de cidade. Sua exportação principal é borracha e gado.

A população do município consta de 15.000 habitantes.

A cidade está a: Lat. S. 0° 0'55"; Lat. O. 7° 54'1" do Rio de Janeiro.

ALMEIRIM—O rio Parí e as serras que o marginam, deram á aldeia, fundada á margem esquerda do Amazonas, o seu primitivo nome, aldeia essa que foi origem da actual villa do Almeirim, fundada em 1758 por Mendonça Furtado.

Posteriormente voltou a ser simples povoado, até ao anno de 1890, quando retomou o predado de villa.

Ao município de Almeirim tem dado forte impulso o coronel José Julio de Andrade, que conseguiu fazel-o um dos mais prosperos do Estado.

Pertencem ao seu territorio as povoações de Esposendo e Arrayollos; sendo seus principaes generos de exportação a borracha e a castanha.

A população do município consta de 11.000 habitantes.

A villa está a: Lat. S. 1° 33'34"; Long. O. 9° 15'58" do Rio de Janeiro.

PRAINHA—Sua freguezia foi creada em 1758, tendo por séde o logar chamado Outeiro, situado á margem esquerda do rio Urubuquara, acima da sua foz.

Mais tarde, foi transferida para á margem esquerda do Amazonas onde ficou definitivamente installada, recebendo o predado de villa pela lei n. 941 de 14 de Agosto de 1879.

A Prainha está a: 1° 48'29" de Latitude Sul e 10° 19' 6" de Longitude Occidental do Rio de Janeiro.

Exporta gado vacum e cavallar, borracha, caucho, cumarú, breu, castanha, piracudé carnes secas e salgadas, aves, mel de abelhas, madeiras, plumas de garças, tartarugas, etc.

Seu município conta varios rios, entre os quaes o Parauaquara, Jauary, Caminaú, Outeiro, Tamatáhy, Cajueiro, Uruará, Panema e outros; lagos Aturiá, Inferno, Caminabú, Tauá, Arumabú, Ipaína, Saracury; serras Parauaquara, Marapy, Serrinha, S. Rocque e outras; ilhas Acará-azul, Itanduba, Mirity, Camaleão, Vira-sêbo, Jacamincaia, contando com grandes campos e fazendas de gado.

O seu commercio é animado, mantendo communicações constantes com a capital.

A população do município consta de 6.000 habitantes.

E' seu intendente, já reeleito, o sr. Emmanuel Nazareth Corrêa de Miranda, que nesse cargo tem-lhe prestado relevantes serviços.

MONTE-ALEGRE—Na antiga aldeia do Gurupatuba, dos religiosos da Piedade, creou em 1758 Mendonça Furtado a villa de Monte-Alegre, uma das mais pittorescas do Estado, em uma chapada da montanha que deu-lhe o nome, á margem esquerda do rio Gurupatuba.

Divide-se Monte-Alegre em cidade alta e cidade baixa, sendo estas as suas coordenadas geographicas: Lat. Sul 2° 0'0" e Long. Occidental do meridiano do Rio de Janeiro 10° 30'0".

Em 1873, a lei provincial n. 772 de 5 de Agosto deu-lhe a categoria de comarca, sendo classificada de 1.ª entrância pelo decreto n. 5.386 de 3 de Setembro do mesmo anno, fazendo então della parte as freguezias da Prainha e Ereré, creadas, aquella em 1858, e esta, em 1873.

Teve fôros de cidade pela lei n. 970 de 15 de Março de 1880.

Dista de Belém 617 kilometros e 920 metros.

A superficie do patrimonio municipal eleva-se a 28.438.924 metros quadrados ou sejam 5.875.810 braças quadradas, com titulo expedido em 5 de Fevereiro de 1887.

E' um logar de aspecto agradável e muito saudavel, procurado por isso pelas pessoas que precisam de um ar puro.

Tem formosos panoramas, com as suas serras e montanhas Tanaujary, Ereré, Maxirá, Monte-Grande, Paraíso, etc.

A cidade alta é a mais importante.

As terras são proprias a todo o genero de cultura.

Tem um commercio regular com o Amazonas e Belém, para onde exporta gado, borracha, cereaes, pirarucu e outros peixes seccos e salgados.

No municipio fundou o Governo do Estado uma colonia, com imigrantes hespanhoes, a qual produz muitos fructos e criações, etc.

ALEMQUER—O territorio do municipio constituiu nos primitivos tempos coloniaes uma das zonas entregues á catechese dos capuchos da Piedade, onde eram aldeados os indios Barés, no local conhecido pelo nome de Arcozellos.

Mais tarde, com auxilio dos indios do rio Trombetas, fundaram aquelles religiosos a aldeia de Surubiú, que deu origem á creação da cidade de Alemquer.

A cidade está assentada á margem oriental de uma pequena enseada, formada junto á foz do igarapé Itacarará, na confluencia deste com o Paraná ou Surubiú, chamado tambem do Alemquer, a 1° 56'36" de Lat. S. e 11° 36'15" de Long. O. do Rio de Janeiro.

A lei n. 1.050 de 10 de Junho de 1881 deu-lhe fóros de cidade, sendo actualmente sede de comarca.

Exporta gado, cacau, castanha, borracha e productos da lavoura.

Alemquer é uma cidade adiantada, onde a instrucção popular tem feito progressos.

O municipio tem varios campos férteis para criação de gado, e é saudavel.

A sua população consta de 18.000 habitantes.

OBIDOS—A margem esquerda do Amazonas, no ponto em que se forma a sua unica angustura (1.892 metros de largura) na extremidade de uma linha de collinas de pouca altura que corre até á foz do Trombetas, está assentada a cidade de Obidos, no local em que os indios Pauxis, (que deram-lhe o primitivo nome) fundaram uma aldeia elevada á categoria de villa em 1758 e de cidade em 1854.

E' comarca desde 1867, classificada de 1.ª entrancia em 1872, della então fazendo parte Faro e Juruty.

Tem uma fortificação militar e serve de aquartelamento de uma força de artilharia. E' uma cidade muito adiantada, com alguns melhoramentos de valor.

Do seu municipio fazem parte a villa Uruataperá e o povoado Villa Franca.

População: 30.000 habitantes.

O municipio exporta castanha, cacau, peixe salgado, madeiras, cumarú, borracha, gado em abundancia, doces, fructos em conserva, geleas e chocolate.

A cidade está a: Lat. S. 1° 54'8"; Long. O. 12° 21'30" do Rio de Janeiro.

FARO—Na velha aldeia dos Nhamundás, missionada pelos frades da Piedade, creou Mendonça Furtado em 1758 a freguezia de São João Baptista de Faro, que recebeu mais tarde o titulo de villa e o de cidade em 1895.

Está assentada á margem esquerda do rio Jamundá, no ponto em que elle se alarga, formando um lago.

E' um municipio de grandes recursos de productos naturaes, constando a sua exportação principal de castanha, borracha, cumarú, peixe, cacau, gado.

E' sede de comarca, fazendo parte do seu municipio a povoação Terra Santa.

População: 15.500 habitantes.

A cidade está a: Lat. S. 2° 18'38"; Long. O. 13° 41'16" do Rio de Janeiro.

JURUTY—Em principio do seculo XVIII, auxiliado pelos indios Mundurucús, o padre Sanches de Brito fundou á margem do lago Mundurucús, posito arredado do Amazonas e da serra do Parintins, que lhe fica á esquerda, uma aldeia.

A lei n. 339 de 3 de Dezembro de 1859 elevou a aldeia á categoria de villa de Juruty, e transferiu-a para a margem direita do Amazonas, no local em que se encontra.

Em 1883, a lei n. 1.152, de 4 de Abril, deu-lhe o nome de Juruty-Novo, creando o municipio.

Posteriormente foi este extinto e restaurado pela lei n. 1.396 de 1914.

A exportação do municipio consta, principalmente, de gado, peixe salgado, sementes de cumarú, madeiras e cereaes.

A sua população consta de 12.000 habitantes.

Sexta Região

XINGÚ

PORTO DE MOZ—Com o nome de Maturú, em 1639, os religiosos da Piedade fundaram uma aldeia à margem direita do rio Xingú, que recebeu o prediado de villa em 1758 e o de cidade em 1890.

Do seu município fazem parte as povoações Veiros e Pombal.

Comarca creada pela lei provincial n. 1.065 de 25 de Junho de 1881, foi classificada de 1.ª entrancia pelo decreto n. 8.762 de 18 de Novembro de 1882 e installada em 1883, fazendo della parte então Souzel, Pombal, Villarinho do Monte e Veiros, fundados todos em 1758, e a povoação de Boa Vista, creada em 1876.

E' centro productor de borracha em grande quantidade e de primeira qualidade.

Exporta borracha e gado, e produz cereaes para o seu consumo.

A cidade está a: Lat. S. 1° 55'33"; Long. O. 2° 9'32" do Rio de Janeiro.

População do município 6.000 habitantes.

SOUZEL—A aldeia de Aricary, missionada pelos Jesuitas e assentada à margem esquerda do Xingú, deu origem à freguezia de Souzel, creada em 1639.

Elevada à categoria de villa em 1755, ali permaneceu até 1846, quando foi sua sede transferida para a margem direita do mesmo rio, no local onde se encontra, em terreno pouco elevado e enxuto.

Exporta borracha e outros productos naturaes.

A villa está a: Lat. S. 2° 39'27" e Long. O. 9° 9'28" do Rio de Janeiro.

ALTAMIRA—E' uma criação dos Jesuitas, que pelo seu territorio andaram em catechese e explorações antes de 1750.

Para facilitar a navegação, do ponto em que está a villa para cima, fundaram elles o povoado que deu origem à actual sede do município.

E' um lugar de grandes recursos de productos naturaes.

Com o intuito de zelar pelos terrenos que ali permaneciam sem amparo, foi creado o município de Altamira pela lei n. 1.234, de 6 de Novembro de 1911.

A villa está situada à margem esquerda do rio Xingú, a 3° 19'30" de Latitude Sul e a 9° 45' de Longitude Occidental do Rio de Janeiro.

Seu territorio limita-se com os municípios de Souzel, Monte-Alegre, Almeirim, Conceição e São João de Araguaya e com o Estado de Matto Grosso.

A lei n. 1.235, da mesma data, dispõe sobre as suas terras devolutas.

Creado o município, foi nomeado presidente da commissão para organizá-lo o sr. major Pedro de Oliveira Lemos.

A população do município consta de 3.000 habitantes.

O producto de sua principal exportação é borracha e caucho.

Setima Região

BACIA DO TAPAJÓS

SANTARÉM—A bella cidade de Santarém occupa o local onde os indios Tapajós tinham estabelecido sua aldeia: margem esquerda do Tapajós, junto à sua confluencia com o Amazonas.

Villa em 1754, cidade em 1848 pela lei n. 145 de 24 de Outubro, comarca em 1850, foi classificada de 1.ª entrancia por actos de 1872, fazendo então della parte Alemquer, Villa Franca, Itaituba, Boim e Alter do Chão.

Ponto de escala de todos os vapores que sulcam as aguas do rio-mar, Santarém mantém movimentado commercio com Belém, Amazonas, Sul da Republica e os municípios seus vizinhos, constando sua exportação de borracha, cacau, castanha, baunilha, salsaparrilha, peixe salgado, cumarú, gado, madeiras, etc.

É uma das mais adiantadas cidades do interior do Pará, e está a: 2° 24'48" Lat. S. e 11° 31'29" Long. O. do Rio de Janeiro; bom clima, regular edificação, contendo um theatro, magnifica igreja matriz, mercado, fabricas e officinas de construcções navaes.

Pertencem-lhe as villas Alter do Chão e Boim, antigas aldeias dos indios Borarys e Tupinambás, respectivamente, e povoações da Villa Franca e Curuary.

Conta o município 30.000 habitantes.

Reaes serviços tem-lhe prestado seu intendente dr. Oscar Cunha Barreto.

AVEIRO—A villa foi fundada em 1781 por José de Napoles Telles de Menezes, á margem direita do Tapajós, e como freguezia, permaneceu até Abril de 1883 quando a lei provincial n. 1.152 deu-lhe fôros de villa, sendo o município installado a 1 de Julho de 1884.

Exporta borracha, peixe salgado, guaraná e outros productos agricolas.

População do município: 5.000 habitantes.

Povoação—Brasilia legal.

A villa está a: Lat. S. 3° 13'8" e Long. O. 11° 53'32" do Rio de Janeiro.

ITAUTUBA—Está entre os municípios que mais prosperos se mostram, sob a competente direcção mascula do seu ex-intendente, coronel Raymundo Pereira Brasil, que a elle consagrou o melhor das suas energias.

Data de 1854 a criação da freguezia de Brasilia Legal, que em 1856 recebeu o titulo de villa, com o nome de Itaituba, sendo em 1900 elevada á categoria de cidade, mudada então para o ponto em que se encontra: margem esquerda do Tapajós, cêrca de 27 kilometros abaixo da ultima cachoeira deste rio.

Consta a sua exportação principal de borracha, caucho, castanha, oleo de copahyba, salsaparrilha, couros, sendo, nos tempos coloniaes, o logar do Pará que exportava guaraná.

A lavoura desenvolveu-se nelle de uma forma assombrosa, garantindo-lhe um futuro de prosperidades.

Itaituba é uma cidade que conta importantes melhoramentos de iniciativa particular e municipal, pois é o unico município que mantém, á sua custa, na séde, um grupo escolar. Além disso, em todo o territorio estão distribuidas escolas municipaes.

Possue mercado, paço municipal, cemiterio e uma regular edificação, espaçosas e bem tratadas ruas e praças, illuminadas a gaz Fichet.

Fazem parte do município as povoações Santaremzinho, Goyanna e Bella Vista, estas á margem do Tapajós, proximo ás suas primeiras cachoeiras.

A cidade está a Lat. S. 4° 19'5" e Long. O. 12° 23'34", do Rio de Janeiro.

População do município: 25.000 habitantes.

Está em estudos uma estrada de ferro aerea ou sobre pilots, a exemplo de muitas em uzo na America do Norte, com que vae ser dotado o município.

Oitava Região

SALGADO

VIGIA—É uma das cidades mais antigas e conhecidas do Estado e berço de distinctos paraenses.

Seu nome figura nos primeiros factos da historia do Pará, com a denominação de aldeia de Uruitã.

Em fins de 1693 foi creada a sua freguezia, de N. S. de Nazareth, com o nome de Vigia, e em 1854 recebeu fôros de cidade.

É comarca desde Setembro de 1871, declarada de 2.ª entrancia em 1872, fazendo então della parte Collares, São Caetano, Curuçá, Porto Salvo, Ramos e Abbade, estes dois ultimos logares como povoações.

A cidade está edificada á margem oriental do furo que, começando na Bocca da Laura, na Bahía do Sól, com o nome de Guajará, vae sahir a 30 kilometros, pouco mais ou menos, na barra da Vigia, na costa oriental do Pará, a 55 kilometros do oceano.

A cidade é cortada, nos fundos, por um pequeno pantano que recebe as aguas do mar pelo igarapé Rocinha, o qual a separa do bairro do Arapiranga.

Fazem parte do municipio as villas de Collares e Porto Salvo e as povoações Moçajutuba, Pregos e Borrachos.

Exporta em maior quantidade peixe salgado e grude de peixe, farinha de mandioca e madeiras de construção.

Constroem seus habitantes pequenas embarcações, conhecidas pelo nome de—vigilengas—, nas quaes intrepidamente cortam o oceano em todas as direcções, de Cayenna ao Gurupy, na pescaria e commercio de peixe.

São os vigienses, dos filhos do Pará, os homens mais intrepidos para a vida do mar.

A cidade da Vigia está a: $0^{\circ} 48'23''$ de Lat. S. e $4^{\circ} 58'7''$ de Long. O. do Rio de Janeiro.

Tem o municipio 20.000 habitantes.

S. CAETANO DE ODIVELLAS—A lei estadual n. 324 de 6 de Julho de 1895 elevou a categoria de villa a freguezia de São Caetano de Odivellas, creada em 1757 á margem do rio Mujuim, que desagua na bahia do Pará, a 11 kilometros de sua foz.

Durante muitos annos foi intendente deste municipio o extincto sr. coronel João Rodrigues dos Santos, que muitos serviços lhe prestou.

Existem nelle as povoações Santa Maria, S. S. Trindade e São João.

Exporta farinha de mandioca, arroz e outros cereaes, borracha, peixe fresco e salgado em grande quantidade.

A população do municipio consta de 13.000 habitantes.

A cidade está a: Lat. S. $0^{\circ} 41'51''$ e Long. O. $4^{\circ} 53'15''$ do Rio de Janeiro.

CURUÇA'—A' antiga aldeia de Curuçá deu, em 1758, Mendonça Furtado o título de villa com o nome de—Nova d'El-Rei—restituindo-lhe em 1850 uma lei provincial (n. 177) o nome de Curuçá, com a categoria de villa.

A cidade está a: Lat. S. $0^{\circ} 43'30''$ e Long. O. $4^{\circ} 43'22''$ do Rio de Janeiro, e se acha edificada á margem esquerda do rio Curuçá-miry, affluente do Curuçá.

Conta o municipio com as povoações Ponta de Ramos, Coqueiros, Santa Luzia, Lauro Sodré, Cabeceiras e Abbade, esta em uma ponta, de aspecto agradável, de clima benéfico para a saúde, á margem esquerda do rio Muriá.

A população do municipio consta de 14.000 habitantes.

MARAPANIM—O padre José Maria do Valle deu aos jesuítas a fazenda denominada Bom Intento, á margem esquerda do rio Marapanim, que foi a origem da actual cidade.

Cortada por dois igarapés e passando-lhe em frente o rio Marapanim, ficou os seus terrenos formando uma ilha.

As terras são altas para o N. e todas prestam-se para a lavoura. E' uma cidade aprazível e saudavel.

Freguezia em 1869, foi elevada á categoria de villa em 1874 e á de cidade em 1893.

O municipio tem algumas fazendas de gado, exporta cacau, farinha de mandioca, em grande quantidade, milho, peixe secco, aves e animaes domesticos, cereaes e fructos.

Do municipio fazem parte as villas de Guimarana, Marudá e Mattapiquara, ligadas por uma estrada de rodagem á villa de Igarapé-assú, á margem da Estrada de Ferro de Bragança, e as povoações Maranhão, Abaetéziinho e Pramahú.

A cidade está a $0^{\circ} 38' 53''$ Lat. S. e $4^{\circ} 29' 34''$ Long. O. do Rio de Janeiro.

E' de 15.000 o numero de habitantes do municipio.

MARACANÃ—Na bella aldeia de Maracanã, á margem esquerda do rio desse nome, Francisco Xavier de Mendonça Furtado creou em 1757 a freguezia de São Miguel de Cintra, missionada pelos jesuítas. Em 1800 foi-lhe concedido fôros de villa de Cintra. A esforços do conego Ulysses Pennafort, o Congresso Legislativo do Estado deu á villa o título de cidade, com o seu primitivo nome de Maracanã, isto em 1897,

sendo esse nome substituído ao depois pelo de Cintra, quanto á cidade, continuando porém o município com o de Maracanã.

Sua exportação consta de farinha de mandiôca, fumo, peixe salgado, aves domesticas e cereaes.

No município existem a villa de Satarém-Novo, que já foi séde do município desse nome, e as povoações São Bento, São Roberto, Nazareth e Sant'Anna.

A cidade está a $0^{\circ} 43' 23''$ Lat. S. e $4^{\circ} 26' 8''$ Long. O. do Rio de Janeiro.

Consta de 16.000 o numero de habitantes do município.

SALINAS—A freguezia de Nossa Senhora do Soccorro de Salinas foi creada em 1781, tendo por séde a actual villa, situada á margem oriental da bahia de Salinas, na costa do Oceano Atlantico, onde em 1656 o general André Vidal de Negreiros mandou estabelecer, na ponta da ilha, junto á bahia de Viranduba, uma atalaia, de onde, com tiros, fossem os navegantes avisados e se desviassem dos rochedos e baixos ali existentes, na sua entrada e passagem para o nosso porto.

Isso originou a criação da séde do município de Salinas, existindo actualmente no ponto escolhido para a atalaia um pharol inaugurado em 1852.

Em 1892, somente, é que foi confirmada a denominação e categoria de villa de Salinas. Do seu município faz parte a villa São João de Pirabas.

Salinas é uma das melhores estações balneares do Pará.

A população do município, estimada em 8.500 habitantes, emprega-se na criação de animaes domesticos, na lavoura de cereaes, na pesca, no commercio de sal e cal e no fabrico de pequenas embarcações.

A villa está a $0^{\circ} 40' 53''$ Lat. S. e $4^{\circ} 12' 32''$ Long. O. do Rio de Janeiro.

QUATIPURÚ—Em 1868 uma lei provincial, do mez de Outubro, deu fóros de freguezia á pequena povoação Quatipurú, sita á margem esquerda do rio do mesmo nome, a 16 kilometros de sua foz, que fica no oceano, em um terreno plano e proprio para a lavoura. Outra lei de 1900 extinguiu este município, cujo territorio foi annexado aos de Salinas e Bragança, sendo, porém, restaurado mais tarde pela lei n. 832 de 24 de Outubro de 1902 com os mesmos limites que tinha e com o nome de villa de Quatipurú.

Exporta fumo, cal, farinha de mandiôca, peixe salgado, e cereaes, contando em seu territorio muitas fazendas de criação de gado, para o que tem bons campos.

É de 8.000 o numero de habitantes do município.

A séde foi transferida para a novel villa de Miraselvas, á margem da Estrada de Ferro de Bragança, voltando ao depois novamente para a villa de Quatipurú.

Esta villa está a $0^{\circ} 55' 9''$ de Lat. S. e $3^{\circ} 47' 15''$ de Long. O. do Rio de Janeiro.

BRAGANÇA—Quando em 1616, de Belém partiu por terra para o Maranhão Pedro Teixeira, já existia em seu local o povoado indigena que deu origem a fundação de Bragança.

Data, porém, de 1622 a concessão a Gaspar de Souza da capitania, de juro e herdade, que ia da foz do rio Turiassú á do Caeté, com os fundos de 20 leguas para o sertão á dentro, sendo em 1633 pelo donatario fundado o povoado que tomou o nome de «Souza do Caeté», predicado que em 1753 foi substituído pelo de Bragança e confirmado em 1822.

Em completa decadencia, nesse anno (1753), Mendonça Furtado povoou Bragança com ilhéos angraenses e michaelenses, acto esse que trouxe progresso á villa.

A cidade está á margem esquerda do rio Caeté, em uma planicie com ligeiro declive para o rio, a $1^{\circ} 1' 30''$ de Lat. S. e $3^{\circ} 31' 36''$ de Long. O. do Rio de Janeiro e a 166 kilometros e 500 metros, em linha recta, de Belém. A area do seu patrimonio municipal é de uma legua quadrada de terras.

É comarca de 1.^a entrancia desde 1850.

Fazem parte do seu município varios povoados, entre os quaes U.umajó, Caratateua, Piriá, Almoço, Outeiro, Tijóca e Benjamin Constant, este, o mais novo e o mais importante, contando perto de 400 lotes de terras beneficiados com lavoura, e 3.000 pessoas provenientes da immigração hespanhola.

Bragança tem centenas de fabricas de fumo e farinha de mandioca, fazendas de criação de gado e estabelecimentos de varias industrias.

Faz larga exportação de todos os productos agricolas.

E' o ponto terminal da estrada de ferro que parte de Belém e cuja inauguração se deve aos esforços do benemerito governador do Estado dr. Augusto Montenegro, de saudosissima memoria.

População do municipio : 30.000 habitantes.

UIZEU—Vizeu foi fundada, no correr do anno de 1753, á margem esquerda do rio Gurupy que repara o Pará do Estado do Maranhão.

Em Dezembro de 1856 o povoado de Vizeu teve fôros de villa, e os de cidade em 1895, como sede da comarca de seu nome, a qual ainda conserva.

Do municipio faz parte o povoado São José do Gurupy, no alto Gurupy.

E' um municipio saudavel e muito rico em productos da flora e de mineraes, de ouro, principalmente, exportando fumo de optima qualidade, farinha de mandioca, canário e peixe secco e salgado, copahyba, arroz, feijão, milho e outros cereaes; e, café até 1893.

A cidade está a 1° 6' 7" de Lat. S. e 2° 58' 28" de Long. O. do Rio de Janeiro.

A população do municipio consta de 16.000 habitantes.

Nona Região

ESTRADA DE FERRO DE BRAGANÇA

IGARAPÉ-ASSÚ—Em 1906 o povoado de Igarapé-assú, á margem da Estrada de Ferro de Bragança, onde o governo do Estado mantinha varias colonias para imigrantes desde 1893, foi elevado á categoria de villa, sendo creado o seu municipio, que foi installado em 1907, contando a area de 2.800 kilometros quadrados de terras. Uma lei de 1908 transferiu a sede da comarca de Maracanã para villa de Igarapé-assú, sendo ao depois transportada novamente para a cidade de Maracanã.

A villa está a 0° 44' 58" Lat. Sul e 6° 10' 59" Long. O. do Rio de Janeiro, contendo perto de 200 casas boas, cobertas de telhas e de madeira, e paço municipal, mercado, edificio proprio do grupo escolar, cadeia, cemiterio, estação da Estrada de Ferro de Bragança.

Tem um commercio regular com a capital, exportando aguardente de canna e rapadura, para o que dispõe de bem montados engenhos, além do Aprendizado Agrícola Federal.

Fazem parte do municipio as povoações Prata, Livramento, Timboteua, Capanema, São Luiz, Taboleta, Porto Seguro e Peixe-Boi.

E' um lugar saudavel.

No Prata, com auxilio do Governo do Estado, mantém, os padres capuchinhos um grandioso estabelecimento de ensino e de agricultura, no qual são educados orphãos e menores indigenas de ambos os sexos.

Na villa, como no Prata, existem elegantes templos catholicos que servem de matrizes.

O Prata contém mais de 80 casas com 500 habitantes.

Foi intendente, até este anno, o dr. Cezarino Doce, fundador da villa que a elle deve principalmente o seu desenvolvimento e progresso.

Decima Região

ARAGUARY

MONTENEGRO—A 1° de Dezembro de 1900 o Conselho Federal da Republica Helvetica reconheceu o direito do Brazil no territorio contestado do Amapá, no secular litigio que mantinhamos com a França.

Incorporado o territorio ao do Estado do Pará, foi dado o nome de villa de «Montenegro», em homenagem ao dr. Augusto Montenegro, a antiga villa de Santo Antonio do Amapá, que está situada à margem direita do rio Amapá-pequeno, na foz de um furo que o liga ao Amapá-Grande como sede da comarca do Aricary, creada em 1902.

Terras fertilissimas e das mais ricas do Estado, por conter varias fazendas de excellente gado, muita borracha e vastos veios de ouro, este municipio está fadado a grande futuro, quando nelle forem methodizados os serviços de exploração.

Tem no seu territorio os povoados Calçoene e Araguay e a villa do Oyapock. A villa está a 2° 2' 31" Lat. N. e 7° 36' 2" de Long. O. do Rio de Janeiro. E de 12.000 habitantes a população do municipio.

Uchía Viçça.

NOTA.—Tendo sido escasso o tempo, entre a remessa de algumas notas enviadas, apenas por alguns srs. intendentes, e a urgente impressão deste livro, encarreguei o sr. Uchía Viçça de escrever esta parte da secção municipal do Estado (trabalho este feito em quinze dias), reservando-nos, eu e elle, para na outra edição deste Anuario, correspondente ao fim de 1916, apresentarmos um trabalho mais completo, com secções cartographicas e photographias locais, estatísticas e noticias mais circumstanciadas de cada um dos nossos municipios, de cuja cooperação esperamos o maior auxilio, com a nossa mais profunda gratidão.—Ignacio Moura.

15 de Novembro

Foi um dia de festa! A Patria Brasileira,
joguete de um monarcha, a pouco enfraquecia...
E, curvada e servil, chorava noite e dia
ao péso da cerviz da esqualida Guerreira!...

Um dia, porém, chegou! Batida toda inteira
dos bravos pela cohorte, a velha monarchia
agonisava, enfim! E, a espada altiva e fria,
venceu-a, de Deodoro em rútila fileira!...

Bem como a aurora astral que rúbida renasce
nos páramos azues... á Treva, face á face,
bellissima surgiu a Idéa forte e sã!

Tinha nascido a Luz, a Paz da causa publica,
Nascêra o grande Sol da fúlgida Republica,
morrêra a Noite vil co'Aurora de Constant!...

Anselmo Duarte.

PAU-XI...

(Estudo philologico sobre este vocabulo, sua origem e renascimento paleontologico.)

Excepção feita dos que dualizam o nome *panxi*—para indicar o nome generico dos Indios que demoravam nestas regiões *orixi-minaticas*, —das quaes he extrema (*exá*) a fortaleza *obiduada* (!), esta palavra complexa he tupy lidimo e compõe-se de *pan*, *ubau*, verbo «acabara, terminar, cessar, finalizar», e de —*xi*—forma variante de *xá*, *xê*, *xô*,—que significa «terra, campo, bosque, floresta etc.» —por consequencia o nome composto—*Pauxi*—quer dizer simplesmente que:—«O campo acabou... findou mesmo.

Toda vez que o verbo ou o nome tupy traz a posposição —*i*— com accento agudo, este posposto serve para exprimir *perseverança*, pontualidade da acção da pessoa ou coisa; VERBE GRATIA:—*pan-capi*—«findou, acabou mesmo o caminho»; *pan-cai*, acabou toda a ilha; *ygdra-pan-i*, «acabou cánda todo o seu curso»;—*pan-xu-i*, «acabou totalmente a terra, campo, etc.»; *áp'iana oícan ex-i nbumi*, «o homem passou, atravessou todo o campo ou terra, alfim»—*iké PAU-A-XI*—quer dizer: ali mesmo (no *Obido* vel *Obito*) morreu... findou realmente, totalmente o campo ou os campos geraes;—*opain-pan-a xi etá!*...

Na lingua Guarany temos igualmente as formas monotypicas: —*Pau-ca-bei*, «findou campo deserto», *pan-a-cui* «fim da floresta, do bosque», *pan-ai* «fim da sahida», *paó ubau-nbumi talog*,—«findou campos desertos vel arinos, cmo se diz em Zendo.

Logo a *polysynthese* da palavra tupy-guarany ou Indo-brazileña *PAU-XI* (sem *s!*) he «balisa, limite, marco, linde, extremidade» (*Exá* no *Cai-d-drá*) termo, termino, terminação, (*cumini*) cessação, fecho, confins, *raias*: —querem mais claro? Tomem lá: *Pau-a-xi-nára ike*—Eis aqui a bocca dos campos geraes do Amazonas—os quaes, principiando em o *Surimane*—veem obidolosamente, mortíferamente acabar nas fauces hiantes de *curul*—bem junto ao forte *Manú-Motta-Siqueira*, irmão simil do pombalico capitão-general — *Xá-vier de-Mendonça-Furtado*—a quem *Tupa-n'baia*!

Esta palavra fim (*pana*) que pertence a linguagem didactica, he muita vez, diz Wangelas, tão ontologica e metaphysica, que só a percepção lhe póde abranger o sentido.

Dizer, pois, ou graphar—*ipaua-xá* vel *Pau-xi*—he a mesmissima coisa que dizer: Eis aqui o lugar onde —*ignotos campos geraes*—fizeram fim, *id est*, vieram morrer obiduosados —n'esta parte aonde o assombroso RIO-MAR se estreita mais depois do *Pongo!*...

Está perto daquelle *Maryokay* (fortim) —*pasé* (pango em sanscrito, o *puncup-ché* (padieira em *kichua*), o *palus* (balisa em sanscrito), a *péssatb* (passagem em hebreu) a chave (no tupy *xáui*, no—*kichua llani*, no latim *clavis*, no grego *kleis*), que nos facilita o descobrimento dos immensos pampas (*) paraenses...

Portanto—*Pau-xi*—não é mais do que a grande chave (**), a *magna clavis* da porta principal por onde se vae aos desconhecidos *paré-cys*... dos vastos campos geraes,... até ás faldas das gigantescas Cordilheiras dos Andes.

Foi pela porta do —*Pau-xi*—que o nosso imperterrito collega, e illustrado indiana *Padre Nicolino*, então vigario de *Obidos* (!), de saudosa memoria, avançou como pioneiro e impavido *sapner* até junto aos campos geraes.

(*) A palavra *pampa* na lingua *kichua* significa *campo*.

(**) Chave em *kichua*—*pa-u-lui*, — he tudo o que nos facilita o conhecimento de alguma coisa; he a explicação, a interpretação de tudo o que he enigmatico, *esoterico* ou *difficil* —a *pará-clá* (pedra em sanscrito) que fecha a aboboda central, a praça forte nas freonças, como hé realmente—o *Fortim* de *Pauxi*.

Com referência a este illustre e heroico sacerdote Padre José Nicolino, que foi parcho de Caeté, Gurupá, e ulteriormente do Pan-xi (Obidos!) já publicamos uma pequena memoria, que muito elucidá a vida deste inolvidavel patriota e eximio catechista brazileño. Esta memoria escripta, por occasião de seu obito occorrido nos *ara-xás* (campos elevados) de Gurupátuba, nós a estampamos no periodico — *Cathense* — de nossa propriedade e exclusiva redacção em 1891, ainda quando eramos Vigario de N. S. do Rosario do Caeté, impropriamente, antipatrioticamente, *bilhusticamente*, maisoamente alcunhada de Bragança.

Por esta assombrosa — *Porta do Panxi* — e por meio de encantada — *clavis philomatica* entraram de mãos dadas com o destimido Pay Nicolino — os arrojados exploradores paruarás — dr. Francisco Tocantins, Aureliano Gudes e Valente do Couto, que, consoante he fama, conseguiram ainda no patriotico governo do dr. Lauro Sodré desfraldar aos ventos *alizijs* vel equatoriales o pavilhão republicano por-de-sobre as immensas campinas pauxianas....

Enquanto á palavra — xi — que compõe a dicção — *Pan-xi* — não padece duvida que he uma variante de nome — xa, xe, xu, que no tupy significa «campo, campina, terra», *varças* (*).

Baste ao nosso caso particular: — *Ki-xi-rámbim* — composto tupyco de: — *Ité* — «eis aqui», *xe* — «os campos» — *rá* — «nivelados» — *mu* — «unidos» — *bim* «verdes», isto he: «Aqui estão os nivelados ou rasos *campos* unidos e verdejantes — *ité xe rá-mu-bim*», — contracto em — *Ké-xá-rá-mu-bim*, nome que o nosso compatriota, — o inequalavel romancista brazileño — José do Alencar — traduziu no *Sertanejo* pela seguinte forma: «Oh! que bonitos campos?!»

Convém notar: esta foi a unica palavra *Tupy* que o auctor do *Itacema*, o mavioso cantor do — *Ubirajára* — ao traduzil-a acertou, embora errasse semelioticamente falando.

Outro vocabulo complexo he: *Ki-xádd*, composto de *Ité* «aqui» (estdo), *xa*, «campos», *dd*, «espalhados», «retalhados», significando: «eis aqui os campos divididos, separados», *Ité-xá-dd*, syncopado em *Kixádd* — são os campos que se derramam pelo sertão do Ceará.

Outro vocabulo complexo: — *Ké-xá-rá*, composto de — *Ité* «eis aqui», *xá*, «campos» (os) *rá*, «levantados», allusivo a serem aquelles campos *altos e baixos*, (*ká*) como são exactamente os campos (*xá*) do — *Kixará* — que se estende ao longo da serra do *Kikubá*, ramo da cordilheira do Aripari, no Ceará. Conhecemos de *visio* estes campos, são encantadoramente bellos e deslumbrantes; distam do valle do *Kariy* 60 kilometros, bem perto da cidade do Aripari (Crato!), futura capital do novo Estado do Cariry!... Aqui discordamos por completo, da opinião do nosso illustre confrade e amigo dr. Theodoro Sampaio que, no seu livro o «Tupy da Geographia Nacional», parece descrever da vera tupynicidade destes nomes. Podemos asseverar, sem receio de contestação, — que os nomes citados na sua obra, pag. 90, são tupsy lidimos verdadeiros, apurados.

Kixerambim, *Kixádd*, *Kixáá*, são tão-nossos, tão tupy-guarany, e portando brazilenos, como são: — *Kaxelá*, *Lambary* (rambary), *Locury*, *Katollé*, *Zabellé*, *Limon-deua*, etc. No Tupy-guarany, talqualmente no Sanskritto — a letra *L* tem o som de *R* brando. Dahi o engano. Na nossa *Grammatica Comparada* da lingua Tupy-guarany ou indo-brazileña, explicaremos como se deu a queda do *l* e a sua permutação.

Outro vocabulo complexo: — *Ki-xe-ló* (pela troca do *l* em *r* brando) composto de — *Ité* «eis aqui estão» (existem), *xé*, forma variante de *xá* (os) «campos», *ró* «aparrados», rijos, «baixos», isto he, «cá está o sitio ou logar dos campos *carrasqueiros*», allusivos — a serem ties campos (*xé*) semeados de katinga (*lé-ró*), matto baixo e infezado!

Possuimos ainda innumerous vocabulos brazilenos com suas competentes formas variantes de *xá*, *xé*, *xi*, *xá*, significando sempre campo, campina, *varças*, *terras*, como *exempli gratia*: — *ARA-XÁ*, composto de *a*, particula augmentativa, *rá*, «altos e baixos», e *xá* «campos», isto he, «campos, campinas altas, planaltos, etc.»; *ARA-XÁ*, «prados, campos rasos, *abunco*»; — *XÁ-RAVÉ* — significa «campos e florestas alagadas, submersas, como são exactamente os do *Marajó*, n'Amazonia, as do *Kornubá* — no Parecy ou Matto-Grosso. *ARAXÁ* — ou *platanax*, planaltos ou chapadões, são os sitios mais *altos* duma cordilheira, como os da *Ibiapana*, corruptela de *Ybiapaba*, no Ceará. *ARAXÁ* não tem a significação que lhe dá o dr. Theodoro Sampaio, no seu importante livro — o *Tupy* — na geographia bra-

(*) O termo *varças* vem do Arabe — *Var* — «campo de pouco pendão» e de *Sabra*, serra, campina. Não será por ventura este o nome que deu origem ao *Sabara* do mestre Antonio Bezerra?! Sendo assim, não andou muito longe do significado do vocabulo *Carrá* — de *car*, *caia*, «multidão, séries, *drá*, *terras*, montanhas!»

zilená. Dos *Araxás* vel *Plateaux* d'Asia Central—provieram os *Yucas* que, a seu turno, cruzaram com os *Aryás* e com os Índios da America do Sul.

Convém saber: as particulas *ráy-rá*, quer no Tupy, quer no Sanskritto, são particulas que indicam sempre a continuidade activa ou passiva, physica ou moral da pessoa ou da cousa, *verb. grat.*: *Sacn-raya*, «monder sempre, sem interrupção e com perseverança»; no *Sanskrito*, e no *Kichua*, sobre tudo o vocabulo—*apu-raya*, —significa «o que traz consigo o objecto continuamente, incessantemente».

Outro vocabulo complexo—*CORI* xa, composto de *cori* vel *curi*, «ouro», le de xa «campos», isto é campinas auri-verdes, cor de ouro. *Cori* no *Kichua* tambem significa *ouro*, e *cha*, *acha*, «campos», e *cacha*, «lago», d'onde o vocabulo incasico—*aurica-cha*, «lago de ouro», *Lauri-cacha*, he fonte ou nascente do rio Amazonas; vem no nome *kichuano* *llanci*, «o que luz e brilha», e *cacha*, «lago de ouro ou que luz e brilha», allusivo ao famoso—*LAURI COCHA*, o lago aurifero e brilhantissimo, d'onde surge o famoso Rio-mar—*Amó-çaná*—o gigante *Potamos* trovejante!... Temos alim o vocabulo brasileiro—*Extá*—; corruptela de *Eteixú*, composto de—*etei*, «ultimar, finalizar, soltar, acabar», e xu «serras», *seilica*, «confins da Terra»; facto allusivo a ser o povoado—*Extá* no Estado de Pernambuco, comarca de *Kabrób*—os limites, as extremas dos Estados do Ceará, Parahyba e *Pityguarana* ou Rio Grande do Norte!

Do que acabámos de expender, desume-se que a palavra—*PAU-XI*—corresponde admiravelmente á feição característica das linguas agglutinantes, a qual consiste na composição indefinida das palavras por syncope e ellipse.

Analysando ainda estes vocabulos tupy ou indo-brasileno—*Pau-xi*—sob o ponto de vista da *Philologia Comparada*, a hypothese polygenetica ou pro-etyptica he tambem irrecusavel e *infallível*.

Conego Ulysses de Lencastro.

ULYSSES PENNABORT é um dos sacerdotes de maior erudição do clero paraense. Natural do Ceará, fez seus estudos scientificos no Seminario do Pará, tendo como professores os notaveis jesuitas Estanislau Aureli e o historiador Raphael Galanti. Tem publicado varias obras, em diversos generos, cujo principal thema visa o conhecimento da nossa primitiva raça e das linguas aborigenes.

Manhã amazonica

Vão-se perdendo ao longe, tristemente,
Dos buritys as palmas desgrenhadas;
Partem de terra as auras perfumadas,
Beijando o mar na tremula corrente.

A marinheira canta alegremente,
Ao ver ao longe as serras elevadas;
Brisas do mar,—aragens saturadas
De amor, cantae uma canção dolente!

O sol já doira a verde canarana;
O tapuyo já desce da choupana...
Corre no rio célere canôa;

E nos galbos da aurana da beirada
Salta a «piassoca» enamorada
Do «mururé» em flôr vagando á tã!

Alcebíades Neves.

ALCEBIADES NEVES nasceu em Portel, deste Estado, em 1866 e falleceu nesta capital em principio do seculo anno. Poeta sem escola determinada, compoz versos bellos, de um lamaritismo puro, empolgante pela suggestiva combinação dos seus quadros.

Morreu pobre em meio de difficuldades cruas, vencido da vida como quasi todos os poetas.

MOJÚ

ENTRE as mais antigas e historicas localidades do Pará, sobressae a villa do Mojú, de onde sahiram varões eminentes. Foi ella theatro de sangrentos combates, na hedionda revolta de 1835.

Damos alguns apontamentos, sobre aquelle municipio, fornecidos pelo sr. coronel Diogo Henderson, que administrou essa Intendencia por 18 annos, consagrando-lhe toda a sua actividade e patriotismo :

« E' o municipio do Mojú pertencente á comarca de Igarapé-miry, tendo sido criado pela lei n. 1.399, de 5 de Outubro de 1899. Comprehen-de as parochias de Mojú e Cairary.

A villa de Mojú está situada á margem direita do rio do mesmo nome em terreno alto e enxuto, distante 57 kilometros da cidade de Belém, capital do Estado. O municipio é limitado ao Norte com o de Belém, ao Sul com o Estado do Maranhão pela linha que vae das nascentes do Gurupy á confluencia do rio Tocantins; a Este com o municipio de Acará e a Oeste com os de Abaeté, Igarapé-miry, Cametá, Mocajuba e Baião.

Em 1 de Junho de 1754 foi fundada por D. Miguel de Bulhões, então Bispo diocesano do Pará, a povoação do Guajará do Mojú, em terrenos doados pelo capitão Antonio Dornellas ao Divino Espirito-Santo, padroeiro da parochia.

Annos depois, a 9 de Setembro de 1837, a lei n. 14 elevou á freguezia a então povoação do Mojú, que tomou a categoria de villa pela lei n. 269 de 27 de Agosto de 1856, categoria que perdeu mais tarde para readquiril-a 14 annos depois com a lei n. 628 de Outubro de 1870, que creou tambem o municipio de Mojú,

Em 1887, perdeu novamente os fóros de villa, sendo o seu municipio annexado ao de Igarapé-miry.

Pela lei n. 1.399 de 5 de Outubro de 1889, foi novamente criado o municipio do Mojú, passando tambem a sua sede á categoria de villa.

Por decreto n. 38 de 15 de Fevereiro de 1890, do Governo Provisorio do Estado, foi dissolvida a antiga Camara Municipal, e creado o Conselho Municipal por decreto n. 39, da mesma data.

O primeiro Conselho Municipal eleito pelo povo foi composto dos cidadãos: Tenente-coronel Diogo Henderson, padre José Serapião Ribeiro, Manoel de Castilho e Sousa e Manoel Carlos de Lima e tomou posse em 15 de Novembro de 1891, sendo o primeiro eleito Intendente municipal e os demais vogaes do conselho.

O municipio do Mojú forma actualmente as 5.^a e 6.^a circumscripções do 1.^o districto judiciario da comarca de Igarapé-miry, sendo a 3.^a circumscripção composta de tres districtos policiaes, um com séde na villa, um no Igarapé Jambuassú e outro no baixo Mojú.

O seu clima é ameno e saudavel. Os seus habitantes cultivam activamente farinha de mandioca, arroz, milho e feijão, sendo as suas principaes producções a gomma elastica, madeiras, cacau, castanha, breu, azeites d'andiroba e de patauá, juthayssica, etc. Tambem exporta couros, jabotys, estôpa, chapêos de cipó, cordas de curauá, laranjas, melancias, ananazes e muitas especies de fructas que o solo produz.

Presume-se a existencia de ouro no alto rio Mojú. Já em tempos remotos, o sr. Antonio Corrêa de Miranda, proprietario da fazenda Santo Antonio do Mojú, subindo o rio com um profissional, procedeu a escavações em certa paragem e extrahiu grande quantidade desse metal. Tendo o referido mineiro, que se chamava Hilário Martins, seguido para a Bahia, seu Estado natal, com a parte do ouro que lhe tocou, lá falleceu, não tendo por isso continuado a exploração do sr. Corrêa de Miranda, à falta de pessoal habilitado para ella. Entretanto, até hoje, todos quantos sobem ao alto Mojú, affirmam a existencia ali de muito ouro, porque em qualquer gruta, enseada ou igarapé, como mesmo na praia denominada *Dona Januaria*, é visto muita malacacheta, signal infallivel da existencia de ouro. Ha mesmo occasiões em que a praia *Dona Januaria* parece estar toda coberta de ouro, e até o leito do rio, onde quer que a nossa vista alcance. O panorama é imponente e deslumbrante.

Possue o Mojú muitas cachoeiras formadas de granito de superior qualidade, como *gnéiss*, pegmatite, calcite, calcareo, quartzo, crystal, grés e muitas outras qualidades de pedras aproveitaveis para construcções prediaes.

Existem no alto Mojú grandes seringaes incultos, e é provavel a existencia de cauchaes. As castanheiras são abundantes desde a foz do rio Mojú, em diversos logares de suas mattas; acima, porém, da cachoeira *Jaracuera* existem extensas florestas naturaes de castanheiras.

A villa do Mojú communica-se com a cidade de Abaeté por meio de uma estrada de rodagem na extensão de 24 kilometros. Os habitantes dos rios Ubá e Jambuassú tambem communicam-se com a villa do Mojú por meio de uma outra estrada de rodagem, cuja extensão é superior a 12 kilometros. Estas estradas se acham em perfeito estado de limpeza e de transitio.

O rio Mojú offerece franca navegação aos vapores de pequeno e grande calado. A sua largura é variavel entre 280 e 300 metros no maximo e 150 a 180 no minimo; e a sua profundidade é de 10 braças em certos logares do canal, que varia de 3 a 5 braças em suas margens.

A villa do Mojú é constituída por cinco ruas:—da Republica, do Capitão Antonio Dornellas, General Gurjão, Marechal Floriano e Huiñaytá; tres travessas:—7 de Setembro, 15 de Agosto e 16 de Novembro; duas avenidas:—Marechal Bittencourt e 15 de Novembro; duas praças:—A do Divino Espírito-Santo e S. Benedicto. Contém 110 casas, estando ainda algumas em construcção. Seus edificios publicos são:—A intendencia municipal, a cadeia publica, o grupo escolar Dr. João Coelho, curro publico, etc. Avulta

a bella igreja matriz que se acha em excellente estado. Existem 2 cemiterios regulares, sendo a villa servida por tres pontes particulares e um trapiche publico coberto de ferro zincado, e illuminação publica feita pelo systema de gaz acetylene.

Funcionam na villa do Mojú o juizo substituto, e collectoria estadual, subprefeitura de policia, cartorio do registo civil e o commando da 2.^a brigada da Guarda Nacional.

A população da villa é composta de 600 habitantes, sendo a de todo o municipio calculada em 10.000 habitantes, dos quaes 603 são eleitores, até a revisão eleitoral de 1909.»

A pesca do pirarucú

Ledo, á prôa da ubá phantastica e ligeira,
Desce o rio o caboclo, e fitando a corrente,
Busca o pirarucú, das aguas, sôbre a esteira,
Para fregar-lhe o arpão sobre o dorso luzente.

Tudo é quieto e subtil em torno á ubá faceira,
As aguas a rasgar, mas eis que de repente,
Perto, o rio soluça, e, em furiosa carreira,
Bofa o peixe revel estrepitosamente.

Então de pé na ubá buscando lesto a prôa,
Sobre o pirarucú, que p'r'a fuga se aprompta,
Solta o caboclo o ferro e o arisco peixe arpão.

Mas sentindo, atro, o arpão morder-lhe o dorso frio,
O peixe preso rola, e ora foge, ora aponta
A bofar sobre o dorso escamoso do rio.

Rocha Moreira.

ANTUNES, SIMÕES & C^{IA}

Succesores de
COIMBRA, PEGO & C^{IA}

PARÁ

93 Rua do Cons^o João Alfredo 95

Armazem de Ferragens

Sortimento completo de utensilios
de cosinha
em todas as qualidades

Armas e Revólveres de todos os systemas

LOUÇA SANITARIA, SORTIMENTO COMPLETO

Completo sortimento de artigos para electricidade

Artigos de phantasia em prata
electrica proprios para presentes

H. S. P.

Torre de Malakoff

Rua Conselheiro João Alfredo n. 80

GRANDE SORTIMENTO DE BRINQUEDOS

MOVEIS NACIONAES E EXTRANGEIROS

Tapetes, vasos, sementes de flores e horta

L^A-ROQUE & COMP.

BELEM - PARÁ

SAPATARIA WALK-OVER



O MAIOR DEPOSITO DE CALÇADOS
EXTRANGEIROS, 'NO PARA'

Casa especialista em calçados finos, americanos, para Homens, Senhoras e Crianças.
Variado sortimento de Meias
para Homens e Crianças.

Recebe, por todos os vapores,
as ultimas novidades em calçados da
REPUTADA MARCA

WALK-OVER
A MELHOR DO MUNDO

Agentes e Concessionarias em todo o Estado do Pará

— M. F. DUARTE & C.ª —

PRAÇA VISCONDE DO RIO BRANCO, N. 9

CAIXA POSTAL, 671 End. Telegr.—WALKOVER

BELEM — PARÁ

OFFICINA DE SERRALHEIRO E ESPINGARDEIRO

FUNDIÇÃO, TORNEIRO e NICKELAGEM

Deposito de ferro, aço, chapa e carvão coque

Pires da Costa & Comp.

LARGO DE PALACIO, N. 20

Endereço Teleg. — AMANDIO — Caixa Postal, n. 480

Telephone n. 75

BELEM — PARÁ — BRAZIL

CONSERVAS E AZEITE

—DE—

BRANDÃO GOMES

São os melhores
Productos portuguezes

(ESPINHO)

VINHO COLLARES ≡ F. C.

VINHO DO PORTO
FERREIRINHA

VINHO VERDE ≡ PEREIRA DA COSTA

AGENTES

AUGUSTO CONSTANCE & COMP.

CAIXA POSTAL, 454—PARÁ

CAIXA POSTAL, 235—MAYNOS

CAIXA POSTAL, 1526—RIO DE JANEIRO

LONDON & BRAZILIAN BANK, LIMITED

CAPITAL, £ 2,500,000, in 125,000 SHARES of £ 20 each.

Paid-up Capital, 125,000 Shares at £ 10, £ 1,250,000

Reserve Fund £ 1,400,000

HEAD OFFICE—7, TOKENHOUSE YARD, LONDON, E. C.

DIRECTORS.

JOHN BEATON, Esq., Chairman.

WILLIAM DOURO HOARE, Esq., Deputy Chairman.

LEONARD DANEHAM CUNLIFFE, Esq. JOHN GORDON, Esq.

MAURICE GEORGE CARRGLYN, Esq. CHARLES SEYMOUR GRENFELL, Esq.

CHARLES EVELYN JOHNSTON, Esq.

GENERAL MANAGER — E. A. BENN.

JOINT SUB-MANAGERS — N. F. DUFF, and T. J. FINNIE.

INSPECTOR OF BRANCHES — H. L. RICHARDSON.

SECRETARY — A. W. SAUNDERS.

BANKERS.

LONDON — The BANK OF ENGLAND, Messrs. GLYN, MILLS, CURRIE & C.^o

LIVERPOOL — The BANK OF LIVERPOOL, LTD.

FRANCE — BANQUE DE FRANCE (Paris), SOCIÉTÉ GÉNÉRALE (Paris and Branches).

ITALY — CREDITO ITALIANO.

SPAIN — CRÉDIT LYONNAIS.

PORTUGAL — BANCO DE PORTUGAL.

BRANCHES.

BRAZIL — RIO DE JANEIRO, MANAOS, PARÁ, CEARÁ, PERNAMBUCO, BAHIA, SANTOS,
SÃO PAULO, CURITYRA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE.

ARGENTINA — BUENOS-AYRES, ROSARIO.

URUGUAY — MONTEVIDEO.

UNITED STATES — NEW-YORK (Agency).

FRANCE — PARIS, 5, Rue Scribe.

PORTUGAL — LISBON, OPORTO.

CORRESPONDENTS.

The Bank has Agents or Correspondents in all the principal Ports and Cities
of Brazil, Uruguay, Argentina, the United States, and Europe.

J. A. Ferreira da Silva & C.^a

ARMAZEM DE FAZENDAS E MIUDEZAS

62—RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO—62

Caixa Postal—224

TELEPHONE. 546

Ender. Telegr.—VALIS

CASA ESPECIALISTA

Em Cretones, Chitas, Brins, Riscados, Zephirs,

Morins e Pannos crús

**COMPLETO SORTIMENTO
DE MIUDEZAS, REDES E CHAPEUS**

Fabrica Perseverança

*Manufactureira de Cabos de linho alcatroado, cabos de manilha, cabos de sisal,
amarras de linha americana, amarras de piassaba,
linha de barca, merlim branco, merlim alcatroado, meallha de sahomba, barbanta em
novellos, pacotes de 6, 22 e 24 fios, de cor e brancos de todas as
grossuras fio de foguetreiro e todos os demais artigos
pertencentes a secção de cordoaria.*

ANIAGENS:— para encaiação de farinha, enfiamento de algodão e de outros
artigos de commercio.

SACCOS:— para cacau, arroz, milho, sal, farelho, cerea de caranhuba e outros
effeitos, etc., etc.

GRANDE STOCK PERMANENTE DE TODOS ESTES ARTIGOS

ENDUCCO TELEGRAPHICO
COLDAS

—PARÁ—BRASIL—

CAIXA POSTAL—221
TELEPHONE—135

Martins Jorge & Comp.

TRAVESSA RUY BARBOSA, 5 A 13—QUINTINO BOCAUYUA, 4 A 8

Chapelaria Quintão

GRANDE EMPORIO DE NOVIDADES

DE

Albino Vilhena & Comp.

85 — RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO — 85

PARÁ

CAIXA POSTAL 65

Recebe constantemente os melhores chapéus de palha e feltro, cartolas e claks, finos gostos em chapéus de sol e bengalas, bonets para homens e meninos. Variado sortimento de finas e modernas gravatas, camisas; ceroulas, collarinhos, meias, lenços, cintos e muitos artigos para homens e crianças, dos melhores fabricantes nacionaes e estrangeiros.

Alfaiataria União

GRANDE ATELIER DE CONFEÇÕES PARA HOMENS

DE

B. P. Silva & Comp.

End. Teleg. — ACCACIA

PARÁ

CAIXA POSTAL N. 76

Códigos usados — Ribeiro e A B C 5.^a Edição

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 28

IMPORTAÇÃO EM GRANDE ESCALA DAS PRINCIPAES FABRICAS DA EUROPA

Casemiras e flanelas inglezas, linhos e lons brancos e de côr, fustões novidade fantasias em pura seda e lã para colletes.

EXECUÇÕES AO RIGOR DA ÚLTIMA MODA DE PARIS E LONDRES

Sapataria Pelicano

—DE—

J. S. FRÓES

Grandes armazens de calçados

Depositarlos do famoso calçado americano *The Just Wright* e Hanan & Sen
MADE IN U.S.A.

Rua Conselheiro João Alfredo, 87 e 89



TELEPHONE—334

Comprar na Pelicano é primar na elegancia e acumular economias

PARÁ-BELEM

The London and River Plate Bank, Ltd.

— ESTABELECIDO EM 1862 —

Capital Auctorizado.....	£ 4.000.000
Capital Subscripto.....	£ 3.000.000
Capital Realizado.....	£ 1.800.000
FUNDO DE RESERVA.....	£ 2.000.000

PARÁ—BOULEVARD DA REPUBLICA—PARÁ

Londres, Paris, Antuerpia, New-York, Rio de Janeiro, Santos, Bahia, Victoria, Curityba, São Paulo, Pernambuco, Manaus, Buenos-Ayres, Montevideo, Rosario, Mendoza, Concordia, Bahia Branca, Barracas, Salto, Paysandú e Valparaiso.

SAQUES SOBRE :
LONDRES e todas as principaes cidades da INGLATERRA.
PARIS e todas as principaes cidades da FRANÇA,
PORTUGAL, ITALIA,
REPUBLICA ARGENTINA,
URUGUAY, CHILE, ESTADOS UNIDOS, CANADÁ E JAPÃO.

CONTAS CORRENTES, COM FIRMAS COMMERCIAES E INDIVIDUAES

DEPOSITO A PRASO FIXO OU A 30 DIAS DE AVISO

CARTAS DE CREDITOS, RECEBIMENTOS, PAGAMENTOS E TODAS AS

OPERAÇÕES BANCARIAS

O Pará fortificado

IMPORTANTE é, sem dúvida, a missão que ora me assiste de apresentar uma resenha do que foram e a que estão reduzidas as fortalezas do nosso Estado, desde os primeiros tempos da sua historia. A malevola intenção não ha de perturbar-me nunca, desde que todo o bem que almejo é a elucidação dos pontos primordiaes traçados pelo nossos bravos em todas as épocas, fazendo perdurar as suas obras na memoria dos que realmente amam as tradições da terra do seu berço.

Como a exiguidade do tempo e do espaço que nos é concedido neste «Annuario» nos não permita retrogradar as phases remotas em que outras nações exploravam o rio que hoje chamamos Amazonas e as costas americanas, particularmente as do Brazil, conforme se pôde verificar pelo mappa de Andrés Bynæo feito em 1436 em Lisboa e reeditado em 1448, o qual, sem dúvida orientou Colombo na sua viagem á America no fim do seculo XV e tantos outros cujos nomes se perdem no longinquo das éras, basta-nos chegar aos princípios do seculo XVII, em que os holandezes, francezes e inglezes estavam estabelecidos no estuario do grande Rio, desde o cabo de Orange na costa, até ao Xingú pelas terras a dentro.

Os francezes possuíam o forte de *Orange* na ponta que fica ao N. do rio Paty, hoje Onça ou Uassú, o qual foi construido, segundo refere Ch. Darnet, por Jorge Virgond em 1604; e os de Nassau á margem esquerda do Xingú, ao sul da foz do Ypirá, e ao norte da do Aquiqui, onde já eram senhores de grandes feitorias com plantios de canna de assucar e extracção de madeiras preciosas e perolas que em grande quantidade mandavam para o seu paiz. A construcção do forte Nassau obedeceu ao plano do engenheiro Steerglss que era tambem o chefe da colonia.

A região denominada dos Tucujús em virtude dos selvagens que a habitavam se extendia desde o rio Carapanatuba até á margem esquerda do Pará, e constituia um nucleo de holandezes que desde 1610 se haviam fortificado ali na pequena ilha do mesmo nome e foi chamada de Sant'Anna por Pero da Costa Favella em 1629, como consta da narração de Miguel de Oviedo na sua memoria inédita:—*Los establecimientos del Marañon*. Como não fosse proprio esse logar para uma defeza, transportaram a fortaleza para a foz do Matapy em um saliência da costa, que fica ao norte de um braço de lançamento do Anauerapocú.

Ainda anteriores á conquista do Pará pelos portuguezes são as fortalezas de *Muturá*, na foz do igarapé desse nome, e a de *Marióary*, á margem direita do braço septentrional do Amazonas cerca de dois segundos da foz do Pucuruhy para oeste. Estes dois ultimos fortes holandezes foram arrazados por Bento Maciel, capitão-mór do Pará, em 1623, e Luiz Aranha de Vasconcellos, que de Lisboa, viera, via Pernambuco, affirm de reconhecer as nações estabelecidas á entrada do Amazonas e desalojoul-as dahi.

A primeira fundação portugueza, no Pará, foi feita em fins de janeiro de 1616, por Francisco Caldeira, natural de Castello Branco, encarregado de rehaver para o seu paiz toda esta parte invadida por exploradores estranhos. Francisco Roso Caldeira fôra enviado por Alexandre de Moura conquistador do Maranhão, a 25 de Dezembro de 1615, e chegou ás terras do Grão-Pará ou de Pará-assú depois de cerca de um mez de viagem escolhendo para fortificar-se uma ponta de terra chamada pelos tupynambás:—Itacoã (*Promontorium*), banhada ao sul e oeste pelo rio dos Guajarás, ao norte pelo igarapé Piry-una e a leste pelo Capijó, ou Jussira, de accordo com o que escreveu Miguel de Oviedo e Partajio del Lobro nos seus:—*Fechos del Capitan Francisco Caldera nel Gran Pará* (Ebora—1633). Ahi levantou o capitão-mór auxiliado pelos seus companheiros e debaixo do plano do mestre Francisco de Mesquita e com a assistencia e braço dos selvagens, uma paliçada a

que chamavam *presepio*, (dos termos latinos: *praecep* ou *praecipium*—cercado, paliçada fechada, etc.; ou *praesepio*, (v.) cercar com sêbo ou com vallado), donde veio a dizer-se que Castello Branco denominara o forte de *Presepio*, quando apenas o chamavam assim os da expedição, enquanto os tupynambás diziam *Mauri*. O nome dado por Francisco Caldeira ao forte foi *N. Senhora de Belém*, que o capitão-mór tinha bastante razão para consagrar á posteridade. Houve quem o chamasse:—*Forte do Santa Christo*, em virtude da imagem do Crucificado ante a qual foi celebrada a primeira missa nesta terra e que até hoje se conserva como preciosa reliquia na igreja de N. S. das Mercês, para onde foi trasladada em 1912, por ordem do arcebispo do Pará D. Santino Maria da Silva Coutinho. A denominação de N. Senhora da Graça apparece pela primeira vez na carta escripta por Andrés Lopez, a 25 de Setembro de 1658, ao senhor Conde de Faro, seu protector.

A carta regia de 30 de Maio de 1721 ordenou ao Governo do Pará que puzesse toda vigilancia na conservação da fortaleza da cidade, que sabia se achar em completo estado de ruínas, assim como de todas as outras do Estado, pois desde o beneficiamento feito nella, em 1623, por Bento Maciel que lhe modificou as paredes, dotando-a de uma muralha de taipa de pilão, nenhuma outra havia tido que lhe constasse.

Não havendo pedreiros no Pará, e sendo este o motivo porque não se faziam os reparos, foi contratado em Lisboa Francisco Martins, com a diaria de 800 réis para vir fazer a obra, que teve início em 1728, sob a direcção do sargento mór engenheiro das fortificações Carlos Varjão Rolin.

Achava-se em 1832, esta obra completamente arruinada e prestes a desaparecer, quando o presidente do Pará mandou recolher o seu armamento á fortaleza da Barra. Mesmo assim arruinado, foi nelle o reduto do presidente intruso Antonio Felix Clemente Malcher contra o presidente também intruso Francisco Vinagre, em Janeiro de 1835.

No governo de Jeronymo Francisco Coelho, em 1830, foram principiaes os trabalhos de reconstrução, que só terminaram em 1868 sob a presidencia do Visconde de Arary, que nelle montou 27 peças, sendo duas a Perrot calibre 100, duas raiadas Withwork calibre 70, quatro canhões obuses a Paixans 80, e mais 19 antigos que haviam sido dali retirados em 1832, sendo doze de calibre 24, dois de 18 e cinco de 9. As de Paixans estavam montadas sobre carretas de marinha e todas as demais, com excepção das de Perrot, a Onofre.

O presidente João Capistrano Bandeira de Mello Filho, representou, em 1876, junto ao ministerio da guerra para que o «Castello» fosse desarmado, visto a sua pouca utilidade e os damnos que causava ás habitações proximas, na cidade, com as suas detonações, o que foi determinado pelo aviso de 12 de Dezembro do mesmo anno emanado do referido ministerio, ordenando outro sim que nelle fosse installado o arsenal de guerra, creado pela carta regia de 26 de Abril de 1803 e no Pará estabelecido pelo governador José Narcizo de Magalhães de Menezes, e que fôra transferido do claustro do convento das Mercês, em 1870, pelo governador dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, para o edificio da enfermaria militar, predio para esse fim adquirido, em 1765, pelo governador Fernando da Costa do Athayde Teive, e reedificado, em 1840, pelo presidente João Antonio de Miranda.

A parte da muralha que resguarda o forte do lado do mar, o casario, os portões, a ponte sobre o fosso, emfim todos os trabalhos de pedra e que offerecem resistencia ao tempo, datam da reforma de 1668.

Sobre o local do extinto forte de *Maróay* construiu, em 1623, Bento Maciel o de Santo Antonio de Gurupá, onde deixou Jeronymo d'Albuquerque como seu capitão em companhia de 50 soldados. Esta é a fortaleza que representa papel mais saliente na historia do Pará colonial, não só pela derrota inflingida ao capitão inglex Roger North em 1629, mais ainda pela que, em 1639, foi causada pelo seu capitão João Pereira Caceres a uma derradeira expedição da companhia hollandeza das Indias Occidentaes, que para sempre desterroou as pretensões batavas relativamente ás nossas regiões. Em 1691, achava-se quasi arruinada, quando o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho solicitou á côrte a sua reconstrução, que foi determinada pela carta regia de 19 de Fevereiro desse anno. Foi desse acto, pode-se dizer, que nasceu a villa de Gurupá, que comtudo já era assim chamada, desde 1639. Os reparos foram ligeiros, de modo que em 1760 o governador Manoel Bernardo Mello e Castro teve que mandal-a refazer quasi que totalmente, ficando todavia em caminho a obra, vindo a parte levantada a ruir em 1770. O coronel

Fernando da Costa de Athayde Teive, então governador da Província mandou reconstruí-la em 1771, trabalhando-se até 1774, ficando ainda a obra sem conclusão.

E nunca mais ali se fizeram trabalhos. Vendo a fortaleza mencionada em uma visita que fez o presidente do Pará dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque ao local, em 1860, declarou que, em vista da nenhuma utilidade que poderia ter para o Estado, a sua reconstrução não devia ser cogitada.

Os holandezes, expulsos de Mariocay e Tucujús foram estabelecer-se na ponta de Mandiutuba, onde se fortificaram, à margem direita do Amazonas, um pouco ao norte do rio Maxipana, afluente do Xingú, mais ou menos no local onde hoje se acha a cidade de Carrazedo. Segundo Baena e Pereira de Vasconcellos, Pedro Teixeira a mandado de Bento Maciel expulsou-os também dali, a 23 de Maio de 1625.

Diz Gene de Forest que os inglezes tinham igualmente nessa época importantes propriedades e fortalezas no Cajary. Uma, a de *Filleville*, seis leguas a dentro da confluencia do rio; outra, a de *Uarimmaca*, cinco leguas mais distante, além de um fortim na confluencia do Maracupucú, chamado por elles *Tauvege*, e pelos portuguezes *Torrego*. Sendo de todos tres rechassados por Pedro Teixeira, em 1629, indo porém estabelecer-se de novo entre os rios Matapy e Ananyrapucú, à margem do braço do rio chamado Felipe, donde só foram expulsos a 1 de Maio de 1631 por Jacome Raymundo de Noronha, governador do Maranhão e Pará. As guarnições foram presas quando fugiam, e levadas para Belém.

Ao passo que os portuguezes ali luctavam com os inglezes, enviados do duque de Buckingham, se abrigavam dentro dos muros de um forte que chamaram *Camaú* ou *Cumauá*, à margem do Amazonas, duas leguas e meia ao sul do lugar onde os portuguezes construíram mais tarde a fortaleza de Macapá, o qual foi tomado por Francisco Coelho de Carvalho, Ayres Chichorro e Pedro Baião de Abreu, tendo Chichorro morto á espada o capitão inglez Roger Fray. Sobre as suas ruínas foi mandada edificar, em 1688, por Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho, capitão-mór do Pará, uma fortaleza que se denominou *Santo Antonio de Macapá* a qual foi tomada em 31 de Maio de 1697 pelo marquez de Ferrolles, governador de Cayenna que da mesma forma determinou que fosse arrasado o forte do Pará, deixando ali ficar uma guarnição de 43 homens. A posse de Macapá só foi recobrada a 28 de Junho do mesmo anno, porém não se cuidou mais da sua melhoração, e o tempo foi pouco a pouco arruinando a primitiva fortaleza, que mais tarde foi substituída por outra.

O capitão hollandez Pieter Breyne, à frente de quarenta e seis companheiros, estabeleceu em 1625 um pequeno forte junto ao monte Mayé, na foz do Guany-assú, outro na foz do Maiacaré entre o mar e a confluencia do Calsoene, e ainda outro à margem esquerda do Oyapoek, que se chamava então Vicente Pinzon, na confluencia do rio Unary, junto ao monte Leucas. Todos esses tres fortes foram mandados arrazar em 1646 pelo governador do Pará Sebastião de Lucena Azevedo.

Dois reductos, quasi sem importancia foram mandados construir em 1638 por Bento Maciel, ao sul da sua capitania do Cabo do Norte; um na ponta de Muratuba, seis leguas acima da foz do Geninapo, à margem esquerda do Amazonas, e outro na foz do *Tobert* ou *Tueré*, por traz da ilha de Comandaby, áquelle chamou do *Destero* ou do Pará, e a este do *Tueré* ou da *Vigia*, ou de S. André, os quaes foram destruídos, como já vimos, pelo marquez de Ferrolles.

Pedro da Costa Favella foi incumbido, em 1660, de fundar um forte nas terras do Cabo do Norte para proteger os missionarios, e fê-lo à margem do rio Araguay, na Ponta Grossa, o qual se arruinou em breve por causa das porórocas e grandes inundações.

Em 1687, André de Valença foi mandado levantar um outro mais acima, à margem direita do mesmo rio Araguay, e à esquerda da confluencia do Batabouto, hoje conhecido pelo nome de furo do Araguay, cujo commando foi regulado pela carta regia de 25 de Março de 1688, sendo installado com tres canhões e 25 soldados.

O forte das Mercês ou de S. Pedro Nolasco foi mandado construir em Agosto de 1665 pelo terceiro governador e capitão geral do Pará, commendador Ruy Vaz de Siqueira, á beira mar, nos fundos do convento dos frades mercenarios. A sua forma era a de um triangulo isocèle tendo o vertice voltado para o mar e a base na riba, com cinco canhões. Depois da lucta da cabanagem em 1835, estava elle completamente arruinado e,

tencionando em 1841 o presidente do Pará dr. Bernardo de Souza Franco construir o cães da cidade e vendo que a parede ia tocar ao forte consultou o ministerio se era preferivel reconstruir-o ou demolir-o. Pelo aviso do ministerio da guerra de 16 de Dezembro de 1841 foi aconselhada a demolição, o que se fez de prompto.

Distante de Belém 8 kilometros e 195 metros, foi construido em 1685 por Antonio Lameira de França capitão da guarnição do Pará, sobre um banco de pedra abaixo de Val de Cães, um forte, com a vantagem do seu commando vitalicio concedido a seu pedido, nesse mesmo anno, pelo governador Gomes Freire de Andrade. Era guarnecido por 70 canhões, dos quaes 35 na bateria inferior, ao nivel d'agua, e 35 na superior. Como a corrente das marés comesçassem a carcomer os seus alicerces, foi mandada fazer em junho de 1740 uma sapata de pedra de cal ao redor. O governador D. Francisco de Souza Coutinho instituiu em 1791 um codigo de signaes, pelo qual se communicava a fortaleza de Antonio Lameira, por elle chamada de N. Senhora das Mercês da Barra e é até hoje conhecida por forte da Barra, com as demais fortificações, não só de Belém, mas ainda das ilhas proximas, que foram apparelhadas com artilharias para a defeza do canal. Este codigo foi modificado em 1801 pelo mesmo Souza Coutinho e augmentado, melhorado e promulgado em 1819 pelo governador Antonio José de Souza Manuel de Menezes, conde de Villa Flôr.

Francisco da Costa Falcão e seu filho Manuel da Motta de Siqueira, senhores de grandes propriedades no valle do Amazonas, offereceram-se ao governador e capitão general Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho para construir, á sua custa, quatro fortalezas em logares por elle designados. A aldeia dos Pauxis foi, pois, o primeiro local escolhido em vista da sua estreiteza e ponto strategico. Manuel da Motta ali levantou um pequeno forte que teve o nome da aldeia, com capacidade para quatro canhões, em 1697. Este forte foi mandado ampliar em 1758 pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que elevou a povoação á categoria de villa com a denominação de Obidos.

Em 1762 estava de novo em ruínas, sendo mandado restaurar pelo aviso do ministerio da guerra de 24 de Janeiro de 1854, tomando a fórma de uma barbeta semicircular com dez peças a Pecksans em carretas a Onofre.

Enquanto se levantava, em 1697, a fortaleza dos Pauxis, o mesmo governador encarregava Francisco da Costa Falcão da construcção de outra na foz do Tapajoz. Tendo logo cahido em ruínas, foi mandada reconstruir pelo governador Manoel Bernardo de Mello Castro, em 1762, que encarregou dos trabalhos a Domingos Sambuceti, o mesmo que restaurara a fortaleza do Gurupá, mas os trabalhos só foram concluidos na administração Souza Coutinho, em 1803. Em 1867 uma ordem do ministerio da guerra encarregou o capitão engenheiro Luiz Antonio de Souza Pitanga, de fortificar a fortaleza, porém os trabalhos não foram concluidos. A murada principiou a desabar em 1872, sendo o seu recinto mandado evacuar, quando já os seus canhões se despenhavam pela ladeira de um terreno, cujo proprietario mandou-as retirar, em 1898, para a via publica.

Motta Siqueira, depois de haver terminado as obras do reducto dos Pauxis, passou a construir o terceiro forte, á margem esquerda do Amazonas em um ponto elevado da confluencia do Pará, nas proximidades da serra do mesmo nome, juntando-se ahi bem perto os colonos e os indios da margem do Uacupary, formando uma aldeia, que o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado elevou, em 1758, á categoria de villa, com a denominação de Almeirim. Este forte occupava mais ou menos o local do que Bento Maciel mandara construir em 1638. Passou por melhoramentos consideraveis em 1745. Foi de todos o primeiro que se arruinou e desapareceu no baixo Amazonas; pois, em 1838, o general Francisco José de Souza Soares de Andrea, informando o ministerio da guerra, escreveu:—Almeirim já foi fortificada, hoje porém estão essas obras arruinadas e em abandono (21 de Janeiro de 1838).

Costa Falcão e seu filho fizeram, ainda em 1699, a fortaleza do Rio Negro, pelo que mereceram da corte a mercê de governar uma dellas, á escolha, por tres vidas. Siqueira, o primeiro que gozou da recompensa, optou pela dos Pauxis, tendo o seu terceiro e ultimo successor pedido baixa do serviço, não constando que tal graça fosse a outrem concedida.

Tambem, ás suas expensas, construiu Luiz de Moura, durante o governo de João de Maia da Gama, em 1727, uma *Casa Forte* junto á segunda cachoeira do rio Guamá, no

ponto inicial que, por terra, conduzia ao Maranhão, a qual fôra iniciada em 1708, sob o governo de Chistovão da Costa Freire e terminada em 1723 no governo de Maia da Gama. Luiz de Moura exigiu e obteve, como recompensa da sua dedicação e mercê unica, uma patente de capitão de infantaria com o soldo de soldado. E o governador Mendonça Furtado deu á sua povoação fôros de villa, em 1752, com o titulo de Ourém.

Na ilha de Itócia, no canal da entrada de Belém, o governador João de Abreu Castello Branco mandou construir, em 1738, uma fortaleza da fôrma de um parallelogramma, em sua parte septentrional, para ajudar o das Mercês. Chamou-se Fortin, pela sua pequenez, e em armado de cinco peças. Tendo ficado as obras em meio caminho, e sendo a correnteza muito grande, pouco a pouco foi cahindo, até que, em 1769, os ultimos despojos que ficaram sobre a praia foram conduzidos para a Barra.

Sobre as ruínas do forte de Cumáú, o governador Mendonça Furtado mandou levantar, em 1750, a fortaleza de Santo Antonio de Macapá; porém, como a peste começasse a grassar, foram suspensos os trabalhos. Em 1750 foi a aldeia de S. José de Macapá elevada á categoria de villa, e em 1761 foi feito um reduto de fachina, até que, em 1764, se construiu a fortaleza, que foi inaugurada a 19 de Março de 1782, não soffrendo de então para cá relevantes reparos.

Na conflúencia do rio Curiaú com o Amazonas, o governador Mello Castro mandou construir, em 1761, uma vigia que se chamou do *Curiaú* a qual servia de posto avançado a Macapá. Caiu em estado de ruína e desapareceu em 1808.

O governador capitão general Fernando da Costa de Athayde Teive mandou fazer em 1771, uma pequena construção militar no plano N. E. do convento dos capuchinhos de S. Antonio, para ajudar a resistência do forte de S. Pedro Nolasco, dando-lhe o nome de reduto de S. José, no local que fica hoje em frente ao jardim do Asylo de S. Antonio e occupado por um telheiro da Port of Pará, onde outr'ora funcionavam as officinas da Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas. Tudo fôra construído sobre estacada; por isso, o governador Souza Coutinho mandou, em 1791, fazer a muralha que ainda hoje ali se vê, para solidificar o mencionado forte. Na parte inferior della, entre o reduto de S. José e o forte de S. Pedro Nolasco, local hoje entre a Avenida 15 de Agosto e travessa de S. Antonio, mandou installar 5 canhões de grosso calibre, e outros menores, em meados de 1793.

Em 1807, o governador José Narciso de Magalhães de Menezes fez unir estas duas fortificações, e em 1832 mandou-as desarmar o presidente José Joaquim Machado d'Oliveira, não só por se acharem arruinadas e não offerecerem garantia, mas tambem por se tratar de abrir até ao mar as travessas da Estrella (Ferreira Penna) e Piedade, e preparar, a beira mar uma praça de desembarque.

O major engenheiro João Vasco Manuel de Brown, por ordem do governador José de Naples Telles de Menezes fundou, em 1780, um pequeno forte de fachina, com seis peças de pequeno calibre, á margem direita do Tocantins, dando-lhe o nome de N. Senhora de Nazareth. Em 1791, o governador Souza Coutinho encarregou o alcaide Joaquim José Maximo de fundar um porto de vigilância pelos interesses da capitania, em local mais apropriado. Maximo transferiu então o forte de Nazareth para defronte da cachoeira de Itabóca, proximo ao igarapé Remansão, donde, por julgar o local inconveniente, mais uma vez transferiu para a margem direita do igarapé Ampary, fronteira á ilha e cochoeira de Tucumanduba. O governador, não satisfeito ainda com este local, determinou que fosse transferido para uma ribanceira de 5 braças de altura, á margem direita do Tocantins, acima da cachoeira do Bacabal e abaixo da do Seco, em frente á ilha dos Camaleões.

Esta localização não foi ainda definitiva, por ter pela frente muitas ilhas, e em 1854, o tenente Constanção Dias Martins com o trade Manuel Procopio do Coração de Maria deram-lhe a derradeira e real posição, nas proximidades dos limites do Pará com Goyaz, sob a denominação de Colonia de S. Thereza do Tocantins e hoje é a villa de S. João do Araguaia.

Tratando de fortificar a entrada do Pará, o governador Athayde Teive procurou aproveitar, em 1793, a ilha dos Periquitos, que ficava fronteira ao engenho Tapaná. Levantou ali uma bateria de quatro canhões voltados para o rio, mas a correnteza fê-la pouco a pouco desaparecer e até a própria ilha, de modo que Vicente Fernandez em um memorial sobre: — OS CANAIS DO PARÁ (Lisbôa— 1847), diz que... «em 1803 ainda se viam ves-

tigos da bateria já desartilhada, mas em 1839 nem sequer a mínima porção da ilha se divisava mais. O mar havia succedido completamente à terra... e uma ilha que ali próximo se vê, com o mesmo nome, porém na margem esquerda do canal, não é mencionada senão de 1840 para cá».

Na ilha de Bragança, que divide o braço superior do Amazonas em dois canaes e fica entre a ilha Caviana e a ponta de Jupaty na terra firme, mandou o governador Souza Coutinho, em 1802, construir uma bateria e guarnecel-a com um destacamento fornecido pela praça de Macapá. Em 1824, porém della já não havia nem vestígios, conforme a relação do alferes Theodosio Brochado que servia naquella praça.

Na fazenda Val de Cães, que d. Maria de Mendonça, por morte, legára em 17.^o de Outubro de 1685 aos frades das Mercês, mandou, em 1817, o commandante das armas do Pará José Maria de Moura instalar uma bateria com os canhões que foram da ilha dos Periquitos; mas, segundo Vicente Fernandez, não havia vantagem alguma dessa fortaleza e em 1831 foi tudo mandado recolher à Barra.

Julgo ter dito o bastante para que as fortificações do Pará, desde o seu início, fiquem bem estudadas. As causas da sua duração ephemera, deixo-as ao juizo de cada um. Da fortaleza de Macapá falei pouco, a fim de reservar o seu desenvolvimento para occasião mais opportuna.

De Almeida Geni (Dalge)

Da Universidade de Roma

Scena guajarina

A Desdoro de Mendonça

D'entre a renda virente e fina do arvoredor,
Que á caricia da brisa affla a côpa, voejando,
Mal surge, aurea, a manhã, formoso, altivo e ledo
Parte um bando gazil, de passaros cantando.

E emquanto a brisa conta um murmuro segredo
A's arvores, em baixo o barranco beijando,
Corre a lymphá subtil, sob as folhas, a medo,
Sobre o dorso febril fructo e folhas levando.

Loura, ao fecundo sôl que banha a matta ingente,
Do alto cahe uma flôr, e cahindo no rio,
Desce e rôla ao sabôr das aguas da corrente.

E beirando a erva sélva uma ygara serpeia.
Na agua inquieta, em que chora o remo luzidio,
Emquanto em cima ao sôl toda a floresta candeia.

Rocha Moreira.

General Gurjão

Merece elogios a idéa altamente patriótica do illustre sr. tenente-coronel Izidro Figueiredo, commandante do 47.^o batalhão de caçadores, aquartelado nesta capital projectando inaugurar, por occasião das solemnes festas do Tricentenário de Belém, uma bibliotheca naquelle proprio militar, para ensino e leitura dos seus subordinados.

Sejam dados, desde já, os nossos emboras ao digno e benemerito official brasileiro, que pretende designar as diversas estantes daquella bibliotheca com os nomes dos paraenses já extinctos, que mais sobresahiram nas armas, letras e artes.

Fazendo-se mistér que o immortal nome de Hilario Gurjão figure em um dos departamentos bibliographicos, escrevi estas linhas de cuja singeleza peço venia, pela presteza, com que foram traçadas.

E' dever civic render homenagem á memoria daquelles que bem mereceram da patria, principalmente quando se trata de um vulto em destaque nas armas, o paraense illustre que dá titulo a estas linhas.

Sendo assim, sentimo-nos orgulhosos ao tracejar, embora ligeiramente, alguns dados biographicos do denodado conterraneo, que elevou brilhantemente o nome do nosso caro Brazil.

Hilario Maximiano Antunes Gurjão, era filho legitimo do saudoso major Hilario Pedro Gurjão e dona Anna Dorothea Gurjão, nascendo no Pará, a 21 de Fevereiro de 1820.

Aos 14 annos, levado pelo amor á Patria, alistou-se como voluntario no corpo *Pedro II*, creado pelo general Manoel Jorge Rodrigues para sustentaculo da lei. Aos 16 annos, sentava praça no 5.^o batalhão de caçadores.

A intelligencia lucida, o character lidimo, de que era dotado, e a dedicacão com que cumpria os seus arriscados serviços, collocaram-no em destaque, sendo brillantissima a sua carreira militar.

Em 1845, matriculou-se na escola militar do Rio de Janeiro, onde pelo seu talento elevado e trabalho operoso conquistou o diploma de bacharel em sciencias naturaes e mathematicas.

No dia 28 de Agosto de 1838 foi promovido a alferes, a 2 de Junho de 1840 a tenente, recebendo os galões de capitão na memoravel dada de 7 de setembro de 1842, promovido a major a 2 de Dezembro de 1854, em igual data de 1857 foi elevado a tenente-coronel, sendo a 22 de Janeiro de 1866 galadoardo coronel. Finalmente, a 18 de Janeiro de 1868, era promovido a general, em cujo posto pereceu heroicamente.

O governo brasileiro distinguio-o em diversas commissões, ora no Pará, ora em outras provincias do Brazil.

Foi na guerra do Paraguay que deu Gurjão provas incontestaveis de soldado destemido e de acrisolado patriotismo.

Partindo para os campos de batalha em 1863, coube-lhe nessa campanha gloriosa lugar distincto, desde a capitulação de Montevidéo, até ao Itororó, onde cahiu para sempre. Nessa ponte foi que, em 1868, travou-se renhido combate, onde o Marquez de Caxias, á frente do seu exercito obrou prodigios de valôr.

As balas paraguayas haviam trucidado muitos brasileiros e a luta era tremenda. A ponte que atravessava o rio, unica passagem para a tomada do reducto, era varrida pela metralha, ficando então juncado de cadaveres o leito do rio. Nas suas aguas lamacentas desapareciam tantos herôes.

Ordenou Caxias que a divisão commandada por Gurjão tomasse a vanguarda do ataque inimigo e atravessasse a legendaria passagem. Hesitavam os soldados e, á voz dos officiaes, tremulos de commoção, parecia-lhes ouvir sobre a fatidica ponte o pranto das esposas estremecidas e o balbuciar dos filhinhos queridos...

Todo esse quadro pungente reanimava cada vez mais a Gurjão, que affrontava todas as difficuldades com a maior calma.

Imminente era o perigo, quando o intrepido militar, louco de enthusiasmo e patriotismo, atravessou o obstaculo e antes de baquear ferido por uma bala inimiga, exclamou esta inesquecivel apostrophe: «Vejam como morre um general brasileiro!»

Os soldados animados avançaram e tomaram a ponte. O inimigo aterrorisado evadiu-se, deixando no campo de batalha innumerados mortos e feridos, além de grande numero de munições. O Brazil cantou mais uma victoria.

Gurjão foi transportado para Humaythá onde succumbiu, victima do barbaro ferimento, a 17 de Janeiro de 1869.

Os seus restos mortaes vieram para esta capital, sendo depositado em rico mausoléu, no cemiterio da Soledade. Tambem a Camara Municipal, como preito de gratidão áquelle brasileiro, mandou erigir-lhe uma estatua, talvez a mais importante do Pará.

Com este acto a communa interpretou o profundo reconhecimento do povo paraense, que guarda no recondito do coração a patriótica phrase do inesquecivel conterraneo: *Vejam como morre um general brasileiro!*

Novembro—1915,

Bianor Fonalber.



Tudo da
MELHOR QUALIDADE
Pelo **MEHOR PREÇO**

ROUPAS BRANCAS
para Senhoras e Meninas
Fazendas pretas
e artigos para luto
VESTIDINHOS e FATINHOS
para Crianças
FAZENDAS modernas
LENÇÓES, FRONHAS, COLCHAS
TAPETES, CORTINADOS,
- PANDOS para Mesas e Guardanapos e
NOVIDADES PARISIENSES

NO
BAZAR PARAENSE
33, Rua João Alfredo, 33

Casa acreditada pela
bôa qualidade de todas as
suas mercadorias

Todos os preços estão **marcados** e
sempre **mais baratos** que em qualquer parte

Casa Girão

Telephone n. 527 Teleg. *Girão*

Grande estabelecimento
de generos alimenticios de
primeira qualidade,
importados directamente

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Completo
sortimento em artigos finos

Especialidade
em Vinho Collares e Café moido
PREÇOS FIXOS E REDUZIDOS

CONDUÇÃO GRATIS AOS DOMÍLIOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 46
PARÁ BRAZIL

BERNARDO SÁ

COMMISSIONISTA

— DE —

Farinha e tabaco

TRAVESSA 7 DE SETEMBRO N. 4

C. Postal, 436 Telephone, 221

Unico recebedor
de tabaco de primorosa
escolha, marcas
Silveira e Marcellino

Bastidor da Moda

— DE —

Costa Pinho & C.

Fabrica de Chapéus de Sól

Deposito das machinas de costura
«WHITE» e «BASTIDOR»

Secção de Alfaiataria
Fazendas, armarinho, perfu-
maria, cutelaria
e artigos dentarios

Caixa Postal: 704 Ed. Telog. "BASTIDOR"

Rua Conselheiro João Alfredo ns. 25 e 27
PARÁ — BRAZIL

GRANDE FABRICA A VAPOR

DE
Cigarros e Beneficiamentos de Fumos de todas as procedencias

A installação mais modernamente montada do Paiz, com aparelhos modernissimos adaptados ao tabaco do Pará e que podem produzir **DIARIAMENTE**

600.000 cigarros de varios tipos.

30.000 pacotes de 25 grammas de tabaco.

2.600 kilos de tabaco beneficiado.

4.000 latas de diversos tamanhos, para tabaco (tampa dupla).



Tem constante deposito dos especiaes cigarros de seu fabrico :

CLUB — cigarros de luxo-ovaes-especial mistura com tabaco Turco.

GIRAFÁ — especial tabaco do Pará.

ARGENTINOS — especial tabaco do Pará (lavado)

MARROCOS — mistura especial

MARROCOS N. 1 — tabaco bom de Bragança

NICOLINOS — tabaco bom do Pará.

ROMANOS — regular com mistura.

PACHA — tabaco trivial.

(com coupon de 50 réis que dá direito a transitar gratuitamente nos bondes e linha do Mosquito.)

Unica fabrica no Brazil que possui machina propria para a extracção da nicotina.

Fabricação franca constantemente em exposição — Productos garantidos — Hygiene e asseio

SOARES DA COSTA & Cia

Rua da Industria, 8 — **PARÁ**

A COMMERCIAL

FUNDADA EM 1882

ESCRITORIO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 35

CARTA PATENTE, N. 34

Paga os sinistros á vista
e sem desconto



FAZ SEGUROS

Marítimos e terrestres contra fogo
riscos de mar, sobre mercadorias, predios, moveis, cascos de vapor, lanchas, alvarengas, etc.

Capital realizado.....	600:000\$000
Fundo de reserva.....	518:943\$424
Deposito de garantia no Thesouro Federal.	200:000\$000

DIRECTORES:

Angelo Amador Leite
Antonio de Almeida Facal
Antonio Barbosa Rodrigues

A. PINHEIRO FILHO & C.^a

ENDEREÇO TELEGR.—RUSTIC — CAIXA POSTAL—275

Fabrica de Chapéus de Palha

— E DE —

Caixas de Papelão

37—TRAVESSA RUY BARBOZA—37

TELEPHONE, 239

Artigo superior, fino e elegante; confecção bem acabada,
em que são empregados
materiaes de primeira qualidade.

Trav. S. Matheus—18

AGENCIA

Telephone—394

BRAZIL—PARA

J. J. MARTINS

COMISSÕES E REPRESENTAÇÕES

TRAVESSA CAMPOS SALLES N. 7-A

Endereço telegraphico - LUNARIN -

Caixa Postal 203

Códigos A B C 2ª edição

Ribeiro, Brasil e particulares

REPRESENTANTE DAS SEGUINTES CASAS, NACIONAES E EXTRANJEIRAS:

RIO DE JANEIRO

COMPANHIA LUZ STEARICA—Velas de
stearina de todas as qualidades.

DAVIDSON PULLEN & C.—Phosphores
de cera e madeira da Companhia Fiat-Luz.

TINOCO MACHADO & C.—Fabricante do
manteiga «Bamerakão».

PROCOPIO, OLIVEIRA & C.—Exporta-
dores de xarque.

FERNANDES, MOREIRA & C.—Exporta-
dores de cereas.

LOPES SA & C.—Fabrica de cigarros
São Lourenço.

COMPANHIA USINAS NACIONAES—Ex-
portação de assucar.

SÃO PAULO

S. A. ANCIENS ETABLISSEMENTS DU-
CHEN—Fabrica de biscoitos «Duchens».

S. A. R. F. MATARAZZO—Fabrica de
tecidos de algodão e exportação de cereas.

S. A. MOINHO SANTISTA—Farinhas
e furello.

COMPANHIA ARARENSE DE LEITERIAS
Leite condensado marca *Marquesa*.

RIO GRANDE DO SUL

J. GIANUCA—Exportador de xarque e mais
generos do Estado.

COMPANHIA DE CONSERVAS
RIO-GRANDENSE—Conservas de todas
as qualidades.

VICTORIA

VIVACQUA & IRMÃOS—Exportadores
de café.

BABIA

J. V. RIBEIRO & C.—Exportadores
de assucar e café.

MACIEIO

LEÃO & C.—Exportadores de assucar.

PERNAMBUCO

LEÃO & C.—Exportadores de assucar.

CANDIDO FERREIRA CASCÃO—Expor-
tadores de assucar.

MARTINS & PIRES—Exportação e
commissões.

PARANÁ DO NORTE

KRONCKE & C.—Exportadores de oleo
de caroço de algodão.

MONTEVIDEO

PEDRO DENIS & C.—Xarque saladero
«São Pedro».

M. ETCHEBARNE—Xarque saladero
«Casa Blanca».

SOCIEDAD INDUSTRIAL Y PASTORIL
Xarque e saldo «Touros».

BUENOS-AYRES

ALLARDICE & DIMALOW—Farinhas,
cereas e farragens.

BARCELONA

G. SENSAT—Exportador de azeite e azeitonas.

MÁLAGA

GROSS HERMANOS—Exportadores de
azeite, passas e vinhos.

Travessa Campos Salles, n. 7-A

BELEM—PARÁ

PENHORES

CASA BRAZIL

DE

J. Rodrigues & C.^a

Travessa Dr. Fructuoso Guimarães n. 13-15

É a casa que mais dinheiro
empresta sobre penhores de joias
e títulos.

Vende joias de penhores vencidos
a preços baratíssimos.

Compra bilhetes e pedras preciosas

Telephone n. 768

BELEM PARA BRAZIL

Lithographia Lohse

Travessa Campos Sales, 19

TELEPHONE 289

Endereço telegraphico: LOHSE

Grandes officinas de lithographia, typographia e encadernação

Trabalhos em alto relevo e chromo

Calçados finos para homens,
senhoras e crianças

As ultimas novidades

a preços mais baratos,

encontra-se

sempre

NA



SAPATARIA NETTO



Sellins, sellas,
malas de mão,
malas de sola, lona
e folha.

Bahús de sola e marupá
Botas de borracha.

Sacos de lona para viagem.

Betas para montar. Sola, etc., etc.

43, Rua Cons. João Alfredo, 43

TELEPHONE 35

Pará-Belem

RELOJOARIA GARANTIDA

DE

A. M. Salvador — PARA - BRAZIL

End. Telegr. "Garantido" Rua C. João Alfredo, 300

Usa-se código Ribeiro. Caixa no Correo, 35

Completo sortimento de relógios das
mais acreditadas fabricas da
Inglaterra, França, Suíça e America

OBRAS DE OURO

Sortimento das melhores peças em ouro para
relógios, medalhas, voltas para passap. transito,
etc., etc.

Grande sortimento de relógios, peças em
de ouro, prata, esmer e níquel

Deposito de gramophones **VICTOR** e discos
brasilens, portuguezes e nãos

Unico concessionário para todo o Brasil das
agulhas marca **RELOGIO**

Venda geral de sellos e estampilhas

ANOS COM BULHANTES

GARANTE-SE A QUALIDADE

Sapataria Carrapatoso

CASA MATRIZ

Rua Conselheiro João Alfredo, 105 (esquina da Praça Visconde do Rio Branco)

Telep. 738

PARÁ

Todos que desejarem fazer compras de calçados para vender
devem vêr as qualidades dos mesmos e os preços da

SAPATARIA CARRAPATOSO

**Exigir sempre que os calçados tenham
o carimbo da casa**

VENDAS POR ATACADO — 1.º ANDAR

PREÇOS FIXOS

Calçados dos melhores fabricantes sul americanos.

Exijam marca Carrapatoso

CASA FILIAL:—Rua Cons. João Alfredo, 98

BANCO DE CREDITO POPULAR

Fundado em 1.º de Maio de 1891,

com o capital de rs. 300:000\$000, que foi successivamente elevado para

rs. 600:000\$000, para rs. 1.000:000\$000 e

para rs. 3.000:000\$000, sendo actualmente esse capital de

rs. 1.200:000\$000, de accordo com a reforma em

31 de Julho de 1914. Esse capital

está representado por 30.000 acções do valor de rs. 40\$000 cada uma

A SUA DIRECTORIA É COMPOSTA ACTUALMENTE PELOS TREZ DIRECTORES SEGUINTES:

Antonio Alves da Silva, Augusto de Mattos Pereira e Francisco M. A. Coutinho Junior

A SUA DURAÇÃO É DE 60 ANNOS, A CONTAR DE 10 DE MAIO DE 1904

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambiaes para todas as praças da Europa,

onde tem correspondentes; saca para todas as

praças do Brazil. Faz descontos de letras da terra, encarrega-se de cobrança

de alugueis de predios urbanos, de saques de outras

praças sobre casas estabelecidas em Belem ou em outras cidades

do Estado. Effectua transacções garantidas por

apollies federaes, estaduais e municipaes, acções de bancos e compa-

nhias. Além das contas correntes com-

muns e as de prazo fixo, mantem a da **CAIXA POPULAR** onde recebe quantias a partir

de 10\$000 a 5:000\$000, a juros de 5% ao anno e em retiradas livres

Manoel Pedro & Comp.

EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS, CONSTRUCTORES

OFFICINA MECHANICA DE AUTOMOVEIS

SERRARIA, CARPINTARIA, MARCENARIA E FERRARIA

AGENCIAS

Buenos-Ayres, Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas,
Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte,
Ceará, Maranhão e Manaus.

RUA DE BRAGANÇA N. 3

CAIXA POSTAL N. 310

TELEPHONE N. 1

BELEM

PARÁ

BRAZIL

CASA CAMARINHA

—DE—

ALBERTO TAVEIRA & COMP.

END. TELEGR.—CAMARINHA

CODIGO—RIBEIRO

GRANDE SORTIMENTO DE GENEROS ALIMENTICIOS

LICORES, VINHOS LICOROSOS E DE MEZA

IMPORTAÇÃO DIRECTA DOS PRINCIPAES CENTROS PRODUCTORES

Rua da Industria—36

TELEPHONE. 60

Caixa Postal—695

PARÁ—BRAZIL

A BOTA INGLEZA



GRANDE LOJA DE CALÇADO

Mantem sempre o maior e melhor
sortimento de calçado

VENDE BARATISSIMO

Concessionário do famoso calçado americano "REGAL"

O respeitável publico antes de comprar deve consultar sempre os
preços e sortimento da BOTA INGLEZA

112 — Rua Conselheiro João Alfredo — 114

PARÁ — BELEM

FAZENDAS E MIUDEZAS

POR ATACADO

**GRANDE SORTIMENTO DE TODOS OS ARTIGOS
D'ESTE GENERO**

DIVISA DA CASA : VENDER BARATO

A. MOURÃO & COMP.^ª

57, Rua 15 de Novembro, 59 — PARÁ

CAIXA POSTAL. 415 — ENDEREÇO TELEGR : "AMOURÃO"

TELEPHONE 287

FILIAL EM MANAUS

Rua Marechal Deodoro, 29

CAIXA POSTAL, 787

ALGUNS PARAENSES ILLUSTRES



ONTA o Pará uma phalange de homens illustres, notaveis pela sua dedicação ao serviço da Patria, notaveis p. lo seu talento e notaveis ainda pelas virtudes civicas que os distinguiram na vida publica onde guardaram sempre indefectivel linha de conducta. São numerosos os que vivem relegados ao esquecimento, sem que se lhes renda o preito de justiça a que teem direito, sem que se lhes levante o nome ao nivel da historia, sem que se apresente à mocidade os seus exemplos raros de sentimento civico e sem que se diga a essa mesma mocidade quem foram os obreiros da nossa organização politica, que ora nos apresenta ao mundo culto, como parte integrante do povo universalmente concebido como nação democrata e moderna: a Patria Brasileira.

O ANNUARIO DE BELÉM, cumprindo o seu programma, apresenta ao mundo culto, como preito e como exemplos do trabalho, e mais ainda, como complemento ao dever.

Visconde de Arary

ANTONIO DE LACERDA CHERMONT, depois Barão e Visconde de Arary, foi um dos paraenses illustres que, originario de familia distincta, honrou, sobremodo, o Pará. Nasceu na villa de Chaves, a 16 de Outubro de 1806 e falleceu em Belém a 6 de Agosto de 1879. Foram seus paes Theodosio Constantino de Chermont (o segundo de nome) e d. Ignez Antonia Michaela Ayres de Lacerda Chermont. Em 1º de Julho de 1822 assentou praça de soldado particular (cadete) na 1ª Companhia da Região Miliciana da Ilha de Joannes, sendo promovido a alferes da mesma companhia, por provisão de 13 de Maio de 1823; a tenente da 8ª companhia, por patente de 24 de Janeiro de 1824; a capitão da 1ª companhia, por promoção de 12 de Outubro de 1827.

Como major commandante do batalhão de guardas nacionaes da Cachoeira, defendeu, por algum tempo, essa villa da invasão dos *cabanos* em 1835. Não podendo, porém, enfrentar os rebeldes mais e mais numerosos, a ponto de conseguirem tomar a villa, retirou-se com a sua gente para o seu engenho da ilha de Sant'Anna, na foz do rio Arary, onde prestou asylo a muitas familias foragidas dos outros logares.

Avisado de que ia elle ser atacado pelos *cabanos*, descidos da Cachoeira, retirou-se da ilha com toda a gente que o acompanhava e foi reunir-se ao Presidente Manoel Jorge Rodrigues, na ilha do Tatuóca. Horas depois da sua retirada da ilha de Sant'Anna, foi esta assaltada pelos cabanos, que a saquearam e devastaram. Na ilha do Tatuóca se conservou até à restauração da cidade de Belém pelo general Andréa, a 13 de Maio de 1836, quando partiu desta cidade como commandante da expedição restauradora da Ilha de Joannes, tendo prestado nesta occasião novos serviços no exterminio dos rebeldes dessa ilha e no restabelecimento da tranquillidade publica. Os seus serviços foram reconhecidos pelo governo imperial que o nomeou Commendador da Ordem de Christo e o agraciou com o titulo de Barão de Arary (1853) e Commendador da Ordem da Rosa, de que já era official (1867). Foi elevado a Visconde de Arary, com Honras de Grandeza, por decreto de 10 de Julho de 1867, em attenção aos relevantes serviços que prestou como Presidente da Provincia do Pará, cargo que exerceu por diversas vezes. Foi tambem coronel commandante superior da Guarda Nacional da comarca da Cachoeira.

Deixou o Visconde de Arary muitos filhos, entre os quaes os srs. Theodosio de Lacerda Chermont, notario publico em Belém; dr. Pedro Leite Chermont (fallecido), a condessa de Figueiredo, dr. Epaminondas Chermont, diplomata nos E. U. da America do Norte, José e Bento Chermont, correspondente do *Jornal do Commercio* do Rio, nesta capital.

Barão de Marauitá

JOÃO WILKENS DE MATTOS, Barão de Marauitá, nasceu a 8 de Março de 1823. Formou-se Engenheiro Civil em Manchester. Occupou os cargos de consul brasileiro em Cayenna e em Loreto. Exerceu o cargo de secretario do 1º presidente da Provincia do Amazonas, governando depois esta Provincia. No dominio republicano foi deputado federal e director geral dos Correios, em cujo cargo aposentou-se. Era filho do illustre coronel Manoel Lourenço de Mattos, que, no exercito brasileiro, prestou relevantes serviços á sua patria, reformando-se com 34 annos de bons serviços.

Padre Mattos

ANTONIO A. DE MATTOS, sacerdote intelligente e virtuoso, nasceu nesta capital a 7 de Abril de 1836; foi orador sacro de elevado merito; foi lente de latim, litteratura, theologia, historia universal e rethorica; Deputado á Assembléa Provincial em diversas legislaturas. Em 1864 desempenhou o cargo de cura da Cathedral. Quando Reitor do Seminario de S. José, em Manaus, foi distinguido com uma cadeira de deputado á Assembléa Legislativa, exercendo, tambem, ali, o cargo de director da Instrução Publica.

Como escriptor, redigiu aqui o *Jornal do Amazonas*, o que fez com decidida competencia. Como sacerdote recebeu do Prelado paraense a honrosa incumbência de, no seu nome e no do Clero, assistir ao casamento da princeza d. Izabel com o Condé d'Eu. A oração sacra que pronunciou por essa occasião fez que o imperador o galardoasse com a venêra de Commendador da Imperial Ordem da Rosa. Falleceu o padre Mattos em Belém, a 12 de Maio de 1868.

Ainda existem parentes seus, entre os quaes seu irmão o capitão João Simplicio de Mattos que actualmente exerce o cargo de secretario da Escola da Marinha Mercante, e o filho deste cavalheiro, capitão Joaquim Nilo Dias de Mattos, moço distincto, e que exerce com muito criterio o logar de 1º official da Administração dos Correios neste Estado.

Capitão Adolpho Lemos

ADOLPHO LEMOS DE SOUZA, advogado e escriptor de forte combatividade, nasceu em Cametá em 1851, e o seu trabalho, como politico, foi todo dedicado ao seu glorioso berço, onde, com outros, fundou *A Ração*, a *Cidade de Cametá* e o *Constitucional*. Occupou no parlamento estadual logar proeminente em seguidas legislaturas, sendo sua a idéa vencedora de iniciar-se de Cametá a estrada de ferro, hoje a cargo da companhia E. N. do Brazil. Era um homem de principios e crenças inabalaveis.

Abolicionista ardoroso, conseguiu, com os seus sinceros correligionarios, antes da lei de 13 de Maio, a libertação dos escravos dum dos districtos daquella comarca (Trindade), tornando assim, em Cametá, uma realidade o ideal da abolição da escravatura. O capitão Adolpho Lemos falleceu em Cametá, a 6 de Outubro de 1897, sendo o seu enterro uma verdadeira consagração.

Deixou viuva, a respeitavel senhora d. Catharina Rodrigues de Souza, e dois filhos a normalista Adolphina Rodrigues de Souza, já fallecida, e o sr. João Baptista Rodrigues de Souza, funcionario federal.

Professor Quintino Nunes

Sobre este benemerito educador da mocidade, que nasceu e morreu na cidade da Vigia, eis o que disse o sr. JONAS JOSÉ FERREIRA, um distincto escriptor vigiense, em artigo que sob elle fez a nosso pedido :

«O professor FRANCISCO QUINTINO DE ARAUJO NUNES nasceu na cidade da Vigia, do Estado do Pará, aos 31 de Outubro de 1839, sendo seus paes o sr. Francisco Celestino Nunes e d. Candida Maria Ferreira Nunes.

Educou-se em Belém, ainda Provincia do Pará, onde fez brilhante exame para professor publico do ensino primario da villa de Cintra, hoje cidade de Maracanã, no dia 13 de Junho de 1860, quando apenas attingia aos vinte annos de idade, seguindo para aquella villa no mesmo dia.

Mais tarde foi removido, a seu pedido, para São Caetano de Odivellas. Quer em Maracanã, quer em São Caetano, o professor Araujo Nunes revelou-se sempre um preceptor da mocidade cheio de fino talento e de esperanças.

Nestas duas localidades foi tão estimado, que com muita difficuldade conseguiu a sua remoção para a Vigia, sua terra natal; mas tendo fallecido o então professor publico Thomaz Joaquim Celestino Nunes, seu digno e virtuoso irmão, era necessario que elle o substituísse logo. E assim aconteceu.

Araujo Nunes nunca pretendeu uma posição espectacular, e a prova é que por varias vezes lhe foram offerecidos cargos diversos de alta importancia social, rejeitando-os todos, para não sabir da sua humilde posição de professor. A modestia em que rebuscava a sua existencia chegava a tornar-se proverbial.

A casa de Araujo Nunes era, por assim dizer, uma escola de consultas diarias, onde não só o alumno, como o proprio homem educado, iam em busca de sua fina erudição.

Como orador, a sua palavra foi sempre vibrante e de uma eloquencia subjugadora, notando-se por vezes rasgos sublimes, quando principalmente elle se referia á religião catholica.

Ah! a elevação de sua alma de crente se fazia sentir, caracterisando as suas phrases de um brilho indissolvel e de profunda elevação desentimentos.

O caracter diamantino do professor Nunes infundia uma sympathia expontanea, sendo estimado e respeitado por todas os que com elle se relacionavam.

No desempenho dos seu deveres profissionaes colheu elle numerosas palmas para offerecer ao verdadeiro merito. Assim é que, no livro de termos de exames existentes numa das escolas da Vigia, lê-se:— Visitei hoje a escola da Vigia, regida pelo professor Francisco Quintino de Araujo Nunes. Encontrei presentes 103 alumnos, em sua maioria bastante adiantados. O professor cumpre os seus deveres com zelo, dedicacão e intelligencia. — Dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, visitador das escolas.

E como este, muitos outros elogios merecidos teve o professor Araujo Nunes, durante a sua vida no magisterio publico. Mas, apesar de todo o seu merito, a politica, que em todos os tempos é sempre a mesma na devastação do bem e da moral, removeu-o acintosamente para a Cachoeira, no dia 12 de Novembro de 1870, remoção esta que Araujo Nunes não aceitou, preferindo abrir desde logo uma escola particular, onde, em 6 dias apenas, matricularam-se 60 alumnos, sendo este numero augmentado para 84 no mez seguinte.

— Em 21 de Abril de 1871 foi-lhe novamente entregue a escola publica que regia; mas o seu estado de saude não permitia que elle por muito tempo continuasse na cadeira do ensino, e assim viu-se forçado a pedir sua jubilação, que lhe foi concedida em 11 de Junho de 1882, após mais de 23 annos de excellentes e optimos serviços prestados á instrucção.

Mesmo com a insignificante quantia, que representava toda a sua fortuna mensal, Araujo Nunes não esquecia a pobreza desvalida. Parece que a caridade morava dentro daquelle coração grandioso, para impulsionar a sua alma nobre aos sentimentos do bem.

Foi elle um dos principaes fundadores da benemerita «Sociedade Litteraria e Beneficente Cinco de Agosto», sociedade que, organizada sob os seus auspícios, em 1º de Outubro de 1871, ainda subsiste, continuando sempre na sua missão sublime de detramar, entre os seus socios enfermos e até entre pessoas extranhas, a sua beneficência.

Como politico, militou sempre, no tempo da monarchia, nas fileiras do partido liberal, sendo depois da proclamação da Republica um dos chefes do partido republicano democrata.

Falleceu nesta cidade no dia 14 de Janeiro de 1893.

Dr. Cantidiano Nunes.

O DR. CANTIDIANO NUNES, que nasceu na cidade da Vigia em 1871 e falleceu nesta capital aos 44 annos de idade, era formado pela nossa Faculdade de Direito, professor normalista e publicista de talento. Exerceu o magisterio em diversas localidades do interior.

Foi um dos directores-fundadores do Atheneu Paraense, tendo fundado, depois, com a sua distincta esposa, d. Maria da Cunha Nunes, o Collegio do Norte que teve carinhosa accettazione da familia paraense. Dirigiu, a convite do Governador do Estado, dr. João Coelho, o orphanato do Outeiro. Foi um dos mais intelligentes socios da Mina Litteraria. Escriptor, produziu bellas obras como os *Orientaes* e *Guajarinos*, mimosos contos

a Catulle Mendès, e a *Revolução Paraense e Amor... Amor*, dramas historicos e sociaes; *Fir-pandro, Belkio, Bernadette, Sonhos de Virgem e Nascimento do Amor*, bellos ornamentos a nossa historia e, *Pontos de Geographia, Elementos de Meteorologia* e uma collecção de mappas geometricos, obras approvadas pelo Conselho Superior de Instrucção Publica.

Morreu trabalhando; deixou nesse afan bemdicto, inedita, uma obra que se pôde reputar de merito superior—*A Terra Paraense*, historica geographica, na qual elle trabalhava «até adormecer exausto e embalado pelos accordes maviosos do piano, do bandolim gemente e do violino cantante, tangidos pela sua esposa e filhos».

Dr. Carlos de Novaes

CARLOS AUGUSTO VALENTE DE NOVAES, nasceu em Cametá e falleceu a 7 de Novembro deste anno (1915), no Rio de Janeiro. Formado em medicina, o illustre morto consagrou-se á Republica e, portanto, á mocidade da sua patria, tornando-se professor competentiſſimo de geographia.

Deixou diversos trabalhos de nota, premiados todos com medalha de ouro na exposiçào nacional de 1908, entre os quaes contam-se: *Historia Natural, Physica Elementar, Geographia Elementar e Especial do Estado do Pará, Geographia Primaria, Geographia Secundaria ou Superior, Chorographia do Brazil* e diversas outras obras didacticas de reconhecido valôr. Foi lente de geographia do Gymnasio Paes de Carvalho e teve uma existencia honrada e exemplarissima.

Olhando o mar

Vae deslisando n'agua uma canôa. E o vento
Tufa o panno, que sobre o lençol de esmeralda,
Lindo, alveja na costa, onde o mar é violento
E o sôl gaze de luz sobre as aguas desfralda.

E a hora em que azulado é todo o firmamento,
E o, dos astros, senhor, a verde lymphia escalda;
Mar e céu, agua e luz... e embalde eu busco attento
Divisar de um rochedo a êscura ou nivea fralda.

E a barquinha fluctua; ôra sobe, ôra desce
No amplo scio do mar que tumultua, geme,
Chora, ulula, blasphema, e tragal-a parece.

Sob o verde do mar, quantas profundas maguas!
E o sôl vae sobre a lymphia irrequieta, que treme,
Crivos de oiro a semear sobre a esteira das aguas.

Rocha Moreira.

VIGIA

Um glorioso monumento do passado.
Inspiração dum crente.

Em longo *furo* ou canal que descreve uma graciosa curva desde a vasta e poetica *Bahia do Sol*, até à foz propriamente dita do majestoso Tocantins, na *Bahia do Marajó*, num percurso de seis a oito leguas, na parte que termina com a denominação de *Guajará*, na fralda do continente, numa estreita zona de terra firme que, rompendo as varzeas marginaes, vai até ao rio, foi edificada a risonha cidade da Vigia. Ella conta quasi tres seculos de existencia, tendo tomado parte nas grandes dôres e nas grandes glorias da nossa vida regional.

Porque distasse pouco do oceano, do qual ouve os queixumes das vagas segredando às praias adoraveis os seus eternos amores, e de lá se avis-tasse a extensa e bella bahia de Marajó, que não é mais do que um pedaço do Atlantico, o governo colonial postou ali *vigias* que protegessem a navegação da Amazonia contra os forasteiros, e por isso ficou ao logar a denominação — *Vigia*, que até hoje é, velha sentinella dum povo altivo que, no periodo do seu desenvolvimento ethnico, concorreu grandemente para o estado cul-tural da geração presente.

Data de 1645 a sua fundação e de 1693 a sua elevação á categoria de com extenso patrimonio, para dar expansão ao desenvolvimento agricola, de villa, que eram activos cultores os laboriosos colonos portuguezes, auxiliados por esses heroicos phalangiarios de Bem, que foram os missionarios jesuitas, extraordinarios edificadores da Fé e da Civilisação, nas ermas paragens de toda a vasta região amazonica,

Muito antes disso, logo após a fundação de Belém, depois que ella foi procurada para atalaia dos interesses da Provincia, fizeram-na capitania.

Florescia entre o oceano e o rio-mar, como um rosal agreste, banha-do da grande luz equatorial, embalado pela eterna ventania dos mares pro-fundamente mysticos, quando em 1730, o padre José Lopes, provincial da companhia de Jesus, conseguiu permissão para reunir em uma casa oito mis-sionarios, e em 1732 a permissão regia para estabelecer um collegio (*Collegio da Mãe de Deus*), e dois annos depois, 1734, aquelles heróes da Fé lançaram os primeiros alicerces do sumptuoso templo de Nossa Senhora de Nazareth.

Tem elle o aspecto solenne de uma cathedral antiga, com as suas torres medievaes, as suas columnas majestosas, com os seus painéis maravi-lhosos, cujos frescos ainda se percebem atravez dos seculos, e o altar-mór artistico, fingindo na solidez um velho marmore de Paros.

Que de tradições bellas e sublimes não guarda aquelle templo ! A pequenina imagem da Virgem, da brancura immaculada dos lyrios, toda cheia de graça, repousa ha muito tempo no formoso nicho de granito, com a majestade santa do poder miraculoso que ella tem, e que hoje ainda leva a seus pés, constricta, a multidão de peccadores, sedenta de graças, mendiga de perdão.

Evoca elle a figura austera do jesuita, symbolo da obrigação e do amor, que «com a cruz pendente do peito, de sandalias aos pés, olhos baixos e immoveis sobre a terra, coberto de burel muitas vezes esfarrapado, por toda a parte se apresentava como symbolo de pobreza e humildade, desapegado das coisas do mundo, sem ambições que não fossem pela maior gloria de Deus e da religião.»

Foi nesse grandioso templo, cheio de retabulos doirados, que funcção-nou o collegio, onde, naquelles tempos, remotos ensinavam os missionarios aos nossos antepassados o latim, a philosophia racional, mantendo para isso uma bibliotheca cheia de livros proprios para instruir e educar a vigorosa mocidade de então. Glorioso pelo deslumbramento do seu culto, o templo da Vigia é o monumento de um passado que nos orgulha.

Bem dizia Victor Hugo, ao descrever a multidão, que, na evolução da linguagem humana, se tornou mais eloquente quando apenas podia fallar pela pedra.

Se as vicissitudes sociaes vierem a transformar a velha cidade da Vigia em um montão de destroços, a ponto de apenas ficar erecto o templo, só por si poderá elle restaurar a historia do passado glorioso daquelle povo.

Não tem a rustica cathedral o seu *Quasimodo*; mas vive á sombra do seu campanario o seu vigilante, sr. Jonas Ferreira, que, á força de admirar todos os dias, todas as horas, aquelle poema de pedra, como se fosse um livro da epopéa apothecica do mar, nelle se tem inspirado, a ponto de escrever bellas suggestões litterarias sobre o mystico thema da contemplação divina.

Foi esse modestissimo litterato que nos enviou a collaboração que segue a estas considerações vagas, para este livro, a qual vai no seu estylo proprio, inçada dos «erros» que os espiritos modernos classificam de «atravosa», porém que elle soletrou nos rendilhados daquelle templo, como um Champollion a interpretar os hieroglyphos de alguma pyramide surgida aavez dos seculos nevoentos do passado :

A Oração e a Fé



Ainda quando não tivesse o homem recebido, com a agua do baptismo, a fé sublime que lhe attesta a immensa superioridade da religião de Jesus sobre as demais inventadas pelos homiems, a simples razão bastaria para convencer-lhe da alta verdade de que a religião catholica, essa religião santa de paz e de amor, é a mais pura, a unica necessaria.

A acção da religião ensinada por Jesus Christo e proclamada pelos Apostolos, é o elemento da mais alta, da mais elevada importancia para a vida dos

povos, e sem ella não existiria harmonia social com o grão necessario para o desenvolvimento da civilização em geral.

O positivismo indocil, avido de materia e de prazeres, nega a existencia da alma. Entretanto, essa mesma alma cuja presenca alimenta a chama da vida, é nella, como em toda a creatura humana, o principio que lhe faz pensar e sentir. Sem a alma não passaria o homem de um fardo sem valor, um objecto repugnante, um sacco vazio ou antes—nada,—porque a ausencia da alma negar-lhe-ia a luz dos olhos, o viço do rosto, os movimentos dos membros e a razão enfim.

Deus nos deu a alma para distinguir-nos de todos os outros seres creados. O homem, cuja proeminencia sobre todas as organizações distingue-se na intelligencia de que fôra dotado, não poderia conceber o pensamento sem a existencia da alma, e nem teria consciencia do papel que no mundo representa, se o sentimento e a memoria o abandonassem. E' por meio da alma que chegamos ao conhecimento do bem e do mal.

O animal irracional não pensa, porque não tem consciencia nenhuma para prescrutar, como o homem, a elevação do seu destino.

O macteo imita os movimentos do homem, come com as proprias mãos, atira pedradas, mas tudo isso que pratica é inconscientemente, porque a sua natureza é dotada apenas do instincto. Dá-se o mesmo com os outros animaes. Mas o homem abriga um espirito intelligente com o qual deseja sondar o proprio universo, procurando com a sua razão e experiencia investigar a verdade que é a luz.

Sem a alma não era possível chegarmos ao conhecimento de Deus, e muito menos teria o ser humano poder para comprehender as grandezas da Natureza, representadas nesse bello e majestoso sol que nos illumina.

Os impios e os indifferentes entendem que, com a tal liberdade de consciencia, devem hostilisar, negar a veracidade de Deus e destruir esse principio de moral que se chama Fé. Mas não o fazem senão por espirito de contradição. A liberdade de consciencia não auctoriza um procedimento revoltante, não admite deturpar aquillo que é puro e nem inverter a acção da verdade. A nossa liberdade é o direito que reclamamos para tudo quanto fôr licito e racional e não aquella que reclamam os impios e os indifferentes, perseguindo a ferro e a fogo a justiça, o direito e a religião.

O impio, por sua natureza abjecta, não tem coração, e se o tem, não lhe serve senão para o odio a todas as cousas sublimes e grandiosas. O que se abriga dentro de seu peito é um inverno perpetuo, onde não é dado conhecer a flôr da divina caridade, que desabrocha á luz da crença vivificante.

E o catholicismo, tão carinhoso na sua missão de Caridade, caminha a passos victoriosos, sem se aperceber dos que buscam na sciencia rotulada, empanar a luz benéfica dos dogmas da igreja catholica, cujas verdades tentariam elles inutilmente perverter.

Nas outras religiões não se faz mistér a oração e a préce, porque nenhuma dellas tem como lema—o Amôr e a Caridade.

* O christianismo, com a sua cruz adoravel, symbolo sublime de de uma crença eterna, é a Religião do amor-immaculado e pure, revigorado pela fé.*

A fé obriga o christão pela moral traçada no Evangelho, e é nessa moral suprema que resplandesce a oração, esse balsamo que se derrama na alma crente, purificando o sentimento do bem, do bello e do justo.

A oração é o grande meio estabelecido por Deus para obtermos a a graça e a perseverança final.

E' na oração, dizia S. Bernardo, que se acha a medicina de todas as feridas; o soccorro ás necessidades, a reparação de todas as faltas, a copia de todos os proveitos. Não ha creatura humana que não esteja sujeita, nas grandes e penosas luctas da vida, ás contrariedades da sorte. Todo o ser humano tem momentos de sentir o coração dilacerado por uma dôr, e o remedio para esses males, buscamos na oração-prêce. Portanto, a religião de nossos paes é um archanjo bendito que nos acompanha em toda a vida, e mais ainda, vela por nós, quando repousamos no grande somno da morte.

Vigia—1915.

Jonas Ferreira.

JONAS JOSÉ FERREIRA, nasceu na Vigia, onde vive; pertence a uma distincta familia daquelle localidade. Espirito culto, intelligente, é de uma actividade invulgar e, como se vê, catholico orthodoxo e extremado.

Nobre orgulho

A uma alma desiludida

Houve um rei legendario, um rei antigo
que, num grande combate desthronado,
duns andrajos cobriu-se, e disfarçado
poude escapar á sanha do inimigo.

Mas tão nobre altivez guardou comsigo,
que, ao passar indigente, esfarrapado,
ouvia o povo murmurar pasmado :
« Tem uns ares de rei, este mendigo » !

Alma nobre e infeliz ! Quando tombaram
teus reinos ideaes, donde sósinha
as batalhas da vida te expulsaram,

tudo perdeste, ó misera e mesquinha !
Mas, se o manto dos hombros te arrancaram,
Sob o manto do orgulho inda és rainha !

Paulino de Brito.

O VINTE E DOIS

ALFALATARIA

**E
CAMISARIA**

—DE—

FIGUEIRO SILVA & C.

Rua Cos. João Alvelo, 57

CAIXA POSTAL 224

TELEPHONE, 698

Grande sortimento
de fazendas das
melhores fabricas
da FRANÇA
e INGLATERRA



ESPECIALIDADES EM

LINHOS, BRINS

—E LONAS—

ARTIGOS DE

CAMISARIA

Sempre variado
sortimento em
Camisas,
Gravatas, Cha-
peus, Meias,
Collarinhos,
Lanços, etc. etc.

PREÇOS

SEM COMPETENCIA

GRANDES ARMAZENS "GUARANY"

DE

J. A. MONTEIRO

Successor de **SILVA & MONTEIRO**

CASA FUNDADA EM 1847

Grande sortimento de ferragem, louça, Ferro esmaltado e granito.
Candieiros, Espingardas, Rifles, Revolvers, Munições.
Deposito de encanamentos para agua, gaz e carbureto.
Enxofres, cimento, cal, tinta e oleos, Artigos para vapores.

UNICO IMPORTADOR DA MACHINA DE COSTURA GEIRANS

END. TELER.—SILVAMONTE

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 3

CAIXA POSTAL N. 20

BELEM—PARÁ

AUTO-GARAGE BUISSON

A MAIS ANTIGA CASA DE AUTOMOVEIS DO NORTE DO BRAZIL

AUTO-TAXIS PEUGEOT

RAOUL BUISSON

PROPRIETARIO

RUA DA INDUSTRIA, 79 (Esquina da Avenida Ferreira Penna)

OFFICINA MECHANICA MOVIDA A VAPOR

CONCERTA-SE E FAZ-SE QUALQUER OBRA MECHANICA DE PRECISAO

ALUCUEL DE AUTOMOVEIS

Endereço Telegraphico: **BELEM—PARÁ**

Códigos Telegraphicos: **LISSER E RIBBEIO**

Caixa no Correio, 679

TELEPHONE, 180

FERREIRA D'OLIVEIRA & SOBRINHO

Importadores de fazendas e miudezas

Exportadores de borracha, cacáo, castanha, cumarú
oleo de copahyba, guaraná, madeiras e outros
generos do Estado

Endereço telegraphico — CRISTAL — Caixa postal n. 260

Codigos : A B C 5.º ed. Liebers e Ribeiro

Rua Conselheiro João Alfredo na 13 e 15
PARÁ-BRAZIL

GRANDE DEPOSITO DE TABACOS

do GUAMÁ, ACARÁ e BRAGANÇA

Stock permanente : mais de 500 arrobas, PREÇOS REDUZIDOS
SERIEDADE E PROMPTIDÃO NA EXECUÇÃO DE QUALQUER PEDIDO
Aceitam-se encomendas para lotes superiores de 1.000 arrobas

Rocha Sobrinho & C.ª * COMISSOES E CONSIGNAÇÕES *

(Successores de Rocha, Irmão & C.ª)

CASA FUNDADA EM 1880

Rua Senador Manoel Barata n. 29

Deposito dos afamados cigarros «GAROTO» — os melhores do Pará

Lithographia e Typographia WIEGANDT

FUNDADA EM 1870

— DE —

J. A. PATO

TRAVESSA S. MATHEUS, 30-32 ** CAIXA POSTAL N. 463

Premiada com medalha de ouro na Exposição Benjamin Constant de 1895 e com o
grande premio e 3 medalhas de ouro na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908

Confere-se diplomas, arcos, letras de cambio, apólices, retratos, cartões, rotulos e todos os trabalhos
comerciaes para o que dispõe de pessoal habilitado

José R. da Silva Fontes

REPRESENTAÇÕES E CONSIGNAÇÕES

Agente de fabricas, casas exportadoras e casas comissionistas **NACIONAES E EXTRANGEIRAS**

CASA MATRIZ NO PARÁ
Rua 13 de Maio n. 88
CAIXA POSTAL N. 130
TELEPHONE N. 759
Endr. Telég. SILVANUS

Codigos Usados :
Ribeiro, 1 D C, 5 edição
Tiro-in-one e partilhadas.

CASA FILIAL EM MANAOS
Rua Oliveira Botelho n. 5
CAIXA POSTAL N. 430
Endr. Telég. SILVANUS

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Sede no Pará

Tem correspondentes em: Maranhão, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Petropolis, São Paulo e Minas Geraes. Porto, Lisboa, Malaga, Toss-Landes, Cognac, Marselha, Bordeaux, Mas de La Ville, Malakoff, Paris, Belgica, Hamburgo, Berlin, Viena d'Austria, Inglaterra, Dinamarca, Noruega e Tsingtau na China * * * *

Dedica-se com especial attenção aos ramos de estivas, fazendas e armarioho de cujos artigos representa as melhores casas de Europa e Nacionaes

Artigos que recommenda ao publico e dos quaes faz constante propaganda:

Vinhos do Porto ROMARIZ, dos quaes se especializa o **ROMARIZ N. 1-1834**, o melhor vinho do Porto por ser genuino e menos alcoolico.

Vinhos de Lisboa, marca **N** e **DADO** da Casa Guimarães & Neves, os mais leves vinhos de mesa, typo **COLLARES**.

Conservas de M. A. Brito & C.^a Limitada — Pickles, etc., etc.

Champagne MOET & CHANDON o champagne da moda, preferido em toda a França e no Brazil por todos os consumidores.

Leite condensado CRIADINHA produzido na mais rica região da França, a **NORMANDIA**; o melhor leite condensado que vem ao mercado, exportação da importante casa de Paris, **J. Mirapeix & C.^a**

Camisas e ceroulas de J. E. Ferrão—Lisboa—confeção perfeita e execução rapida.

As afamadas e nunca equaladas marcas de cerveja : — **ANTARTICA** e **HAMBURGUEZA**, da companhia antarctica Paulista e exportadas por Gonçalves Zenha & C.^a, do Rio de Janeiro, as melhores cervejas do Brazil e as que es consumidores preferem, por serem as mais leves e as mais saborosas.

AGUA SALUTARIS

Guaraná effervescente. — Deliciosa bebida. Refrigerante natural. Fabricação exclusiva de *Oliveira Simões & Comp.*

VENDE-SE EM TODA PARTE

RUA 12 DE MAIO N. 22

CAIXA POSTAL N. 286

TELEPHONE 142

SOLHEIRO & COMP.

Commissões, Consignações e Importação

CAIXA POSTAL N. 334

END. TELEG. SOLHEIRO

RUA DA INDUSTRIA N. 46

BELEM

PARA

BRAZIL

*** **CHARUTOS GENY** ***

E' a melhor marca para 200 réis
ESPECIALIDADE «PASTORAL» e «TRIUMPHADORES»

Apreiem os deliciosos charutos para 100 réis
«CLOTILDE» e «HILDA» e outras marcas de manufactura de
VIEIRA DE MELLO

Recommenda-se nas vrs. fumantes as marcas de cigarros: GENY, ARRIAGA e MISTURA
ESPECIALIDADE DA CASA

CHARUTO MONSTRO

DEPÓSITO — **Rua 15 de Novembro n. 70 — BELEM-PARÁ**
CENTRO COMMERCIAL REDUCTOENSE
CASA FUNDADA EM 1842

DE
FERREIRA GOMES & COMP.

Grandes armazens de ferragens, cutelarias e munições de caça e pesca
Aviamentos para agricultura, mechanica e indústrias
Variado sortimento de utensílios domesticos
Collecção, sem igual, em louças, vidros e crystaes
Grande estancia de madeiras para todas as construcções
Maiores depositarios de cimento n'esta praça
Importadores e exportadores em grande escala

TELEPHONES : FERRAGENS, 108
MADEIRAS, 102

CAIXA POSTAL, 77
TELEGRAMMAS, «REDUCTO»

RUA 28 DE SETEMBRO N. 134

BELEM-PARÁ

CASA SERROTE. ARMAZEM DE FERRAGENS
VENDAS POR GROSSO E A DETALHO

Rua 15 de Novembro n. 66, canto da Travessa Campos Salles

CAIXA POSTAL N. 125

TELEPHONE N. 77

BELEM-PARÁ

Grande Fabrica de Fumos e Cigarros

Tabacaria Mattos

DE

MATTOS & BARBEDO

15—Rua Padre Prudencio—17

TELEPHONE N. 227 — End. Telegraphico BARBEDO — CAIXA POSTAL, 590

Constante

stock de fumos, cigarros e charutos de procedencia nacional e estrangeira.

Variado sortimento de boquilhas,

cachimbos e todos

os

artigos para fumantes.

FABRICA DOS DELICIOSOS CIGARROS

“ARISTOCRATAS”

Belém — Pará — Brazil

63

Rua Conselheiro João Alfredo
CASA CRUZ

Especialista em Chapéus, Camisas, Gravatas, etc.

E' a que vende mais barato

CASA DE EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES

AUTORISADA PELO GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, POR DECRETO N. 923 DE 2 DE ABRIL DE 1901

CASA CAHEN

de **LÉON CAHEN** — RUA 43 DE MAIO, 67

Teleph. 642

Caixa do Correio 708

End. Teleg. LEOCAN

Compra e vende PENHAS DE GARÇA. Faz empréstimo de qualquer quantia sobre joias e outros penhores. Compra e vende pedras preciosas e outros objectos de ouro e prata.

PARÁ

◦ **A FORMOZA PARAENSE** ◦

— DE —

CORREIA DE MIRANDA & COMP.

Grande armazem de fazendas, sedas, misturas, chapéus, e artigos de armário

CASA FUNDADA EM 1864

— VENDAS POR CRÓSSO E A RETALHO —

IMPORTAÇÃO DIRECTA DA EUROPA, AMERICA, E SUL DO BRAZIL

Recebe por todos os vapores, o que ha de mais recente em novidades

ATTENDE A QUALQUER PEDIDO, POR TELEPHONE

E ENVIA GRATIS QUALQUER MERCADORIA Á RESIDENCIA DO COMPRADOR

— 67— RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO — 67 —

(ENFRENTE DA TRAVESSA S. MATHEUS)

TELEPHONE N. 280

MALA INGLEZA

— DE —

M. F. ALVES

Grande Fabrica de Malas, Bahús e outros artigos para
viagem.

Travessa Fructuoso Guimarães, 47, proximo ao Jardim das Mercês

N'este estabelecimento encontrarão os srs. viajantes todos os artigos pertencentes a este ramo de negocio, fabricados com materiais de primeira qualidade. Recebe quaesquer encomendas a prazo de 48 horas, por preços summamente baratos.

BELÉM — PARÁ — BRAZIL

CASA FRANCO
de JOSÉ I. FRANCO

*Grande depósito de CHARUTOS, CIGARROS e tabacos diversos. Completo
sortimento de miudezas e artigos de armarinho. Lampadas
electricas, copos de vidro e VIDROS para CANDIEIROS.*
PAPELARIA e PERFUMARIA VENDAS POR GROSSO E A RETALHO
TELEPHONE N. 441 Trav. Campos Salles, n. 14 CAIXA POSTAL. 375

BELEM - PARA

Fabrica de Roupas
«ALLIANÇA»

POR ELECTRICIDADE

DE

Montes & Mello

Confecção de roupas para homens e meninos

Rua de Santo Antonio, 83-A e Rua da Industria, 108

CAIXA POSTAL, 515

Para - Brazil

CASA DE RISCAS

DE

GONÇALVES & DIAS

*Grande depósito de CIGARROS, CHARUTOS e TABACOS, etc., etc. Neste
importante estabelecimento, fundado no anno de 1884, encontra-se*

*sempre especialidades, como seja: cigarros caporal e mistura, bem assim, delicio-
sos charutos finos. Unicos depositarios dos afamados charutos EXPOSICAO.*

TELEPHONE N. 333

15 - RUA SANTO ANTONIO - 15

BELEM - PARA

Pharmacia Tocantins

DE
LEANDRO TOCANTINS

Algumas especialidades de LEANDRO TOCANTINS.
pharmaceutico premiado com as medalhas de bronze, prata
e ouro, nas exposições de 1895, 1900, 1908 e 1911.

ANALEPTICO TOCANTINS

Foderoso tônico, nutritivo, estimulante e febrífugo. Composto com quinas, carne, glycco-phosphato de sodio, glycerina e arrhenal. Empregado pelos clinicos da Amazonia com os melhores resultados, no tratamento das senhoras fracas e anemicas, no periodo da gestação (gravidez), depois dos partos, nas convalescenças de qualquer enfermidade, nas typhicas em 1.º e 2.º grados e nas escrofulozas; é medicamento indispensavel das senhoritas para fortificar-as, regularisar-lhes o fluxo menstrual, facilitar-lhes o desenvolvimento osseo e muscular e aformoseal-as. Optimo preservativo das sezões e febres paludozas; é também um precioso aperitivo e eupeptico.

POMADA ANTI-HERPETICA TOCANTINS

A melhor até hoje conhecida para curar dárctros, frieiras, sarnas, coccirias e qualquer especie de feridas, mesmo as de fundo syphilitico.

PEITORAL TOCANTINS

Composto com vegetaes da flora paraense (Acacia Virginialis, Hymenaea Curbaril e outros não classificados). Xarope calmante e expectorante por excellencia; applicado com efficacia no tratamento das toses, catarros bronchicos e pulmonares, coqueluche, escarros de sangue, fraqueza pulmonar, pneumonia, raquidão, asthma, bronchite, etc.

RECLAMADO TOCANTINS (antigo TIRO MORTAL TOCANTINS)

Confeccionado com vegetaes da flora paraense. Remedio comprovado pela sua efficacia no tratamento do rheumatismo, dárctros, empigens, escrofulas, ulcera antigas e recentes, syphilis, rheumatismo syphilitico, etc.

ANTI-DYSENTERICO TOCANTINS

Com base de puchury, marupá-miry e guarand, da flora paraense. Medicamento de resultado prompto e efficaz no tratamento das dysenterias, diarrhéas e desarranjos intestinaes.

SOLUÇÃO GLYCERINADA TOCANTINS com chlorohydrophosphato de cal creosetado

Cura as molestias que affectam os orgãos respiratorios, como fraqueza pulmonar, bronchites chronico, tyssica, rouquidão, constipação antiga, toses rebeldes, catarros bronchicos e pulmonares. É também remedio efficaz no tratamento do rachitismo, escrofulas, dores no peito e nas costas.

PILULAS FEBRIFUGAS TOCANTINS

Cura sezões, inflammções do figado e do baço, cachexia paludosa, não tem gosto amargo.

COLLYRIO TOCANTINS

Cura sempre em pouco tempo inflammções de olhos de adultos e creanças, faz desaparecer qualquer dor.

Além d'estas temos muitas outras de grande valor

DEPÓSITO ÚNICO: — PHARMACIA TOCANTINS

RUA 13 DE MAIO, 43

BRAZIL — PARÁ — BELÉM

Dois brasões

omo tudo quanto diz respeito á historia, particularmente do Brasil e sobretudo do Pará, me é summamente caro, não pôde causar extranheza, aproveite eu a oportunidade para, tomando por base de estudos os brasões da cidade de Belém e do Estado do Pará, sobre o primeiro faça uma interessante revelação e sobre o segundo uma breve explanação.

Muito anterior ás ordens de cavallaria, muito antes mesmo dos romanos, já tinham os gregos, os persas, os egypcios, si dermos credito ao sabio chinéz Ar-da-hiot, os seus escudos ornados de imagens representando passagens importantes da sua vida, ou dos planos dos seus antepassados. Assim pois, os paizes, as cidades, as familias, os homens notaveis tinham os seus brasões bordados, esculpidos ou gravados, e o costume passando através dos seculos, através dos povos e das nações, chegou até ás nossas plagas.

E factó inconteste que o Brasil teve o seu brasão ha bem pouco tempo, ou porque não houvesse da parte dos seus governadores uma inteira dedicação estimulada pelo amor proprio, ou porque não houvesse quem alvitrasse uma tal idéa, aliás bem nobre; tambem ninguém desconhece que, por longos annos, ficou o da cidade de Belém completamente ignorado, pairando em seguida a sua explanação n'um enleado de phantasias que mal podem traduzir o que lhes ditavam as allegorias, e muito menos o que pretenderam significar os que as traçaram.

Vejam a verdade das cousas, narrada por quem de bem perto as conheceu, vejamos a interpretação do escudo da nossa capital, feita por Frei Christovão de Lisboa «custodio dos Capuchinhos do Maranhão e Pará», seu visitor ecclesiastico e commissario do Santo Officio, irmão do illustrado *chantre* da cathedral de Evora, Manoel Severim de Faria, na sua obra:—«Razões das Cousas do Estado do Maranhão» impressa em Lisboa, em 1648 nas officinas de Paulo Crasbeck:

—«Bento Maciel que foy senhor capitão mór da capitania do Pará, de 1621 a 1626, depois de ter mandado reconstruir o forte deixado no começo por Francisco Caldeira, o qual era de paliçada e se achava muito arruinado, fazendo-o de taipa de pilão da parte do mar e do rio Piry-una, e de cestões da parte da terra onde haviam as habitações, julgou que fôra bom principio dar um escudo de armas á cidade nascente e organizou, sob os conselhos de Pedro Teixeira, Ayres de Souza Chichorro e Francisco Baião de Abreu, um brasão em quatro dividido, tendo no primeiro dois braços apresentando cestas com flores o primeiro, e com fructas o segundo e por baixo delles uma faixa com a legenda:—*Per est aeternum*,—*Tutus latent*,—allusivos aos rios Amazonas onde tudo é verdura e maravilha, e ao Tocantins pela sua posição escondida ás vistas dos exploradores. Na parte do pontal interior vê-se pintado um castello de prata fazendo crêr o fundador, com um collar de perolas distinctivo de nobreza, por sobre a porta principal, do qual pendem as quinas portuguezas com cinco castellos d'ouro em escudo azul, para dizer que Francisco Caldeira provinha de familia nobre portugueza, e do castello sabindo uma estrada que mostra o caminho que devem seguir todos os successores de Caldeira, isto é, o da obediencia aos maiores. No segundo quadradno superior ha um sol poente em campo de prata, e a combinação dos esmaltes ahí feita não pecca pela heraldica, visto como muitas familias nobres da França, Hespanha e Portugal a teem. Este sol poente diz a hora em que Francisco Caldeira lançou fundo no local proximo ao que escolhera para dar fundamento á sua conquista, e tem por baixo uma faixa com o distico:—*Rectior cum retrogradus*,—para dizer que guardou a aurora do dia seguinte, como foi sempre costume dos conquistadores por-

tuguezes, para fazer o seu desembarque. Isto é:—*Mais prudente* (fazer o desembarque) *quando collado* (ao seu caminho ordinario).

A derradeira parte do brasão faz ver um prado, onde pastam uma mula e um boi, que então espantados olham para céu, tendo ao lado os dizeres:—*Nequaquam minima es*— significando o nome da cidade de Belém da Judéa, que Francisco Caldeira escolheira para o da capital da sua conquista, e da qual dissera o Propheta que não seria a menor de todas. A posição em que se acham os animaes quer revelar o viço dos campos e a industria que podem ali tão perfeitamente se combinar, e ainda a surpresa dos selvagens, ao verem desembarcar os europeus tão semelhantes aos seus.—(Razão X. pag. 8.).

Dois pontos mostram controversia nesse brasão: o latim barbaro e os animaes. *Tutus latent* é textual do poeta Gracio Falisco no *Cynegeticou* (vers. 230), quando fala dos lobos nos seus esconderijos:

Ruris turrani magna perfugiens

Tutus latent vertebrae ut unguis...

E' uma forma irregular do verbo depoente *latur*, mas que se encontra ainda muitas vezes nos antigos escriptores como: Cornelio Severo, no poema «Etna»; Aulo Hircio, no «Adventum Magnitudinis»; Terencio Mauro, no poema didactico «De syllabis et metris»; assim como em Sulpicia, Lucio Floro, Genedio, etc.

A collocação da mula e do boi no brasão d'armas da cidade, talvez sem necessidade, faz crêr o conhecimento que tinha Bento Maciel da tradição Bíblica, que diz que Jesus nasceu em uma mangedoura, onde tinha como adoradores, antes de tudo, José e Maria, além de uma mula e um boi, para poder com mais precisão empregar as palavras do Propheta allusivas ao seu progresso futuro; e fê-los espantados, por se virem em extremo tão opposto, debaixo de um sol equatorial, que até isto vem traduzir a razão de se achar o quadrado com o sol poente justamente por cima deste. Representa-os em campo, para dizer que ali está a grande riqueza da Amazonia, isto é, na industria agro-pecuaria.

Julgando ter dito assás para que o nosso mais antigo brasão d'armas não permaneça por mais tempo alheio aos nossos conhecimentos, á nossa historia, cumpre ainda esclarecer que, só em 1825, foi que o Barão do Bagé, Paulo José da Silva Gama, em viagem na Europa, tendo em mãos, numa bibliotheca de antiguidades do sr. Antão Siqueira de Vilhena, em Braga, o opusculo de Frei Christovão de Lisboa de que acima falámos, mandou gravar, isto é, reproduzir em tãla a descripção do brasão cujo resultado é o que vemos na sala do Archivo da nossa Intendencia Municipal. Havia outro espécimen dessas armas, talhado em pedra de cantaria em uma das portas da cidade e cujo desaparecimento data da revolução da Cabanagem, em 1835, suppondo-se que foi aniquilado, como succedeu á frontaria onde se achava.

O escudo propriamente dito do Estado do Pará não data sinão de 1903, quando o Congresso votou, a 9 de novembro, a lei n. 912, que foi assignada pelo governador dr. Augusto Montenegro. E' um escudo vermelho representando a amplitude e ardência da zona torrida, cortado diagonalmente da esquerda para a direita por uma faixa branca significativa da irrigação do Amazonas e seus numerosos afluentes, que nesta parte tornam fertilissima a região que comprehende o Estado do Pará, o qual está no meio da referida faixa representado por uma estrella azul. Avulta este pequeno escudo, de outro maior recortado nas extremidades, porém de fundo roseo, para dizer que o Brasil não está todo na zona torrida, o que traduz a gradação da cor. Encima este escudo assim combinado uma aguiã em posição de alçar o vôo, figura da aguiã guyanense, que com a sua magestade olha de muito alto esta região paradisíaca, que é o Pará, e como que salvaguarda o seu solo das depredações de qualquer outra ave de rapina que porventura pudesse aqui existir. Essa aguiã descança num pedestal, o qual reponha sobre duas volutas, para mostrar que o progresso do Pará é o resultado de um esforço conjuncto e que, ainda quando o braço estrangeiro tenha nelle grande influencia, toda sua riqueza, toda sua grandeza ficariam para sempre incognitas si não fôra o trabalho selvagem que desvendou-lhe os olhos ao conhecimento de tantas maravilhas.

O sol nascente, que irradia por traz dessa aguia, vem mostrar não só a linha equatorial que passa por sobre o solo paraense, mas ainda que a sua grandeza brotará das suas próprias entranhas, da propria intelligencia e dedicação de seus filhos. Na base do escudo cruzam-se dois virentes ramos, um de seringueira e outro de cacaveiro, principaes productos do Pará. Entrelaça estes dois ramos acompanhando-os na sua elevação, uma fita com o distico: *sub lege progrediamur*, com que se assegura a fidelidade paraense á federação dos Estados Unidos do Brasil.

O plano deste escudo é devido ao incontestavel talento do nosso illustrado conterraneo dr. Henrique Americo Santa Rosa, que como distico havia dado: *sub sole primus*, o qual foi modificado.

De Almeida Geni. (Dilge)

Da Universidade de Roma.

DE ALMEIDA GENI é natural do Pará, formou-se em sciencias physicas, metaphysicas, moraes e socias, pela Universidade de la Sapienza de Roma. É o inventor do apparelho, por elle denominado *Telero-metro Dilge*, destinado á maior precisão, nas observações astronomicas. É publicista de geral accitação na imprensa de Belém.

O assahyseiro

A Dejad de Mendonça

Palmas afflando ao vento e aos espadões brilhantes
Da luz de ouro do sol, num murmuro cicio,
Verde e bello, o assahyseiro abre os leques chilreantes
E e fructo faz rolar sobre as aguas do rio.

Em torno, no verdor das ramas palpitantes,
Turturina uma endeixa um caraxué vadio...
E cil-o a juba revel de folhas soluçantes,
A mover sobre o tronco alto, sereno e esguio.

Entre o viço e o esplendor das arvores frondosas,
O assahyseiro balouça a côpa sobranceira
De fructos côr de vinho e palmas soluçosas.

Delle é o fructo que o vinho esplendido produz,
O vinho que a patricia, a linda flôr roceira
Saboreia, a scismar, nessas manhãs de luz.

Rocha Moreira.

JOSÉ DA ROCHA MOREIRA, natural do Ceará, collabora activamente na imprensa de Belém, sendo um dos poetas de mais imaginoso estro em todo o norte do Paiz. Faz publicar nesta data o seu livro de versos intitulado *Terra de Soubo*, preito da sua intellectualidade as festas tricentenarias da cidade.

Os Estudos das Sciencias Naturaes na região amazonica

SECULO XX

A capital do Pará, que o sabio inglez Bates denominou «o paraizo do naturalista», forma hoje um centro de cultura dos mais notaveis no mundo scientifico, um repositorio a consultas a miudo feitas a seus professores e aos seus estudiosos. O museu Goeldi assenta os seus arraiaes no centro dessa civilização. E' a bella criação do modesto scientista Domingos Soares Ferreira Penna, por iniciativa da *Sociedade Philomatica*.

No inicio da Republica, foi elle restaurado pelo sabio suiso Emilio Augusto Goeldi, que foi vantajosamente substituido por outro sabio da mesma nacionalidade, Jacques Hüber, tão prematuramente roubado ao nosso amor e ao nosso patriotismo. E' um instituto de primeira classe entre os seus congeneres da America e da Europa.

A professora dra. Emilia Snatlage, ornithologista distincta, dirige interinamente aquelle centro de observação estudiosa, cabendo a todos os scientistas, ali commissionedos, o encargo de repetidas excursões, por todas as directrizes do Estado, de sorte que os rios, montanhas, valles, planicies e planaltos, campos e florestas, tem sido vantajosamente devassados pelo olhar analytico do estudo e pelos dedos meticulosos do investigador.

Belém que, em seculos anteriores, já dera hospitalidade aos mais notaveis sabios do mundo, como Humboldt, Agassiz, Orton, Alexandre Ferreira, Bates, Wallace, Harri, Couto de Magalhães, Lacerda, Castelnau, Martius, Chandless, Keller e tantos outros, não tem tido mais precisão de eguaes visitas, porque a sua tenda de observação está completa e o museu Goeldi vive aparelhado a responder qualquer consulta, sem outro enfado, ao investigador estrangeiro, que o de um simples porte postal.

Não podemos deixar de traduzir a nossa magua pelo fallecimento do professor Friederich Kätzer que, como geologo, comprovou no valle amazonico os 4 primeiros grupos das formações paleozoicas, que são as camadas mais antigas da crosta terrestre, onde já apparecem vestigios de vida organica.

Jacques Hüber, outro desapparecimento notavel, foi o sabio que maiores serviços, utilitariamente praticos, prestou ao nosso desenvolvimento commercial; elle conhecia a herua, sob todos os seus aspectos e na variedade das suas especies; combateu, perante os congressos scientifico-industriales na America e Europa, em todas as exposições internacionais, pela excellencia e primazia da nossa borracha, em competencia com a de Ceylão e outras terras; orgulhava-se de ser brasileiro de coração, e morreu, no meio da lucta, deixando como principal legado á nova patria a categoria modular do nosso Museu.

Dois vultos, humanitariamente grandes, incitados pela fé e pelo patriotismo, cuidaram ultimamente da gloriosa cruzada, para civilização dos indios: Frei Gil de Villa Nova, que morreu nos trabalhos de catechese dos Cayapós, com os quaes fundou, no alto Araguaya, a villa da Conceição; e esse destemido brasileiro, coronel Candido Mariano de Rondon, que tem explorado, de sueste á noroeste, o nosso planalto central, desde as terras do Paraguay, pelo Estado do Matto-Grosso, até ao Amazonas, assentando cerca de 4.000 milhas de linhas telegraphicas, com o auxilio dos proprios indios, que elle vem civilisando, pela doçura e pelo trabalho.

Foi Candido Rondon, quem guiou o arrojado excursionista Theodoro Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, através daquelles sertões, pelo meado do anno passado, em uma viagem que causou sensação no mundo inteiro.

A' chegada daquella comitiva a Belém, publiquei no *Estado do Pará*, sob o titulo de *EMBAIXADA DA LUZ*, as seguintes linhas, com que dou remate á estes estudos :

« Dois notaveis norte-americanos, Theodoro Roosevelt, ex-presidente dos E. U. do Norte, e o Sr. Tairbee, notavel professor da Universidade de Philadelphia, acabam de excursionar, com olhos de observação estudiosa, o vastissimo e complexo territorio da Amazonia; um desceu do planalto brasileiro, das cordilheiras de Matto-Grosso, através dos desertos inexplorados e riquissimos que guardam, talvez ainda por algum tempo, a hegemonia da America; e o outro subiu e desceu pela planicie amazonica até ás faldas de Tumuc-Humac; um veio estudando desde as células vegetaes e os protoplasmas animaes até ás florestas gigantescas e a constituição metallurgica das elevações geologicas, o outro andou observando as reliquias paleontologicas dos primeiros vestigios humanos até á collectividade social dos habitantes do continente; um conduz, para a Patria e para o mostruário do industrialismo utilitario, fartas cadernetas com observações criteriosas, desenhos de aspectos da natureza, photographias instantaneas dos elementos vivos desta America, « films » de costumes, esquadriamentos das regiões em coordenadas geographicas, espécimens vegetaes e animaes, collecções de mineras talvez ainda não classificadas, enquanto o outro vem com as arcas cheias de utensilios indigenas, armas innocuas ou sanguinolentas dos guerreiros selvagens, mestres duma industria pagã, o olhar moribundo duma civilização sem merito que apenas vae servir de tributaria para a omnipotencia e para o assombro de um proximo commercio ruidoso.

Parece-nos ver, em tudo isso, uma contraposição aos antigos costumes da civilização classica: no Oriente, eram os vencidos que puxavam com grilhões de ouro os carros triumphaes dos vencedores; agora, são os futuros vencedores que atrelam aos seus estudos e as suas observações os phaeontes de vencidos, convivas para o banquete social da civilização. . .

Aqui estamos nós, semi-barbaros e semi-autochthones, incididos em plena luz equatorial pela luneta observadora dos sabios; se doentes, esperamos a cura de quem melhor pôde conhecer a enfermidade; se curados e morbidos, aguardamos a energia mechanica animal dimanada dos electro-dios de tão abalizados professores.

O Estado do Pará abraça, na alviçareira manhã de hoje, o prodigioso estadista, que, no elevado alcance de sua visão prophetica, cortou, como Alexandre de Ammon, o « nó gordão », pelo canal de Panamá, que separava os dois maiores oceanos da Terra; veio agora elle estudar como será possível estriar, por outros canaes humanitarios, o grande corpo homogenio da America do Sul.

Estanislao Zeballos, em Buenos-Aires, disse a Roosevelt que elle representava o maior estadista que havia amalgamado o ideal com o real; o ex-presidente respondeu-lhe que « o ideal, quando não pôde ser transformado em realidade, é menos que inutil; torna-se até prejudicial ».

Quaes serão os ideaes que a nosso respeito germinam neste momento, no espirito observador desse extraordinario Roosevelt?

Basta que tenha sempre em vista a maxima do philosopho americano Emerson, por elle recordada em um banquete na Argentina: « Num longo itinerario, a verdade mais molestavel é sempre melhor companhia que a mais agradavel mentira ».

Nas mysticas éras de Budha e do Christianismo, os apostolos corriam pelo mundo, a soffrer e a predicar a doutrina do mestre; nos tempos positivos que atravessamos, Roosevelt é um apostolo dos principios cardeaes da caridade utilitaria. Ao deixar a presidencia da grande Republica, elle atravessou a Africa e agora vem percorrendo a America, de Norte á Sul.

Sobre o dismantello do Egypto, teve o missionário coragem para dizer à Inglaterra esta enérgica apostrophe :

« Se não sabeis administrar o paiz, porque o não deíxaes ? »

Qual será o conceito que, sobre nós, terá elle que fazer aos nossos governos ?

Somos partidarios intransigentes da doutrina de Monróe, mas no sentido absoluto do pan-americanismo; o jugo é sempre jugo, quer elle seja de irmão para irmão, quer elle venha de senhor para escravo.

São palavras do proprio Roosevelt, tratando de nossas relações com os povos europeus : « Temos seu sangue e sua cultura; a elles estamos ligados por muitos e estreitos laços de sympathia e interesses. Com elles formamos parte dessa grande republica do espirito que, quando usamos do termo no seu mais alto grau de significado, chamamos « civilização ». Devemos estender a área dessa grande republica internacional, não pela conquista, quando seja possível evital-a, mas pela boa vontade, pela amizade e pelo tratamento justo. E' de esperar que, ao fim todo o povo que pensa e trabalha honradamente em qualquer parte do Velho ou do Novo-Mundo, seja admittido à confraternização de todos os povos, que primam pela justiça, pela generosidade e pelo tratamento cortez entre as nações da Terra ».

E' o proprio grande estadista quem sempre aconselha que « o cidadão deve antes de tudo ser filho de seu proprio paiz e amar sobretudo a sua propria nacionalidade ».

O espirito de raças que, ao nosso vêr, é a unica macula da perfectibilidade norte-americana, exige o esquecimento da triste maxima que parece correr entre os proverbios « Yankee » : *Sake up the withe man's burden* (Levante alto o fardo do homem branco).

A America é o vasto continente de todas as raças da Terra. Brancos ou negros, vermelhos e azeitoados, todos os filhos do hemispherio occidental, sejamos completamente irmãos, porque os interesses collectivos dessa immensa região comprazem-se efficaçmente com a confraternidade de todos os povos.

Sêde bem vindo, caro Roosevelt; a vossa presença, entre nós, vem com a trajectoria do proprio sol equatorial destas zonas, que illumina com a mesma luz confraternizadora, distribuindo o calor e a vida num immenso gesto de caridade universal.

Ignacio Moura.

Hilario Gurjão

Salve! da Patria, filhos denodados,
Paladinos d'um seculo ditoso,
Vós que um bello futuro grandioso
Conquistastes por feitos sublimados.

Longe dos patrios lares arrojados,
Mostrastes esse brio generoso,
Que, domando o inimigo bellicoso,
Deu-lhes de livre os fôros bem firmados.

Aos povos ovíveis, n'um brado ingente,
Qual a gloria mais justa e merecida,
« Se sêr do mundo rei, se de tal gente,

Quem serve assim à terra estremecida
Do que foi, do que é, fica contente;
E a patria historia lhe eterniza a vida.

Paulo Esteves da Costa Teixeira.



RECTIFICAÇÃO

Depois de impressa a pagina de honra deste livro, verificamos deplo-
ravel equivoco na citação do nome de Pitt, ministro de Jorge III, que devêra
ser Mgr.^e Pie, Bispo de Poitiers, que foi alumno de S. Sulpicio e uma das
maiores celebridades do Concilio do Vaticano.







AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

